



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Brenda Bressan Thomé

Crítica de tradução e a problematização dos originais: os diários de Rose de
Freycinet

Florianópolis/Bruxelas
2026

Brenda Bressan Thomé

**Translation Criticism and the Problematization of the Originals: The Diaries of
Rose de Freycinet**

Thesis submitted to the Graduate Program in Translation Studies at the Federal University of Santa Catarina and the Vrije Universiteit Brussel, under a joint degree (cotutelle) agreement, for the degree of Doctor of Philosophy (PhD) in Translation Studies.

Supervisor: Prof. Marie Helene Catherine Torres, PhD (UFSC)

Co-supervisor: Prof. Arvi Sepp, PhD (VUB – Vrije Universiteit Brussel)

Florianópolis/Brussels

2026

Brenda Bressan Thomé

Crítica de tradução e a problematização dos originais: os diários de Rose de Freycinet

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e pela Vrije Universiteit Brussel em regime de cotutela para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.

Orientador(a): Prof.(a) Marie Helene Catherine Torres, Dr.(a) (UFSC)
Coorientador: Prof. Arvi Sepp, Dr. (VUB – Vrije Universiteit Brussel)

Florianópolis/Bruxelas

2026

Thomé, Brenda Bressan

Crítica de tradução e a problematização dos originais :
os diários de Rose de Freycinet / Brenda Bressan Thomé ;
orientadora, Marie Helene Catherine Torres, coorientador,
Arvi Sepp, 2026.

241 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Crítica de Tradução. 3.
Crítica Genética. 4. Sociologia da Tradução. 5. Diário de
Viagem. I. Torres, Marie Helene Catherine. II. Sepp, Arvi.
III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

Brenda Bressan Thomé

Crítica de tradução e a problematização dos originais: os diários de Rose de Freycinet

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, 15 de dezembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Marie Helene Catherine Torres, Dra.
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina (Orientadora)

Prof. Arvi Sepp Dr.
Instituição Vrije Universiteit Brussel (Coorientador)

Prof. Philippe Rene Marie Humble, Dr.
Instituição Vrije Universiteit Brussel (Examinador)

Profa. Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento, Dra.
Instituição Universidade Federal do Pará (Examinadora)

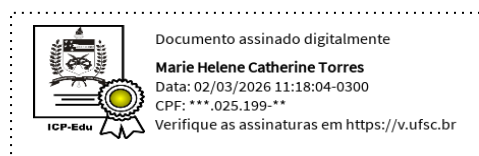
Profa. Mwewa Lumbwe, Dra.
Instituição Universidade de Kamina (Examinadora)

Prof. Walter Carlos Costa, Dr.
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina (Examinador)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Profa. Marie Helene Catherine Torres, Dra.
Orientador(a)

Florianópolis, 2026.

Para Karila, que fez a grande viagem muito cedo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a contribuição intelectual e emocional de inúmeras pessoas. Agradeço primeiramente aos meus pais Dilson e Sandra pelo apoio fundamental ao longo de toda a vida e especialmente desta jornada de estudos acadêmica que exige, muitas vezes, sacrifícios financeiros, emocionais e um pouco de ousadia. Muito obrigada à minha irmã Flávia por estar sempre perto, mesmo longe. Agradeço aos meus orientadores Marie-Hélène e Arvi por terem me guiado nesta pesquisa, especialmente nos momentos em que não soube qual caminho seguir. Essa pesquisa não seria a mesma sem a sua contribuição apurada e dedicada. Obrigada a João Eduardo Scanavini pela tradução do alemão ao português e à Jéssica Helena Trombini pela tradução do italiano ao português e pela amizade de sempre. Obrigada à CAPES pelo financiamento da pesquisa tanto no Brasil quanto na Bélgica. Agradeço a todos os professores que já tive, especialmente os de português e línguas estrangeiras: o que sou é, em parte, o que com eles aprendi. Também devo muito aos meus colegas e amigos de PGET e pesquisa, especialmente Ivi, Rúbia, Catarina, Cássia, Ana Carolina, Kamilla, Antônio, Mwewa, Jéssica, Glória, Fernanda, Wharley e tantos outros que me auxiliaram tanto a encontrar alegria no processo quanto a organizar as ideias. Aos amigos de sempre, especialmente Isadora e Vinicius pela parceria da vida. Por fim, mas não menos importante, obrigada ao Douglas, meu namorado e parceiro de vida, por ser meu porto seguro enquanto enfrentamos o mar agitado da vida e navegamos de lá para cá entre dois continentes.

Do mesmo modo que não podemos deixar de lado o que somos e o que pensamos quando nos relacionamos com o mundo real, também não podemos ler um texto sem que projetemos nessa leitura as circunstâncias e os padrões que nos constituem enquanto leitores e membros de uma determinada comunidade.

(Arrojo, 1993, p. 19)

RESUMO

Esta tese propõe uma expansão da crítica de tradução para além da mera comparação textual, defendendo a urgência de investigar a instabilidade do original e as dinâmicas sociológicas da circulação das obras. A pesquisa aplicou uma metodologia híbrida, combinando a Crítica Genética e a Sociologia da Tradução com a Crítica de Tradução, para analisar as diversas traduções dos diários de Rose de Freycinet. O estudo situou as traduções em seus contextos socioculturais, explorando as dinâmicas de poder e capital simbólico no campo literário global. A análise demonstrou que a crítica de tradução é uma ferramenta essencial para recuperar a história da obra, dessacralizar o original — provando que este se transforma tanto quanto o texto traduzido — e expandir o texto para englobar todas as suas versões. Um achado central foi a viabilidade e a urgência de integrar a Crítica Genética à Crítica de Tradução, demonstrando que a instabilidade do original pode ser um fator decisivo na avaliação do produto tradutório. A análise do *avant-texte* e dos paratextos revelou manipulações e censuras masculinas empreendidas sobre o texto de Rose de Freycinet desde a sua fase "original", moldando a recepção da obra. O trabalho destacou como a voz de uma mulher foi sistematicamente censurada por motivos de reputação familiar ou preconceitos de gênero (preservar a "reputação de uma dama"), privando o leitor da autenticidade e do ineditismo do registro. A tese conclui que a Crítica de Tradução, quando aliada à investigação genética, é capaz de desestabilizar o original, promover a reparação histórica e permitir que discursos marginalizados ocupem o seu devido lugar. A metodologia híbrida possui potencial para futuras aplicações em textos históricos de autoria feminina.

Palavras-chave: Crítica de Tradução; Crítica Genética; Sociologia da Tradução; Rose de Freycinet; Diário de Viagem.

ABSTRACT

This thesis proposes an expansion of translation criticism beyond mere textual comparison, advocating for the urgency of investigating the instability of the original and the sociological dynamics of the circulation of works. The research applied a hybrid methodology, combining Genetic Criticism and the Sociology of Translation with Translation Criticism, to analyze the various translations of Rose de Freycinet's diaries in their historicity. The study situated the translations in their sociocultural contexts, exploring the dynamics of power and symbolic capital in the global literary field. The analysis demonstrated that translation criticism is an essential tool for recovering the history of the work, desecrating the original — proving that it transforms as much as the translated text — and expanding the text to encompass all its versions. A central finding was the viability and urgency of integrating Genetic Criticism into translation criticism, showing that the instability of the original is a decisive factor in evaluating the translational product. The analysis of the *avant-texte* and paratexts revealed manipulations and masculine censorship undertaken on Rose de Freycinet's text since its "original" phase, shaping the work's reception. The study highlighted how a woman's voice was systematically censored due to family reputation reasons or gender biases (to preserve a "lady's reputation"), depriving the reader of the authenticity and uniqueness of the record. The thesis concludes that translation criticism, when combined with genetic investigation, is capable of destabilizing the original, promoting historical reparation and allowing marginalized discourses to occupy their rightful place. The hybrid methodology has potential for future applications in historical texts written by women.

Keywords: Translation Criticism; Genetic Criticism; Sociology of Translation; Rose de Freycinet; Travel Journal.

RÉSUMÉ

Cette thèse propose d'élargir la Critique de Traduction au-delà de la simple comparaison textuelle, en défendant l'urgence d'étudier l'instabilité de l'original et les dynamiques sociologiques de la circulation des œuvres. La recherche a appliqué une méthodologie hybride, combinant la Critique Génétique et la Sociologie de la Traduction avec la Critique de Traduction, pour analyser les différentes traductions des journaux intimes de Rose de Freycinet dans leur historicité. L'étude a situé les traductions dans leurs contextes socioculturels, explorant les dynamiques de pouvoir et le capital symbolique dans le champ littéraire mondial. L'analyse a démontré que la critique de traduction est un outil essentiel pour récupérer l'histoire de l'œuvre, désacraliser l'original — prouvant que celui-ci se transforme autant que le texte traduit — et élargir le texte pour englober toutes ses versions. Une découverte centrale fut la viabilité et l'urgence d'intégrer la Critique Génétique à la Critique de Traduction, démontrant que l'instabilité de l'original est un facteur décisif dans l'évaluation du produit traductif. L'analyse de l'*avant-texte* et des paratextes a révélé des manipulations et des censures masculines exercées sur le texte de Rose de Freycinet dès sa phase "originale", façonnant la réception de l'œuvre. Le travail a souligné comment la voix d'une femme fut systématiquement censurée pour des raisons de réputation familiale ou de préjugés de genre (préserver la "réputation d'une dame"), privant le lecteur de l'authenticité et de l'inédit du témoignage. La thèse conclut que la critique de traduction, lorsqu'elle est associée à l'investigation génétique, est capable de déstabiliser l'original, de promouvoir la réparation historique et de permettre aux discours marginalisés d'occuper la place qui leur est due. La méthodologie hybride a le potentiel d'applications futures dans des textes historiques écrits par des femmes.

Mots-clés : Critique de Traduction ; Critique Génétique ; Sociologie de la Traduction ; Rose de Freycinet ; Journal de Voyage.

SAMENVATTING

Dit proefschrift stelt een uitbreiding voor van de vertaalkritiek voorbij de louter tekstuele vergelijking, en bepleit de urgentie om de instabiliteit van het origineel en de sociologische dynamiek van de verspreiding van de werken te onderzoeken. Het onderzoek paste een hybride methodologie toe, waarbij Genetische Kritiek en de Sociologie van de Vertaling werden gecombineerd met Vertaalkritiek, om de verschillende vertalingen van de dagboeken van Rose de Freycinet in hun historiciteit te analyseren. De studie plaatste de vertalingen in hun socioculturele contexten, waarbij de dynamiek van macht en symbolisch kapitaal in het mondiale literaire veld werd onderzocht. De analyse toonde aan dat vertaalkritiek een essentieel instrument is om de geschiedenis van het werk te herstellen, het origineel te ontwijken — bewijzend dat het evenzeer transformeert als de vertaalde tekst — en de tekst uit te breiden tot al zijn versies. Een centrale bevinding was de haalbaarheid en urgentie om Genetische Kritiek te integreren in de vertaalkritiek, wat aantoont dat de instabiliteit van het origineel een doorslaggevende factor is bij de evaluatie van het vertaalproduct. De analyse van de *avant-texte* en parateksten onthulde manipulaties en mannelijke censuur die al in de "originele" fase op de tekst van Rose de Freycinet werden uitgeoefend, waardoor de receptie van het werk werd gevormd. Het werk benadrukte hoe de stem van een vrouw systematisch gecensureerd werd om redenen van familieroem of genderbias (het "bewaren van de reputatie van een dame"), waardoor de lezer de authenticiteit en het unieke karakter van het verslag werd onthouden. De scriptie concludeert dat vertaalkritiek, in combinatie met genetisch onderzoek, in staat is het origineel te destabiliseren, historische eerherstel te bevorderen en gemarginaliseerde discoursen toe te staan hun rechtmatige plaats in te nemen. De hybride methodologie heeft potentieel voor toekomstige toepassingen in historische teksten geschreven door vrouwen.

Trefwoorden: Vertaalkritiek; Genetische Kritiek; Sociologie van de Vertaling; Rose de Freycinet; Reisdagboek.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Mapa mostrando a primeira parte da viagem.....	23
Figura 2 — Mapa mostrando a segunda parte da viagem.....	23
Figura 3 – Rose-Marie (nascida Pinon) de Freycinet aos 17 anos de idade	29
Figura 4 - Vue de Notre-Dame de Bon Voyage (Rio de Janeiro), por Jacques Arago, 1825.....	34
Figura 5 – Rascunho e versão final do registro do acampamento em Shark Bay (com e sem Rose) feitas por Pellion	35
Figura 6 — Mapa Holmes-Toury da área de Estudos da Tradução	50
Figura 7 - Tabela de simbologia de transcrição.....	68
Figura 8 - Transcrição diplomática de trecho dos diários	69
Figura 9 - Rascunho dos editores.....	70
Figura 10 - Versão de 1927	70
Figura 11 — Transcrição no Transkribus.....	74
Figura 12 - <i>Bas-bleus no livro de Soulié</i>	88
Figura 13 — Capa da versão editada em 1927	95
Figura 14 – Primeira página do microfilme dos manuscritos de New South Wales	97
Figura 15 - Versão mais recente da digitalização dos manuscritos	101
Figura 16: Ferramenta de transcrição da Biblioteca de New South Wales.	102
Figura 17 — Cópia de Carta de Rose de Freycinet para sua mãe (Madame Pinon).....	103
Figura 18 – Carta assinada por Rose de Freycinet para Jeanne C. Freycinet, Paris, 4 de abril de 1824	106
Figura 19 — Capa dos manuscritos transcritos e editados por Charles Duplomb.....	107
Figura 20 — Página da transcrição dos diários de Freycinet com anotações dos editores.....	108
Figura 21 - Capa da edição francesa de 2015.....	111
Figura 22 - Informações da versão digital de 2015.....	112
Figura 23 - Versão em francês de 2003	113
Figura 24 - Edição em francês de 2003.....	113
Figura 25 - Versão em francês de 1996	115
Figura 26 - Contracapa da edição de 1996	116

Figura 27 — Manuscrito da tradução de Sir William Dixson (c. 194?).....	120
Figura 28 - <i>A Woman of courage</i> , 2003.....	121
Figura 29 - <i>Briefe von der "Uranie"</i>	122
Figura 30 - <i>Diário de viagem ao redor do mundo</i>	123
Figura 31 - Una viaggiatrice clandestina.....	126
Figura 32 - Carta à Caroline x Carta à mãe.....	169
Figura 33 — A cascatinha da Tijuca ilustrada por Jacques Arago	173
Figura 34 — Nathalie Sumter	175

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Textos de partida dos Diários de Rose de Freycinet.....	38
Quadro 2: Versões traduzidas dos diários de Rose de Freycinet.....	39
Quadro 3 - Comparação texto de partida x textos de chegada	71
Quadro 4 – Comparação entre a versão de 1927 e os manuscritos transcritos	74
Quadro 5 - História do objeto (manuscritos)	99
Quadro 6 — Manuscritos referentes aos diários e cartas de Rose de Freycinet	109
Quadro 7: Versões traduzidas dos diários de Rose de Freycinet.....	118
Quadro 8 - Exemplos de transcrição no Transkribus.....	139
Quadro 9 - Trecho de prefácio de Rivière.....	144
Quadro 10 - Comparação de traduções do trecho inicial.....	158
Quadro 11 — Tradução ao italiano (Motta, 2017) e a partir do italiano (Trombini, 2025).....	161
Quadro 12 — Comparação do início (manuscritos e manuscrito traduzido)	163
Quadro 13 — Comparação de traduções ao português	165
Quadro 14 – Trecho da tradução italiana	180
Quadro 15 - O diário em Falkiner (2022).....	212

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Edição em Francês de 2015.....	112
Tabela 2 - Versão em francês de 1996.....	115
Tabela 3 - Comparação da transcrição das cartas á Caroline x Cartas à mãe	170
Tabela 4 - Links para transcrição das cartas sobre o Rio de janeiro	176

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	UM POUCO MAIS SOBRE O CORPUS	22
2	REFERENCIAL METODOLÓGICO: SOCIOLOGIA DA TRADUÇÃO	42
2.1	CRÍTICA DE TRADUÇÃO: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....	50
2.1.1	O esboço de método de crítica de tradução de Antoine Berman	59
2.2	CRÍTICA GENÉTICA E TRADUÇÃO	65
2.3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	75
2.3.1	Escrita de viagem e colonialismo	75
2.3.2	Crítica feminista da tradução	78
2.3.3	Diários de viagem	81
3	APRESENTANDO O CORPUS: TRADUÇÕES, VERSÕES E MANUSCRITOS.....	83
3.1	CONTEXTUALIZANDO OS DIÁRIOS DE ROSE DE FREYCINET	83
3.2	O QUE DIZEM OS METADADOS E AS EDIÇÕES EM FRANCÊS	94
3.3	AS DIFERENTES TRADUÇÕES DOS DIÁRIOS DE ROSE DE FREYCINET 118	
3.3.1	Traduções em inglês	119
3.3.2	Tradução para o alemão em 2011.....	122
3.3.3	Tradução em português brasileiro de Rosa Alice Mosimann em 2013 123	
3.3.4	Tradução em italiano de Federico Motta.....	125
4	PRÉ-ANÁLISE DAS TRADUÇÕES E DOS ORIGINAIS	129
4.1	ANÁLISE DE PARATEXTOS DAS TRADUÇÕES	129
4.1.1	Prefácios, posfácios e anexos	130
4.2	PRÉ-ANÁLISE DOS ORIGINAIS	135
4.3	ORGANIZAÇÃO E PROCESSAMENTO DOS ORIGINAIS	139
4.4	SELEÇÃO DE TRECHOS SIGNIFICANTES	141
5	A CRÍTICA DE TRADUÇÃO.....	143
5.1	POR QUE AS TRADUÇÕES EXISTEM? ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO DO TEXTO 143	
5.2	COMPARANDO TRECHOS SIGNIFICANTES	158

5.2.1	O início dos diários.....	158
5.2.2	Rio de Janeiro	170
5.2.3	Sidney	178
5.2.4	Naufrágio	181
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
	REFERÊNCIAS	189
	ANEXO A — <i>SCOPE AND CONTENTS</i> (METADADOS DA NSW LIBRARY)	200
	ANEXO B — POSFÁCIO DA EDIÇÃO EM ALEMÃO TRADUZIDO POR JOÃO EDUARDO SCANAVINI	202
	ANEXO C — EPÍLOGO DE <i>ROSE</i> (FALKINER, 2022)	212
	ANEXO D – COMPARATIVO DA TRANSCRIÇÃO DOS MANUSCRITOS COM O TEXTO ESTABELECIDO DE 1927	220

1 INTRODUÇÃO

A crítica de tradução carrega algo em comum em suas muitas teorias: a implicação de uma comparação entre o original e o traduzido, entre o texto de partida e o de chegada, um juízo de valor: o trabalho feito pelo tradutor foi bom ou não? Fez justiça ao texto de partida? O que varia é sob qual aspecto a análise é feita.

Pensando sobre a função da crítica e debruçando-me sobre suas teorias, questionei-me se emitir um juízo de valor acrescenta algo aos Estudos da Tradução. A crítica da tradução enfrenta um certo escanteamento por parte do campo teórico e até mesmo dos tradutores. Por óbvio, os tradutores não querem ser massacrados pela crítica, talvez desejem ser exaltados, mas muitas vezes estão confortáveis em seu silêncio apagado, resultado indigno da falta de consciência que é senso-comum para o leitor de tradução: melhor nem saber, nem sentir que a obra foi traduzida.

O tradutor não deseja a crítica pois ela o tira do apagamento e o coloca na posição central de responsável pela circulação daquele texto, nunca como autor, mas como “devedor” a esse autor. É uma posição que costuma dar pouca margem de movimento e defesa, uma posição frágil. E mais ainda se o tradutor não estiver mais no plano dos vivos. Ao mesmo tempo, traz o trabalho do tradutor para o centro da discussão, valorizando suas escolhas, sua reescrita, o que pôde fazer com o que tinha ao seu alcance, como interpretou a obra e qual foi a sua agentividade no processo.

O tradutor cumpre — às vezes usando de sua voz e às vezes silenciosamente — a tarefa de fazer um texto continuar circulando. É o perpetuador da história de uma obra, que inicia no momento da escrita, lá com o manuscrito, quando o autor se sentou e começou a elaborar as palavras que compõem o que se tornaria um objeto-livro. O tradutor está na outra ponta, na ponta corrente da história ativa, olhando para trás, para algo extemporâneo a si, colocando-se na posição de ler, interpretar, entender, com olhos estrangeiros e anacrônicos aquilo que é Outro em muitos níveis: temporal, geográfico, cultural, linguístico. Cabe ao tradutor também questionar e desconfiar daquele objeto-livro que é seu ponto de partida, num trabalho que é crítico por natureza. O trabalho do tradutor é, entre outros, absorver uma escrita e transformá-la em algo que será, em parte escrita do tradutor, de Si, de sua cultura, seu tempo e, em outra parte, escrita daquele Outro, daquela cultura, daquele tempo.

E o crítico, olhando de fora deste processo, pretende observar as escolhas do tradutor nesse contato e interpretação que são tão pessoais, tão únicos, tão subjetivos. O crítico, ele mesmo, também passa por esse processo único de interpretação, de apropriação de no mínimo um texto de partida e um de chegada, e geralmente de mais obras que compõem uma rede de textos traduzidos, originais, leituras complementares. A história de tudo aquilo que acontece entre o momento da escrita pelo autor, a escrita da tradução e a escrita da crítica deveriam interessar ao crítico para poder compreender o seu objeto com riqueza. O crítico não vai produzir um texto de chegada, uma tradução, mas um texto que tenta compreender o que aconteceu àquela obra que chegou à sua mão. Sob quais critérios? Essa é a prerrogativa do crítico.

É do trabalho do crítico teorizar sobre um objeto produzido pela prática, como afirma Henri Meschonnic em sua *Poética do traduzir*: “A teoria é apenas o acompanhamento reflexivo. (...) A experiência vem primeiro.” (Meschonnic, 2020, p. XVII). É também dele a ideia de que a tradução “(...) é o melhor posto de observação sobre as estratégias da linguagem, pelo exame das retraduições sucessivas, para um mesmo texto.” (2020, p. XXII). O tradutor trabalha desse posto vantajoso atuando como mais do que um técnico, mas em um processo de mediação e agência cultural que envolve a interação entre o texto, o tradutor e a história. Cada texto carrega consigo marcas de sua época, cultura e subjetividade, e o tradutor não tem como escapar de ser sensível a essas camadas históricas para fazer jus ao ritmo e à singularidade do original. À Letra, o espírito do texto, significado e forma, como sugere Antoine Berman em *O albergue do longínquo* (2013).

Estudando as metodologias de crítica de tradução, entendo que aquelas que focam em analisar aspectos de equivalência semântica ou formal não dão conta de contemplar o trabalho do tradutor como um todo. Antes, concordo com Meschonnic que propõe por meio de sua poética que a tradução deve ser vista como uma recriação poética, onde o tradutor atua como um coautor, trazendo à tona a historicidade e a subjetividade do texto original. E, também entendo que Berman (1995) tinha razão ao acrescentar que Meschonnic propunha uma crítica muito negativa, e que o processo de criticar é mais produtivo quando é positivo.

Assim, a tradução se torna um espaço de diálogo entre culturas e tempos, onde o tradutor reinterpreta o texto à luz de sua própria historicidade e subjetividade. E o crítico deve interpretar esse trabalho do tradutor não apenas entendendo suas escolhas pontuais, mas como construiu seu discurso, como recriou e interpretou a obra, se a abordou de forma crítica e se isso é suficiente diante do cenário contemporâneo.

Procurei elaborar aqui uma crítica de tradução que desse conta de compreender esse processo dos tradutores, dialogando principalmente com o esboço de método de crítica de tradução proposto por Antoine Berman em *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), que também defende que o tradutor deve dar importância à historicidade, com ênfase na ética da tradução e na preservação da "estranheiridade" do texto, ou seja, na manutenção de elementos que refletem a cultura e o contexto do texto original.

A crítica de tradução é um campo de estudo relativamente jovem, como ressalta Antoine Berman em *Pour une critique des traductions : John Donne* (1995):

Mas se crítica significa a análise rigorosa de uma tradução, de suas características fundamentais, do projeto que lhe deu origem, do horizonte em que surgiu, da posição do tradutor; se crítica significa, fundamentalmente, a descoberta da verdade de uma tradução, então é preciso dizer que a crítica de tradução está apenas começando a existir.¹ (Berman, 1995, pp. 13-14, tradução minha).

Berman também enfatiza a importância de respeitar a "letra" do texto, ou seja, os elementos específicos que carregam a singularidade do original, como o ritmo, a estrutura e os aspectos culturais.

Em alguns pontos, divirjo de Berman e procuro dar importância a aspectos que considero relegados em seu esboço de método para uma crítica de tradução: a confrontação direta entre traduções, que aparece como algo "secundário"; o questionamento em relação à sacralidade do original, sobre o qual ele não levanta nenhuma suspeita; e a exploração das dinâmicas de poder e o capital simbólico no

¹ No original em francês: « Mais si critique veut dire analyse rigoureuse d'une traduction, de ses traits fondamentaux, du projet qui lui a donné naissance, de l'horizon dans lequel elle a surgi, de la position du traducteur; si critique veut dire, fondamentalement, *dégagement de la vérité d'une traduction*, alors il faut dire que la critique des traductions commence à peine à exister. » (Berman, 1995, pp. 13-14).

campo literário global. Para esse último aspecto, apoio-me nas teorias propostas por Pascale Casanova em *A língua mundial* e *A república mundial das letras*.

Berman entende que cada obra suscita instrumentos específicos para sua análise e, por isso, utilizando seu esboço de método como base, adapto alguns aspectos para analisar questões que julguei importantes ao analisar o *corpus*.

Essa ideia de que cada obra requer uma abordagem específica é reforçada por Muguraş Constantinescu em *Pour une lecture critique des traductions: réflexions et pratiques* (2013) quando, retomando a crítica de tradução de Katharina Reiss e Antoine Berman, ressalta que sua obra trata críticas de tradução no plural pois “[...] cada obra traduzida requer instrumentos adequados em função de sua especificidade, mesmo que existam princípios gerais que atuem conscientemente ou inconscientemente durante o processo de tradução².” (Constantinescu, 2013, p. 7, tradução minha).

Como ressaltam Constantinescu (2013) e Berman (1995), o papel de uma crítica de tradução é preparar o terreno para uma retradução e compreender o pensamento sobre a tradução, a visão editorial a evolução da língua e como o contexto cultural foi acolhido ou não. É o que também pretendo fazer com este trabalho.

Até aqui, não mencionei meu objeto de crítica ou o motivo de sua escolha. Trata-se do diário de viagem de Rose de Saulses de Freycinet, uma jovem francesa que aos 23 anos empreendeu, a princípio clandestinamente, uma viagem ao redor do mundo a bordo da corveta *Uranie* entre 1817 e 1822. Com medo de ficar para trás na França, em posição desfavorável sem seu marido Louis de Freycinet, o capitão, com quem aparentemente se casou por amor, Rose embarcou disfarçada de homem na expedição científica por ele comandada.

O *status* de Rose durante toda a viagem é no mínimo tenso: única mulher no barco, protegida por ser esposa do capitão (sendo que ele passou por momentos de saúde frágil), mas sujeita ao ódio de uma parte da tripulação, a ser presa ou mandada de volta por estar onde não deveria, solitária, isso sem contar os perigos próprios da viagem e até mesmo a possibilidade de engravidar em alto-mar. Sobre toda essa

² Em francês: “[...] chaque oeuvre traduite sollicite des instruments adéquats em fonction de sa spécificité, même s’il y a des principes généraux qui agissent consciemment ou inconsciemment lors du processus du traduire.” (Constantinescu, 2013, p. 7).

experiência, ela escreveu cartas endereçadas à sua mãe, madame Pinon e à Caroline de Nanteuil, sua prima e amiga.

Pretendo aqui não focar a crítica de tradução em aspectos puramente linguísticos, mas analisar o aspecto sociológico: como as traduções, versões e publicações relacionadas à obra alteram as chaves de leitura do texto. Inspirada em Berman, Casanova e Meschonnic, procuro dar relevância à historicidade da obra a partir da crítica e de suas traduções e analisar os aspectos sociológicos dos projetos de cada tradução, intentando assim propor uma crítica de tradução que dê conta de entender se as traduções disponíveis fazem jus ao material disponível sobre a obra atualmente e se modificaram o texto de partida de alguma forma. A crítica de tradução aqui proposta é tanto uma crítica de tradução, quanto uma micro-história da tradução e circulação da obra aqui analisada, os diários de Rose de Freycinet.

É trabalho do crítico ir além do julgamento positivo ou negativo, penso que não é próprio dar um veredito da qualidade da tradução, mas inscrever-se como historiador de uma obra, entendendo o que a fez transformar-se, continuar sendo lida, traduzida — e acreditar que este trabalho nunca terá fim, que será continuado ao longo da história. O crítico, aqui, desempenha mais o papel de leitor dedicado, de historiador e etnógrafo do que linguista.

As versões da obra de Freycinet utilizadas para elaborar a crítica de tradução são várias, tantas quantas foi possível abordar: traduções em diversas línguas, edições no francês (língua de partida), manuscritos, textos complementares. As traduções que compõem o *corpus* de análise são em italiano (2017), português brasileiro (2013), inglês (1996, 2003) e alemão (2011). A primeira edição publicada, em francês, em 1927, foi por muito tempo tomada como “o original”. Há outras edições em francês, que também serão aqui apresentadas. Além das edições formais, há os manuscritos, disponibilizados *online* em alta qualidade recentemente. Em dado momento, questiono essa posição imutável do original. O pré-texto, *avant-texte*, o manuscrito é relevante na análise desse objeto e, por ter sido texto fonte de uma tradução (a italiana), é considerado aqui também um original. Um dos originais, pois o texto original não é uma instituição fixa ao longo da história, conforme defenderei. Além de todas essas versões, há textos teóricos, históricos, metadados e outras

leituras complementares que fazem parte da rede de obras relacionadas à mesma narrativa: a dos diários de Rose de Freycinet.

Os diários de Rose compõem uma obra com algumas traduções em línguas diferentes e cerca de dois séculos de história desde sua escritura, o que proporciona, por si, um terreno fértil para a análise crítica da tradução, permitindo comparações entre línguas. Além disso, o recente acesso livre aos manuscritos por meio da sua disponibilização por bibliotecas da Austrália, que antes e por muito tempo ficaram em acervos privados, permite a comparação do original manuscrito com o original editado e publicado, o que proporciona uma nova chave de interpretação para o que seria o texto de partida ideal.

Entendo que a crítica do texto traduzido em confronto com o original só faz sentido ao revelar a história do original. Este original é confiável? Ele é sempre o mesmo em todas as traduções? Os tradutores atuaram sobre ele? O criticaram? Creio que são questões que não são frequentemente abordadas na crítica de tradução. Na análise da relação entre a primeira edição do texto publicado em francês e seu *avant-texte* ou manuscrito, apoio-me nas teorias e ferramentas da Crítica Genética para organizar esta etapa metodologicamente. O termo Crítica Genética foi cunhado por Louis Hay em 1979 na coletânea de ensaios *Essais de critique génétique*. Essa forma de crítica é especialmente aplicável quando se trata de manuscritos anotados, editados, censurados, nos quais é possível ver as marcas de memória de trabalho. Segundo Dirk Van Hulle, “Crítica genética foca na dimensão temporal da escrita e enxerga o trabalho literário mais como um processo do que como um produto” (Van Hulle, 2004, p. 2, tradução minha).

Em outras palavras, a pergunta central desta pesquisa é: “Como a crítica de tradução pode, a partir da análise das traduções, compreender e interpretar as transformações e a circulação histórica de uma obra, considerando sua historicidade, subjetividade e as dinâmicas de poder envolvidas na tradução e publicação em diferentes idiomas?”.

O objetivo principal é:

1. Propor uma metodologia crítica que analise as traduções de uma obra em sua historicidade e em seus contextos socioculturais, explorando as dinâmicas de

poder, capital simbólico e escolhas tradutórias que influenciam a recepção e circulação da obra no campo literário global.

Já como objetivos secundários, posso destacar:

1. Analisar como as diferentes traduções dos diários de Rose de Freycinet em diversas línguas (italiano, português brasileiro, inglês e alemão) alteram as chaves de leitura do texto e o texto original.
2. Investigar a relação entre o manuscrito (*avant-texte*) e as edições publicadas do texto original, considerando a ideia de que o "original" não é fixo, mas uma construção histórica e mutável.
3. Explorar as dinâmicas culturais, históricas e sociais envolvidas nos projetos editoriais das traduções do diário.
4. Dialogar com teorias de crítica de tradução para ampliar as reflexões metodológicas sobre o papel do crítico como intérprete e historiador da tradução.

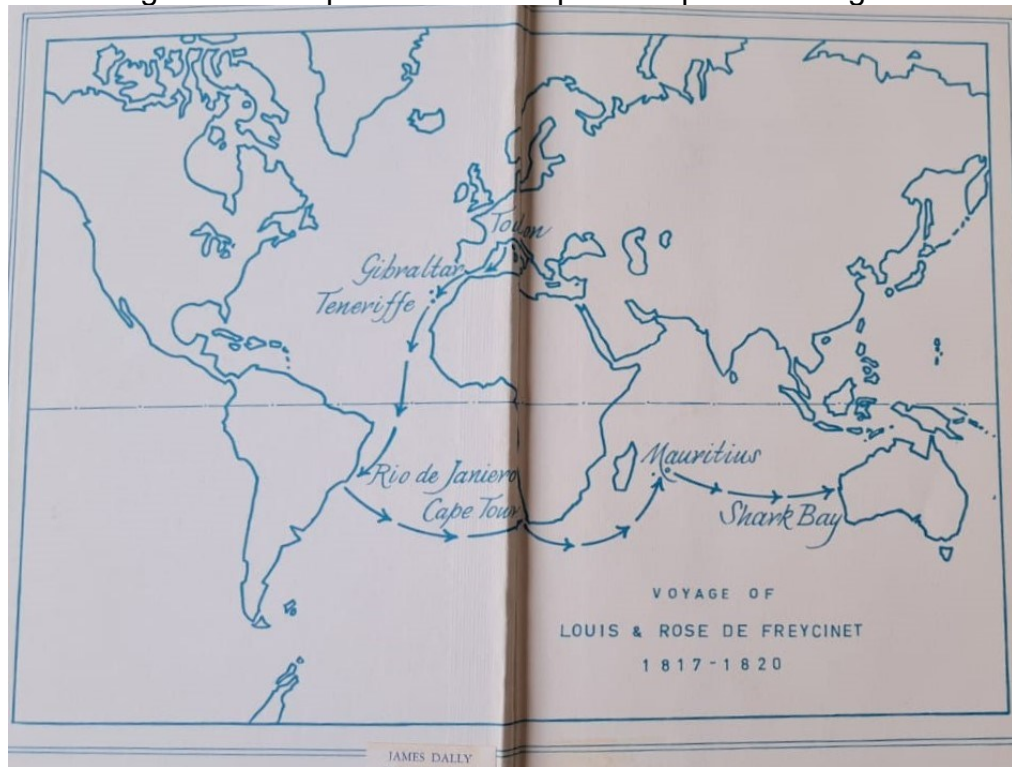
1.1 UM POUCO MAIS SOBRE O CORPUS

Os diários escolhidos como objeto desta tese foram escritos por Rose Marie Pinon de Saulses de Freycinet (29 de setembro de 1794, Saint-Julien-du-Sault, França – 7 de maio de 1832, Paris, França), a primeira francesa a escrever um relato sobre a circum-navegação do globo. Ela embarcou clandestinamente na expedição da corveta *Uranie* entre 1817 e 1820, capitaneada por seu marido, Louis de Freycinet, e esteve presente nos 3 anos da expedição.

A expedição do *Uranie* tinha como objetivo investigar cientificamente o formato da terra, informações meteorológicas e magnéticas em diferentes latitudes e longitudes. O período das descobertas marítimas estava chegando ao fim, e esta foi uma das últimas expedições que se pretendiam puramente científicas. A viagem passou por vários lugares, partiu de Toulon (França), passando por Tenerife (Espanha), Gibraltar (Reino Unido), Santa-Cruz (Ilhas Canárias, Espanha), Rio de Janeiro (Brasil), Cape Town (África do Sul), Ilhas Maurício, Ilhas Bourbon (atualmente Reunião, França), Timor (Indonésia), Waigeo (Indonésia), Ilhas Marianas (EUA), Ilhas Sandwich (Reino Unido), Port Jackson (Austrália), Sydney (Austrália), o *Uranie* naufragou nas Ilhas Malvinas e A expedição retornou a bordo de outro navio passando

por Montevideo (Uruguai), Buenos Aires (Argentina), Rio de Janeiro (Brasil), até voltar a Cherbourg (França).

Figura 1 — Mapa mostrando a primeira parte da viagem



Fonte: Bassett, 1962.

Figura 2 — Mapa mostrando a segunda parte da viagem



Fonte: Bassett, 1962.

A presença de Rose na viagem, por si só, já foi fato escandaloso para a época e para a posição social burguesa ocupada pelo casal Freycinet. O livro de Rose de Freycinet também é um raro registro de escrita feminina sobre as expedições imperialistas da época, o que possibilita investigar como a obra foi tratada, como suas traduções foram feitas e como essa escrita é e foi apresentada ao longo dos anos.

O livro com o conteúdo do diário de Rose (na verdade, o livro é composto por cartas endereçadas à sua prima, Caroline de Nanteuil e à sua mãe, Madame Pinon, posteriormente editadas e transformadas em livro) foi estabelecido como *Journal de Madame Rose de Saulses de Freycinet d'après le manuscrit original accompagné de notes*, publicado em 1927 sob a curadoria de Charles Duplomb, editado pela Société d'éditions géographiques, maritimes et coloniales.

O “original” dos diários de Rose acessível ao público foi, por muito tempo, essa versão de 1927. Mas, a recente digitalização dos manuscritos das cartas que compõem o diário, sua disponibilização gratuita e a evolução das bases de dados digitais fez com que praticamente todo o processo de edição dessa obra esteja disponível para consulta, ainda que de forma desordenada.

Há um bom número de traduções, textos teóricos, adaptações e livros relacionados à obra. Essa riqueza de versões e informações possibilita um estudo aprofundado dos processos editoriais e tradutórios envolvidos na vida da obra como um todo. Devido à profusão de dados para análise e à posição da obra como uma das poucas envolvendo o relato de uma mulher viajante à época, os diários de viagem de Rose de Freycinet foram escolhidos como objeto desta pesquisa.

O interesse pela obra surgiu em meu horizonte quando era mestrande em Estudos da Tradução e trabalhei na tradução de um dos capítulos da versão de 1927 para o trabalho final realizado para a disciplina “Atelier de Tradução 2”, ministrada no primeiro semestre de 2019 pela professora Marie-Hélène Catherine Torres, orientadora deste trabalho, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina.

No ateliê de tradução, deveríamos buscar um texto de nosso interesse para traduzir como um exercício de prática tradutória. Como meu par de línguas para tradução é francês-português, mergulhei profundamente na base de dados da

Biblioteca Nacional da França, a Gallica, em busca de inspiração. Questionei-me sobre que tipo de texto eu gostaria de traduzir. Como o meu objeto de mestrado era uma crítica de tradução do livro *Autonautas da Cosmopista* (1983), de Julio Cortázar e Carol Dunlop, um diário de viagem, pensei em procurar algo no mesmo gênero literário. Minha pesquisa à época tratava de um livro com direitos autorais reservados, o que causava algumas dificuldades em relação à reprodução de trechos, pensei em focar minha busca para encontrar um texto de uma época em que os direitos de publicação do autor já estivessem expirados, daí o século XIX.

Minha experiência traduzindo textos do século XIX também advinha da participação de um projeto de Iniciação Científica (PIBIC) traduzindo contos de fada escritos por francesas dos séculos XVIII e XIX. Dentre os diários de viagem do século XIX, disponíveis, decidi filtrar aqueles que retrataram o Brasil, pelo menos em algum momento. Dentre tantos relatos de expedições imperialistas, questionei-me se haveria algum escrito por uma mulher, com um viés menos cientificista. Foi quando me deparei com uma página *online* da Biblioteca Nacional brasileira falando sobre as mulheres viajantes e a relação entre Brasil e França³.

Ali, pude encontrar vários materiais a respeito de mulheres como Jemima Kindersley, Élisabeth Macquarie Campbell, Rose de Freycinet, Maria Graham, a baronesa Émile de Langsdorff, Virginie Léontine B., Mme Agassiz, Élisabeth Burton, Ida Pfeiffer, Marie Graham, Adèle Toussaint, Marianne North, Thérèse de Bavière, Louise Bachelet, Marie van Langendock, Lina Beck-Bernard, Maria Durocher, Mme Langlet-Dufresnois, Adèle Toussaint, Ina von Binzer, Sarah Bernhard. O relato de Rose de Freycinet despertou minha atenção em particular por ser um diário e pelo fato de já ter uma tradução publicada em português, pela editora Mulheres, em 2013.

Desde então, o meu interesse pela tradução de diários pessoais e relatos de viajantes do século XIX se estabeleceu como uma constante. Ao adentrar no universo desta obra, em 2019, adquiri um exemplar da tradução para o português brasileiro e acessei a versão francesa de 1927 na Biblioteca Nacional da França.

O prefácio da versão brasileira, escrito pela tradutora Rosa Alice Mosimann, foi bastante instigante, trazendo a informação de que ela traduziu a partir da edição

³ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossie-antigo/matrizes-nacionais/figuras-de-viajantes/mulheres-e-viagens-no-seculo-xix/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

de 1927, mas que em seu processo, tinha descoberto que aquele texto não correspondia ao que Rose escrevera, que a versão de 1927 havia sido manipulada e editada para censurar trechos relativos a famílias e personalidades conhecidas na França e para ser mais sóbria, ou "mais masculina?", questiona a tradutora (Mosimann, 2013, p. 12).

A descoberta de que eu e Mosimann havíamos traduzido um texto que não foi exatamente o que a autora escreveu despertou diversas perguntas. Que diferenças haveria entre a versão editada e a manuscrita em francês? Como seria possível perceber essas diferenças? Há outras traduções? Como elas foram feitas? Qual é o texto de partida de cada tradução? Existe um único original? Por que o editor da versão francesa alterou o texto de tal forma?

Para responder às minhas questões, fui lentamente adquirindo novas versões do livro e procurando montar o quebra-cabeça de como esse texto circulou e se modificou. Cheguei aos manuscritos das cartas em bibliotecas da Austrália, ao rascunho do editor, também disponível em biblioteca australiana, a traduções em inglês, alemão, português e italiano, versões em francês, obras teóricas, artigos, páginas *online*.

Depois de estabelecer uma certa base material, entendi que a riqueza desse *corpus* precisaria de tempo para ser estudada, sendo passível de ser objeto de tese de doutorado. Para dar continuidade ao meu percurso acadêmico dentro dos Estudos da Tradução, pareceu-me lógico propor um projeto com base nos diários de Rose de Freycinet.

As diferentes vozes e processos que compõem a vida de uma obra, a tradução especialmente, interessam aos pesquisadores da área de Estudos da Tradução. Como dizem Cecilia Alvstad, Annjo K. Greenall, Hanne Jansen e Kristiina Taivalkoski-Shilov na abertura do livro *Textual and Contextual Voices of Translation* (2017), "Vozes – marcas da rede de subjetividades envolvidas no processo textual – constituem o tecido dos textos em geral e, em particular, das traduções⁴." (p.3, tradução minha).

⁴ No original em inglês: "Voices – marks of the tangle of subjectivities involved in textual processes – constitute the very fabric of texts in general and translations in particular." (Alvstad *et al.*, 2017, p. 3).

A cada nova edição e tradução, se reatualizam as chaves de leitura de uma obra, lançando uma nova luz sobre aspectos que interessam ao seu tempo, seu contexto, ao tradutor que trabalhou o texto. Cada nova edição injeta nova vida aos textos de partida. As vozes em evidência são sempre diferentes. De acordo com Cecilia Alvstad *et al.* (2017):

O livro oferece um olhar para os bastidores da complexa máquina em movimento por trás de cada tradução: se o tradutor pode ser visto como um artista no palco, todos os outros agentes envolvidos podem ser vistos como o time de produção ao redor do palco ou do *set* — diretores, cenografistas, técnicos, cabeleireiros, assistentes de palco, contrarregas — ou como espectadores⁵. (Alvstad *et al.*, 2017, p. 3, tradução minha).

Uma tradução existe por si só, mas carrega também traços da vida prévia daquela obra. Das vozes que ajudaram a compor aquela narrativa ao longo do tempo. De acordo com Alvstad *et al.* (2017), estudar as vozes no texto e no contexto ajuda a entender melhor a complexidade da tradução e do seu produto.

Rose de Freycinet escreveu um relato de viagem sob um ponto de vista colonialista e bastante feminino, contrastando com o registro oficial da expedição escrito por Louis de Freycinet, extremamente técnico e sem mencionar a presença da esposa. As observações de Rose versam sobre os costumes sociais, impressões, roupas, fofocas, sentimentos, algo raro para diários de viagem do século XIX, em sua maioria escritos por cientistas homens e em tom formal para prestar contas a quem patrocinou a viagem, demonstrar descobertas científicas e econômicas.

Em sua complexidade, os relatos de Rose são de interesse ainda hoje pela sua singularidade, por serem um raro registro escrito por uma mulher em situação inusitada para sua condição social e para a sua época. Entender a história das diferentes edições e traduções deste texto ajuda também a entender como o discurso feminino — em especial o diário — foi tratado ao longo dos anos no mercado editorial.

Para entender a relevância dos textos de Rose de Freycinet, é preciso de um pouco de contextualização. Rose-Marie Pinon nasceu em 29 de setembro de 1794 em Saint-Julien-du-Sault, na França. A historiadora Suzanne Falkiner, em seu livro *Rose: The extraordinary Voyage of Rose de Freycinet, the stowaway who sailed around the*

⁵ No original em inglês: “The book offers a behind-the-scenes look at the complex machinery in motion behind every single translation: if the translator may be depicted as a performing artist, all the other agents involved may be seen as the production team around the stage or set – directors, scenographers, technicians, hairdressers, stagehands, roadies – or as spectators.” (Alvstad *et al.*, 2017, p. 3).

world for love (2022), traz informações relevantes sobre a biografia de Rose. A historiadora levanta o questionamento sobre o motivo de Rose ter nascido em uma pequena vila a 130 quilômetros de Paris, sendo que ela nunca morou neste local posteriormente. Falkiner (2022) ressalta que o pai de Rose, Jean Étienne Pinon, tinha conexões na área, e possivelmente seria um simpatizante da realeza que se refugiava no interior durante o período revolucionário. Étienne Pinon era funcionário de um banco (*commis aux écritures*) e tinha se casado, aos 42 anos, com Jeanne Catherine (nascida Tauzin) em 23 de agosto de 1791 no 5º *arrondissement* de Paris.

A família de Étienne fornecia serviços artísticos para a família real em Versalhes. Já a família de Jeanne Catherine era de origem mais humilde, seu pai, Jean Tauzin, era fabricante de selas e carruagens. O casal teve três filhos: Athanase François Joseph Pinon, nascido em 1792, Rose-Marie Pinon, nascida em 1794, e Marie Élisabeth Stéphanie Pinon, nascida em 1796. Étienne faleceu em 1803 aos 51 anos de idade e, logo em seguida, Madame Pinon inaugurou um internato para meninas na Rua de Sèvres em Paris, que se mudou para outro ponto de Paris, na Rua Pigale, em 1811.

Nesse internato, cerca de 40 senhoritas, entre elas espanholas e russas, recebiam educação à moda parisiense. As filhas da senhora Pinon receberam a mesma educação que as suas alunas: aprendiam habilidades domésticas como cozinhar, bordar e administrar as contas da casa. Rose aprendeu também a tocar piano, cantar, dançar minuetos e a se comportar com a etiqueta apropriada. As habilidades da sra. Pinon proporcionaram à Rose o aprendizado da literatura clássica francesa, além de habilidades de conversação em inglês e italiano.

A sra. Pinon trabalhava próxima ao abade Roch-Ambroise Cucurron Sicard, que a descreveu como uma distinta professora de francês para estrangeiros, habilidosa e culta. Junto ao abade, a sra. Pinon trabalhou no livro de gramática *Éléments de gramar générale*, de 1798.

Rose de Freycinet foi criada, então, próxima de sua mãe e irmã. Em uma de suas cartas, Rose se descreve como menos inteligente e erudita do que sua mãe e sua irmã, mas que esperava compensar essa falta com seu “coração gentil e generoso” (Falkiner, 2022, p. 13).

Falkiner (2022) levanta a hipótese de que Rose tenha conhecido seu futuro marido, Louis de Freycinet, por meio de uma das famílias respeitáveis que frequentava o internato da sra. Pinon. A amiga próxima de Rose, Caroline Barillon, a destinatária das cartas do diário, era parente distante de Freycinet e pode ter sido a fonte de conexão entre eles. Rose casou-se em 6 de junho de 1814, em Paris, com Louis-Claude de Saulces de Freycinet, capitão de fragatas francesas, à época com 35 anos.

De acordo com Marc-Serge Rivière (2003), tradutor da versão em inglês dos diários de Rose de Freycinet, Louis submeteu uma proposta ao Governo Francês em 1816 sugerindo uma expedição científica de circum-navegação para fazer experimentos relacionados à meteorologia, magnetismo e história natural. No ano seguinte, a proposta foi aprovada e Louis foi encarregado de liderar essa expedição a bordo da corveta *Uranie*. Juntos, ele e Rose conspiraram para que ela embarcasse clandestinamente e o acompanhasse na jornada, pois mulheres não eram autorizadas a estarem em viagens marítimas oficiais, apenas como passageiras.

Falkiner (2022) levanta a hipótese de que a coragem de Rose e a sua determinação de embarcar na expedição possam ter sido influenciadas pela falta de filhos após três anos de casamento e pela falta de parentes homens próximos (seu pai já era falecido e seu irmão Athanase desaparecera na guerra).

Figura 3 – Rose-Marie (nascida Pinon) de Freycinet aos 17 anos de idade



Fonte: Western Australian Museum, 2024.

Ainda de acordo com informações de Falkiner (2022), Rose era bastante persuasiva, e um amigo de Louis, François Grille, acreditava que ela tinha elaborado um plano para embarcar na próxima expedição com Louis já em 1815, primeiro ano do casamento. Ainda segundo esse amigo, em 1816, após a autorização da nova expedição, o casal começou a fazer planos mais concretos para colocar seu esquema em prática.

No início do século XIX na França, as mulheres só poderiam embarcar em navios do estado com autorização especial do rei, mas Rose esteve na expedição do *Uranie* nos três anos em que durou, entre 1817 e 1820.

De acordo com Rocha e Pereira (2017), a presença de uma mulher em embarcações não era apenas proibida como também era considerada motivo de azar pelos tripulantes:

O último item a ser verificado pelo comandante era se não havia mulheres em sua tripulação, pois muitos consideravam que a presença de uma mulher entre seus membros trazia azar para o navio. Ainda sobre a presença e o trabalho de mulheres nas navegações, destacamos que elas também foram proibidas de trabalhar nas embarcações francesas até o século XX (Rocha e Pereira, 2017, p. 1510).

De acordo com Lucie Azema, “Na França, foi preciso esperar até 2002 para que as restrições à entrada das mulheres na marinha militar fossem suspensas — e as mulheres ainda não podiam trabalhar em submarinos até 2014⁶.” (Azema, 2022, p. 38, tradução minha). Apesar da proibição, Rose embarcou no *Uranie* disfarçada de marinheiro, com os cabelos cortados, em um episódio comovente que ela descreve em seu diário, aqui em tradução de 2013 por Rosa Alice Mosimann:

Começarei meu diário no instante em que, deixando, à meia-noite, a casa onde morava em Toulon, fui sozinha até a de uma de minhas amigas. (...)

Passei o dia seguinte inteiro escrevendo minhas cartas de despedida e, de noite, em torno de onze e meia, peguei minhas roupas de homem¹⁰.

Acompanhada por Louis e um de seus amigos, fomos até o porto para embarcar. Parecia que a lua queria proteger minha fuga; ela se escondeu para impedir que as pessoas que se encontravam lá me reconhecessem. Entretanto, saindo do porto, foi necessário parar para dar a *senha*; trouxeram luz e eu não sabia onde me esconder. Enfim, toda trêmula, cheguei perto da rampa de embarque e subo o mais devagar possível. Obrigada a passar no meio de oficiais que se encontravam no convés, alguns perguntavam quem

⁶ Em francês: "En France il faut attendre 2002 pour que les restrictions à l'entrée des femmes dans la marine militaire soient levées – et celles-ci étaient encore exclues des sous-marins jusqu'en 2014." (Azema, 2021, p. 38)

eu era: o amigo de Louis, que nos acompanhava, assegurou que eu era seu filho que tem, justamente, mais ou menos o meu tamanho.

Fiquei ainda bem agitada a noite inteira. Eu imaginava ter sido reconhecida e que o Almirante comandante, avisado, teria ordenado que me mandassem de volta a terra. O mínimo ruído me assustava e eu continuei a tremer até estarmos fora da enseada.

¹⁰ *Vestida de homem*, escreveu para sua mãe, “foi necessário descartar qualquer desconfiança, cortar meus cabelos. A excelente amiga na casa de quem eu estou quis se encarregar pessoalmente dessa operação; ela não conseguiu terminá-la sem verter lágrimas, embora seja filha e mulher de marinheiros distintos. Está surpresa e comovida com minha resolução. Eu lhe deixo meus cabelos; ela aceitou se encarregar de fazer com eles um colar para a senhora e pulseiras para Caroline⁷. (Mosimann e Freycinet, 2013, pp. 31-32).

Apesar do medo e da proibição, no episódio acima descrito, fica clara a colaboração do marido, Louis, para que Rose se tornasse uma das primeiras francesas a dar a volta ao mundo. O olhar de Rose ficou registrado em um diário, que na verdade foi compilado como tal vários anos após a expedição e se diferencia muito dos outros diários de viagem da época, em sua maioria escritos por homens exploradores e cientistas. As cartas de Rose estão em um tom informal e demonstram os pensamentos livres expressos por uma mulher, o que é raro para o século XIX em meio às proibições legais e sociais da presença das mulheres nessas expedições. O diário de Rose, na verdade, é constituído por cartas pessoais endereçadas à sua mãe e à sua prima Caroline de Nanteuil.

⁷ Na versão em francês curada por Duplomb: “Je commencerai mon journal de l'instant où, quittant à minuit la maison que j'habitais à Toulon, je me rendis seule dans celle d'une de mes amies. (...)”

Je passai toute la journée du lendemain à écrire mes lettres d'adieu, et le soir, vers onze heures et demie, je pris mes vêtements d'homme¹. Accompagnée de Louis et d'un de ses amis, nous nous rendîmes sur déport pour nous embarquer. Il semblait que la lune voulût protéger ma fuite: elle se cacha pour empêcher que les personnes qui se trouvaient là ne me reconnussent. Cependant, au sortir du port, il fallut s'arrêter pour donner *le mot d'ordre* ; on apporta de la lumière et je ne savais où me cacher. Enfin, tout en tremblant, j'arrive le long du bord et j'y monte le plus lentement possible. Obligée de passer au milieu des officiers qui se trouvaient sur le pont, quelques-uns demandaient qui j'étais : l'ami qui nous accompagnait assura que j'étais son fils, qui est en effet à peu près de ma taille.

Je fus encore bien agitée toute la nuit. Je me fleurais avoir été reconnue et que l'Amiral commandant, en ayant été instruit, ordonnait qu'on me renvoyait à terre. Le moindre bruit m'effrayait et je continuais à trembler jusqu'à ce que nous fussions hors de la rade.

¹ Vetue en homme, écrit-elle à sa mère : « (...) il a fallu éloigner tout soupçon, couper mes cheveux. L'excellente amie chez qui je suis a voulu se charger elle-même de cette opération ; elle n'a pu l'achever sans verser des larmes, quoique fille et femme de marins distingués. Elle est étonnée et attendrie de ma résolution. Je lui laissai mes cheveux ; elle veut bien se charger d'en faire une chaîne de cou pour vous et des bracelets pour Caroline ».” (Freycinet e Duplomb, 1927, pp. 1-2).

Au cours de son voyage sur l'*Uranie* elle écrivit au jour le jour à son amie Caroline, que nous avons toute raison de croire être la baronne Caroline de Nanteuil, née Barillon, sa cousine, une série de lettres qu'elle lui remit seulement à son retour en France. (Freycinet e Duplomb, 1927, p.12).

[Ao longo de sua viagem no *Uranie*, ela escreveu dia após dia uma série de cartas que ela somente remeteu quando retornou à França, destinadas à sua amiga Caroline, que tudo nos leva a crer se tratar da baronesa Caroline de Nanteuil, nascida Barillon, sua prima.] (Freycinet e Duplomb, 1927, p.12, tradução minha).

De acordo com Rocha e Pereira (2017, p. 1512), as cartas ficaram em posse da família de Caroline de Nanteuil por um longo período:

(...) em 1910, a baronesa de Rotours, neta de Caroline as entrega [as cartas] ao sobrinho de Rose de Freycinet. Este, cedendo aos estudiosos e ansiosos por um complemento de documentação aos oficiais do naufrágio do L'*Uranie*, confia os manuscritos que fazem parte da publicação (Rocha e Pereira, 2017, p. 1512).

Depois do surgimento desses documentos, os herdeiros dos Freycinet julgaram interessante a publicação dos manuscritos. Não antes sem passar por uma “correção”. Essa correção, à época, foi feita pelas mãos de homens: o herdeiro de Rose (seu sobrinho-neto), Henri de Freycinet, Charles Duplomb, encarregado de editar os manuscritos e Charles de Freycinet, político de importância na época. Em 1927 é publicado pela primeira vez o diário de Rose de Freycinet com a curadoria de Charles Duplomb, diretor honorário do Ministério da Marinha francesa.

No prefácio, Duplomb dá o tom do que aquela edição pretendia ao destacar um artigo do jornal *Moniteur Officiel* que descreve a façanha de Madame de Freycinet como “um ato de devoção conjugal”:

Le départ de Mme de Freycinet fut bien vite ébruité par les journaux. Voici en quels termes le *Moniteur Officiel* du 4 octobre 1817 en rendait compte (page 1094):

« Nous avons annoncé le départ de Toulon du capitaine de Freycinet pour son voyage autour du monde sur la corvette l'*Uranie*. Quelques jours après ce départ, on apprit à Toulon que Mme de Freycinet qui avait accompagné son mari jusqu'au lieu de l'embarquement et qui avait disparu ensuite, s'était habillée en homme et avait joint le vaisseau le soir même malgré les ordonnances qui défendent leur embarquement aux femmes dans les vaisseaux de l'État, sans autorisation spéciale. Cet acte de dévouement conjugal mérite d'être connu. » (Duplomb *In*: Freycinet e Duplomb, 1927, p. 10)

[A partida de Madame de Freycinet logo foi divulgada pelos jornais. Este é um trecho do *Moniteur Officiel* de 4 de outubro de 1817 resumindo o caso (página 1094):

« Anunciamos a partida do capitão de Freycinet de Toulon para sua viagem ao redor do mundo na corveta *l'Uranie*. Alguns dias depois da partida, ficou-se sabendo em Toulon que a senhora de Freycinet, que havia acompanhado seu marido até o lugar do embarque e desaparecido em seguida, estava vestida de homem e se juntou à embarcação naquela mesma noite apesar das ordens que impedem que mulheres embarquem em navios do Estado sem autorização especial. Esse ato de devoção conjugal merece ser conhecido».] (Duplomb *In*: Freycinet e Duplomb, 1927, p. 10, tradução minha)

O marido, Louis de Freycinet, também registrou a expedição em um livro de 2 tomos de natureza muito diferente, um registro científico que prestava contas da viagem e das experiências desenvolvidas por ordem do rei e que foi publicado em 1824 (tomo 1) e 1829 (tomo 2)⁸, intitulados *Voyage autour du monde, entrepris par ordre du roi. Exécuté sur les corvettes de S.M. l'Uranie et la Physicienne pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820*⁹. Outro relato pertinente à expedição foi feito por Jacques Arago, desenhista e escritor em *Souvenirs d'un aveugle, Voyage autour du monde par J. Arago, ouvrage enrichi de soixante dessins et de notes scientifiques*. Suas palavras e ilustrações complementam os outros relatos existentes sobre a viagem. Arago ainda visitaria o Brasil em outras ocasiões, mantendo amizade com diretores teatrais do Rio de Janeiro. Ele pretendia se instalar no Brasil de vez em 1855, quando faleceu. De acordo com a Enciclopédia Brasileira Iconográfica "No ano seguinte ao lançamento do livro, em janeiro de 1855, Arago foi expulso da França por motivos políticos e voltou ao Brasil, onde morreu de derrame cerebral, pouco tempo depois de chegar, na casa de seu amigo João Caetano¹⁰." (Brasiliana Iconográfica, 2024).

⁸ De acordo com Babeix e Le Gallo (2005), o objetivo de Louis era determinar a forma do globo terrestre comparando o número de oscilações que um pêndulo de comprimento invariável faria num período de 24 horas em diferentes lugares do mundo, para isso ele partiu com quatro pêndulos invariáveis. Também buscava estudar elementos do magnetismo terrestre e ter noções da meteorologia nas regiões equatoriais: "Pour Louis, le but principal de ce voyage scientifique est triple, il s'agit de déterminer la forme du globe terrestre en comparant le nombre d'oscillations effectuées en 24 heures par un pendule à longueur invariable placé dans différents endroits du monde (Louis part avec quatre pendules invariables), des éléments du magnétisme terrestre et quelques notions de météorologie des régions équinoxiales." (Babeix e Le Gallo, 2005, p.12). Para mais informações, é necessário ler o relato de Louis de Freycinet, *Voyage au tour du monde*, disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k99356f/f1.image.r=louis%20de%20freycinet>.

⁹ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k99356f>. Acesso em: 20 jul. 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/23405/a-vida-agitada-do-desenhista-e-escritor-jacques-arago>. Acesso em: 20 jul. 2024.

Figura 4 - Vue de Notre-Dame de Bon Voyage (Rio de Janeiro), por Jacques Arago, 1825



Fonte: Brasiliana Iconográfica¹¹, 2024.

É interessante destacar que no trabalho dos ilustradores da viagem, por vezes é possível encontrar duas versões de suas ilustrações: um esboço inicial, com a presença de Rose, e o final, apagando-a dos registros oficiais da expedição.

¹¹ Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18134/vue-de-notre-dame-de-bon-voyage-rade-de-rio-de-janeiro>. Acesso em: 20 jul. 2024.

Figura 5 – Rascunho e versão final do registro do acampamento em Shark Bay (com e sem Rose) feitas por Pellion



Fonte: National Library of Australia (2023)

A coleção de cartas originais de Rose de Freycinet hoje estão em posse de bibliotecas da Austrália, bem como o rascunho dos editores do livro de 1927 e outros documentos relativos à expedição do *Uranie*. A coleção interessa aos australianos pois a expedição do *Uranie* foi uma das primeiras francesas a passar por lá, e os relatos foram dos primeiros a descrever o Oeste da Austrália, as ilhas e povos da Polinésia aos europeus e a mapear alguns pontos da Oceania. Há até mesmo uma baía e um parque nacional na Austrália com o nome de Freycinet. Segundo Babeix e Le Gallo, o nome de Rose foi dado a:

(...) uma ilha no arquipélago dos Navegadores [hoje Samoa]; um cabo na baía dos Chiens-Marins [hoje Shark Bay, Austrália]; durante a viagem a Duperrey, uma ponta e uma enseada na costa do cabo Freycinet no norte da ilha de Waigeo¹². (Babeix e Le Gallo, 2005, p. 7; tradução e acréscimos meus).

¹² No original em francês : "(...) une île située à l'est de l'archipel des Navigateurs ; un cap dans la baie des Chiens-Marins (Australie) ; au cours du voyage de Duperrey, une pointe et une anse de la côte du cap Freycinet, au nord de l'île Wagiau." (Babeix e Le Gallo, 2005, p. 7).

Jacques Arago em *Souvenirs d'un aveugle*, relaciona o episódio do batismo da Ilha Rose a uma lição de moral: seu nome agora estava ligado a um rochedo perigoso aos navegantes, assim como era perigoso e desaconselhado que ela estivesse a bordo.

Infelizmente, de que importa para essa mulher corajosa, levada tão jovem de seus amigos e admiradores, que tenham dado seu nome a uma pequena ilha de no máximo uma légua de diâmetro, a um rochedo íngreme cercado por recifes, que descobrimos no meio do Oceano Pacífico?

No entanto, trata-se de um recife perigoso sinalizado aos navegadores. Não será essa, talvez, a moral da viagem da senhora Freycinet? Não é uma lição triste e útil para qualquer viajante ousada que se sinta tentada a seguir os seus passos?

Uma rocha coroada por um pouco de vegetação leva o nome da padroeira de nossa angelical companheira de perigos; essa rocha está sinalizada nos mapas náuticos recentes e completos: chama-se Ile-Rose; cada um de nós a batizou ao passar por ela: que os navegadores a saúdem com respeito!¹³ (Arago, 1868 p. 203, tradução minha).

Arago (1868) também relata que Rose era bondosa com marinheiros insistentes que lhe pediam vinho, que mandava doces aos doentes e de vez em quando os entretinha com acordes de violão, acompanhada pelo capitão, que tinha uma bela voz para cantar.

Após o retorno da viagem, Rose pôde desfrutar de uma certa fama nos salões literários franceses, onde era procurada para contar sua aventura; despertava a curiosidade e a surpresa entre as mulheres que estavam confinadas aos seus papéis de esposas e dificilmente viveriam algo tão impressionante (Babeix e Le Gallo, 2005).

A publicação por Duplomb, apesar de resgatar a história da senhora de Freycinet, foi bastante alterada em relação aos manuscritos, conforme será

¹³ Em francês : “Hélas ! que lui importe, à cette femme courageuse, enlevée si jeune à ses amis et à ses admirateurs, qu'on ait donné son nom à une petite île d'une lieue de diamètre au plus, à un rocher à pic entouré de récifs, que nous avons découvert au milieu de l'océan Pacifique ? Voilà tout, cependant, un écueil dangereux signalé aux navigateurs. N'est-ce pas là aussi, peut-être, la morale du voyage de madame Freycinet? N'est-ce pas un triste et utile enseignement pour toute hardie voyageuse qui serait tentée de suivre ses traces? Un rocher couronné d'un peu de verdure porte le nom de la patronne de notre angélique compagne de périls; ce rocher est signalé sur les cartes nautiques récentes et complètes: il s'appelle Ile-Rose; chacun de nous l'avait baptisé en passant: que les navigateurs le saluent avec respect!” (Arago, 1868, p. 203).

demonstrado em outro momento deste trabalho. No Prefácio, ele destaca que considera errada e informação de que Rose teria participado ativamente dos cálculos e observações astronômicas da viagem, “É um erro, e mesmo possuindo uma educação notável e variada, ela nunca se envolveu no trabalho de seu marido”¹⁴. (Duplomb, 1927, p. 12, tradução minha). Se ele se defende aqui apontando um erro, supõe-se que alguém afirmou que Rose trabalhava intelectualmente também na expedição, mas não há dados suficientes para entender se isso é fato ou não.

Alguns anos depois de ter retornado da viagem, Duplomb registra que a senhora de Freycinet escreveu o seguinte:

Eu tinha que escolher entre minhas afeições e os preconceitos que teria que enfrentar com a certeza de que seria desaprovada por uma grande parte do mundo... Eu escolhi o lado que parecia o mais feliz para mim e meu marido. A vida é muito curta e devemos torná-la bela tanto quanto possível, não me arrependerei jamais da decisão que tomei porque em muitas ocasiões pude aliviar a situação de meu marido. Esses momentos me fizeram esquecer das privações que enfrentei durante esses três anos. Olho para trás com uma verdadeira satisfação, enquanto se eu tivesse agido de forma diferente, talvez não tivesse tido nada além de arrependimentos¹⁵. (Freycinet *In*: Freycinet e Duplomb 1927, p.9, tradução minha).

Vale lembrar que, naquele contexto histórico, o mais comum e o aceitável na sociedade era a mulher ficar em casa, principalmente a mulher burguesa. Não havia para as mais nobres a possibilidade de vida autônoma e liberdade, mudança que viria a acontecer depois das grandes guerras mundiais na Europa e, de forma incipiente, com a primeira onda do feminismo no século XIX. Rose não era nobre de nascimento e, talvez por isso, tenha sido mais ousada do que suas contemporâneas. Ela era filha de Madame Pinon, diretora de uma escola para meninas. Sua irmã era apontada como a filha inteligente, e ambas tiveram acesso à educação e instrução. Rose estava acostumada a trabalhar junto à sua mãe e irmã quando conheceu Louis, e em breve

¹⁴ Ou, no original em francês: “C'est une erreur, et bien que possédant une instruction remarquable et variée elle ne s'immisça jamais dans les travaux de son mari.” (Duplomb, 1927, p. 12).

¹⁵ Em francês: “J'avais à choisir entre mon affection et des préjugés qu'il me fallait braver avec la certitude d'être désapprouvée par une grande partie du monde... J'ai choisi le parti qui me paraissait être le plus heureux pour mon mari et pour moi. La vie est si courte qu'on voudrait l'embellir autant que possible et je ne regretterai jamais le parti que j'ai pris parce que j'ai adouci dans bien des occasions la position de mon mari. Ces moments m'ont fait oublier les privations que j'ai subies pendant ces trois années. Je ne regarde donc en arrière qu'avec une véritable satisfaction, tandis que, si j'eusse agi différemment, peut-être n'eussé-je eu que des regrets”. (Freycinet *In*: Freycinet e Duplomb, 1927, p.9).

eles se casaram, provavelmente contra a vontade da família Freycinet, influente e burguesa (Falkiner, 2022).

Trabalhar com textos da vida privada das mulheres do século XIX também contribui para a sua reinserção nos registros históricos, sendo que a vida privada ficou por muito tempo relegada como um ramo menor da História. Porém, um texto como esse, de caráter colonialista, também requer uma problematização que leve em conta os aspectos sociais que levaram à produção do registro.

Após essa introdução ao contexto do *corpus*, faz-se necessário apresentá-lo de forma mais organizada. Primeiramente, há no mínimo três versões de trabalho para o texto de partida dos diários, sendo a versão de 1927 a versão publicada, editada e consolidada; a segunda é um manuscrito copiado à mão pelo editor Charles Duplomb e com correções anotadas por ele pelos Freycinet herdeiros e, por fim, a digitalização das cartas de Rose de Freycinet manuscritas por ela mesma.

Quadro 1 — Textos de partida dos Diários de Rose de Freycinet

Título	Data de escrita	Data de disponibilização online	Localização
<i>Journal de madame Rose de Saulces de Freycinet: campagne de "l'Uranie" (1817-1820) / d'après le manuscrit original, accompagné de notes par Charles Duplomb.</i>	1927	2009	Gallica BnF - Bibliothèque Nationale de France (França)
<i>Manuscript transcription of the complete version of the journal of Rose de Freycinet, kept during her voyage onboard L'Uranie, 1817-1820, transcribed by Charles Duplomb, with</i>	1925-1927	2011	National Library of Australia (Austrália)

<i>corrections by Baron Charles de Freycinet, Paris, 1925-1927</i>			
<i>Journal particulier de Rose pour Caroline</i>	1817-1820	2013	New South Wales State Library (Austrália)

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tão e até mais importantes do que os textos de partida para este trabalho, as versões traduzidas da obra também constituem o *corpus* a ser criticado.

Quadro 2: Versões traduzidas dos diários de Rose de Freycinet

Título	Data	Língua	Editora/Local	Suporte	Tradutor
Journal of a voyage round the world, 1817-1820 by Rose Marie de Saulces Freycinet: a translation into English by Sir William Dixon	c. 194?	Inglês	N.p./Biblioteca Nacional da Austrália	Manuscrito digitalizado	Sir William Dixon
<i>A woman of courage: the journal of Rose de Freycinet on her voyage around the world 1817-1820</i>	1996 e 2003 (2. ed)	Inglês	Library of Australia, Canberra, Australia	Livro	Marc Serge Rivière
<i>Briefe von der "Uranie": Tagebuch einer Reise um die Welt, geschrieben 1817 bis 1820</i>	2011	Alemão	Verlag der Pioniere, Berlim, Alemanha	Livro	Michael Uszinski (?)
Diário de Viagem ao Redor do Mundo	2013	Português brasileiro	Mulheres, Florianópolis, Brasil	Livro	Rosa Alice Mosimann
Rose de Freycinet: Una viaggiatrice clandestina a bordo dell' <i>Uranie</i>	2017	Italiano	Il Frangente, Verona, Itália	Livro	Federico Motta

negli anni 1817-20					
--------------------	--	--	--	--	--

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Escolher um *corpus* que pertence à história da vida privada, sejam cartas, diários, ou livros, pode parecer de menor importância, mas muitas vezes é onde se encontra a possibilidade de adentrar, ainda que superficialmente, nos feitos das mulheres que foram sufocados pela produção oficial do discurso histórico.

Em *A História da vida privada*, Michelle Perrot destaca como a vida privada foi por muito tempo ignorada na construção da história oficial por conta de um certo “respeito” a um sistema de valores que não valorizava o íntimo:

À soleira do privado, o historiador — qual um burguês vitoriano — hesitou durante muito tempo, por pudor, incompetência e respeito pelo sistema de valores que fazia do homem público o herói e o ator da única história que merece ser contada: a grande história dos Estados, das economias e das sociedades.

Para que ele finalmente entrasse, foi preciso que, por uma inversão da ordem das coisas, o privado deixasse de ser uma zona maldita, proibida e obscura: o local de nossas delícias e servidões, de nossos conflitos e sonhos; o centro, talvez provisório, de nossa vida, enfim reconhecido, visitado e legitimado. O privado: uma experiência de nosso tempo. (Perrot, 2006, p. 9)

De acordo com Perrot (2006), as fontes mais diretas de pesquisa sobre a vida privada estão, muitas vezes, nas mãos de famílias, coleções e arquivos particulares e dependem, em boa parte, da sorte para serem encontradas, preservadas e valorizadas. Muitas vezes, o que acaba atravessando os anos em bom estado só resiste por conta da condição financeira e social dos donos dos registros, em grande parte burgueses que valorizaram e se interessaram pela memória de seus antepassados e pela construção de uma imagem pública e reputação. Portanto, essas fontes de pesquisa, ainda que ricas, também devem ser observadas com um certo nível de desconfiança, pois muitas vezes são arquitetadas ou editadas com o propósito tanto de revelar quanto de ocultar. Percebe-se que os diários de Rose de Freycinet se inserem perfeitamente neste contexto: foram preservados em arquivos de uma família nobre, editados pelo interesse de fazer boa propaganda dos feitos dos seus antepassados e, posteriormente, tratados de forma mais independente.

No século XIX, os registros privados e essas noções se refinaram, ou, nas palavras de Perrot:

As fontes mais ricas e diretas — os arquivos privados — são, porém, socialmente assimétricas e de acesso aleatório. Seu estado de conservação é tão aleatório quanto as possibilidades de consulta. É necessário que haja um abrigo estável, uma devoção filial interessada em preservar a memória, uma notoriedade que transforme os papéis em relíquias, ou a curiosidade de descendentes que gostem de história ou genealogia. A conjuntura atual tende a revalorizar esses restos. As correspondências familiares e a literatura “pessoal” (diários íntimos, autobiografias, memórias), embora sejam testemunhos insubstituíveis, nem por isso constituem os documentos “verdadeiros” do privado. Elas obedecem a regras de boas maneiras e de apresentação de uma imagem pessoal que regem a natureza de sua comunicação e o estatuto de sua ficção. Não há nada menos espontâneo do que uma carta; nada menos transparente do que uma autobiografia, feita para ocultar tanto quanto para revelar. Mas essas sutis manipulações do esconder/mostrar nos levam, pelo menos, à entrada da fortaleza.

O século XIX, assim, esboçaria uma idade de ouro do privado, onde as palavras e as coisas se precisam e as noções se refinam. Entre a sociedade civil, o privado, o íntimo e o individual traçam-se círculos idealmente concêntricos e efetivamente entrecruzados (Perrot, 2006, p. 11).

O livro de Rose de Freycinet constitui um objeto de pesquisa bastante rico sob diversos prismas. Sua circulação recente levanta a questão dos motivos que levaram uma obra colonialista francesa do século XIX a ser traduzida para diversas línguas no século XXI. A diferença dos textos de partida utilizados por cada tradução e também do perfil dos tradutores e das editoras permite traçar um trajeto analítico das publicações. Os paratextos e epitextos relativos à expedição do *Uranie* e às traduções dos diários de Rose fornecem pistas para compreender melhor as decisões editoriais e tradutórias de cada edição da obra e também para entender se os tradutores deram conta ou se interessaram pelo seu contexto.

2 REFERENCIAL METODOLÓGICO: SOCIOLOGIA DA TRADUÇÃO

Considerando as perguntas que o *corpus* desta tese suscitou, é possível estabelecer que o referencial metodológico adotado deve estar situado dentro do campo da Sociologia da Tradução.

Martins e Araújo (2018) demonstram que o campo da Sociologia da tradução iniciou com as reflexões de James Holmes apresentadas 3º Congresso Internacional de Linguística Aplicada, realizado na cidade de Copenhagen, em agosto de 1972. Na ocasião, Holmes alertou para a pertinência do enfoque de estudos na área da Tradução que não se referiam somente ao âmbito textual/gramatical. Em seguida, Martins e Araújo (2018) apontam para a teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar, divulgada em 1975 como um modelo teórico em que a cultura é concebida como um sistema macro, contendo a literatura. Nesse sistema, a literatura traduzida forma um subsistema que compreende obras e autores pertencentes a outras culturas, importados via tradução.

Quanto Even-Zohar foca na macroestrutura do Polissistema cultural, Gideon Toury, também da Escola de Tel-Aviv, consolidou o aspecto metodológico e empírico da disciplina. Embora parta das premissas de Even-Zohar, Toury gera uma tensão teórica ao radicalizar a orientação para a cultura de chegada (*target-oriented*), priorizando a análise das normas internas do sistema receptor em detrimento das relações intersistêmicas globais.

Seguindo Toury, os teóricos da *Manipulation school* e adeptos da “virada cultural” na tradução desenvolveram seus aspectos teóricos sobre a tradução, dentre os quais se destacam André Lefevere e Susan Bassnett.

Embora o termo “virada cultural” tenha sido cunhado oficialmente por Bassnett e Lefevere em 1990, o teórico José Lambert foi um dos arquitetos da infraestrutura metodológica que permitiu essa mudança ao longo das décadas de 1970 e 1980, como parte do grupo conhecido como a “Escola da Manipulação”. A contribuição fundamental de Lambert para a virada cultural reside na desconstrução da noção normativa de equivalência. Em consonância com a Manipulation School, Lambert argumenta que a tradução não é uma operação estática entre línguas, mas um ato de manipulação textual que ocorre dentro de um contexto sociocultural específico.

Segundo Theo Hermans, historiador desse movimento:

"A abordagem descritiva, sistêmica e orientada para o alvo [...] surgiu como uma reação contra as teorias linguísticas prescritivas que viam a tradução primariamente como uma busca por equivalência. Lambert, juntamente com Toury e Lefevere, deslocou o foco para a função das traduções na cultura receptora" (Hermans, 1999, p. 32).

Cronologicamente, pode-se situar como sucessores aos estudos sociológicos da tradução Theo Hermans, Jean-Marc Gouanvic, Michaela Wolf, Hélène Buzelin, Anthony Pym, Daniel Simeoni, Andrew Chesterman, Pascale Casanova, Johan Heilbron e Gisèle Sapiro.

De acordo com Rajkumar Eligedi (2021), a “virada cultural” nos Estudos da Tradução nos anos 1980 emancipou a disciplina de abordagens estritamente linguísticas, e um movimento na direção mais descritiva trouxe o “estudo do contexto e dos aspectos socioculturais da tradução, bem como o lugar e a função da tradução na cultura de destino¹⁶” (p. 17). Ainda segundo Eligedi (2021), o surgimento de abordagens feministas nos Estudos da Tradução em 1990 (como em Simon, 1996 e von Flotow, 1997) proporcionou a abordagem das questões de gênero como uma área interdisciplinar, aprofundando a dimensão sociopolítica da área.

Araújo e Martins (2018) situam que a partir dos anos 2000 é possível falar de uma virada sociológica nos Estudos da Tradução, na qual, segundo Michaela Wolf (2014), desenvolveu-se um “olhar sociológico sobre as diversas agentividades e agentes envolvidos em qualquer procedimento tradutório, e mais especificamente sobre os fatores textuais que operam no processo da tradução” (p. 129).

Para fundamentar a análise da tradução como um fenômeno social complexo, pode-se recorrer à revisão proposta por Araújo de Franco e Martins (2021). As autoras demonstram como a incorporação de teóricos como Pierre Bourdieu, Bruno Latour e Niklas Luhmann permitiu aos Estudos da Tradução ultrapassarem a barreira textual, compreendendo a tradução como uma prática social regida por redes de poder, agência e *habitus*. No entanto, ao deslocar esse olhar sociológico para o contexto africano, a teoria ganha novas camadas de urgência e aplicabilidade.

¹⁶ Em inglês: "study of the context and the sociocultural aspects of translation as well as the place and function of the translation within the target culture to prominence" (Eligedi, 2021, p. 17)

Nesse sentido, Sambou, Ferreira e Gorovitz (2021) expandem o conceito de agência tradutória para o âmbito da cidadania. Ao analisarem a tradução comunitária no Senegal, os autores argumentam que, em contextos multilíngues pós-coloniais, a tradução deixa de ser apenas uma operação interlinguística para se tornar uma ferramenta de acesso a direitos fundamentais. A didática da tradução voltada para línguas locais, defendida pelos autores, revela-se um instrumento político de inclusão social, reconfigurando o papel do tradutor como um mediador vital para a comunidade.

Complementarmente, essa tensão entre a língua oficial e as identidades locais é explorada na esfera literária por Nogueira de Castro (2010). Ao analisar a obra de Mia Couto, a autora ilustra como a sociologia da tradução pode observar os processos de hibridismo cultural. A “tradução interna” operada por Couto, que enxerta a oralidade e os valores bantu na norma culta portuguesa, exemplifica como a tradução atua na construção de uma linguagem africanizada, desafiando as normas do centro do sistema literário e reafirmando a identidade periférica.

Pascale Casanova, em *A República Mundial das Letras*, oferece uma perspectiva globalizada dentro da sociologia da tradução literária, que muito conversa com este *corpus* que dá a volta ao mundo. Ela examina como a literatura é traduzida e circula globalmente, considerando as relações de poder entre diferentes línguas e culturas. A autora argumenta que a literatura não é apenas uma expressão artística, mas também um campo de batalha onde escritores e tradutores lutam por reconhecimento e influência. A tradução literária, nesse contexto, é uma forma de diplomacia cultural, com implicações profundas para a literatura mundial. Casanova destaca como a tradução pode elevar ou marginalizar autores e obras, moldando a dinâmica literária em escala global.

Dessa forma, aliando diferentes aspectos sociológicos associados aos Estudos da Tradução, este trabalho pretende elaborar uma crítica de tradução que dê conta de situar as obras em seus mercados literários, entendendo a dinâmica de cada uma das publicações dentro de seu espaço sociológico.

Se formos situá-los dentro do contexto acadêmico, os Estudos da Tradução, em si, começaram a ser teorizados como campo de estudo a partir de uma perspectiva norte-europeia e ocidental. Daí, se espalharam pelo mundo nos séculos XVIII e XIX. Anthony Pym ressalta que “(...) este conceito de tradução, que começou a ser

dominante na cultura impressa europeia há cerca de quinhentos anos, circulou pelo mundo com a difusão da modernidade nos finais do século XVIII e no século XIX ¹⁷. (2023, p. 5, tradução minha).

Em seu mesmo livro, Pym reconhece que há teorizações sobre tradução mais antigas em outras partes do mundo, mas não as considera como textos fundadores. Ele também aponta que o pesquisador ocidental carrega uma “culpa herdada” sobre os efeitos da colonização, inclusive acadêmica, mas que seus efeitos não foram de todo ruins, conforme podemos observar:

Em suma, penso que é mais honesto admitir que o tipo de teoria da tradução abordado neste livro não teve início na China, que a sua modernidade tem sido parte integrante da história colonial e imperial e que sempre existiram teorizações alternativas. A culpa herdada pelo investigador ocidental deve ser expressa, mas não deveria levar a afirmar que a história foi outra: a disseminação da forma de tradução ocidental é difícil de negar. E os efeitos podem não ser de todo mal¹⁸ (Pym, 2023, p. 6, tradução minha).

Conforme Pym (2023), é difícil negar que a base fundadora dos Estudos da Tradução tem seu pilar em uma forma de organizar conhecimento que foi estabelecida na Europa Ocidental.

Devido a esse fato, penso que é importante que eu me posicione aqui como uma pesquisadora ocidental e brasileira. Isso significa que parto de uma tradição de pesquisa que tem como base o conhecimento desenvolvido na Europa, mas com a possibilidade de fazer uma leitura desse conhecimento com um olhar estrangeiro e, possivelmente, divergente em alguns aspectos. O ocidente ao qual pertenço (o contexto brasileiro) é um “extremo ocidente”, o ocidente periférico, que não está no centro da produção de saberes. Como afirma o ensaísta e tradutor mexicano Octavio Paz, mesmo que tentemos nos manter no ritmo do ocidente, estamos em descompasso por estarmos em “um extremo do Ocidente – um extremo excêntrico, pobre e dissonante” (Paz, 1980, p. 3)

¹⁷ No original em inglês: “(...) this translation concept that started to become dominant in European print culture about five hundred years ago, moved around the world with the spread of modernity in the late-eighteenth and nineteenth centuries” (Pym, 2023, p. 5).

¹⁸ Em inglês: “In sum, I think it is more honest to admit that the kind of translation theory dealt with in this book did not start in China, that its modernity has been part and parcel of colonial and imperial history, and that alternative theorizations have always existed. The inherited guilt of the Western researcher must be expressed but it should not lead to claims that history was otherwise: the dissemination of the Western translation form is hard to deny. And the effects may not all be bad” (Pym, 2023, p.6).

O pesquisador de Estudos da Tradução que vem de países que foram colonizados possivelmente tem uma relação diferente com a tradução e sua teorização. A culpa do pesquisador ocidental à qual Pym se refere se produz em mim de forma um pouco inversa. Apesar de também desconhecer as teorias do oriente, a culpa maior se dá por estar lidando com textos com carga fortemente colonizadora, como é o caso dos diários de Freycinet. Questiono-me: por que lidar com um texto de viés tão colonialista como os diários de Freycinet se eu venho de um lugar colonizado? Qual a forma correta de fazê-lo?

A complexidade da situação forma um caldo interessante que muito conversa com a globalização que vivemos hoje em dia. Escrevo em português, a língua do colonizador do Brasil, mas em um uso da língua que é particular do Brasil, que dificilmente seria o mais aceitável gramaticalmente em Portugal. Faço essa pesquisa sob a tutela de duas instituições: uma brasileira e uma belga. Trabalho com um texto imperialista, oriundo de uma expedição colonialista, mas que foi escrito por uma mulher, que raramente teria direito de estar nessa expedição e teve sua voz editada e mediada. Penso que a raridade que levou à produção do texto de Freycinet conversa com a complexidade da minha posição enquanto pesquisadora. Reflete também a complexidade das sociedades e de suas literaturas, pois o que é aceitável e considerado como melhor prática ou mais correto se transforma de acordo com o tempo e a geografia em questão.

Trabalhar com tradução não é algo que se produz sem tensão. O contato entre línguas nunca é perfeito e suave, e as visões de mundo sob as quais elas se organizam são diferentes, se tensionam. As diferentes versões de uma mesma obra existem em diversas línguas sob contextos e apresentações distintas, portanto, sob diferentes aspectos culturais e sociológicos.

Tratar de textos colonizadores e da visão de mundo que perpetravam no século XIX também produz uma tensão no leitor e no pesquisador que se formou num país colonizado. É da exotização produzida nessa época que provêm muitos dos estereótipos que ainda podem ser encontrados no imaginário sobre o Brasil e a América Latina. O mesmo se aplica a alguns destinos da expedição do *Uranie*, como a Polinésia, ou a momentos em que a autora se refere a populações negras e originárias de uma forma que hoje é considerada problemática.

Atualmente a relação Europa-América Latina compartilha o interesse em refletir e reconhecer os processos históricos de uma época do passado colonialista para entendermos a organização social e da literatura atual. Quando acrescentamos a focalização do gênero aos textos do século XIX, concentrando a análise nos escritos femininos, há uma tentativa também de recuperar um discurso que foi excluído dos processos de historicização, mesmo que esse discurso carregue em si aspectos problemáticos que não devem ser ignorados.

Miriam Lifchitz Moreira Leite em seu *Livros de Viagem 1803 – 1900* (1997) ressalta que, ao tentar mapear as viajantes estrangeiras que produziram relatos sobre o Brasil nesse período, esperava encontrar uma visão de mundo menos colonialista no ponto de vista das mulheres, mas que não foi o caso.

Os relatos, produzidos pelas mulheres apresentam alguns aspectos que os unem, conforme Leite:

A principal semelhança entre os livros das mulheres viajantes é a grande capacidade de observação, que ultrapassa as diferentes circunstâncias singulares e as diferentes situações pessoais e políticas que enfrentaram, através do século XIX". (...)

Os livros destas mulheres viajantes foram escritos sob as formas de correspondência à família ou amigos, de diários ou ainda como narrativas breves. Nunca chegaram a ter o volume dos viajantes, com cinco e até mais volumes, principalmente nos casos das viagens de circunavegação. A maioria delas não tinha a intenção de ser publicada. A publicação foi feita por descendentes, após a morte da autora. (Leite, 2000, pp. 132-133)

A relevância e o reconhecimento que se dá a esses relatos, no entanto, são ambíguos:

O « relato de viagem » não é um gênero de estatuto reconhecido e a escrita feminina não goza da mesma visibilidade nem do mesmo prestígio que a pluma masculina. Os testemunhos de mulheres se concentram na correspondência privada, nas cartas, cadernos de apontamentos e diários cuja publicação pode ser tardia ou retocada; às vezes anônima ou reservada a um círculo. A publicação pode responder a um interesse pontual por um fato social, mundano, histórico ou se ver enquadrada por uma voz masculina. (Santos, 2009).

Essa posição frágil em que se encontram o relato de viagem e a escrita feminina dentro do que é “reconhecido” e admitido como algo que “vale a pena ser estudado” requer que analisemos a história do surgimento de cada texto feminino. Que motivos levaram esses textos a serem excluídos? Sob que mãos ele foi editado e apresentado ao público?

Em contraste, o texto relativo a períodos colonialistas goza de *status* contrário ao do texto feminino: em geral está bastante disponibilizado em bases de dados, bibliotecas, está organizado, catalogado e preparado para ser processado como objeto de pesquisa. Muito porque esse gênero textual teve grande papel em construir o imaginário sobre as colônias, conforme destaca Mary Louise Pratt em *Imperial Eyes* (2008).

Valendo-me desse *status* de relevância dos textos colonialistas e do apagamento dos registros femininos na historicização, entendo que o *corpus* tenso e complexo que se origina dos diários de Freycinet muito dialoga com os Estudos da Tradução, sempre também equilibrando-se nas tensões produzidas pelo contato com o outro, com as posições das literaturas na política cultural internacional e com os processos que levaram o mundo a ser como é hoje. Dialoga também com a tensão entre processos de edição e tradução, o que possibilita refletir sobre o relacionamento dos diferentes agentes do processo de feitura de um livro sob a luz da crítica literária e de tradução.

De acordo com Roberto Schwarz em seu texto “Nacional por subtração”, brasileiros e latino-americanos geralmente se identificam com um mal-estar que provém da “(...) experiência do caráter postiço, inautêntico, imitado da vida cultural que levamos.” (1987). Ele dá exemplos desse sentimento que vão da inadequação da figura do Papai Noel trajado de roupas pesadas em um verão de 40 graus, da presença da guitarra elétrica no país do samba até a imagem que o regime militar de 1964 tentava construir de que a democracia não seria adequada ao Brasil etc. Em comum, todos esses exemplos, segundo Schwarz, “(...) comportam o sentimento da contradição entre a realidade nacional e o prestígio ideológico dos países que nos servem de modelo.” (1987, p. 1).

Essa posição de “cópia” que o colonialismo impôs à América Latina é tanto uma fonte de potência criadora quanto de desconforto. E se relaciona diretamente com o aspecto dúbio que muitas vezes é associado à tradução. A tradução para muitos é “cópia”, portanto secundária ao “original”. Para outros, é um estágio da vida de um texto em sua vida e existência como um todo, uma parte de um todo, uma nova criação refletida sobre uma base pré-existente. Schwarz ressalta que:

Conforme sugere o lugar-comum, a cópia é secundária em relação ao original, depende dele, vale menos etc. Esta perspectiva coloca um sinal de

menos diante do conjunto dos esforços culturais do continente [latino-americano] e está na base do mal-estar intelectual que é nosso assunto. (Schwarz, 1987, pp. 5-6).

O mesmo foi dito, muitas vezes sobre a tradução, como se ocupasse uma posição secundária, preocupando-se em produzir um texto que gera mal-estar necessário em relação ao texto de partida.

Uma das respostas criativas a essa posição de cópia determinada por Schwarz foi dada pelo Antropofagismo do Modernismo brasileiro, nas primeiras décadas do século XX. “Em lugar de embasbacamento, Oswald [de Andrade] propunha uma postura cultural irreverente e sem sentimento de inferioridade, metaforizada na deglutição do alheio: cópia sim, mas regeneradora” (pp. 7-8). Schwarz ainda ressalta que apesar da originalidade, o Antropofagismo se provou inocente com a prova do tempo: “A distância no tempo torna visível a parte de ingenuidade e ufanismo nestas propostas extraordinárias.” (Schwarz, 1987, p. 8).

Porém, tanto situar a tradução como uma cópia do original quanto situar a vida cultural de países colonizados como secundárias e subsidiárias não dá conta da força criativa que ambas apresentam. Segundo Schwarz, “A idéia de cópia discutida aqui opõe o nacional ao estrangeiro e o original ao imitado, oposições que são irreais e não permitem ver a parte do estrangeiro no próprio, a parte do imitado no original, e também a parte original no imitado” (1987, p. 16).

Assim como há troca entre textos de partida e traduções, há troca entre colônia e colonizado, um produz o outro, suas histórias se misturam e coexistem. Na literatura de viagem se observa o mesmo: o viajante afeta e é afetado pelos lugares onde passa. Segundo Antoine Berman, “a essência da tradução é ser abertura, diálogo, miscigenação, descentramento. Ela é o pôr em relação, ou não é *nada*” (1984, p. 16). O olhar e a consciência do todo das relações são relevantes, ainda que tenhamos tendência a querer categorizar e separar realidades que não se separam no mundo real. De fato, para estudarmos o todo, tentamos dividi-lo em partes para explicá-lo.

Schwarz ressalta em uma entrevista de 1987 republicada em *Seja como for* que:

Todo autor que se preza, quando pega a caneta, quer indicar entre outras coisas a hora histórica. Isso vale tanto para o ficcionista, como para o poeta, como para o crítico. A luta pela identificação e pela definição do que seja o atual está no centro da arte moderna. Acontece que a hora histórica não é

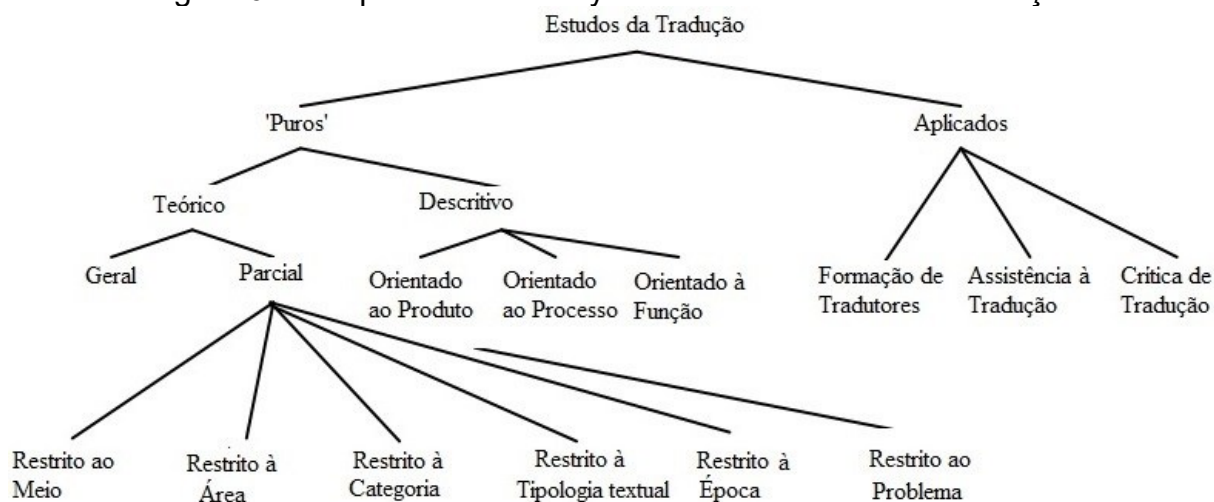
convencional como a hora do relógio. Nem por isso ela é arbitrária. Mas é fato que a resposta, por mais estudada e fundamentada que seja, sempre contém algo de engajamento, algo de aposta no futuro, sem o que a crítica de arte é anódina (Schwarz, 2019, p.48).

Minha tarefa aqui é produzir uma crítica de tradução apoiada em uma interpretação sociológica que só é possível fazer na minha hora histórica, este agora que compreende 2021-2025 e que conversa com o que Berman propõe.

2.1 Crítica de tradução: uma revisão de literatura

A Crítica de Tradução foi posicionada no mapa Holmes-Toury da área dos Estudos da Tradução — elaborado por Gideon Toury com base em Holmes (1972) — como fazendo parte dos Estudos Aplicados da Tradução.

Figura 6 — Mapa Holmes-Toury da área de Estudos da Tradução



Fonte: Gideon Toury, *Descriptive Translation Studies – And Beyond* (1995) citado por Anthony Pym em seu livro *Exploring Translations Studies* (2010), capítulo 5 (traduzido por Eduardo César Godarth, Yéo N'gana e Bernardo Sant'Anna em Cad. Trad. vol.36 no.3 Florianópolis Sept. /Dec. 2016¹⁹).

Definir crítica de tradução é menos óbvio do que possa parecer. Os limites entre a crítica de tradução e a crítica literária muitas vezes se fundem e ao mesmo tempo se afastam.

¹⁹ Disponível em: Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-79682016000300214.

A crítica literária frequentemente ignora o aspecto da tradução como fonte de algo relevante para a composição do texto. Como afirma Hewson em *An Approach to Translation Criticism: Emma and Madame Bovary in translation*, de 2011, "A indiferença é a saída mais fácil, um tipo de atitude ou decisão pragmática que permite ao leitor ou ao crítico literário aceitar o texto (traduzido) sem se preocupar com a maneira como ele inevitavelmente difere de sua fonte²⁰." (Hewson, 2011, p. 1, tradução minha).

Isabelle Vanderschelden comenta em seu artigo sobre a recepção de literatura traduzida na França que "Uma resenha que não menciona a tradução promove a naturalização da literatura estrangeira e seu status transparente na cultura de destino²¹" (Vanderschelden, 2000, p. 288, tradução minha).

No mesmo artigo, ela comenta que a maioria das revistas que publicaram críticas literárias nos anos 1990 na França não comentaram sobre a tradução, e que observou isso mesmo em revistas especializadas como "Lire" e "Le Magazine littéraire" (Vanderschelden, 2000).

Os editores também costumam tratar da tradução como algo a ser mascarado nos livros que colocam à venda sob o argumento de que uma tradução que se deixa perceber como tal pode não ser bem recebida pelo público. Como afirma Hewson, para os editores e o público, é mais cômodo lidar com a obra em questão como se não se tratasse de uma tradução:

As editoras geralmente reduzem ou anulam o papel do tradutor (um romance traduzido é comercializado como se tivesse sido escrito apenas por seu autor (original) e, muitas vezes, o nome do tradutor nem aparece na capa) e, para o público em geral, a tradução é, na melhor das hipóteses, não problemática e, portanto, simplesmente não é uma questão.²² (Hewson, 2011, p.1, tradução minha).

Os editores podem ser encarados como os primeiros leitores da versão em língua-alvo, quando estiverem editando uma tradução, e os primeiros leitores do

²⁰ Em inglês: "Indifference is the easy way out, a kind of pragmatic attitude or decision that allows the reader or the literary critic to take the (translated) text at face value without worrying about the way it inevitably differs from its source." (Hewson, 2011, p. 1).

²¹ Em inglês: "A review that does not mention the translation promotes the naturalization of foreign literature and its transparent status in the target culture" (Vanderschelden, 2000, p. 288).

²² Em inglês: "Publishers consistently reduce or nullify the translator's role (a novel in translation is marketed as if it had been written by its (original) author alone and often the translator's name does not even appear on the front cover), and, for the general public, translation is at best unproblematic and thus simply not an issue" (Hewson, 2011, p. 1)

original, quando se tratar de um livro na língua-fonte. Seu papel, porém, tende a ser subestimado pelas críticas tanto literárias quanto de tradução. Isso se dá muito porque esse é um processo privado, nos bastidores da vida do livro, e que muitas vezes não precisa ser justificado, apenas fundamentado na percepção do editor, seja ela artística, profissional ou mercadológica.

De acordo com Vanderschelden (2000), “A avaliação da tradução, e as estratégias de tradução, incluem sempre pressupostos sobre o que o leitor quer ou precisa”²³ (p. 279, tradução minha). Para ela, o editor está em posição privilegiada para tomar decisões que impactam a recepção do livro na cultura em questão:

Enquanto iniciador da tradução, o editor está bem colocado para tomar certas decisões destinadas a melhorar a recepção do livro na cultura de chegada. Estas decisões são de caráter comercial e incluem questões de acessibilidade, viabilidade, concepção e produção. Mas se faz parte da função de um editor ter uma palavra a dizer num projeto de tradução, adotar uma posição relativamente às estratégias de tradução ou emitir um juízo sobre a qualidade de um texto traduzido é outra questão.²⁴ (Vanderschelden, 2000, p. 279, tradução minha).

Parece, portanto, difícil ignorar o papel do editor dentro de uma crítica de tradução. O foco excessivo que se dá ao produto finalizado e em criticá-lo apenas dentro da sua cultura-alvo, julgando se é bem escrito ou não, faz com que se negligencie a crítica de todo o processo, incluindo aí a tradução e a edição.

Por vezes, a crítica de tradução também se confunde com o conceito de Translation Quality Assessment (TQA), limitando-a ao papel de avaliar se uma tradução tem qualidade ou não sob o ponto de vista estrutural.

A primeira sistematização de um modelo de Translation Quality Assessment foi elaborada por Katharina Reiß (ou Reiss) em *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik* (1971) traduzido para o inglês em 2000 como *Translation Criticism-Potentials and Limitations: Categories and Criteria for Translation Quality Assessment*, por Errol Rhodes. O modelo de Reiß parte da determinação no texto fonte da tipologia textual ou categoria literária; componentes ou categorias linguísticas e determinantes

²³ Em inglês: “Translation evaluation, and translation strategies for that matter, always include assumptions about what the reader wants or needs”

²⁴ No original em inglês: “As the initiator of the translation, the publisher is well-placed to make certain decisions intended to improve the reception of the book in the target culture. These are of a commercial nature and include questions of accessibility, viability, design and production. But whether it is part of a publisher’s function to have a say in a translation project, to adopt a position concerning translation strategies, or to pass a judgement on the quality of a translated text is another matter” (Vanderschelden, 2000, p. 279).

extralinguísticas. Hewson (2011) afirma que o modelo de Reiß foi considerado problemático por focar demais no conceito de equivalência, o que seria insuficiente para textos mais poéticos ou literários. Seis anos mais tarde, Juliane House publicou *A Model for Translation Quality Assessment* (1977), também criticado por ser um modelo muito focado em aspectos linguísticos e funcionais, semânticos e pragmáticos, mas que despreza o potencial interpretativo da análise de uma tradução por dar grande importância à equivalência.

Outros conceitos que se confundem são análise, avaliação e crítica de tradução. Conforme Hewson (2011), a análise de tradução está mais focada em explicar a relação entre o texto-meta e o texto-fonte, mas sem emitir juízo de valor. A avaliação, por outro lado, estaria mais preocupada em julgar se uma tradução é boa ou ruim, mas geralmente focando em seus aspectos negativos.

A crítica de tradução pode ser definida de diferentes formas. Para Hewson (2011), é o ato interpretativo no qual a fundamentação para o juízo de valor é explicitamente exposta. Para McAlester (1999), ela avalia se uma tradução é adequada, o que implica juízo de valor, embora isso não precise ser quantificado ou explicitado. Maier, na enciclopédia editada por Baker e Saldanha (2019), define a crítica de tradução como descrição que envolve originais e textos traduzidos, em diferentes níveis de comparação, buscando responder questões diversas ou documentar a possibilidade de uma ou mais traduções competentes. Para Berman (1995), é uma análise rigorosa de uma tradução, seus traços fundamentais, do projeto que a originou, do horizonte no qual surgiu, da posição do tradutor, revela a verdade de uma tradução.

Yang e Fu (2022) defendem que a crítica de tradução é a avaliação de um trabalho traduzido seguindo determinados princípios da tradução e determinados métodos sob determinadas condições sociais. Deve evitar arbitrariedade e cegueira, dar fim ao criticismo desenfreado e aos comentários rasos. Deve observar e analisar o processo de tradução e seus resultados de maneira objetiva, compreensiva, sistemática e histórica levando em conta determinadas teorias, e ser o mais objetiva, científica e justa quanto possível.

Hewson (2011) ainda define que o crítico de tradução se encontra em uma posição de poder reler as escolhas tradutórias feitas no texto-meta, sendo capaz de

examinar as escolhas e renúncias feitas pelo tradutor em sua tradução, relacionando-as ao texto-fonte e à interpretação do texto feita pelo tradutor.

A crítica de tradução é avaliativa, na medida em que, ao explorar o potencial interpretativo de uma tradução, analisa os graus de semelhança ou de divergência em relação ao potencial interpretativo percebido no texto de partida. A crítica envolve um ato consciente empreendido pelo crítico de tradução, que ocupa uma posição única que vai para além da do tradutor enquanto leitor-escritor (Hewson, 1995): o crítico envolve-se numa releitura da tradução.²⁵ (Hewson, 2011, p. 7, tradução minha).

A crítica de tradução tem potencial para mostrar como uma obra existe no mundo em diferentes formas, desde que não fique presa ao binômio original-tradução. As diferentes traduções existentes de uma mesma obra podem não ter como base o mesmo texto. O conjunto de textos de partida e traduções compõe uma espécie de supratexto, um conjunto de textos e interpretações pré-existentes, que precede novas traduções e que está presente a cada nova versão que surge.

A ideia de supratexto vem de um artigo publicado pelo professor Walter Carlos Costa, no qual ele analisa a relação do escritor argentino Jorge Luís Borges com a tradução. Costa afirma que “De maneira muito original, Borges considera o corpus de textos traduzidos não inferior, mas até superior, a seus prestigiosos originais (...)” (Costa, 2005, p. 163).

O que Borges fez para a escrita de seus livros, lendo versões de uma mesma obra em várias línguas diferentes, mesmo naquelas que ele não dominava, permitiu com que alcançasse um texto maior que o original, um texto que mostra um pouco mais da vida toda da obra:

Enquanto muitos escritores modernos provavelmente não leram sequer uma versão desses livros, Borges leu atentamente várias versões deles em inglês, francês e alemão. Através dessas várias reescritas ele chega a uma espécie de supratexto dessas obras e pode imaginar as variantes possíveis, inclusive as variantes virtualmente produzidas por um leitor (ou ouvinte) grego de Homero ou de língua árabe do texto das Mil e uma noites. (Costa, 2005, p. 171).

Essa espécie de antropofagia borgiana, na qual “Através da leitura incessante de múltiplas traduções é criada uma instância transcendente, da qual o original passa

²⁵ Em inglês: Translation criticism is evaluative, in that as it explores a translation's interpretative potential, it looks at degrees of similarity to or divergence from the source text's perceived interpretative potential. Criticism involves a conscious act undertaken by the translation critic, who occupies a unique position that goes beyond that of the translator-as-reader-rewriter (Hewson, 1995): the critic engages in a rereading of translational. (Hewson, 2011, p. 7)

a ser apenas uma versão, embora a primeira do processo” (Costa, 2005, p. 171), expande o universo do original para que ele se torne mais do que a primeira versão registrada de uma obra.

Esse supratexto é composto pelo(s) texto-fonte(s), suas versões, traduções, seus epitextos e paratextos. A palavra, depois de publicada, se expande, muitas vezes de forma imensurável. Para dar um exemplo um tanto amplo, não seria possível categorizar e criticar a Bíblia em todas as suas traduções e nem mesmo no seu original. Mas o texto “Bíblia” foi estabelecido de uma forma cheia de particularidades que permite reconhecê-lo como tal. Nas particularidades das versões do texto, nesse caso, a Bíblia, reside o trabalho de criticar e analisar seus diferentes aspectos, inclusive tradutórios. Existe um supratexto imaginário que é inalcançável, mas que deixa vestígios, até mesmo aqueles que já estão tão implícitos que são imperceptíveis.

Mas, nem todos os textos são a Bíblia, com infinitas traduções. Os textos que não se tornaram clássicos, particularmente, gozam de uma vida muito mais simples e que podemos julgar mais alcançável em sua totalidade textual.

Quando se despreza a ideia de um único original e passa-se a considerar todas as versões pré-existentes, inclusive as traduções, como parte de um grande “original expandido”, pode-se captar melhor o papel da tradução como o de reescrita e reinterpretação.

De acordo com Hewson, a crítica de tradução deve dar enfoque ao potencial interpretativo de uma tradução. Ele define que “A crítica de tradução tenta delimitar o potencial interpretativo de uma tradução dentro de um quadro interpretativo cuja origem está no texto de partida²⁶” (Hewson, 2011, p. 6, tradução minha). Ainda muito dependente do texto-fonte, essa definição de Hewson destaca a necessidade de um “framework”, ou um método para análise.

É verdade que cada tradução é elaborada a partir de um texto considerado “o original” ou “o texto-fonte”. Porém, o potencial interpretativo da crítica de tradução não precisa se limitar apenas ao confronto do texto-fonte com um texto-meta, mas pode confrontar o texto-meta com versões e traduções anteriores e posteriores a ele.

O status duplo da tradução precisa fundamentar o ato crítico, por meio do qual o novo texto tanto representa seu “original” ao levar o nome de seu autor

²⁶ Em inglês: “Translation criticism attempts to set out the interpretative potential of a translation seen in the light of an established interpretative framework whose origin lies in the source text.” (Hewson, 2011, p. 6)

quanto leva sua própria vida autônoma dentro de seu novo ambiente linguístico e cultural. Ao reativar as interpretações do original e, ao mesmo tempo, visualizar o potencial interpretativo da tradução, o crítico pode esperar ir além da dicotomia produtiva fonte-meta²⁷. (Hewson, 2011, p.17, tradução minha)

Conforme lembrou Hewson (2011), para fazer uma crítica de tradução com rigor científico, é preciso ao menos tentar utilizar de um método. Para eleger o melhor método, consulte aqueles que encontrei em levantamento bibliográfico.

Kitty M. van Leuven-Zwart (1989) desenvolveu um método com elementos comparativos e descritivos. O modelo comparativo serve para classificar transformações microestruturais (semânticas, estilísticas, pragmáticas). O modelo descritivo tem foco nas transformações microestruturais num nível macroestrutural.

Já Cees Koster (2000), em um livro sobre análise de tradução de poesia, propõe uma análise das transformações entre texto fonte e texto meta. Trabalha baseado no conceito de *tertium comparationis* (método comparativo para encontrar semelhanças entre dois objetos contrastados) (Jones, 2004).

Antoine Berman, em seu *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), propõe um esboço de método partindo da leitura do(s) texto(s) meta como primeira etapa, separando trechos considerados significantes. Somente numa segunda etapa é que se passa à leitura do texto fonte. A comparação e a crítica em si se dão em um terceiro momento.

Beaugrande (1978) discute a tradução de poesia, destacando que o crítico deve estabelecer critérios de tradução que falem sobre as suposições e expectativas que cada texto suscita nos leitores e escritores de cada língua.

Van den Broeck ([1985], 2014) faz uma análise comparativa de textos fonte e meta que incluam estruturas textuais e sistemas de texto. Hatim e Mason (1990) definem parâmetros comparativos com interesse principalmente na semiótica da linguagem. Já Félix Douma (1972) relaciona crítica literária e análise de tradução, destacando pontos de partida para uma análise de tradução, exaltando a comparação e citação de trechos, mas recomendando que não se atenha a erros pontuais. Douma

²⁷ Em inglês: "The translation's double status needs to found the critical act, whereby the new text both represents its "original" by bearing its author's name, and leads its own, autonomous life within its new linguistic and cultural environment. By reactivating interpretations of the original while envisaging the interpretative potential of the translation, the critic can hope to go beyond the unproductive source-target dichotomy." (Hewson, 2011, p. 17)

(1972), ressalta 2 erros fundamentais na crítica literária: a falta da informação de que se trata de uma tradução e o julgamento de que a tradução tem menos valor do que o original.

Ernesto Zierer (1979) define crítica de tradução em 3 pontos. O primeiro é como uma apreciação da qualidade do texto meta e particularmente do seu grau de equivalência semântica e pragmática ao texto fonte. O segundo é uma apreciação do processo que o tradutor seguiu ao traduzir um texto fonte para uma língua meta. E o terceiro é como um componente da ciência da tradução que trata de definir a *natureza* e a *finalidade* de uma crítica de tradução; plantear e esclarecer os aspectos problemáticos de uma crítica de tradução e encontrar critérios válidos e procedimentos adequados para uma crítica de tradução. Zierer propõe um caminho para crítica de tradução com foco em aspectos gramaticais e de equivalência textual.

Zierer ressalta que a crítica de tradução "(...) ainda não alcançou um grau de desenvolvimento que permita considerá-la uma área rigorosamente delimitada e baseada em fundamentos sólidos, o que justificaria uma "crítica da teoria da crítica de tradução"²⁸ (Zierer, 1979, p. 163, tradução minha).

De fato, a crítica de tradução tem uma natureza multidisciplinar e requer que o crítico aplique sua subjetividade ao mesmo tempo em que se fundamenta em um arcabouço teórico, o que permite uma infinidade de metodologias e abordagens que são difíceis de unificar ou aplicar da mesma forma em diferentes textos. Daí advém a dificuldade de estabelecer a crítica de tradução como um campo rigorosamente delimitado baseado em fundamentos sólidos. É preciso determinar que há uma parte metodológica e uma parte subjetiva na crítica de tradução, e cabe ao crítico saber justificar qual é a sua metodologia e, de alguma forma, esclarecer alguns pontos de sua subjetividade posicionando-se.

Cada leitor traz consigo sua bagagem cultural, sua identidade, suas vivências, que moldam o seu olhar em relação ao texto. Com o crítico de tradução, acontece o mesmo. Seu nível de fluência nas línguas estrangeiras que aborda, o conhecimento sobre mercados editoriais, teorias da tradução, história, sociologia, gramática, experiências profissionais anteriores influenciam o resultado da crítica. Como ressalta

²⁸ Em espanhol: "(...) no ha alcanzado todavía un grado de desarrollo que permitiera considerarla como un área rigurosamente delimitada y basada en fundamentos sólidos, lo cual justificaría una "crítica de la teoría de la crítica de la traducción"." (Zierer, 1979, p. 163).

Zierer (1979) "As diferenças entre as críticas de um mesmo texto meta, feitas por vários críticos seguindo um determinado procedimento, se deverão às diferenças que existem entre os críticos quanto à estrutura de sua personalidade²⁹" (p. 180, tradução minha). Portanto, ainda que se aplique a mesma teoria, os resultados serão diferentes. Isso não é exclusividade da crítica de tradução, mas uma característica própria das ciências humanas.

A proposta de Antoine Berman (1995) em *Pour une critique des traductions : John Donne* para um esboço de método de crítica é bastante relevante e adaptável, embora seja passível de críticas.

Lance Hewson afirma que Berman, "(...) defende uma leitura atenta do texto-alvo, antes de se voltar para o texto-fonte. Isso é para evitar cair na armadilha da comparação compulsiva"³⁰ (Hewson, 2011, p. 13).

Com base no livro *An Approach to Translation Criticism: Emma and Madame Bovary in translation*, de Lance Hewson, publicado em 2011, na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2019) e no artigo "Analysis of Translation Criticism and Its Development" (Yang e Fu, 2022), pude traçar um breve histórico de como a crítica de tradução foi abordada dentro do campo dos Estudos da Tradução, desconsiderando o período antes da fundação desse campo de conhecimento como disciplina específica no mundo acadêmico ocidental.

Porém, ao ler Berman, é possível entender a crítica como um campo amplo de conhecimento desde o século XVIII, que inclui a crítica de tradução. Porém, se estendermos o olhar, podemos perceber que as raízes do campo já podem ser encontradas no auge da literatura romana, em Cícero (2011), que em *De optimo genere oratorum* levanta a questão fundamental: para quem se deve fidelidade em uma tradução? Portanto, para fins de não alongar demais esse momento de revisão de literatura, o enfoque da revisão de literatura se limitará à era contemporânea ao campo dos Estudos da Tradução.

²⁹ Em espanhol: "Las diferencias entre las críticas de un mismo texto meta dado, hechas por varios críticos según un determinado procedimiento, se deberán a las diferencias que existen entre los críticos en cuanto a la estructura de su personalidad" (Zierer, 1979, p. 180).

³⁰ Em inglês: "(...) advocates a close reading of the target text, before turning to the source text. This is to avoid falling into the trap of compulsive comparison (...)" (Hewson, 2011, p. 13).

2.1.1 O esboço de método de crítica de tradução de Antoine Berman

O livro póstumo de Berman, *Pour une critique des traductions : John Donne*, de 1995, apresenta seus pensamentos e uma prática de crítica de tradução. O resultado que lemos foi editado postumamente por sua esposa, Isabelle Berman, o que deve também ser considerado no entendimento dessa obra, pois é possível que não tenha havido tempo suficiente para que as ideias estivessem totalmente desenvolvidas.

Berman (1995) considera a crítica de tradução como um dos gêneros do que ele chama de Crítica com C maiúsculo. Para ele, a instituição da grande crítica ocidental existe desde o século XVIII, com Friedrich Schlegel como pai fundador e nomes como “Walter Benjamin, Leo Spitzer, Hugo von Hofmannsthal, Ezra Pound, Boris Pasternak, Valery Larbaud, Maurice Blanchot, Roland Barthes, Gerard Genette, Octavio Paz, Jorge Luis Borges, Hans Robert Jauss, Roman Jakobson, Jean Starobinski, Giuseppe Ungaretti, Michel Deguy” (Berman, 1995, p. 13). Ele destaca esses nomes por terem sido exclusivamente críticos ou por terem tentado ser “científicos” ou então por terem a crítica como parte do movimento de suas próprias obras.

Para Berman, “os contornos de uma crítica de traduções (...) constituiria uma das alas do edifício crítico. Estou tentando demonstrar o seu significado, a sua necessidade e a sua positividade”³¹ (1995, p. 13, tradução minha). Berman destaca a necessidade da crítica positiva — ou produtiva, como ele defende — pois considera que há duas formas de crítica de tradução à sua época: a proposta por Meschonnic e a proposta pela escola de Tel-Aviv e seus adeptos (Even Zohar, Toury, Lambert e Brisset). Ele julga que a crítica de Meschonnic é muito focada nos aspectos negativos e que a crítica de Tel-Aviv é muito determinista, apesar de oferecer bases para refletir sobre a sociologia da tradução.

Segundo a abordagem de crítica de tradução proposta por Berman, crítica e tradução são tarefas estruturalmente relacionadas. Afinal, o tradutor se alimenta de um trabalho crítico antes de começar o seu trabalho de tradução, ou como diz Berman

³¹ Em francês: « les contours d'une critique des traductions (...) viendrait constituer l'une des ailes de l'edifice critique. J'essaie de montrer son sens, sa nécessité et sa positivité » (Berman, 1995, p. 13).

“Quer se baseiem ou não em livros críticos para traduzir um determinado livro estrangeiro, o tradutor age com criticidade em todos os níveis³²” (1995, p. 40, tradução minha).

A crítica de tradução é, portanto, feita sobre um texto que “(...) resulta, ele mesmo, de um trabalho de ordem crítica.³³” (Berman, 1995, p. 41, tradução minha).

Outro ponto levantado por Berman em seu livro sobre crítica de tradução (1995) é que a maioria das críticas se baseia nos aspectos negativos da tradução por esse tipo de texto evocar a necessidade de comparação com o original e a insuficiência de sê-lo, que todas as traduções “têm defeitos”, mas que essa abordagem morosa deve dar espaço a uma outra que ressalta a tradução naquilo que ela tem de bom, o enriquecimento da língua e o contato com o outro.

Nessa mesma intenção, Berman questiona:

Mas, o objetivo de uma tradução não seria apenas “fabricar” o original, ser o seu “duplo” (confirmando assim a sua segunda natureza), mas também tornar-se, ser, uma obra de arte? Uma obra em si mesma? Paradoxalmente, este último objetivo - alcançar a autonomia e a durabilidade de uma obra - não contradiz o primeiro, mas o reforça. Quando atinge este duplo objetivo, uma tradução torna-se um “novo original”. É certo que poucas traduções atingem este estatuto. ³⁴. (Berman, 1995, p. 42)

Nesse ponto, o autor estressa que as traduções têm como objetivo se tornarem obras autônomas e independentes, e que quanto isso acontece, a tradução se torna um novo original, mas que não são todas as traduções que alcançam esse *status*. Nesse ponto, creio que a tradução pode se tornar relevante não só por ser uma obra de arte, mas por trazer algum novo aspecto, interpretação ou injetar vida a um texto dito original.

Creio que obras menos pretensiosas, que não serão “obras-primas” e, por isso, são menos exploradas devem ser também criticadas em suas traduções para poderem ter seu potencial revelado, sua vida expandida, seja em sua mediocridade ou naquilo que têm de especial.

³² Em francês : « Qu'il se nourrisse de livres critiques ou non pour traduire tel livre étranger, le traducteur agit en critique li tous les niveaux ». ”(Berman, 1995, p. 40)

³³ Em francês: “(...) lui-même, résulte d'un travail d'ordre critique. » (Berman, 1995, p. 41).

³⁴ Em francês : « Mais une traduction ne vise-t-elle pas, non seulement à « rendre » l'original, a en être le « double » (confirmant ainsi sa secondarité), mais à devenir, A être aussi une oeuvre ? Une oeuvre de plein droit? Paradoxalement, cette dernière visée, atteindre l'autonomie, la durabilité d'une oeuvre, ne contredit pas la première, elle la renforce. Lorsqu'elle atteint cette double visée, une traduction devient un « nouvel original ». Que peu de traductions atteignent ce statut, c'est certain. » (Berman, 1995, p. 42).

A construção do cânone da crítica literária e daquilo que é considerado uma obra clássica é baseada em estruturas excludentes. Apenas recentemente, notadamente no século XX, é que se tem feito algum esforço para que o pensamento e as obras escritas por mulheres, negros e minorias ignoradas pela História passem a fazer parte dos programas de ensino, das listas de clássicos, das obras passíveis a serem criticadas.

Toda e qualquer tradução pode ser criticada, e a análise crítica de suas diferentes versões pode revelar aspectos ocultos e interessantes, que se sobrepõem à leitura de uma única versão.

Assim, num processo de digestão de um caldeirão de línguas, influências, aspectos e diferentes tradições de leitura que atravessam o olhar do crítico, a crítica de tradução se propõe a alcançar o que chamei anteriormente de supratexto: o conjunto de textos originais e traduzidos que precedem o tempo da escrita da crítica. O crítico, assim entendendo, deve procurar dar conta de entender a história de uma obra em suas muitas versões para poder criticá-la de forma contextualizada.

Retomando o trajeto de Berman para propor uma crítica de tradução, ele sugere que se comece por leituras e releituras, nas quais ele propõe a leitura da tradução como passo inicial, de forma bem separada da leitura do original e intercalada com o que ele chama de “leituras colaterais”, ou seja, de textos relacionados. Berman também ressalta a importância de entender quem é o tradutor e “determinar sua posição tradutória, seu projeto de tradução e seu horizonte tradutor³⁵” (Berman, 1995, p. 16, tradução minha).

O primeiro passo do método de crítica de Berman é chamado de leitura e releitura da(s) tradução(ões).

O que ele chama de “postura básica do ato da crítica” nesse momento é “suspender todos os juízos precipitados e empenhar-se num processo longo e paciente de leitura e releitura da tradução ou traduções, deixando totalmente de lado o original³⁶” (Berman, 1995, p. 65). Essa primeira leitura ele recomenda que seja feita

³⁵ Em francês : « déterminer sa position traductive, son projet de traduction et son horizon traductif » (Berman, 1995, p.16).

³⁶ Em francês : « suspendre tout jugement hâtif, et s'engager dans un long, patient travail de lecture et de relecture de la traduction ou des traductions, *en laissant entièrement de côté l'original* » (Berman, 1995, p. 65).

com “olhos de quem está lendo uma obra estrangeira” e a segunda leitura tendo em conta que se trata de uma tradução.

Berman ressalta fortemente sua recomendação de resistir à comparação com o original nesse momento, pois é preciso analisar se o texto em língua estrangeira “*tient*”. Aqui, “*tenir*” tem o sentido de que o texto traduzido deve se sustentar como uma obra independente na língua-alvo e ao mesmo tempo deve atender às normas de qualidade daquilo que compõe um *texto* (sistematicidade e correlatividade, organicidade de todos os seus componentes).

Nesse momento, o teórico francês diz que o crítico deve se deixar invadir pelas impressões causadas pelas “zonas textuais”, que ele separa em duas: problemáticas e miraculosas. Nas problemáticas, a leitura deixa clara a impressão de que o texto perde sua mágica, se torna desinteressante, sem ritmo, ou então empresta maneirismos da língua-fonte e causa estranheza. Nas miraculosas, ele diz que há a impressão de que o tradutor escreveu em uma nova língua que não é nem a fonte nem a alvo, mas algo novo, é o momento em que a tradução causa felicidade e alcança sucesso.

Ele insiste que essas impressões são essenciais para o posterior trabalho analítico: “Deixar-se invadir e moldar por estas “impressões” é criar uma base sólida para futuras críticas.”³⁷ (Berman, 1995, p. 66, tradução minha). Depois de desenvolver essas impressões é que ele recomenda passar à leitura do original.

Essa resistência ao impulso da comparação é um bom exercício para o crítico, e a metodologia de Berman propõe a seleção de trechos significantes com base em critérios subjetivos ao crítico, o que permite adaptar e moldar a crítica de acordo com diferentes teorias.

A segunda etapa do método de crítica de Berman é a leitura do original. Nela, ele recomenda deixar de lado a tradução ou as traduções, mas manter em vista as “zonas textuais” anotadas e notadas pelo crítico, para ver como elas se parecem no original. Para ele, essa etapa se assemelha ao trabalho de pré-análise textual que o tradutor também faz em seu trabalho ao ler o original, quando deve entender os traços

³⁷ Em francês: « Se laisser envahir, modeler par ces «impressions», c'est donner un sol sûr à la critique a venir » (Berman, 1995, p. 66).

estilísticos, ritmo, palavras-chave, usos da língua que fazem parte da obra em questão e a tornam única.

Essa pré-análise seria feita apenas para preparar para o confronto da tradução com o original. É também o momento de separar trechos que demonstrem exemplos estilísticos e significativos no original (Berman, 1995, p. 70).

Em suma, Berman recomenda que antes da análise do livro, se faça:

- 1) uma pré-análise textual que seleciona um certo número de características estilísticas fundamentais do original;
- 2) uma interpretação da obra, permitindo uma seleção das suas passagens mais significativas³⁸. (Berman, 1995, p. 72, tradução minha).

Outro aspecto importante ressaltado pelo método de Berman é tentar entender **quem** é o tradutor. “O que nos interessa é saber se é francês ou estrangeiro, se é "apenas" tradutor ou se exerce outra profissão significativa³⁹ (Berman, 1995, p. 74). Segundo o teórico francês, é essencial saber quem é o tradutor, de que línguas traduz, que profissões exerce, com que tipo de obras trabalha, como se posiciona enquanto tradutor.

Por isso, no terceiro momento da proposta de um método de Berman, ele sugere que se estude a posição tradutória, o projeto de tradução e o horizonte tradutório da obra em questão. Ou seja, é importante tentar entender o que o tradutor fala, se fala, que discurso produz sobre a tradução que realizou e o que a própria tradução diz sobre si mesma. Para isso, é importante ficar atento aos discursos de acompanhamento, os prefácios, posfácios, notas, entre outros momentos em que a voz do tradutor se faz ouvir.

Nem sempre o projeto de tradução fica claro ou tem espaço para ser desenvolvido. Por isso, o crítico deveria ser capaz de decifrá-lo apenas a partir do resultado alcançado.

Na etapa seguinte, passa-se ao momento de análise de tradução, o momento do confronto da tradução com o original, em uma análise comparativa e fundamentada. Nesse momento, Berman apresenta quatro princípios para fazer uma boa crítica de tradução “(...) a 'clareza da exposição' (para usar a expressão de

³⁸ Em francês : « 1) une pre-analyse textuelle sélectionnant un certain nombre de traits stylistiques fondamentaux de l'original; 2) une interprétation de l'oeuvre permettant une sélection de ses passages signifiants ». (Berman, 1995, p. 72).

³⁹ Em francês : « Il nous importe de savoir s'il est français ou étranger, s'il n'est « que » traducteur ou s'il exerce une autre profession significative (...) » (Berman, 1995, p. 74).

Holderlin), a reflexividade, a digressividade e a comentalidade (o caráter de 'comentário' no sentido tradicional)⁴⁰ ” (Berman, 1995, p. 16).

Berman (1995) considera que toda tradução que aparece após uma primeira tradução pode ser considerada uma retradução, mesmo que a “primeira tradução” seja em outra língua estrangeira. Portanto, para ele, o processo de crítica de tradução é frequentemente um processo de crítica de retradução.

O teórico ainda ressalta que a comparação de uma tradução com outras traduções tem valor pedagógico, pois perceber as soluções de diferentes tradutores possibilita uma expansão do entendimento do texto e acrescenta o que ele chama de uma “dupla dimensão plural”, a da tradução, que é sempre composta por traduções (mais de uma) e a dimensão da obra, que existe na forma da pluralidade (é infinita). Nesse momento, Berman dialoga com a ideia de que a crítica de tradução pode considerar a obra como um processo infinito cheio de etapas, com a tradução sempre como um processo de retradução, se renovando infinitamente. Porém, percebe-se que ele não dá o mesmo crédito ou relevância às mudanças sofridas pelo original, que parece imutável e fixado em um ponto para onde é possível voltar em uma análise comparativa, imperando sobre o texto traduzido e sua aparente volatilidade.

Na etapa de confrontação para a elaboração de uma crítica de tradução, Berman sugere que se compare a tradução estudada com os exemplos estilísticos separados anteriormente, com as zonas textuais pré-selecionadas, com outras traduções e com o projeto de tradução que o tradutor proclamou que faria.

A crítica de tradução também pode enfrentar alguns perigos, segundo Berman, como se tornar muito extensa, muito técnica, muito restrita a uma concepção ou conceito de tradução. Como remédio a esses problemas, o teórico francês sugere que se adotem dois critérios para a análise: de ordem poética e ética. Eles devem avaliar se o tradutor “a fait *texte*” ou seja, se produziu uma obra que se sustenta por si mesma, e, no aspecto ético, se houve ao menos um “certo respeito” ao original, pois uma abordagem ética exige que a tradução não se descole totalmente do original.

Outro aspecto considerado por Berman é a análise da recepção de uma tradução, ou mesmo da “obra estrangeira”, pois muitas vezes o aspecto da tradução

⁴⁰ Em francês : « la « clarté de l'exposition » (pour reprendre l'expression de Holderlin), la réflexivité, la digressivité et la commentativité (le caractère de « commentaire » au sens traditionnel) » (Berman, 1995, p. 16).

é ignorado, mas a obra é criticada ou divulgada pela crítica como uma obra estrangeira.

2.2 Crítica genética e tradução

A obra estudada nesta tese envolve alguns manuscritos, sendo o mais relevante o conjunto que contém as cartas originais de Rose de Freycinet e o rascunho do editor Charles Duplomb com notas. Para tratar do “texto antes do texto”, também chamado de prototexto ou *avant-texte*, pode-se fazer uso da metodologia da Crítica Genética aplicada aos Estudos da Tradução.

O termo Crítica Genética foi cunhado por Louis Hay em 1979 quando publicou a coletânea *Essais de Critique Génétique*. Sua origem, portanto, como campo de estudos, é francesa. No Brasil e na América Latina, porém, a Crítica Genética ganhou diferentes contornos.

Segundo Sérgio Romanelli (2015) na sua introdução ao *Compêndio de Crítica Genética: América Latina*, o ponto de partida dos estudos de Crítica Genética no Brasil se deu com a publicação do artigo “O prototexto: edição crítica e gênese do texto” em 1984, assinado por Philippe Willemart, intelectual belga e professor da Universidade de São Paulo. No artigo, Willemart destacava a importância de estudar as anotações e os rascunhos que antecedem o texto.

Willemart propunha que o crítico (que mais tarde seria também chamado de geneticista), ao trabalhar com o prototexto, teria uma

[...] tarefa árdua e complexa, não somente ler e interpretar um texto, detectar sua pré-história, organizar os documentos manuscritos [...], deveria saber reconhecer essa heterogeneidade, organizá-la, torná-la legível, explicá-la para si mesmo e para os leitores (Romanelli, 2015a, p. 10)

Ainda no texto de Willemart, há uma importante reflexão sobre a relação da crítica genética com a interpretação do texto: “Não é raro que interferências do copista ou do tipógrafo mudem uma metáfora, uma palavra e, automaticamente, a interpretação do crítico” (Willemart, 1984, p.4).

Ainda do texto de Willemart, entende-se que o prototexto não é um embrião, mas um texto em si. “Uma versão não será vista como causa da seguinte ou consequência da anterior, mas como um jogo de escritura onde é preciso entender “littéralement et dans tous les sens” [...]” (Willemart, 1984, p. 5).

Nos anos que se seguiram à publicação do artigo de Willemart, a identidade da crítica genética brasileira foi se construindo e se solidificando, se tornando “muito mais plural, e, de alguma forma, ousada do que a ‘mãe francesa’” (Romanelli, 2015a, p. 11). Isso porque, de acordo com Romanelli (2015a), foi se construindo uma “identidade própria não etnocêntrica e não eurocêntrica [...] se moldando também na constituição igualmente desafiadora e difícil da identidade cultural, social e política do Brasil pós-ditadura [...]” (p. 11).

A combinação entre Crítica Genética e Estudos da Tradução iniciou no Brasil com os trabalhos de Sergio Romanelli (2006) e Marie-Hélène Parret Passos (2011). Segundo Romanelli, tanto o manuscrito quanto a tradução “são espaços criativos, laboratórios de texto da renovação contínua de sinais, sejam eles gráficos ou pictóricos⁴¹” (Romanelli, 2015b, p. 87, tradução minha).

Para o autor, assim como o manuscrito, “o espaço da tradução é um espaço de transformação e de possibilidades reveladas ou potenciais⁴²” (Romanelli, 2015b, p. 88, tradução minha).

Romanelli (2015b) destaca que o espaço da crítica genética equivale ao da tradução, pois o texto de partida e sua arquitetura são desmembrados, retrabalhados, ganham nova vida, novos formatos. O autor ainda versa sobre a possibilidade de visualizar o texto potencial em um manuscrito e nas traduções, neles residem a força poética do discurso criativo:

Eu diria que, tanto no manuscrito de uma obra literária (ou em seus rascunhos, esboços ou versões inacabadas) quanto nas traduções, vemos o texto em potencial. Por potencial entenda-se poder, pois, de fato, mais do que no texto editado, é nesses espaços sem censura que encontramos as verdadeiras forças poéticas de um discurso criativo⁴³. (Romanelli, 2015b, p. 88, tradução minha)

O teórico Dirk Van Hulle destaca em *Editorial Theory and Literary Criticism: Textual Awareness: A Genetic Study of Late Manuscripts by Joyce, Proust, and Mann* que “A publicação de um texto sugere que, em algum momento, seu processo de

⁴¹ Em inglês: “are creative spaces, text labs of the continuous renewal of signs, be they graphical or pictorial” (Romanelli, 2015b, p. 87) .

⁴² Em inglês: “the space of translation is a space of transformation and of disclosed or potential possibilities” (Romanelli, 2015b, p. 88).

⁴³ Em inglês: “I would say that both in the manuscript of a literary work (or in its drafts, sketches or unfinished versions) and in translations we see the potential text. By potential is meant power, for, in fact, more than in the edited text, it is in these uncensored spaces that we find the true poetic forces of a creative discourse.” (Romanelli, 2015b, p.88).

redação chegou ao fim. No entanto, quanto mais de perto o texto é examinado, mais parece que esse processo nunca chegou a ser realmente alcançado pelo produto⁴⁴ (Van Hulle, 2004, p. 1, tradução minha).

Van Hulle defende que a descoberta de um texto fonte não limita o texto, mas abre novas possibilidades interpretativas.

Como diz Hay, nos estudos genéticos, trata-se de compreender uma obra pela sua história e não só pelo seu resultado (Hay, 1993, p. 14).

Ainda segundo Van Hulle, o trabalho dos estudos genéticos requer uma reorganização dos manuscritos, sendo a transcrição recomendada para tornar o trabalho mais acessível. De acordo com Doquet (2015), que apresenta de forma resumida as ideias de Grésillon e Lebrave, há três tipos de transcrição: diplomática, linear e cronológica.

Na transcrição diplomática, a ideia é reproduzir o texto respeitando sua disposição tipográfica e o espaço ocupado na página, recopilando-o de forma legível. Na transcrição linear, o texto é recopiado sem levar em conta sua posição na página e a transcrição cronológica é feita da mesma forma que a linear, mas com diferentes versões organizadas de forma cronológica. Nos momentos em que forem apresentadas transcrições das cartas de Rose de Freycinet feitas por mim com base nos manuscritos, a técnica empregada será a transcrição diplomática. Portanto, qualquer “falha” ou “erro” de ortografia nas transcrições em relação à norma culta do francês apenas tenta reproduzir a escrita original tal qual como foi feita. Como essas transcrições são preliminares, poderão ser revisitadas e retrabalhadas no futuro.

Com base em Almuth Grésillon, autor de *Éléments de critique génétique* (1994), livro seminal para esses estudos, Doquet (2015) apresenta também as operações de substituição que são feitas no momento da transcrição, sendo elas quatro dado um texto A e um texto B:

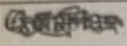
- a substituição: $A \rightarrow B$
- o acréscimo: $AB \rightarrow ACB$
- a supressão: $A \rightarrow \emptyset$

⁴⁴ Em inglês: “A text’s publication suggests that at some point its writing process came to an end. Yet the closer it is examined, the more it looks as if this process never really caught up with the product” (Van Hulle, 2004, p. 1).

- o deslocamento: $AX \rightarrow XA^{45}$ (Doquet, 2015, p. 11, tradução minha).

No Núcleo de Estudos de Processos Criativos (NUPROC) da UFSC, os membros que se dedicam ao estudo da Crítica Genética desenvolveram uma tabela para guiar os processos de transcrição deixando transparecer as anotações, rasuras e acréscimos, conforme figura a seguir:

Figura 7 - Tabela de simbologia de transcrição

#	Versão
/ ?	Leitura duvidosa
?/	Palavra ou parte de palavra ilegível
*	Comentários do pesquisador
	Palavra riscada (legível)
tachado	Palavra riscada
	Palavra rasurada (ilegível) >>
Negrito	Palavra ou parte de palavra borrada (caneta-tinteiro)
✓	Palavra ou frase descendente
^	Palavra ou frase ascendente

Fonte: NUPROC e Souza, 2015 /n: Romanelli, 2015a.

A título de exemplo, trago aqui a transcrição genética preliminar do manuscrito dos editores de Rose de Freycinet feita na etapa inicial de transcrição, antes mesmo de iniciar o processo ainda que este não fosse o foco da pesquisa.

⁴⁵ Em francês: " - le remplacement : $A \rightarrow B$

- l'ajout : $AB \rightarrow ACB$

- la suppression : $A \rightarrow \emptyset$

- le déplacement : $AX \rightarrow XA$ (Doguet, 2015, p. 11).

Figura 8 - Transcrição diplomática de trecho dos diários

Il émigra on ne sait pourquoi, au 1792 (car il n'avait ni lieu, ni noblesse) et il s'offrit au service du Portugal. Il emmenait avec lui une mère âgée, qui mourut, je crois, tandi le voyage et 4 sœurs qui étaient déjà grandis. Les pauvres ~~diablesses~~ ^{filles} n'avaient pas encore trouvé mari à cettte époque et quoiqu'elles ~~devraient~~ ^{adussent} avoir perdre toute ~~espérance~~ ^{espoir} à cet-égard, elles font encore des frais pour mettre aujou leurs appas d- 40 à 50 ans. ~~On entend que leur frère, qui a obtenu des grades dans l'armée Portugaise, les doit, en partie, à la beauté de ces mêmes sœurs qui étaient assez jolies, étant jeunes. Tu juges, d'après leurs amies et les récompenses que ce~~ ^{consul} ~~en~~ ^a obtenu, du Portugal, s'il doit être devoué a ce roy **au Roi de Portugal!**

Attention !
??

(MS 10124-Documents relating to Louis and Rose de Freycinet, 1802-1927 [manuscript]./Item 1/Page 12, verso)

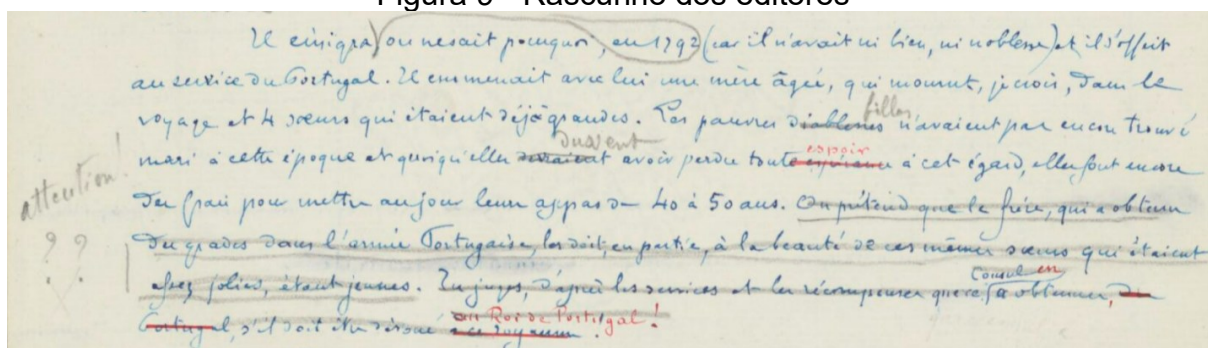
Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Essa transcrição foi feita com base no rascunho dos editores, disponibilizado pela Biblioteca Nacional da Austrália, onde é possível visualizar a transcrição e os processos de edição utilizando pelo menos duas ferramentas: lápis e caneta vermelha, a única opção legível para transcrição naquele momento. Conforme informações levantadas nos paratextos das traduções, sabe-se que o texto foi editado por Charles Duplomb, diretor da marinha francesa, por Henry de Freycinet, sobrinho-neto do casal viajante e Charles de Freycinet, político importante à época. Saltam aos olhos a censura da fofoca que Rose repassa à prima sobre a posição do cônsul francês no Brasil se dever provavelmente ao fato de que suas irmãs eram belas quando jovens. O comentário “Attention ! ??” permite presumir que o trecho em questão foi censurado para que a família não fosse prejudicada em suas relações com as autoridades francesas e para preservar seu bom nome. Provavelmente o editor à lápis é um dos Freycinet e o editor que escreve em caneta vermelho é Charles Duplomb.

Outra “correção” que salta aos olhos é a troca de “diablesses” por “pauvres filles”. A intensidade do termo é fortemente diminuída e o discurso de Rose torna-se

menos malicioso após a edição. Essa mudança pode ser atribuída ao que os editores julgavam apropriado uma senhora burguesa da época dizer sobre outras senhoras, sobretudo porque dá a entender que Rose acusa as “diablasses” de terem usado seus charmes para obter a influência e o cargo de seu irmão. As fortes opiniões de Rose sobre o cônsul trazem acusações bastante graves: ele seria inapto para o cargo, deveria tê-lo conseguido por meio de favores obtidos pelas suas irmãs na juventude, e estaria fazendo com que a França fosse representada no Brasil de forma ridícula.

Figura 9 - Rascunho dos editores



Fonte: Duplomb, Freycinet e Freycinet, c. 1927

Comparando o rascunho dos editores com a edição publicada em 1927, percebe-se que o processo ali anotado se reproduziu na edição impressa, conforme é possível observar na imagem a seguir.

Figura 10 - Versão de 1927

Il émigra en 1792 on ne sait pourquoi (car il n'avait ni bien, ni noblesse) et il s'offrit au service du Portugal. Il emmenait avec lui une mère âgée, qui mourut, je crois, dans le voyage et quatre sœurs qui étaient déjà grandes. Les pauvres filles n'avaient pas encore trouvé mari à cette époque et quoiqu'elles dussent avoir perdu tout espoir à cet égard, elles font encore des frais pour mettre au jour leurs appas de 40 à 50 ans.

Fonte: Freycinet, 1927

No quadro a seguir, comparo a versão do mesmo trecho analisado acima na versão impressa em francês em 1927 com as traduções em alemão, português, italiano e inglês. Em negrito, destaco as construções que estão diferentes ou até

mesmo ausentes quando analisadas em contraste com o texto de partida. Dessa forma, pretendo demonstrar que é possível deduzir que as traduções se basearam em textos de partida diferentes, originais diferentes, sem nem mesmo precisar recorrer à palavra do tradutor para obter essa informação.

Quadro 3 - Comparação texto de partida x textos de chegada

Versão de partida em francês (1927 e 1817)	Traduções (alemão, português e italiano)
Il émigra en 1792 on ne sait pourquoi (car il n'avait ni bien, ni noblesse) et il s'offrit au service du Portugal. Il emmenait avec lui une mère âgée, qui mourut, je crois, dans le voyage et quatre soeurs qui étaient déjà grandes. Les pauvres filles n'avaient pas encore trouvé mari à cette époque et quoiqu'elles dussent avoir perdu tout espoir à cet égard, elles font, encore des frais pour mettre au jour leurs appas de 40 à 50 ans. (Freycinet, 1927, p. 12)	Er emigrierte im Jahr 1792, aber niemand weiß, warum (denn er war weder reich noch adlig), und bot seine Dienste den Portugiesen an. Auf diese Reise nahm er seine betagte Mutter mit, die – wie ich glaube – inzwischen gestorben ist, und vier Schwestern, die schon erwachsen waren. Die armen Mädchen hatten zu dieser Zeit noch keine Ehemänner gefunden, und obwohl sie bereits alle Hoffnung in dieses Hinsicht aufgeben haben mussten, fuhren sie fort reichlichen Aufwand zu treiben, um die Reize ihrer 40 und 50 Jahre auf den neuesten Stand zu bringen. Es wird gesagt, dass der Bruder seine Stellung am portugiesischen Hofe zum Teil ihrer früheren Schönheit zu verdanken hat. (Freycinet, 2011, p. 30-31)
Il émigra en 1792 on ne sait pourquoi (car il n'avait ni bien, ni noblesse) et il s'offrit au service du Portugal. Il emmenait avec lui une mère âgée, qui mourut, je crois, dans le voyage et quatre soeurs qui étaient déjà grandes. Les pauvres filles n'avaient pas encore trouvé mari à cette époque et quoiqu'elles dussent avoir perdu tout espoir à cet égard, elles font, encore des frais pour mettre au jour leurs appas de 40 à 50 ans. (Freycinet, 1927, p. 12)	Emigrou em 1792 não se sabe por que (pois ele não tinha nem bens nem nobreza) e ofereceu-se para prestar serviço a Portugal. Trazia com ele uma mãe idosa, que morreu, eu creio, durante a viagem, e quatro irmãs que já eram grandes. As coitadas das moças ainda não tinham encontrado marido nessa época e, embora tivessem perdido toda a esperança nesse sentido, ainda faziam gastos para realçar seus encantos de 40 a 50 anos. (Freycinet, 2013, p. 44)

Il paraît en général que c'est un homme assez peu estimé. Il émigra, on ne sait pourquoi en 1792, car il n'avait ni bien, ne noblesse, et vint s'offrir au service du Portugal, il emmenait avec lui, une mère âgée qui mourut je crois dans le voyage et 4 soeurs qui étaient déjà grandes. Les pauvres diables n'ont pas encore trouvé de mari à cette époque et quoique elles devraient avoir perdu toute l'espérance, cependant elles font des frais pour mettre au jour leur appas de 40 à 50 ans. On prétend que le frère qui a obtenu des grades dans l'armée portugaise les devait en partie de cela à la beauté de ces mêmes sœurs qui étaient assez bien, étant jeunes. On juge d'après les services et les récompenses qu'il a obtenu du Portugal il devait être dévoué à ce royaume. (Freycinet, 1817, manuscrito)	Sembra che sia un uomo poco stimato. Emigrò nel 1792 non si sa perché, poiché non aveva né beni né nobiltà, e si offrì al servizio del Portogallo, si portava dietro una madre anziana che morì credo durante il viaggio e Quattro sorelle che erano già grandi. La poveracce non hanno ancora trovato marito in questi tempi e, benché debbano aver perso ogni speranza al riguardo, fanno ancora delle spese per ringiovanire la loro attrattiva di quarantenni e cinquantenni. Si mormora che il fratello, che ha ottenuto i gradi dell'esercito portoghese, lo debba in par, sapendo che erano abbastanza gradevoli essendo giovani. Tu potresti trarre la conclusione che sia fedele al regno del Portogallo per le ricompense e i servizi che ne ha ricevuto. (Freycinet, 2017, p. 36-37)
Il émigra en 1792 on ne sait pourquoi (car il n'avait ni bien, ni noblesse) et il s'offrit au service du Portugal. Il emmenait avec lui une mère âgée, qui mourut, je crois, dans le voyage et quatre soeurs qui étaient déjà grandes. Les pauvres filles n'avaient pas encore trouvé mari à cette époque et quoiqu'elles dussent avoir perdu tout espoir à cet égard, elles font, encore des frais pour mettre au jour leurs appas de 40 à 50 ans. (Freycinet, 1927, p. 12)	He emigrated in 1792, no-one knows why (for he was neither wealthy nor was he a nobleman); and he volunteered for the Portuguese army. He was accompanied by an aged mother who died, I think, during the voyage and by four sisters who were already grown up. The poor girls had not yet found husbands at that time, and although they must have given up all hope in this respect, they continued to spend money on heightening their faded charms at 40 or 50 years of age.

Fonte: Freycinet (1817, 1927, 2011, 2013, 2017, 1996).

Como se pode observar, o tradutor da versão em alemão provavelmente teve acesso aos manuscritos ou a alguma versão outra que a editada em 1927, pois a última frase traz a informação de que “Es wird gesagt, dass der Bruder seine Stellung am portugiesischen Hofe zum Teil ihrer früheren Schönheit zu verdanken hat” ou em

tradução aproximada “Diz-se que o irmão deve sua posição na corte portuguesa em parte à beleza que elas tinham no passado.”. Conforme observa-se no manuscrito dos editores, essa informação foi retirada na versão impressa de 1927. O texto em alemão não traz as duas frases finais que observamos que foram retiradas no manuscrito dos editores. Porém, em uma frase mais curta, o tradutor “resume” a informação que esse texto continha. Portanto, o texto em alemão provavelmente não se baseou na versão de 1927. O tradutor deve ter tido acesso a outros materiais.

O mesmo não acontece com a versão em português, bastante colada ao texto de 1927 e, assumidamente baseada nesse texto de partida, conforme a tradutora anuncia em seu prefácio.

A versão em italiano traz uma organização de parágrafos diferente, além de manter as frases finais com estruturas e informações completas. A primeira frase do parágrafo também é diferente. O tradutor Federico Motta disse ter acessado os manuscritos e que baseou sua tradução neles. Em sua tradução e a partir dessa comparação, podemos verificar que ele também propôs uma nova paragrafação, diferente daquela proposta pelos editores de 1927.

A versão em inglês também aparece bastante colada à edição de 1927, ainda que seja possível perceber uma certa “bossa” do tradutor, por exemplo quando traduz “mettre au Jour leurs appas de 40 à 50 ans” como “heightening their faded charms at 40 or 50 years of age”.

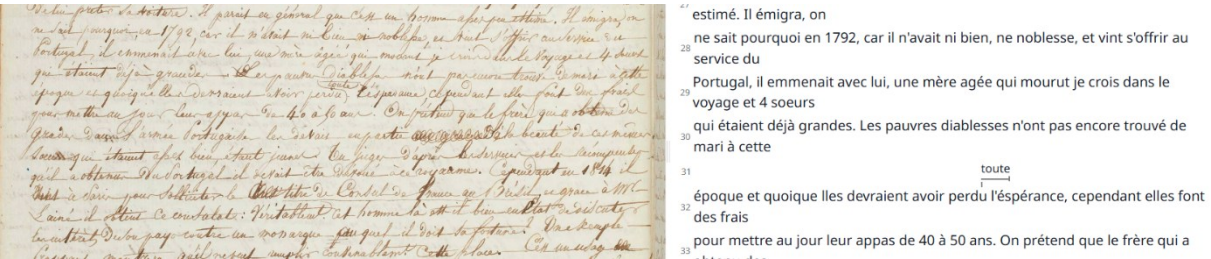
Trago esse exemplo como uma introdução para entender o porquê de a Crítica Genética integrar este trabalho. O dossiê genético dos textos de partida proporciona comparações bastante interessantes que permitem entender melhor qual foi o texto de partida utilizado em cada tradução e qual deles predomina como fonte para as traduções. Parte do esforço desta pesquisa também está em propor uma transcrição genética dos manuscritos de Rose de Freycinet para fins de comparação e análise, o que será feito em momento oportuno.

No aspecto ferramental, utilizei a ferramenta Transkribus como plataforma para obter uma transcrição genética em que é possível comparar a imagem do manuscrito com a transcrição diplomática por mim proposta. Inicialmente, pretendia utilizar a plataforma eScriptorium, porém, ao cursar a escola de verão Digital Humanities na Universidade da Antuérpia entre 1 e 5 de julho de 2024, durante o

período de doutorado-sanduíche na Bélgica e que se propôs a ensinar a fazer versões digitais de manuscritos, entendi que o Transkribus é uma ferramenta mais amigável ao cenário digital. Após frequentá-la, o processamento dos manuscritos de Rose de Freycinet se deu de forma mais inteligente e rápida.

Na ferramenta Transkribus, é possível trabalhar para extrair diretamente o texto tal como Rose de Freycinet o escreveu, o que pode ser útil em alguns momentos da análise.

Figura 11 — Transcrição no Transkribus



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Por exemplo, pode ser útil comparar o texto da versão editada em 1927 com a transcrição dos manuscritos de Rose para perceber e confirmar em que aspectos o editor o alterou, como no trecho analisado há pouco. A seguir, está a transcrição elaborada por mim com auxílio do Transkribus, lembrando que se trata de uma transcrição diplomática e que eventuais erros de ortografia e pontuação estão apenas reproduzindo a grafia original.

Quadro 4 – Comparação entre a versão de 1927 e os manuscritos transcritos

Versão de 1927	Versão com base no manuscrito
Il émigra en 1792 on ne sait pourquoi (car il n'avait ni bien, ni noblesse) et il s'offrit au service du Portugal. Il emmenait avec lui une mère âgée, qui mourut, je crois, dans le voyage et quatre soeurs qui étaient déjà grandes. Les pauvres filles n'avaient pas encore trouvé mari à cette époque et quoiqu'elles dussent avoir perdu tout espoir à cet égard, elles font, encore des frais pour mettre au jour leurs appas de 40 à 50 ans. (Freycinet, 1927, p. 12)	Il paraît en général que c'est un homme assez peu estimé. Il émigra, on ne sait pourquoi en 1792, car il n'avait ni bien, ne noblesse, et vint s'offrir au service du Portugal, il emmenait avec lui, une mère âgée qui mourut je crois dans le voyage et 4 soeurs qui étaient déjà grandes. Les pauvres diables n'ont pas encore trouvé de mari à cette époque et quoique elles devraient avoir perdu toute l'espérance, cependant elles font des frais pour mettre au jour leurs appas de 40 à 50 ans.

Fonte: Freycinet (1927, 1817).

Em negrito na coluna da direita, pode-se perceber os trechos que foram suprimidos da edição de 1927. As mudanças representam correções desnecessárias em relação ao estilo de escrita e, quando se transforma “Les pauvres diables” em “Les pauvres filles”, a carga da descrição é bastante atenuada, como já argumentei anteriormente. Os editores atuaram para suavizar a malícia de Rose e a acidez de seus comentários em vários momentos, e este é apenas um exemplo. Dessa forma, justifica-se que a transcrição dos manuscritos se faz extremamente necessária para compreender quais foram as modificações efetuadas pelos editores e o que isso acarreta para o texto e suas traduções.

2.3 REFERENCIAL TEÓRICO

O quadro teórico aqui exposto exemplifica o ponto de vista adotado para a crítica de tradução aqui desenvolvida, de viés decolonial e feminista, mas não limitada a esses aspectos. A intenção é fazer compreender um pouco mais a subjetividade da autora enquanto crítica e dar fundamentação ao trabalho de crítica de tradução a ser desenvolvido.

2.3.1 Escrita de viagem e colonialismo

A obra *Imperial eyes: Travel Writing and Transculturation*, de Mary Louise Pratt, primeiramente publicada em 1992 e com uma segunda edição revisada em 2008 é um dos principais estudos sobre literatura de viagem sob um viés decolonialista.

Pratt (2008) apresenta seu livro como parte de um esboço de um processo de decolonização em larga escala do conhecimento, da história e das relações humanas, um esforço para escrutinar as forças de significação das forças imperialistas e que teve início nas duas últimas décadas do século XX.

Pratt (2008) demonstra como a literatura de viagem e sobre expedições produzida por europeus ajudou a consolidar uma visão de mundo imperialista e criou um imaginário sobre a África e as Américas. Imaginário esse que, muitas vezes, persiste até hoje, entendendo esses continentes como perigosos, selvagens, exóticos.

O objetivo do livro, segundo a própria autora é:

O livro pretende ser tanto um estudo de gênero e uma crítica da ideologia. Seu tema predominante é como os livros de viagem escritos por europeus sobre partes não europeias do mundo criaram a ordem imperial para os

européus "em casa" e lhes deram seu lugar nela. Eu pergunto como a escrita de viagens tornou a expansão imperial significativa e desejável para os cidadãos dos países imperiais, embora os benefícios materiais do império tenham se acumulado principalmente para poucos. Argumento que os livros de viagem deram ao público leitor europeu um senso de propriedade, direito e familiaridade com relação às partes distantes do mundo que estavam sendo exploradas, invadidas, investidas e colonizadas. Os livros de viagem eram muito populares. Eles criaram um senso de curiosidade, empolgação, aventura e até fervor moral com relação ao expansionismo europeu. Eu defendo que eles foram um dos principais instrumentos que fizeram com que as pessoas "em casa" na Europa se sentissem parte de um projeto planetário; um instrumento fundamental, em outras palavras, na criação do "sujeito doméstico" do império⁴⁶. (Pratt, 2008, p. 3, tradução minha).

Pratt (2008) determina que a classificação do botanista sueco Lineu publicada em *Species Plantarum*, de 1736, transformou tanto as expedições de viagem produzidas pelos europeus quanto a literatura de viagem sobre elas com o surgimento do que ela chama de "consciência planetária" europeia. A literatura passou a se posicionar como "anti-conquest" ou anti-conquista, uma estratégia para suavizar as realidades do imperialismo por meio de uma máscara de cientistas e observadores inocentes da natureza e da sociedade. As expedições marítimas e depois terrestres de exploração chefiadas pelos europeus passaram de exploratórias para científicas no século XVIII e assim permaneceram até o século XIX, quando os últimos recantos do globo foram mapeados. Ou pelo menos essas expedições se vendiam como "apenas científicas", pois Pratt (2008) ressalta que muitas vezes elas tinham objetivo também de espionar aspectos comerciais e políticos.

No final do século XVIII entrou em cena o que Pratt chama de narrativas sentimentais de viagem, que complementavam e desafiavam a autoridade e a objetividade científica, trazendo novos olhares para a crise do euro-imperialismo e discutindo questões como a escravidão. Segundo Pratt "Na literatura de viagem (...),

⁴⁶ Em inglês: " The book aims to be both a study in genre and a critique of ideology. Its predominant theme is how travel books written by Europeans about non-European parts of the world created the imperial order for Europeans "at home" and gave them their place in it. I ask how travel writing made imperial expansion meaningful and desirable to the citizenries of the imperial countries, even though the material benefits of empire accrued mainly to the few. Travel books, I argue, gave European reading publics a sense of ownership, entitlement and familiarity with respect to the distant parts of the world that were being explored, invaded, invested in, and colonized. Travel books were very popular. They created a sense of curiosity, excitement, adventure, and even moral fervor about European expansionism. They were, I argue, one of the key instruments that made people "at home" in Europe feel part of a planetary project; a key instrument, in other words, in creating the "domestic subject" of empire." (Pratt, 2008, p. 3)

ciência e sentimento codificam a fronteira imperial nas duas linguagens conflitantes e complementares da subjetividade burguesa⁴⁷" (Pratt, 2008, p. 38, tradução minha).

Pratt ressalta que a metrópole imperialista geralmente se enxerga em uma posição de determinante da periferia, seja nas suas missões civilizatórias ou no fluxo financeiro do desenvolvimento, mas que ignora "a dinâmica reversa, os poderes que as colônias exercem sobre suas pátrias "mãe". (Pratt, 2008, p. 4)

Ainda que brevemente, *Imperial eyes* toca no assunto do surgimento incipiente do feminismo no século XIX e dos relatos de viagens produzidos por mulheres. Porém, Pratt (2008) demonstra que a maioria dos relatos de viagem eram para que o homem, letrado, europeu pudesse naturalizar novos lugares por meio da linguagem.

Por "europeu", ela entende os "homens letrados no Norte da Europa, principalmente os membros das classes mais baixas da aristocracia e da média e alta burguesia⁴⁸" (Pratt, 2008, p. 37, tradução minha). Ela ainda ressalta que mesmo os escritos de viagem sob o ponto de vista desse europeu do norte sobre o mediterrâneo do mesmo continente se assemelham aos relatos produzidos sobre a África e as Américas. Ou seja, o norte da Europa expressava uma visão imperialista sobre seu próprio continente, pressupondo uma posição de superioridade.

A autora ainda contrasta os relatos de viagem europeus com os relatos produzidos pelo que ela chama de "travelees", as pessoas que receberam os viajantes, os colonizados. Ela questiona como a ponta colonizada dessa equação recebeu esses relatos e codificações da sua realidade e como o conhecimento local reivindicou, revisou, rejeitou ou transcendeu esses relatos. Num processo que ela chama de "transculturização", um termo cunhado nos anos 1940 pelo sociólogo cubano Fernanto Ortiz e incorporado aos estudos literários pelo crítico uruguaio Angel Rama nos anos 1970. Segundo Pratt, transculturização é um termo empregado por etnógrafos para descrever como um grupo subordinado ou marginalizado seleciona e reinventa materiais transmitidos a eles por uma cultura metropolitana dominante (2008).

⁴⁷ Em inglês: "In travel literature (...) science and sentiment code the imperial frontier in the two eternally clashing and complementary languages of bourgeois subjectivity." (Pratt, 2008, p. 38).

⁴⁸ Em inglês: "in this instance refers above all to a network of literate Northern Europeans, mainly men from the lower levels of the aristocracy and the middle and upper levels of the bourgeoisie." (Pratt, 2008, p. 37).

Portanto, dentro desse processo de transculturação, esta crítica pretende contribuir para moldar a percepção do texto aqui estudado e de demais textos do gênero (relatos de viagem colonialistas) sob um ponto de vista latino-americano, especificamente brasileiro.

2.3.2 Crítica feminista da tradução

Os Estudos Feministas da Tradução têm sido uma área bastante desenvolvida nas últimas décadas, com uma grande profusão de pesquisas na área desde a popularização dos escritos de Luise van Flotow sobre estratégias para fazer traduções feministas.

A crítica feminista de tradução, porém, parece ainda não ter sido delimitada. De acordo com Rajewska, na conclusão de seu artigo "Polish women translators: A herstory" no livro *The Routledge Handbook of Translation, Feminism and Gender*, no espaço em que se apontam caminhos futuros para a pesquisa na área "o outro lado da moeda seria o desenvolvimento da crítica de tradução feminista, até agora inexistente⁴⁹" (Rajewska, 2021, p.14). A crítica feminista na literatura, no entanto, se estabeleceu desde os anos 1970 relacionada à segunda onda do feminismo, com nomes como Teresa de Lauretis e Elaine Showalter.

A crítica feminista na literatura em sua primeira fase, voltou-se para analisar a representação das mulheres em textos canônicos, realçando "o abuso da estereotipia do ideal da feminilidade (a «mulher-anjo» domesticada ou o seu negativo demonizado, a «mulher-fatal»), quer a sua secundarização ou redundância no texto (o seu mutismo cultural ou mimetismo em relação à ordem patriarcal" (Macedo e Amaral, 2005, p. 26). Na segunda fase, dedicou-se à "reescrita da história literária, isto é, simultaneamente a redescobrir a escrita de mulheres e a resgatá-la do silêncio a que esta estava votada, de modo a construir um cânone feminino" (Macedo e Amaral, 2005, p. XXIV).

A crítica feminista, sob o olhar de Showalter, tem sido "mais um movimento do que uma teoria unificada, uma comunidade de mulheres com uma lista compartilhada

⁴⁹ Em inglês: "the other side of the coin would be developing feminist translation criticism, so far non-existent" (Rajewska, 2021, p. 114)

de preocupações e uma variedade engenhosa de recursos metodológicos e teóricos⁵⁰" (Showalter, 1984, pp. 29-30).

Nesse sentido, a crítica feminista francesa nas figuras de Hélène Cixous, Julia Kristeva, Luce Irigaray, Monique Wittig e outras, reivindicou o termo *écriture féminine*. A escrita feminina é um conceito ligado à necessidade de engendrar uma tradição feminina ou da "problematização da especificidade e existência de marcas do feminino no discurso e na escrita de mulheres" (Amaral e Macedo, 2005, p. 51).

Segundo Cixous é "Impossível definir uma prática feminina da escrita, e esta é uma impossibilidade que permanecerá, pois nunca se poderá teorizar essa prática, aprisioná-la, codificá-la, o que não significa que ela não exista." (Cixous, 2022, p. 47).

O texto de Rose de Freycinet publicado nos anos 1920 foi editado sob o olhar de editores homens que buscavam suavizar aquilo que não consideravam próprio ao ideal da "mulher-anjo", como já definido anteriormente. Por esse motivo, faz-se importante que o aspecto feminista desta crítica de tradução investigue quais foram os trechos e termos considerados impróprios para uma mulher idealizada. Pode-se investigar que aspectos do discurso de Rose se inscrevem na *écriture féminine*.

Outro ponto no qual este trabalho crítico converge com o ideal da crítica feminista é quanto à sua relevância. Podem-se questionar os motivos para dedicar uma tese de doutorado para a crítica de um texto "desimportante" no cânone literário e histórico. Como estabeleceu Virginia Woolf em seu famoso ensaio *Um teto todo seu* (edição de 1985, original de 1929) o crítico tradicional julga a importância de um texto sob uma visão preconceituosa em relação ao que é importante: "este é um livro importante, assume o crítico, porque trata da guerra. Este é um livro trivial, porque se ocupa dos sentimentos de uma mulher na sala de estar" (Woolf, 1985, p. 70).

O ponto de vista da "mulher na sala de estar", ou neste caso, na cabine privativa do capitão do navio, importa. Um dos objetivos desta crítica de tradução é entender o que Rose escreveu antes da mão masculina editá-la e o quê em seu discurso foi considerado desalinhado ao ideal do feminino que os editores desejavam propagar. Esses aspectos constituem um critério importante para a seleção de trechos a serem analisados.

⁵⁰ Em inglês: "Feminist criticism has been rather a powerful movement than a unified theory, a community of women with a shared set of concerns but with a complex and resourceful variety of methodological practices and theoretical affiliations."

Para entender melhor a historiografia da literatura de viagem produzida por mulheres, também houve uma busca por referencial teórico que auxiliasse a situar o discurso de Rose, entre eles, *Les femmes aussi sont du voyage : l'émancipation par le départ*, de Lucie Azema (2021) e *Mulheres viajantes*, de Sónia Serrano (2014).

O livro da jornalista e viajante francesa Lucie Azema (2021), é um ensaio feminista que explora a relação histórica e social entre as mulheres e o ato de viajar. A autora discute a emancipação feminina através do ato de viajar, desafiando a norma social que tradicionalmente associa a mulher ao espaço privado e à imobilidade. Ao desconstruir o mito de Penélope, a autora argumenta que a partida constitui, para a mulher, um ato de agência e rebeldia contra a tutela patriarcal. O texto evidencia o apagamento sistemático das narrativas de mulheres viajantes na história oficial e critica a estigmatização do termo “aventureira”, associado a uma conotação pejorativa, trazendo a ideia de uma mulher de moral duvidosa ou sexualmente disponível enquanto o termo “aventureiro”, carrega como significado uma conotação positiva de alguém corajoso que desbrava o mundo. A autora defende, assim, um olhar feminino e decolonial sobre o mundo, distanciando-se da erotização e conquista comuns aos relatos de viagem masculinos em favor de uma interação horizontal com o outro.

Em *Mulheres Viajantes* (2014), a pesquisadora portuguesa Sónia Serrano desmonta a ideia de que a história da exploração mundial foi escrita apenas por homens. O livro é um acerto de contas com o passado, revelando que, enquanto a “História oficial” celebrava grandes navegadores e aventureiros, existia uma legião de mulheres cruzando fronteiras, muitas vezes nas sombras. Serrano argumenta que a ausência feminina nos livros de história não se deve à falta de viajantes, mas sim à invisibilidade imposta a elas. A primeira parte do livro trata de questões conceituais como a invenção da viagem, a mulher enquanto viajante, a mulher enquanto escritora de diários de viagem, e também de questões práticas enfrentadas por mulheres viajantes, que vão desde a “logística” (como as roupas pesadas e pouco práticas atrapalhavam a mobilidade) até a segurança e o julgamento moral.

A segunda parte da obra de Serrano (2014) apresenta as histórias individuais de exploradoras, cientistas, peregrinas e aventureiras, organizadas cronologicamente, iniciando pela freira Egéria (ou Eiheria, Echeria Heteria, Etheria), que viveu no século

IV na região da Galiza e escreveu um relato de viagem sobre sua peregrinação de motivação religiosa para o Oriente Médio: “É o primeiro relato de viagem escrito por uma mulher e o segundo do gênero, já que até então um peregrino, de Bordéus, escrevera um testemunho de peregrinação 50 anos antes.” (Serrano, 2014, p. 96-97). O relato daquela que Serrano chama de “a padroeira das viajantes modernas” é intitulado *Viagem do Ocidente à Terra Santa, no século IV (Itinerarium ad Loca Sancta)*. Além de Egéria, Serrano resgata os relatos de Mencia de Calderón, Catalina de Erauso, Lady Mary Wortley Montagu, Lady Hester Lucy Stanhope, Jane Dieulafoy, Gertrude Bell, Freya Stark, Mary Kingsley, Karen Blixen, Jeanne Baret, Ida Laura Pfeiffer, Isabela Bird, Isabelle Eberhardt, Annemarie Schwarzenbach, Jan Morris, Dervla Murphy e Alexandra Coelho.

2.3.3 Diários de viagem

O diário de viagem pode ser definido como um relato autobiográfico escrito. Nesse gênero, combina-se a narração e a descrição: o autor ou a autora registra os fatos que presencia, seu ambiente, as pessoas que encontra ao longo de um determinado período de sua vida que compreende um percurso de deslocamento importante entre espaços físicos diferentes (Valdetarro, 2021).

Ainda segundo Valdetarro, esse subgênero literário está “muito relacionado com o diário íntimo, tanto que, em ocasiões, ambas as modalidades coexistem em um mesmo texto.” (2021, p. 2). A autora também destaca que o diário de viagem estrutura-se em três etapas: partida, roteiro e conclusão. Na partida, costuma-se anotar: o objetivo da viagem, a duração prevista, o percurso planejado e outros dados necessários. No roteiro, ou corpo do diário são relatados os acontecimentos que ajudem a cumprir o objetivo da viagem ou que o dificultam, bem como as experiências vividas. A conclusão costuma coincidir com o término da viagem e traz uma apreciação dos resultados da jornada.

Em *O pacto autobiográfico*, Philippe Lejeune oferece as ferramentas para dissecar a estrutura do diário e a promessa de verdade que ele faz. Ele trabalha o conceito de pacto não como uma regra jurídica, mas um contrato de leitura. Diferente do romance (que diz “isso poderia ter acontecido”), o diário de viagem faz um pacto

referencial: ele afirma "isso aconteceu e eu estava lá". O texto reivindica uma correspondência com a realidade extratextual.

Ainda segundo Lejeune, para haver autobiografia (ou diário íntimo), deve haver uma identidade nominal: Autor = Narrador = Personagem. Se na capa do livro diz "Rose de Freycinet", a narradora "Eu" deve ser Rose, e a personagem que vive as aventuras deve ser Rose.

Lejeune faz uma distinção vital que muitos confundem e que é perfeita para o estudo da "escrita de si" em viagem. A autobiografia é um gênero em retrospectiva. O autor olha para trás e dá sentido à vida. É uma construção teleológica (tem um fim, uma moral, uma estrutura de romance). Já o diário é imediato e fragmentado. É escrito "no calor do momento". Não há "visão do todo", apenas o registro do dia. O diário é uma série de rastros, não um monumento.

Lejeune ainda sugere que o diário luta contra a narrativa, é repetitivo ("hoje acordei, andei, dormi") e cheio de lacunas, incertezas e repetições. O autor ainda argumenta que se o diário foi reescrito para publicação, deixa de ser diário e vira uma "autobiografia de viagem", ganhando em coerência, mas perdendo a "verdade do instante". Lejeune chama isso de gradação do pacto: o quanto o texto foi editado altera o tipo de verdade que ele oferece. Para diminuir essa gradação do pacto, faz-se necessário ir em direção ao texto escrito por Rose de Freycinet e afastar-se do texto preparado por seus editores.

No contexto brasileiro, Flora Süssekind em *O Brasil não é longe daqui*, argumenta que o romance brasileiro do século XIX não nasceu do nada, mas herdou a voz e a estrutura dos relatos de viagem de naturalistas e exploradores estrangeiros. Segundo a autora, o diário de viagem ensinou o brasileiro a ver sua própria terra como "exótica" e criou uma "tecnologia de descrição" que a literatura nacional copiou.

Süssekind também analisa como os livros de viagem vinham acompanhados de gravuras, como também é o caso dos relatos de Freycinet em algumas edições.

O diário de viagem, para Süssekind, é esse lugar híbrido onde a ciência (observação real) e a ficção (a subjetividade do viajante) se misturam.

3 APRESENTANDO O CORPUS: TRADUÇÕES, VERSÕES E MANUSCRITOS

O *corpus* desta crítica de tradução é composto por elementos diversos: manuscritos, versões na língua original (francês) e traduções, conforme já mencionado. Esse material ainda não foi apresentado adequadamente e, por isso, faz-se necessário organizar e apresentar o *corpus* de maneira detalhada.

3.1 Contextualizando os diários de Rose de Freycinet

Assim, cada acontecimento levanta a questão das relações entre os sexos. As questiona, as move. Esta mudança mais ou menos igualitária do traçado das fronteiras depende também da ação das mulheres: da sua ação coletiva e da força do seu desejo⁵¹. (Perrot, 2006, pp. 198-199, tradução minha)

A jornada de Rose de Freycinet se deu em um contexto bastante diferente do que se pode encontrar atualmente, na década de 20 do século XXI. A presença dela na expedição científica e marítima foi apagada dos registros oficiais e objeto de uma espécie de “gestão de crise” nas relações públicas da família de Freycinet, que teve que lidar, à época, com as consequências negativas que o ato rebelde empreendido por Rose trouxe à sua imagem pública.

Tudo isso se deu porque a condição da mulher no século XIX ainda era bastante restrita e só começou a transformar-se de maneira significativa depois da Segunda Guerra Mundial, como afirma Miriam L. Moreira Leite em *Livros de Viagem: 1803 - 1900*.

Contudo, cabe lembrar que o interesse pelo conhecimento da condição feminina (distinta e característica dentro da condição humana) aflora depois da Segunda Guerra Mundial. Até então, as mulheres partilhavam a condição subentendida e mal-entendida dos grupos dominados. Até hoje, sua história, quando chega a ser proposta, é vista como reflexo, complemento ou crise da história do grupo masculino. Ainda se põe em dúvida a existência de uma história das condições de vida da mulher, raramente registrada na documentação oficial, a não ser quando perturba a ordem estabelecida, quando a mulher desempenhou papéis que a sociedade não lhe atribuiu, ou se exacerbou no cumprimento do papel feminino (Leite, 1997, p. 30).

⁵¹ No original : « Ainsi, chaque événement pose la question des rapports entre les sexes. Il les interroge. Il les déplace. Ce déplacement, plus ou moins égalitaire, du tracé de la frontière, dépend aussi de l'action des femmes : de leur action collective et de la force de leur désir. » (Perrot, 2006, pp. 198-199)

Portanto, faz-se necessário contextualizar historicamente os escritos de Freycinet, situando a condição das mulheres e de suas palavras no século XIX.

No século XIX, as mulheres estavam muitas vezes confinadas à vida familiar, às obrigações conjugais e ao trabalho doméstico. As burguesas, principalmente, não trabalhavam em atividades pesadas. Porém, a classe trabalhadora sempre contou com mulheres trabalhando na lavoura e em profissões como costureira, modista, empregada, governanta e afins (Perrot, 2006). Com a Revolução Industrial, a situação começou a mudar: “É o emprego assalariado, particularmente a industrialização, que levantou a questão do “trabalho das mulheres a partir dos séculos XVIII-XIX, nas sociedades ocidentais⁵²” (Perrot, 2006b, 57p., tradução minha).

Considerando o contexto de Rose de Freycinet na França do século XIX, podemos ilustrar a realidade das mulheres por meio do direito ao divórcio e os deveres determinados por lei e exigidos de cada um dos cônjuges no casamento, como demonstra Bellet ao comentar sobre as leis do século XIX: “Declara-se o princípio fundamental (art. 213): ‘o marido deve proteção à esposa, a esposa obediência ao marido’, (obediência para que o marido pode se fazer cumprir *manu militari* (...)⁵³” (Bellet, 1978, p.10, tradução minha). *Manu militari*, nesse contexto, significa “com o uso da força”. Portanto, a lei previa que o marido poderia exigir a obediência de sua esposa com o uso da força.

A partir desse pequeno extrato de lei, pode-se notar que as relações conjugais não eram igualitárias. Isso demonstra como a mulher estava, naquele século, à mercê das vontades de seu marido. O Ministério da Justiça da França dá um breve histórico da evolução da autorização legal do divórcio na França, sendo que na Revolução francesa o divórcio foi estabelecido, em 1792; em 1804 houve uma restrição ao divórcio a não ser em caso de perigo para um dos esposos; entre 1816-1884 o divórcio foi proibido pela Lei Bonald; em 1884 se tornou permitido se houvesse faltas graves. Em 1914, o divórcio foi proibido aos casados há menos de três anos e, finalmente, em 1975, foi legalizado plenamente (Ministère de la Justice, 2009). Com esse exemplo,

⁵² No original em francês: “C’est le salariat, notamment l’industrialisation, qui, à partir des XVIIIe-XIXe siècles, dans les sociétés occidentales, a posé la question du « travail des femmes ».” (Perrot, 2006b, 57p.).

⁵³ No original em francês : “Le principe fondamental est énoncé (art. 213) : « le mari doit protection à la femme, la femme obéissance à son mari », (obéissance que le mari peut faire respecter *manu militari* (...).” (Bellet, 1978, p. 10.

podemos ver como a liberação das mulheres de algumas amarras sociais se deu há relativamente pouco tempo. Essa contextualização é importante para não cairmos no erro de lermos Rose de Freycinet distanciada de seu contexto.

Rose de Freycinet contou com a colaboração de seu marido para que estivesse na expedição do *Uranie*. Isso fica claro quando ele e um amigo a acompanham para que embarque na corveta disfarçada como filho desse amigo:

Acompanhada por Louis e um de seus amigos, fomos até o porto para embarcar. Parecia que a lua queria proteger minha fuga; ela se escondeu para impedir que as pessoas que se encontravam lá me reconhecessem. Entretanto, saindo do porto, foi necessário parar para dar a *senha*; trouxeram luz e eu não sabia onde me esconder. (Freycinet, 2013, p. 32)

Ainda que não tivesse a autorização oficial do rei ou a permissão legal para embarcar, ela contava com a proteção de seu marido, o que lhe deu as condições mínimas para que estivesse em segurança. O marido, nessa época, consistia uma autoridade junto à sua esposa, o que, no caso de Rose, garantiu a ela um pouco de proteção contra a ordem social, além, é claro, do fato de que Louis de Freycinet era o capitão da embarcação e desfrutava de uma posição de poder.

Em alguns momentos da expedição, Rose sofreu com os temores de ser presa por conta da ilegalidade da sua presença na embarcação, como nesta passagem em que eles chegam às Ilhas Bourbon e encontram o representante do governo local e o dissuadem da sua intenção de prender Rose e enviá-la à França. Louis de Freycinet intervém para que a situação não saia de controle, demonstrando sua cumplicidade e proteção para com Rose, conforme podemos observar na tradução de Rosa Alice Mosimann:

Depois do almoço, retirei-me com a baronesa numa pequena sala, onde ficamos conversando durante várias horas. Ela me disse, entre outras coisas, que o governador, o senhor Lafitte, tinha a intenção de me reter e não me deixar voltar para o barco, porque as ordenanças assim o exigiam. Ela deu a entender que era um pobre coitado e que, sabendo disso, eu deveria apelar para toda a minha retórica para dissuadi-lo dessa resolução. Ela me anunciou que ele a tinha prevenido de sua visita durante a manhã a fim de me encontrar.

Não querendo receber um ataque tão desagradável, eu estava decidida a evitar sua presença e me preparava para deixar a peça, solicitando à senhora Debassayans que me desculpasse junto dele quando sua entrada, subitamente anunciada na sala onde nos encontrávamos, me cortou a retirada. Foi necessário dissimular a contrariedade da situação. Eu o cumprimentei o mais graciosamente que pude e recebi seus cumprimentos com reconhecimento. Preparei meus caminhos, tentei interessá-lo pelo meu caso para torná-lo menos terrível e não ter que enganar mais uma vez. A

emoção me fazia tremer – o que seria de mim longe de minha família, de meus amigos, numa colônia onde tudo me era estranho? Mas ao invés de achar um censor de minha conduta pronto a me obrigar a cumprir meu dever, só tive que me defender dos elogios de um admirador de minha coragem etc., de todos esses lugares comuns que meus pobres ouvidos ouviram tantas vezes. Ele nos convidou para jantar no Governo dois dias depois e foi embora muito feliz, dizia, de receber na casa dele uma heroína como eu!

A surpresa da senhora de Richemont chegou ao auge. Ela me assegurou que meus belos olhos tinham me defendido. Mas, meu caro Louis, que o tinha feito raciocinar alguns instantes antes que ele entrasse na sala, foi a verdadeira causa dessa mudança. (Freycinet, 2013, pp. 82-83)

Como forma de amenizar a presença ilegal de Rose na viagem, os jornais e demais documentos que citam a sua presença ressaltam a sua “devoção conjugal” ao empreender tal viagem. Porém, entre os tripulantes da corveta *Uranie*, havia quem não gostasse da presença de uma mulher na viagem:

A sra. Falkiner diz que as reações dos oficiais foram diversas, mas que alguns não estavam satisfeitos. Havia a ideia de que mulheres traziam azar aos navios, e o navegador do *Uranie*, Gabriel Lafond, que escreveu sobre a viagem mais de duas décadas depois, disse que ela [Rose] era o “pomo da discórdia” entre a tripulação e os oficiais⁵⁴. (Stutchbury e Zengerer, 2022, tradução minha).

A historiadora Falkiner não detalha, porém, qual dos relatos de Gabriel-Pierre Lafond de Lurcy sobre Rose de Freycinet referencia, assim não foi possível confirmar se ela realmente seria um “pomo da discórdia”.

As mulheres escritoras eram tão malvistas quanto as viajantes no século XIX. As autoras que se atreviam a expressar e publicar suas opiniões intelectuais eram chamadas de *Bas-bleus*. Segundo o dicionário CNRTL, *Bas-Bleu* se define como: “subst. masc. e adj. A.- Sub. uso, pej. Mulher culta de um pedantismo ridículo. Ter a reputação de um *bas-bleu*; falar como um *bas-bleu*; o pedantismo de um *bas-bleu*.”⁵⁵, (CNRTL, 2023, tradução minha).

O termo foi importado do inglês para o francês e passou por transformações importantes: em francês, foi utilizado para se referir apenas a mulheres intelectuais e

⁵⁴ No original em inglês: “Ms Falkiner says the officer's reactions were mixed but that some weren't happy. Women were thought to bring bad luck to ships, and the *Uranie*'s navigator Gabriel Lafond, who wrote about the voyage more than two decades later, says she was an “apple of discord” among the crew and officers.” (Stutchbury e Zengerer, 2022).

⁵⁵ Definição disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/bas-bleu>. No original em francês: “subst. masc. et adj. A.- Emploi subst., péj. Femme savante, d'une pédanterie ridicule. Avoir la réputation d'un bas-bleu; pérorer comme un bas-bleu; le pédantisme d'un bas-bleu.” (CNRTL, 2023).

de forma pejorativa. Uma possível origem da expressão *Blue Stockings* é explicada por James Boswell em sua obra sobre a vida do intelectual inglês Samuel Johnson, *The Life of Samuel Johnson* (Boswell, 1791, p. 393). Na década de 1750, a aristocrata Elizabeth Montagu e outras mulheres organizavam salões literários em Londres. Um dos convidados frequentes era o botânico e tradutor Benjamin Stillingfleet. Ele não era rico o suficiente para comprar as meias de seda preta exigidas pela etiqueta formal da noite. Em vez disso, ele usava suas meias de lã azul (*blue stockings*), que eram roupas diurnas e informais. O grupo aceitou a informalidade dele, priorizando o intelecto sobre a moda. O termo *Blue Stockings* (Meias Azuis) passou a designar esse círculo de intelectuais (homens e mulheres) que valorizavam a mente acima da etiqueta rígida.

Como um exemplo do desdém que as escritoras encontravam entre seus colegas, pode-se destacar o livro satírico *Physiologie du Bas-Bleu*, no qual o escritor Frédéric Soulié desdenha das grandes escritoras daquele tempo: “Molière les appelait des femmes savantes; nous les avons nommées Bas-Bleus.” (Soulié, 1841, p. 5). Ou em português, Molière as chamava de mulheres sábias; nós as chamamos de *Bas-Bleus*. ” (Soulié, 1841, p. 5)

Para ele, havia vulgaridade e prepotência no comportamento destas mulheres: “Mademoiselle de Scudéri, madame de Sévigné, madame Lafayette, madame Duchâtelet, foram as primeiras sementes dessas flores raras que, desde então, se tornaram comuns como a batata ou a calêndula⁵⁶” (Soulié, 1841, p. 15, tradução minha).

Soulié também desdenha dos salões mantidos por essas mulheres com encontros onde se liam e escreviam contos e se trocavam histórias elaboradas por mulheres. O livro de Soulié também conta com ilustrações que mostram essas mulheres de forma não muito positiva.

⁵⁶ No original em francês: “Mademoiselle de Scudéri, madame de Sévigné, madame Lafayette, madame Duchâtelet, ont été les premières graines de ces fleurs si rares, qui depuis se sont vulgarisées comme la pomme de terre ou l’oeillet d’Inde.” (Soulié, 1841, p. 15)

Figura 12 - *Bas-bleus* no livro de Soulié



Fonte: Soulié, 1841, p. 14.

No caso de Rose de Freycinet, apesar de ela não ter publicado seu texto em vida, quando voltou à França foi convidada para os salões literários onde as mulheres se reuniam para produzir suas narrativas, conforme Babeix e Le Gallo:

Rose ganhou uma certa fama ao participar desta viagem. Ao voltar, era procurada nos salões. Uma mulher que tinha enfrentado os perigos reais de uma viagem marítima com certeza suscitava curiosidade. Por ter saído fisicamente do papel habitualmente atribuído às mulheres, escapado das amarras impostas a esse grupo, sua aventura foi um acontecimento, ou seja, algo que provocava o espanto, a surpresa e o memorável⁵⁷. (Babeix e Le Gallo, 2005 p. 7, tradução minha).

As mulheres, naquela época, pareciam confinadas à vida doméstica com base em modelos de família e expectativas sociais que deveriam cumprir, conforme Perrot:

À primeira vista, as mulheres parecem confinadas. A vida sedentária é uma virtude feminina, um dever das mulheres ligadas à terra, à família e ao lar. Penélope e as Vestais são os seus modelos antigos, aquelas que esperam e guardam. Para Kant, a mulher é o lar. A lei doméstica garante o triunfo da razão; enraíza e disciplina as mulheres, abolindo qualquer desejo de fuga.

⁵⁷ No original em francês : « Rose tire une certaine gloire de sa participation à ce voyage. A son retour elle est recherchée dans les salons. Une femme ayant affronté les dangers réels d'un voyage maritime ne peut que susciter la curiosité. Pour être sortie physiquement du rôle assigné ordinairement aux femmes, pour s'être échappée des contraintes de son groupe, son aventure renvoie à l'événement c'est à dire à ce qui provoque l'étonnement, la surprise, le mémorable. » (Babeix e Le Gallo, 2005, p. 7).

Porque a mulher é uma rebelde potencial, uma chama dançante que deve ser capturada e impedida de escapar⁵⁸. (Perrot, 2006, p. 183, tradução minha).

Havia pesos diferentes para a mulher que ousava aparecer em público e o homem que ousava aparecer em público. O direito à viagem era bastante diferente entre os sexos, mas sempre havia iniciativas desafiando o *status quo*:

A *dissimetria* do vocabulário ilustra estas desconfianças: um homem público é uma honra; uma mulher pública é uma vergonha, mulher da rua, das calçadas, do bordel. O aventureiro é o herói dos tempos modernos; a aventureira, uma criatura inquietante. A suspeita pairava sobre os deslocamentos das mulheres, sobretudo as solteiras. Alguns hotéis, preocupados com a sua respeitabilidade, recusavam-nas: Flora Tristan, durante a sua viagem na França, teve uma experiência dolorosa no Mediterrâneo. É por isso que defendeu a criação de albergues para "acolher as mulheres estrangeiras" (1835)⁵⁹. (Perrot, 2006, p. 184, tradução minha).

Como Rose, as mulheres sempre viajaram, sempre se moveram, mesmo em tempos em que havia menos liberdade:

No entanto, as mulheres *se movimentam*. Elas saem, viajam, migram. Participam da mobilidade que, com a ajuda dos meios de transporte, tomou conta das populações ocidentais nos séculos XIX e XX. Menos do que os homens, sem dúvida, mas participam⁶⁰. (Perrot, 2006, p. 184, tradução minha).

Em seu livro, Perrot (2006) cita os movimentos do êxodo rural, os empreendimentos coloniais, as missões religiosas e atividades econômicas como motores da movimentação das mulheres francesas do século XIX. Com esse contexto,

⁵⁸ No original em francês : « Au premier abord, les femmes semblent confinées. La sédentarité est une vertu féminine, un devoir des femmes liées à la terre, à la famille, au foyer. Pénélope, les Vestales figurent leurs antiques modèles, celles qui attendent et gardent. Pour Kant, la femme *est* la maison. Le droit domestique assure le triomphe de la raison ; il enracine et discipline la femme, en abolissant toute volonté de fuite. Car la femme est une rebelle en puissance, une flamme dansante, qu'il faut capter, empêcher de s'échapper. » (Perrot, 2006, p. 184).

⁵⁹ No original em francês : « La *dissymétrie* du vocabulaire illustre ces défiances : homme public, c'est l'honneur ; femme publique, c'est la honte, fille des rues, du trottoir, de bordel. L'aventurier est le héros des temps modernes ; l'aventurière, une inquiétante créature. Le soupçon pèse sur les déplacements des femmes, notamment des femmes seules. Certains hôtels, soucieux de leur respectabilité, les refusent : Flora Tristan, lors de son tour de France, en fait la pénible expérience dans le Midi. C'est pourquoi elle préconise la création de foyers pour « faire bon accueil aux femmes étrangères » (1835). » (Perrot, 2006, p. 183)

⁶⁰ No original em francês : « Pourtant, *elles bougent*, les femmes. Elles sortent, elles voyagent, elles migrent. Elles participent à la mobilité qui, les moyens de transport aidant, s'est emparée des populations occidentales aux XIX^e et XX^e siècles. Moins que les hommes sans doute, mais tout de même. » (Perrot, 2006, p. 184).

podemos entender como a narrativa de Rose de Freycinet era singular dentro da sociedade em que vivia. Ela não foi a única, havia outras mulheres viajantes francesas mais ou menos contemporâneas à Rose, como George Sand e Jeanne Barret, mas destaca-se o fato de que eram poucas. O diário de uma mulher, viajante, esposa, burguesa, jovem, rebelde em viagem ao redor do mundo era algo extremamente inusitado, com um certo viés proibitivo, capaz de despertar interesse especial tanto na sociedade da época quanto na atual pela raridade de sua existência.

Os salões que procuraram madame de Freycinet pela raridade de sua experiência eram o lugar de uma “cultura feminina” de acordo com Torres (2013). Segundo a autora, o salão “era o local ideal para a afirmação cultural do papel atribuído às mulheres” (Torres, 2013, p. 89).

Segundo a autora, esse espaço semipúblico e semiprivado, funcionava com horários fixos e sob o princípio da regularidade, diferenciando-se de outros espaços, como cafés, por seu caráter de hospitalidade, com seus jantares regulares e composição mista. Quem já houvesse sido convidado uma vez, poderia participar sempre que quisesse.

Diferentemente do resto da sociedade, esses espaços eram comandados pelo feminino: “E, frente ao princípio patriarcal da sociedade de corte em vigor na época, o salão se apresentava como um centro matriarcal” (Torres, 2013, p. 88).

Ainda de acordo com Torres (2013), foram nesses espaços que as mulheres e os homens puderam interagir em busca de entretenimento, boa companhia e influência. “Os salões permitiam a algumas mulheres desempenhar um importante papel cultural, social e até político, conforme o seu talento, apesar de não ter nenhum lugar nas instituições acadêmicas ou políticas oficiais” (Torres, 2013, p.89).

Torres (2013) cita o caso de Madame de Staël, temida por Napoleão pela sua capacidade de reunir representantes dos diferentes grupos da elite parisiense e o fato de que dos salões surgiram contribuições para vários importantes projetos e até mesmo financiamentos, como no caso da célebre Enciclopédia francesa.

Os salões eram espaços físicos de expressão e influência feminina, de lá surgiram vários romances publicados por mulheres e muitas vezes esquecidos pela história da Literatura como *Lettres d'une Péruvienne*, de Madame de Graffigny, destacado por Torres (2013) como um dos romances mais lidos do século XVIII. Trata-

se de um romance epistolar, ou seja, que se desenvolve por meio de cartas. O gênero romance epistolar tem bastante representatividade desde a Antiguidade, mas esteve na moda nos séculos XVIII e XIX possivelmente devido à popularidade das práticas de trocas de correspondência nessa época segundo Lajolo (2002):

O surgimento, multiplicação e sucesso do romance epistolar na Europa do século XVIII sugerem uma certa homologia entre, de um lado, práticas sociais cotidianas de linguagem e de escrita; de outro, a mimese de tais práticas na literatura. Ou seja, uma primeira hipótese é que talvez romances epistolares tenham feito tanto sucesso porque, ao se estruturarem como cartas, tornavam-se bastante familiares a seus leitores, naqueles idos muito envolvidos com envio, recebimento, resposta e comentário de cartas, assunto de que, aliás, sintomaticamente, ocupavam-se com ênfase os igualmente populares manuais de polidez e etiqueta. (Lajolo, 2002, p. 62)

Chama a atenção que romances epistolares e romances-memória estivessem entre os destacados por Torres (2013) como aqueles escritos por mulheres e entre os mais lidos do século XVIII. As poucas mulheres que publicavam e eram lidas utilizavam como inspiração materiais onde se encontra uma grande profusão de escritos femininos: a carta e o diário.

É possível traçar um paralelo entre a existência dos romances-memória e romances epistolares escritos por mulheres com a popularidade da troca de correspondências e do hábito de escrever diários e o espaço que encontravam para sua expressão. De acordo com Duchêne (1988), o gênero epistolar foi a porta de entrada das mulheres na literatura: “Geralmente, considera-se que a carta é um dos gêneros literários, se não ‘o’ gênero literário, no qual as mulheres encontraram um (primeiro) meio de se expressar, de entrar na literatura e, portanto, de se libertar⁶¹”. (Duchêne, 1988, p. 27, tradução minha).

De acordo com Lacoue-Labarthe, as cartas muitas vezes eram o único meio (ou o menos proibido) de “(...) ”(...) acessar áreas ou atividades que, de outra forma, não seriam permitidas⁶²”. (Lacoue-Labarthe, 2011, pp. 113-132, tradução minha).

A prática da escrita de cartas e diários também fazia parte da boa educação e treinamento das moças burguesas, de acordo com Simonet-Tenant (2009):

⁶¹ No original em francês: “É geralmente aceito que a carta é um dos gêneros literários, se não o gênero literário, no qual as mulheres encontraram um (primeiro) meio de se expressar, de entrar na literatura e, portanto, de se libertar.” (Duchêne, 1998, p.27).

⁶² No original em francês: “accéder à des espaces ou des activités où elles n’étaient guère admises autrement” (Lacoue-Labarthe, 2011, pp.113-132)

Ao mesmo tempo em que desperta e reforça representações, a educação das meninas da burguesia e da aristocracia incentiva a prática da escrita de cartas e diários. (...) Aprender a escrever correspondência faz parte dos bons costumes, de uma certa civilidade regulada por uma série de convenções e prescrições (...).⁶³” (Simonet-Tenant, 2009, p. 22, tradução minha).

A escrita de diários, ainda hoje, é tida como uma “prática feminina”. Lacoue-Labarthe (2011) menciona que a investigação publicada por Philippe Lejeune em 2005 aponta que o diário feminino não tem seu equivalente masculino, que em termos sociolinguísticos, a escrita dos meninos é mais propensa à construção de cenários de ficção e HQs a serem socializadas enquanto as meninas escolhem uma linguagem mais voltada ao íntimo por meio de diários e cartas. Ainda citando a pesquisa de Philippe Lejeune, Lacoue-Labarthe traz o dado de que apesar de as mulheres escreverem a maior parte dos diários (65% do total), o mercado francês publica, em sua maioria, diários escritos por homens (80% do total) (Lacoue-Labarthe, 2011).

O estilo textual dos diários e cartas escritos por mulheres é tido como caracterizado pela emoção, instinto e afetividade em oposição às características de um “estilo masculino” (Lacoue-Labarthe, 2011). Essa característica está fortemente ligada ao fato de que as cartas e os diários eram, no século XIX, um dos poucos meios em que as mulheres tinham espaço e segurança para se expressarem sem repressão. De acordo com Lacoue-Labarthe:

Mas, mais do que um instrumento para penetrar em esferas onde são, na melhor das hipóteses, tolerados, os diários e as cartas oferecem às mulheres a oportunidade de se afirmarem como sujeitos e de se oporem à negação a que estão sujeitas enquanto indivíduos de pleno direito nas sociedades europeias até o século XX. É por isso que Philippe Lejeune vê o diário mais como um ato do que como um produto, um ato de autoafirmação, onde o “eu” tão inadequado em outro lugar finalmente encontra um meio de expressão. (Lacoue-Labarthe, 2011, tradução minha)⁶⁴.

Em seu diário, composto por cartas endereçadas à sua prima Caroline e à sua mãe, Rose mantinha um tom de conversa, íntimo e afetado pela emoção da aventura que vivia. De acordo com a historiadora Marnie Bassett, que escreveu o livro *Realms*

⁶³ No original em francês: “Suscitant et confortant tout à la fois les représentations, les éducations des filles de la bourgeoisie et de l’aristocratie encourageant à la pratique de la lettre et du journal. (...) L’apprentissage de la correspondance est celui du savoir-vivre, d’une certaine civilité réglée par nombre de conventions et de prescriptions (...)” (Simonet-Tenant, 2009, p. 22).

⁶⁴ No original em francês: “Mais davantage qu’un instrument pour pénétrer des sphères où elles sont au mieux tolérées, journaux et correspondances offrent aux femmes l’occasion de s’affirmer comme sujets et de contrer la négation dont elles font l’objet, comme individus à part entière, dans les sociétés européennes jusqu’au vingtième siècle. C’est pourquoi Philippe Lejeune voit finalement le journal comme un acte plutôt que comme un produit, un acte d’affirmation de soi, où le « je » si malséant ailleurs trouve enfin à s’exprimer.” (Lacoue-Labarthe, 2011).

& Islands: The World Voyage of Rose de Freycinet (1817-1820), sobre a viagem de Freycinet em 1962, “(...) Rose deu espaço, prazerosamente, à fofoca e à malícia feminina em seus comentários sobre pessoas e práticas observadas no exterior.”⁶⁵ (Bassett, 1962, p. 5, tradução minha).

Foi a partir da leitura dos paratextos das traduções que se levantou o questionamento sobre como se apresenta o estilo de Rose nas suas novas edições em comparação com o manuscrito e a sua primeira edição estabelecida em francês. Dessa forma, as traduções dos diários de Rose de Freycinet, suas características textuais, seus diferentes manuscritos e seus paratextos suscitam uma crítica de tradução que permita avaliar como esse texto tem circulado. Faz-se necessário refletir sobre o papel do editor e dos tradutores na mediação da leitura desse texto. Será interessante também abordar os processos históricos que permitem que as chaves de leitura se transformem de acordo com a disponibilidade pública dos originais e a evolução dos processos editoriais.

Seguindo os passos do esboço de método para uma crítica de tradução de Berman, num esforço de comparar os textos traduzidos com seus textos de partida, faz-se necessário entender qual foi de fato, o texto de partida. Adianto que a partir da leitura das traduções, verificou-se que pelo menos a versão italiana é baseada nos manuscritos, enquanto as outras baseiam-se principalmente na versão de 1927, mas não somente. Para analisar as traduções minuciosamente, é importante poder entender a partir de que elas foram feitas. E se o processo de Berman exige comparar tradução e texto de partida, é preciso acessar o texto de partida. No caso da tradução italiana, o texto de partida é um conjunto de manuscritos digitalizados do século XIX, de difícil leitura e processamento digital.

Como se trata de manuscritos com caligrafia rebuscada, anteriores aos processos digitais e sem versões editáveis disponíveis, foi preciso procurar uma solução inteligente para realizar esse trabalho. Por meio da plataforma Transkribus, gratuita e amigável, foi possível transcrever alguns dos trechos selecionados para análise neste trabalho.

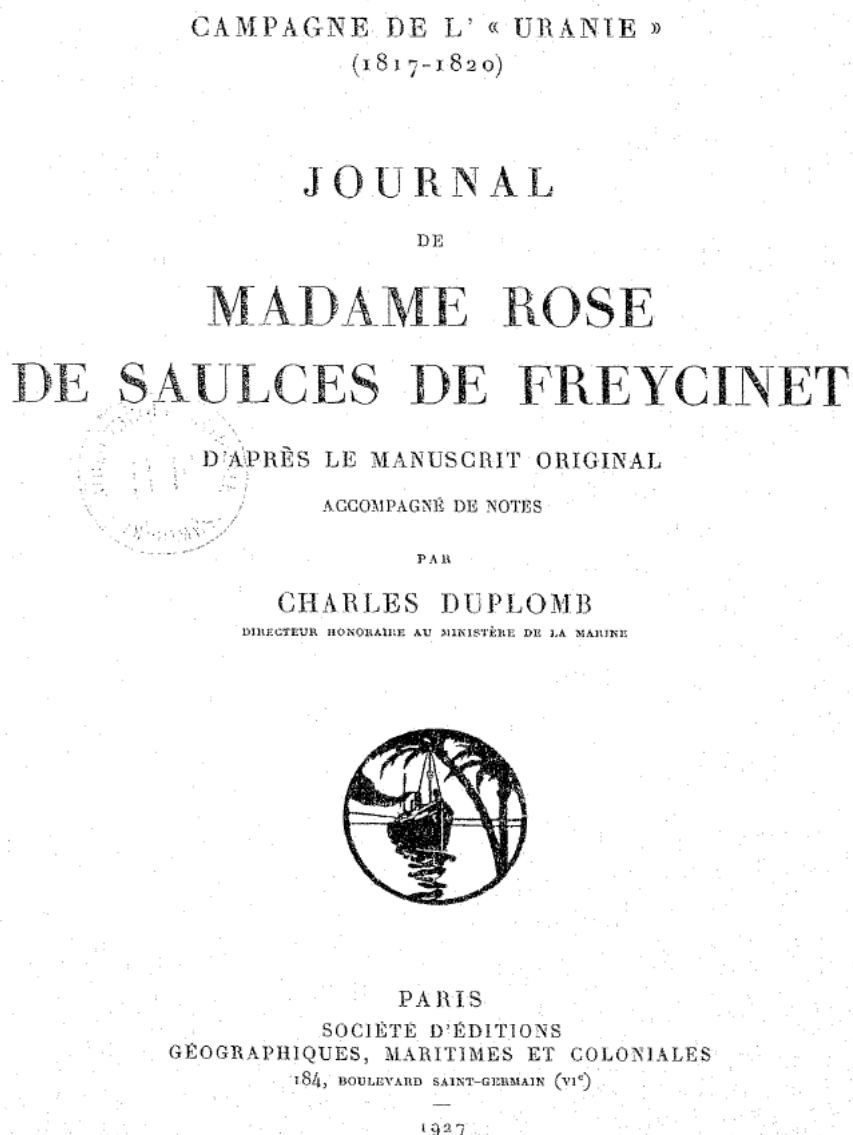
⁶⁵ No original em inglês: “(...) Rose gave way pleasurably to gossip and feminine malice in her comments on people and practices observed abroad.” (Bassett, 1962, p. 5).

3.2 O que dizem os metadados e as edições em francês

Nesta tese, conforme já estabelecido, o objetivo é alcançar uma crítica de tradução do Diário de Viagem de Rose de Freycinet a bordo do navio *Uranie* (1817-1820), tomando como ponto de partida as traduções em inglês (1996), alemão (2011), português brasileiro (2013), e italiano (2017) e também os originais e manuscritos em francês. Trata-se de um *corpus* extenso e complexo. Por isso, aprofundo ainda mais em sua contextualização.

Inicialmente, é importante lembrar o contexto da primeira edição impressa. O diário surgiu primeiramente editado e disponível aos leitores sob o título de *Journal de madame Rose de Saulces de Freycinet : campagne de "l'Uranie" (1817-1820) / d'après le manuscrit original, accompagné de notes par Charles Duplomb*. O livro foi publicado em 1927 pela Société d'éditions géographiques, maritimes et coloniales de Paris sob a curadoria de Charles Duplomb, indicado nos créditos como editor científico. De acordo com plataforma Gallica (base de dados digital da Biblioteca Nacional da França), a obra se tornou digitalizada e de acesso público em 2009. O conteúdo do livro traz as cartas de Rose de Freycinet à sua prima, Caroline de Nanteuil, e alguns trechos de cartas escritas à sua mãe, editados e anotados por Charles Duplomb.

Figura 13 — Capa da versão editada em 1927



Fonte: BnF, 2024.

Os manuscritos do diário, como é comum acontecer com documentos frágeis que sobrevivem à passagem do tempo, estão rodeados de dúvidas sobre seu paradeiro e a autenticidade das cópias que circulam. Os documentos (originais e cópias) escritos pelo casal Freycinet ficaram sob a posse privada de seus herdeiros no Arquivo de Laage (ou de l'Age), acervo particular da família. A edição do diário em 1927 se deu pela decisão de Henri de Freycinet, sobrinho-neto do casal de viajantes. Em parceria com Charles Duplomb e Charles Freycinet (proeminente político à época, trabalhou na edição antes de morrer em 1923), eles editaram e rearranjaram as cartas de Rose para a publicação mais de um século depois da expedição ter fim.

A versão editada do diário foi, por bastante tempo, a única disponível para realização de traduções e novas edições da obra, pois os manuscritos não estavam disponíveis para consulta pública e requeriam autorização dos herdeiros dos Freycinet para acesso.

Em 2010-11, porém, a State Library of New South Wales, na Austrália, disponibilizou em seu catálogo digital uma cópia dos manuscritos das cartas de Rose de Freycinet à sua prima Caroline de Nanteuil, referenciada como cópia do microfilme identificado como MAV/FM4/1555, posteriormente destruído por ter desenvolvido “síndrome do vinagre”, de acordo com informações da base de dados da biblioteca.

Informação contextual

Notas de avaliação: As impressões foram feitas a partir de negativos pelo Visual Aids Branch da Universidade de Melbourne (Microfilme MAV/FM4/1555). Em 2013, o microfilme foi retirado da coleção e destruído por ter desenvolvido síndrome do vinagre.

Originais na posse de: Originais na posse do Barão Claude de Saulces de Freycinet do Chateau de l'Age, Chabanais, Charente.

⁶⁶.(tradução minha)

Em algum momento entre 2021 e 2023, foi adicionada a informação "Originals **were** in possession of Baron Claude de Saulces de Freycinet of Chateau de l'Age, Chabanais, Charente. Originals **now** held by Mitchell Library, State Library of New South Wales at SAFE/MLMSS 9158/vols. 1-2." (NSW Library, 2024, grifos meus). Ou seja, os originais foram adquiridos e devidamente catalogados pela biblioteca recentemente e deixaram de estar em posse dos Freycinet em l'Age.

Há, portanto, duas coleções contendo as cópias do manuscrito dos diários de Rose na biblioteca de New South Wales, sendo a primeira feita a partir de fotografias de um microfilme e a segunda uma digitalização recente. A primeira coleção leva o título de "Prints of journal and letters of Rose De Freycinet on her voyage around the world, 1817-1824", contendo duas séries de itens: SERIES 01 - Prints of Journal kept by Rose de Freycinet for Caroline de Nanteuil, 1817-1820; SERIES 02 - Prints of letters from Rose de Freycinet to her mother, Madame Pinon, 1817-1824. Essa coleção foi digitalizada em 2010-11, de acordo com a biblioteca "Description source: Information

⁶⁶ Em inglês: "**Contextual Information Appraisal Notes:** The prints were made from negatives by the Visual Aids Branch of the University of Melbourne (Microfilm MAV/FM4/1555). In 2013 the microfilm was withdrawn from the collection and destroyed because it had developed vinegar syndrome. **Originals Held By:** Originals in possession of Baron Claude de Saulces de Freycinet of Chateau de l'Age, Chabanais, Charente". Disponível em:) <https://collection.sl.nsw.gov.au/record/nQR2BeV1>.

transferred from Manuscripts Leaf Catalogue No. 2 as part of the eRecords Project, 2010-2011⁶⁷.

A série que leva o título de "Photoprints of journals and letters of Rose De Freycinet on her voyage around the world, 1817-1824⁶⁸" e é composta por 3 pequenos volumes de cartas encapados como um só caderno, com numeração no topo esquerdo da página, caligrafia da própria Rose de Freycinet. Nessa série, é possível acessar as cópias de 137 páginas manuscritas, algumas páginas em branco e 16 imagens. O registro da biblioteca de New South Wales era de fotografias de um microfilme, com uma qualidade baixa que não facilitava a transcrição.

Figura 14 – Primeira página do microfilme dos manuscritos de New South Wales



Fonte: New South Wales State Library, 2024.

⁶⁷ Disponível em: <https://collection.sl.nsw.gov.au/record/nQR2BeV1>. Acesso em: 09 jul. 2024.

⁶⁸ Disponível em: <https://collection.sl.nsw.gov.au/digital/68xxaN5N7bVRq>. Acesso em: 09 jul. 2024.

Os metadados⁶⁹ dessa série detalham que a biblioteca também detém a cópia de uma tradução para o inglês feita por Sir. William Dixon e jamais publicada:

Uma tradução em inglês desse diário é mantida em DLSPENCER 139 - 'Journal of a voyage round the world, 1817-1820 by Rose Marie de Saulces Freycinet: a translation into English by Sir William Dixon'. Essa tradução foi feita a partir do livro publicado 'Campagne de l' "*Uranie*"(1817-1820) : journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet d'après le manuscrit original accompagné de notes / par Charles Duplomb' / Paris : Societe d' Editions, 1927. [Biblioteca Dixon: Q92/130 e Biblioteca Mitchell: Q980/F].

Número de pedido digital: ID do álbum: 982620⁷⁰

A segunda coleção de manuscritos leva o título de "Rose de Freycinet journal written while on the *Uranie* voyage, 1817-1820, together with a transcription of her letters to her mother, 1817-1819, transcribed before 1842". Trata-se de uma coleção mais recente e que foi disponibilizada digitalmente a partir da aquisição dos originais pela Mitchell Library, parte da Biblioteca de New South Wales, de acordo com os metadados da coleção: "Informação contextual. Fonte: Comprado da Hordern House em agosto de 2013 e janeiro de 2014"⁷¹.

Essa coleção, assim como a anterior, contém duas séries de arquivos: Item 01: Journal particulier de Rose pour Caroline, September 1817-October 1820; Item 02: Lettres de Mme. Louis de Freycinet écrites pendant le voyage autour du Monde de la Corvette l'*Uranie*, 1817-1819, transcribed and edited by Louis-Claude de Saulces de Freycinet, after 1820 and before 1842.

Os metadados, porém, são muito mais detalhados. Destaca-se a seção "Scope and Contents", que contextualiza a obra e justifica a importância da aquisição

⁶⁹ Metadados podem ser definidos como "Descrição ou conjunto de características de um dado ou de um item, especialmente em relação a informação processada por computador, como, por exemplo, o tamanho ou o tipo de um arquivo, ou ainda a data da última alteração". "Metadados" In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/metadados>. Acesso em: 09 jul 2024.

⁷⁰ Em inglês: " An English translation of this journal is held at DLSPENCER 139 - 'Journal of a voyage round the world, 1817-1820 by Rose Marie de Saulces Freycinet: a translation into English by Sir William Dixon'. This translation was done from the published book 'Campagne de l' "*Uranie*"(1817-1820) : journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet d'après le manuscrit original accompagné de notes / par Charles Duplomb' / Paris : Societe d' Editions, 1927. [Dixon Library: Q92/130 and Mitchell Library: Q980/F]

Digital order no:Album ID : 982620".

⁷¹ Em inglês: "Contextual Information. Source: Purchased from Hordern House, August 2013 and January 2014." Disponível em: <https://collection.sl.nsw.gov.au/record/1DrmrKP9>. Acesso em: 09 jul. 2024.

desse documento para a biblioteca da região. A qualidade das imagens desta coleção também é muito superior às imagens anteriores, dos microfimes⁷².

Esse texto afirma que há muitas omissões na versão estabelecida em francês que merecem uma revisão. Chama a atenção a menção da ausência dos relatos sobre Shark Bay e Sidney na versão estabelecida por Duplomb e a designação de *Realms & Islands* como uma tradução. Se trata de uma tradução indireta, com apenas alguns trechos traduzidos do diário em si. O resto do relato é recontado pela prosa de Bassett. A ausência das cartas sobre Sidney e Shark Bay mencionada nos metadados se refere ao lapso de tempo que há no diário para Caroline, mas que pode ser preenchido pelas cartas que Rose enviou à mãe neste período, incluindo um episódio em que os Freycinet foram roubados.

Na seção "Notes" dos metadados, há uma descrição da história do objeto, ou "Object History", que nos conta um pouco mais sobre como esse manuscrito chegou até a coleção da biblioteca, descrevendo em detalhes as mãos pelas quais o objeto passou ao longo dos anos, traduzida na tabela a seguir:

Quadro 5 - História do objeto (manuscritos)

Texto de partida em inglês	Tradução para o português brasileiro
The Freycinet archive was substantial and remained in family hands for many years, before being gradually dispersed throughout the 1960s and 70s. This collection was acquired by an Australian collector in 1983, but other material has appeared on the market over many years, most recently in a major Christie's sale of 2002.	O arquivo Freycinet era de tamanho considerável e permaneceu nas mãos da família por muitos anos antes de começar a ser gradualmente disperso entre os anos de 1960 e 1970. Essa coleção foi adquirida por um colecionador australiano em 1983, mas outros materiais apareceram no mercado ao longo dos anos, recentemente, em uma grande venda da Christie's em 2002.
The journal was given in 1820 by Rose de Freycinet to her close friend Caroline de Nanteuil, for whom it was created during the voyage. It remained in the Nanteuil family until it was gifted by Caroline's grand-daughter Geneviève, Baronne de Rotours, to the Freycinet family in 1913. Subsequently the three notebooks bound together as a single volume were sold by the late Baron de Freycinet before 1983 but after 1962 (when it was seen at the Freycinet home by Lady Bassett). It was not among the Freycinet family material sold at auction in London in 2002.	Esse diário foi dado por Rose de Freycinet em 1820 para sua amiga íntima Caroline de Nanteuil, para quem ele foi escrito durante a viagem. Ele permaneceu na família Nanteuil até que a neta de Caroline, Geneviève, baronesa de Rotours, o deu de presente para a família Freycinet em 1913. Posteriormente, os três cadernos foram encadernados em um único volume e vendidos pelo antigo barão de Freycinet antes de 1983 mas depois de 1962 (quando foi visto na casa dos Freycinet por Lady Bassett). Não estava entre o material da família Freycinet vendido em um leilão em Londres em 2002.

Fonte: NSW Library e elaborado pela autora, 2024.

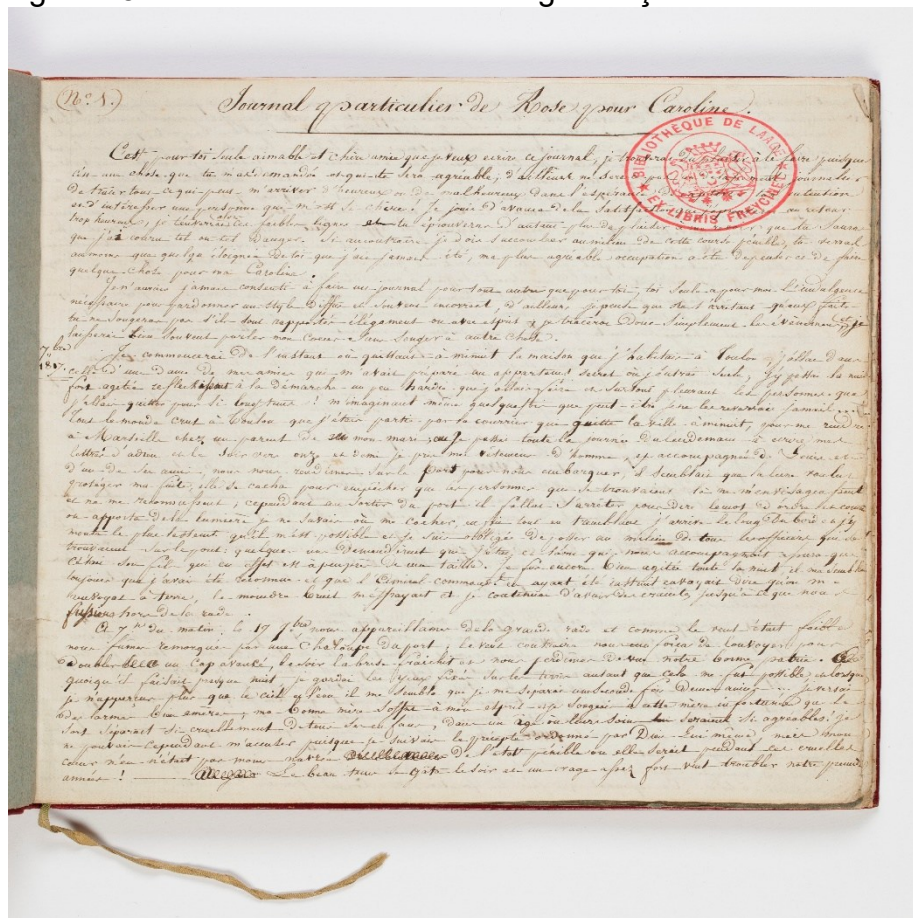
⁷² Para ler o texto completo *Scope and Contents* e a sua tradução, consultar o Anexo A.

Os metadados dessa coleção permitem entender o porquê de os manuscritos estarem inacessíveis para tradução até pelo menos 2011. Afinal, a biblioteca de New South Wales contava com uma cópia de microfilme digitalizada em 2011 em seu acervo e adquiriu o material em 2013. Antes disso, ele fazia parte de uma coleção privada na Austrália, estando inacessível ao grande público. O livro de Marnie Bassett, *Realms & Islands: The World Voyage of Rose de Freycinet 1817-1820*, publicado em 1962 pela Oxford Press, não é uma tradução completa, mas sim um livro que conta história de Rose e traz alguns trechos do diário traduzidos do manuscrito ao inglês, e por isso não será analisado como uma tradução. Ele foi baseado no manuscrito consultado pessoalmente por Marnie Bassett na França antes que ele fosse vendido.

Recentemente (é difícil estabelecer a data, uma vez que a biblioteca não fornece esses dados), a coleção de manuscritos de Rose de Freycinet foi redigitalizada e disponibilizada na coleção de arquivos digitais⁷³.

⁷³ Disponível em: <https://collection.sl.nsw.gov.au/record/1DrmrKP9>. Acesso em: 10 jul. 2024.

Figura 15 - Versão mais recente da digitalização dos manuscritos



Fonte: NSW Library, 2024.

Percebe-se o ganho de qualidade da imagem em relação à cópia microfilmada. O diário também está inserido em uma ferramenta de transcrição digital de textos da própria Biblioteca de New South Wales. Dessa forma, é possível encontrar todas as páginas do manuscrito em alta qualidade à esquerda com o local destinado à sua transcrição à direita. As páginas contam com transcrição em diferentes *status*: "Completed", quando a transcrição é considerada completa e revisada; "Partially transcribed", quando a transcrição da página ainda não foi feita na totalidade; "Ready for review", quando a transcrição foi feita, mas não revisada; e "Not yet started", quando a transcrição ainda não foi iniciada e está aberta tal por meio de trabalho colaborativo a ser feito por quem se interessar em contribuir.

Figura 16: Ferramenta de transcrição da Biblioteca de New South Wales



Fonte: Página 7, biblioteca de New South Wales, 2024⁷⁴.

De acordo com a biblioteca, eles estão tentando fazer suas coleções se tornarem mais acessíveis "ao transcrever documentos usando a nossa ferramenta própria para tal"⁷⁵. Por isso, eles informam que forneceram a ferramenta de transcrição de documentos "From the Page" a partir de março de 2022: "Estamos mudando para uma plataforma mais sustentável e fácil de usar a partir de quinta-feira, 31 de março de 2022. Agora, usaremos o From the Page para produzir transcrições digitais de materiais originais de nossas coleções."⁷⁶.

Isso indica a tendência de que as bibliotecas e arquivos atualizem e digitalizem seus documentos para que sejam lidos por tecnologias de reconhecimento de caracteres e transcritos, facilitando o trabalho de pesquisadores em todo o mundo.

Outra parte da coleção de manuscritos de autoria de Rose também está sob posse da Biblioteca de New South Wales. Trata-se de 187 páginas de cópias de 15 cartas de Rose para sua mãe, Madame Pinon entre 1817 e 1824. As cópias foram

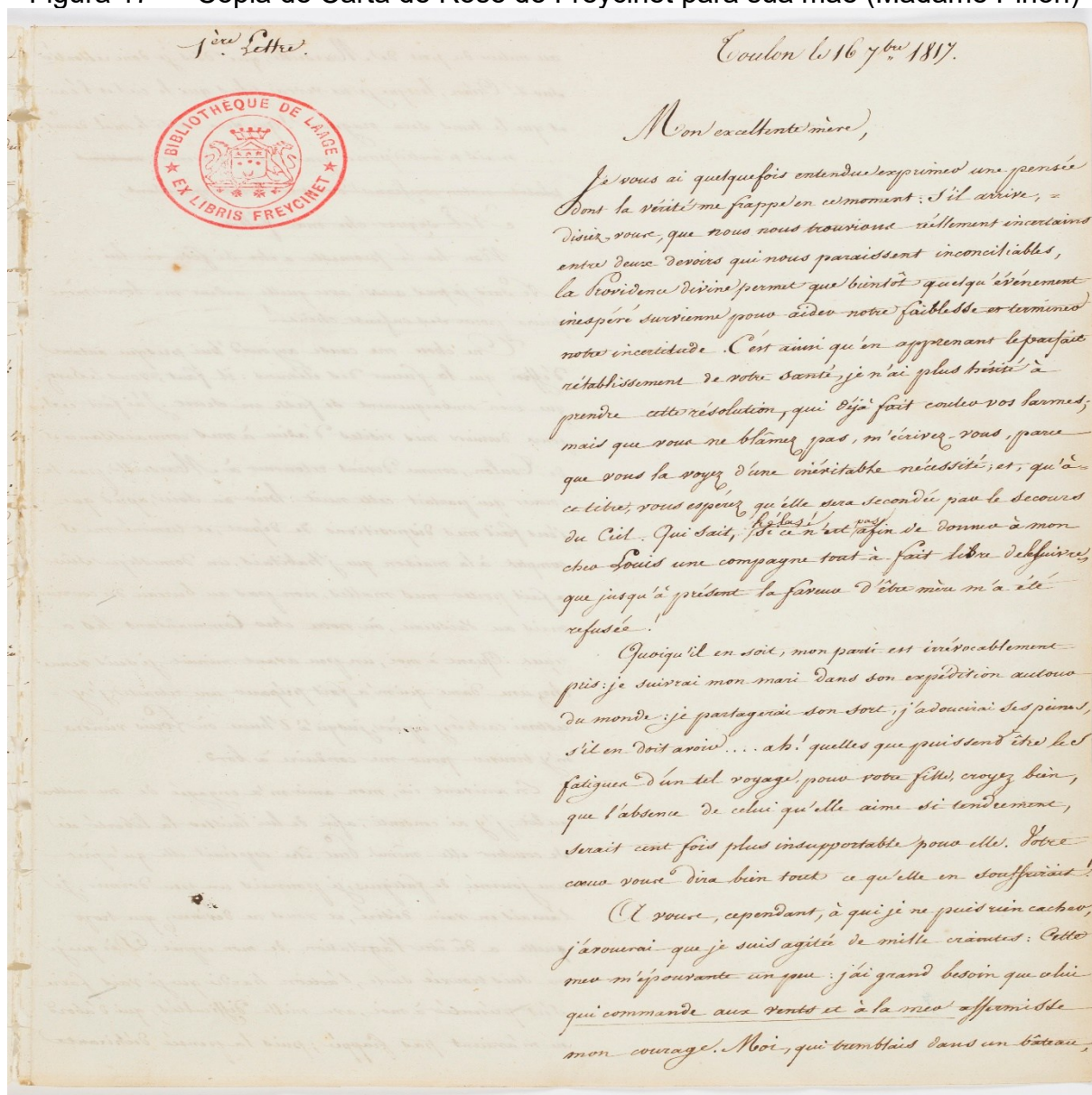
⁷⁴ Disponível em: <https://transcripts.sl.nsw.gov.au/page/item-01-journal-particulier-de-rose-pour-caroline-september-1817-october-1820-page-7>. Acesso em: 09 jul. 2024.

⁷⁵ Em inglês: "by transcribing documents using our purpose-built transcription tool.". Disponível em: <https://transcripts.sl.nsw.gov.au/>. Acesso em: 09 jul. 2024.

⁷⁶ Em inglês: "We are moving to a more sustainable and user-friendly platform from Thursday 31 March 2022. We will now be using From the Page to produce digital transcripts of original materials from our collections". Disponível em: <https://transcripts.sl.nsw.gov.au/>. Acesso em: 09 jul. 2024.

feitas por Louis, seu marido, antes da morte de Rose em 1832. As originais, acredita-se que estão perdidas. A diferença na caligrafia permite constatar que, de fato, não foram escritas pela mesma pessoa.

Figura 17 — Cópia de Carta de Rose de Freycinet para sua mãe (Madame Pinon)



Fonte: New South Wales State Library, 2024.

De acordo com a historiadora Marnie Bassett, autora do livro *Realms & Islands: The World Voyage of Rose de Freycinet (1817-1820)*, publicado em 1962 pela Oxford Press e que trata dos diários de Rose, Louis pensou em publicar os relatos de sua esposa após ela ter morrido e: “Possivelmente para esse propósito, foram feitas cópias das cartas dela para sua mãe, e essas estão agora na biblioteca do Château

de l'Age, as originais estão aparentemente perdidas⁷⁷ (Bassett, 1962, p. x, tradução minha).

Bassett (1962) também levanta a hipótese de que Louis tenha “melhorado” o texto das cartas ao fazer cópias delas: “Nessas cópias, a falta de referência a importantes assuntos pessoais mencionados no diário prova que elas estão incompletas, e às vezes o estilo sugere que foram ‘melhoradas’⁷⁸.” (Bassett, 1962, p. x, tradução minha).

Ainda de acordo com Bassett (1962), Louis não foi até o fim com sua intenção de publicar os relatos da esposa, mas as cópias das cartas à mãe, juntamente com os originais das cartas à Caroline, deram origem ao que se estabeleceu como a versão do diário editada em francês “(...) muitos anos depois, um descendente da amiga para quem o diário foi escrito adicionou-os aos arquivos dos Freycinet e essas duas fontes — o diário e as cartas copiadas — forneceram um resumo da viagem de Rose de Freycinet (...).⁷⁹” (Bassett, 1962, pp. x-xi, tradução minha).

Nos metadados da versão em microfilme dos manuscritos dos diários de Rose para Caroline de Nanteuil disponibilizada pela biblioteca de New South Wales, consta a informação de que há notas escritas por Lady Bassett nas margens de algumas páginas destacando as diferenças entre os originais e a edição impressa por Charles Duplomb: “Diário mantido por Rose de Freycinet para Caroline de Nanteuil, 1817-1820 com notas manuscritas de Lady Bassett na margem de algumas páginas, registrando diferenças em relação à edição impressa por Duplomb⁸⁰”.

⁷⁷ No original em inglês: “Possibly for this purpose, copies of her letters to her mother were made and these are now in the library at the Château de l'Age, the original letters seemingly lost.” (Bassett, 1962, p. x)

⁷⁸ No original em inglês: “In these copies, the lack of reference to important personal matters mentioned in her journal proves that they are incomplete and sometimes the style suggests they were ‘improved’.” (Bassett, 1962, p. x)

⁷⁹ No original em inglês: “Louis de Freycinet did not carry out his intention; but many years later a descendant of the friend for whom the journal was written added it to the Freycinet archives and these two sources — the journal and the copied letters — provided an account of Rose de Freycinet’s voyage (...)” (Bassett, 1962, pp. x-xi).

⁸⁰ Em inglês: “Journal kept by Rose de Freycinet for Caroline de Nanteuil, 1817-1820. with manuscript notes by Lady Bassett in margin of some pages, noting differences from printed edition of voyage by Duplomb”. Disponível em: <https://collection.sl.nsw.gov.au/record/1kVdPZOn/IDmzZLxaNJ7be>.

Ainda na base de dados digital da Biblioteca de New South Wales há 5 cartas enviadas por Rose de Freycinet à Jeanne “Clémentine” de Freycinet. Nas anotações da coleção, há detalhes biográficos:

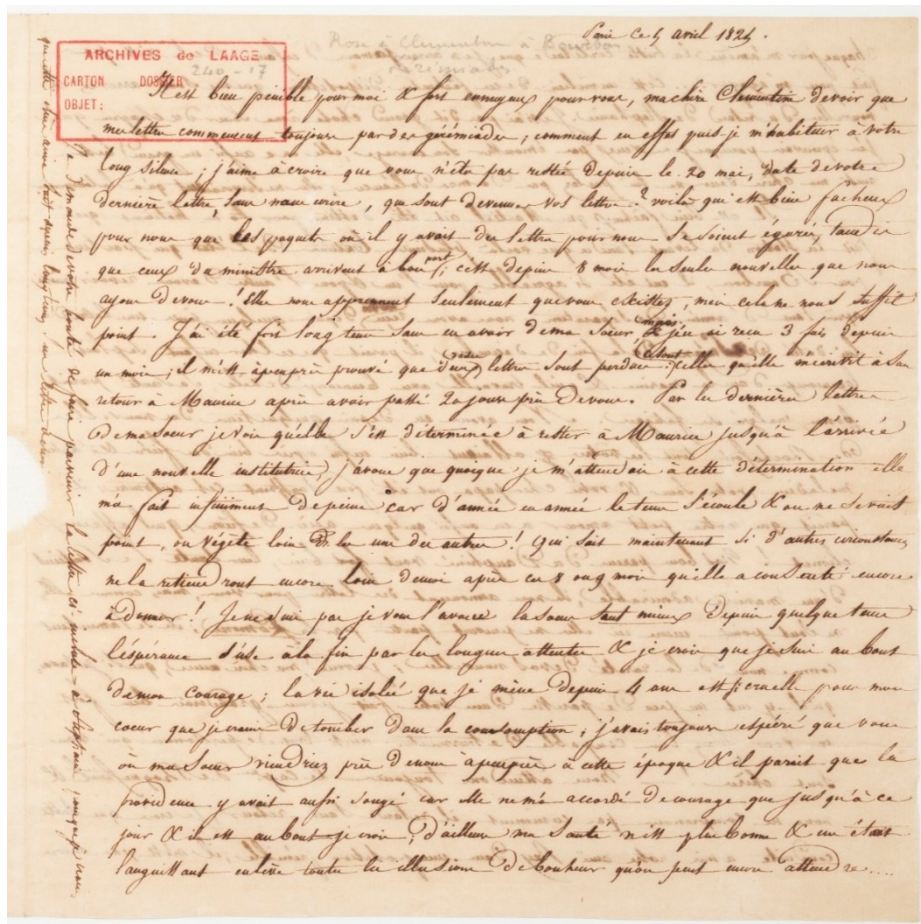
Jeanne "Clémentine" de Freycinet (1795-1876), nascida Bélar, filha do capitão Claude René Bélar (1767-1837), casou-se com Henri de Freycinet em fevereiro de 1815 em Rochefort. Tiveram dois filhos, Louis René (Lodoix) de Freycinet (1820-1877), nascido em Rochefort, e Charles Henri de Freycinet (1823-1881), nascido na Île Bourbon [Reunião]. Ambos os filhos atingem o posto de contra-almirante na marinha francesa. Clémentine e Henri confiam a Rose e Louis de Freycinet a guarda de Louis René (Lodoix) em Paris, desde 1827 (7 anos) até ao regresso dos pais a França em 1830⁸¹⁸².

Essas cartas avulsas, à primeira vista, não constam no diário editado por Duplomb em 1927.

⁸¹ Disponível em: <https://collection.sl.nsw.gov.au/record/92eby06Y>.

⁸² Em inglês: Jeanne 'Clémentine' de Freycinet (1795-1876), née Bélar, daughter of Captain Claude René Bélar (1767-1837), married Henri de Freycinet in February 1815 in Rochefort. They had two sons, Louis René (Lodoix) de Freycinet (1820-1877), born in Rochefort, and Charles Henri de Freycinet (1823-1881), born on Île Bourbon [Réunion]. Both sons reached the rank of Rear Admiral in the French Navy. Clémentine and Henri entrusted Rose and Louis de Freycinet with the care of Louis René (Lodoix) in Paris, from 1827 (aged 7) until his parents returned to France in 1830.

Figura 18 – Carta assinada por Rose de Freycinet para Jeanne C. Freycinet, Paris, 4 de abril de 1824



Fonte: New South Wales State Library, 2024.

Para completar a coleção de manuscritos disponíveis na biblioteca de New South Wales, há uma cópia da proposta da expedição do *Uranie*, escrita por Louis de Freycinet.

Também na Austrália, mas na biblioteca nacional, há outros documentos pertinentes à expedição e aos diários de Rose. A coleção é apresentada como “Documentos relativos a Louis e Rose de Freycinet, 1802-1927 [manuscrito], Número de referência MS 10124⁸³”.

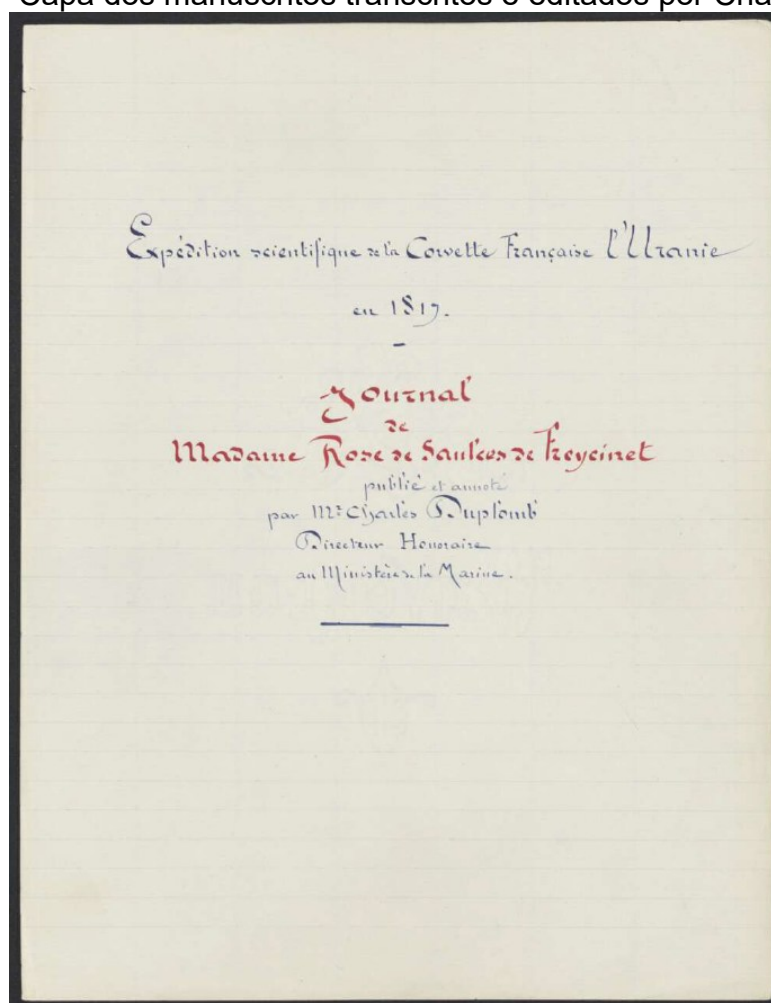
Nessa coleção, há seis itens, sendo o primeiro deles o mais relevante para esse estudo, apresentado no site da biblioteca como:

⁸³ Em inglês: “Documents relating to Louis and Rose de Freycinet, 1802-1927 [manuscript], Call Number MS 10124”. Disponível em: <https://nla.gov.au/tarkine/nla.obj-234958506>.

(1) Transcrição do manuscrito da versão completa do diário de Rose de Freycinet, escrito durante sua viagem a bordo do *Uranie*, 1817-1820, transcrito por Charles Duplomb, com correções por Barão Charles de Freycinet, Paris, 1925-1927. A transcrição é significativa porque a versão completa do diário de Rose de Freycinet nunca foi publicada.⁸⁴ (National Library of Australia⁸⁵, 2024)

A biblioteca indica que a coleção foi doada pelo Sr. A.P. Woods, fundador e diretor em nome da Woodside Valley Foundation em 2011.

Figura 19 — Capa dos manuscritos transcritos e editados por Charles Duplomb



Fonte: National Library of Australia, 2024.

⁸⁴ No original em inglês: "(1) Manuscript transcription of the complete version of the journal of Rose de Freycinet, kept during her voyage onboard L'Uranie, 1817-1820, transcribed by Charles Duplomb, with corrections by Baron Charles de Freycinet, Paris, 1925-1927. The transcription is of significance because the full version of Rose de Freycinet's journal has never been published". (National Library of Australia, 2024).

⁸⁵ Disponível em: <https://nla.gov.au/nla.obj-234958484>.

de pensamento e as decisões que aconteceram entre o “original manuscrito” e o “original editado”.

Além desse documento, na coleção da National Library of Australia há uma cópia da edição de 1927, uma carta de Rose de Freycinet à sua cunhada Clémentine de Freycinet, de 20 de novembro de 1824; uma carta de Louis de Freycinet ao seu irmão Henri, de 20 de novembro de 1824; uma cópia de *Récits maritimes ou Lettres inédites de marins français*, compilado por Charles, publicado em 1924, incluindo um capítulo sobre Rose e Louis de Freycinet e um mapa da costa sul da Austrália.

O quadro a seguir lista as versões dos manuscritos dos diários e cartas de Rose disponíveis para consulta pública desde a mais antiga digitalização até a mais recente. Duas coleções dos mesmos documentos (diário de Rose + cartas à mãe) foram disponibilizadas pela New South Wales Library, mas em diferentes qualidades de visualização, e uma coleção da Biblioteca Nacional da Austrália contém o manuscrito dos editores com anotações e edições de Charles Duplomb e Henri de Freycinet:

Quadro 6 — Manuscritos referentes aos diários e cartas de Rose de Freycinet

Título	Data de escrita ou publicação	Data de disponibilização online	Localização	Link
<i>Prints of journal and letters of Rose de Freycinet on her voyage around the world, 1817-1824</i>	1817-1820	2010-11	New South Wales State Library (Austrália)	https://collection.sl.nsw.gov.au/record/nQR2BeV1
<i>Manuscript transcription of the complete version of the journal of Rose de Freycinet, kept during her voyage onboard L'Uranie, 1817-1820, transcribed by Charles Duplomb, with corrections by Baron Charles</i>	(?) c. 1927	2011	National Library of Australia (Austrália)	https://nla.gov.au/nla.obj-234958627/view

de Freycinet, Paris, 1925-1927				
Rose de Freycinet journal written while on the Uranie voyage, 1817-1820, together with a transcription of her letters to her mother, 1817-1819, transcribed before 1842.	Diários: 1817-1819 Transcrição das cartas para a mãe: antes de 1842	Não informada, mas depois de 2013	New South Wales State Library (Austrália)	https://collection.sl.nsw.gov.au/record/1DrmrKP9

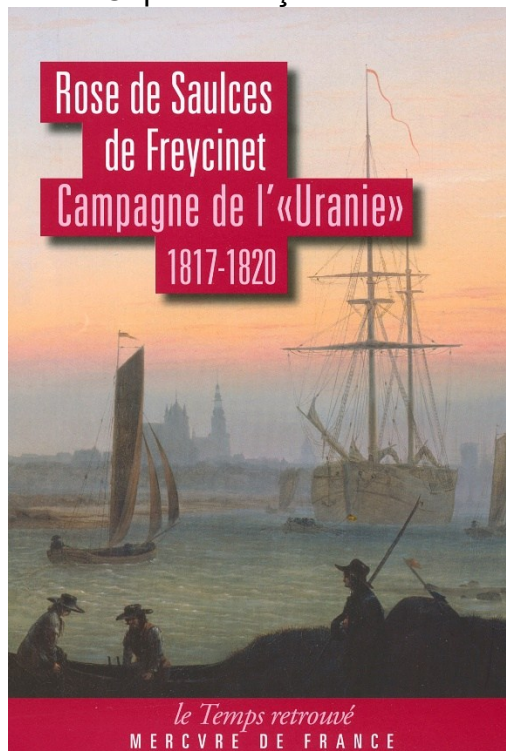
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O texto de partida das traduções dos diários de Rose, porém, nem sempre foi o manuscrito. Muitas das traduções são baseadas na versão editada e estabelecida por Charles Duplomb, publicada em 1927, conforme será demonstrado na etapa de crítica de tradução.

Além da versão de Duplomb, houve outras reedições da obra em francês entre 1996 e 2015, por diferentes editoras. Como a maioria dessas edições está esgotada ou era de difícil acesso *online*, fez-se necessária uma visita à Biblioteca Nacional da França (BnF) em julho de 2024, onde pude consultar três edições diferentes.

A edição *Campagne de l'Uranie (1817-1820)* de autoria de Rose de Saulces de Freycinet foi publicada em 2015 pela editora Mercure de France como parte da coleção "Le Temps retrouvé". A edição conta com um prefácio assinado por Sandrine Filipetti.

Figura 21 - Capa da edição francesa de 2015



Fonte: Gallimard⁸⁶, 2024.

A editora Mercure de France se apresenta como uma das mais antigas da França, criada em 1894, sendo dirigida por Simone Gallimard de 1962 a 1995 e posteriormente por Isabelle Gallimard⁸⁷. De acordo com o *site* da editora, "Tradição e modernidade são as palavras que guiam a editora que, ao mesmo tempo em que ostenta uma coleção bastante rica, demonstra interesse crescente pela literatura contemporânea⁸⁸". A coleção à qual o livro pertence leva o nome de "Temps Retrouvé", elaborada por Isabelle Gallimard e iniciada em 1999. A coleção está indicada no *site* da Mercure de France por ter as seguintes características: "Os títulos desta série têm o objetivo de dar voz aos principais atores de uma época, sejam eles famosos ou desconhecidos, uma maneira inédita de abordar a História pelo viés da

⁸⁶ Disponível em: <https://www.gallimardnumerique.com/ebook/9782715238268-campagne-de-l-uranie-1817-1820-journal-rose-de-saulces-de-freycinet/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

⁸⁷ Disponível em: <https://www.mercuredefrance.fr/Historique>. Acesso em: 11 jul. 2024.

⁸⁸ Do francês: "Tradition et modernité sont les maîtres mots de la maison qui tout en mettant en valeur le fonds très riche, manifeste un intérêt toujours croissant pour la littérature contemporaine". (Mercure de France, 2024, tradução minha).

narrativa pessoal⁸⁹". Ainda no mesmo endereço eletrônico, há a informação de que foram publicados vários diários, correspondências e outras obras do gênero à razão de 6 livros por ano.

Tabela 1 - Edição em Francês de 2015

Título	Autoria	Editor/a	Prefácio	Data	Editora	Coleção
<i>Journal : Campagne de l'«Uranie» (1817-1820)</i>	Rose de Saulces de Freycinet	Sandrine Fillipetti	Sandrine Fillipetti	29 de maio de 2015	Gallimard/Mercure de France/Paris	Le Temps Retrouvé

Fonte: BnF, Gallimard⁹⁰, Mercure de France (2024).

Destaca-se ainda o fato de que o livro não pode ser encontrado atualmente em nenhuma parte do *site* da Mercure de France, mas sim no *site* da editora Gallimard, inclusive para venda em versão digital por 12,99 euros com as seguintes informações:

Figura 22 - Informações da versão digital de 2015

Détails produits

Rayons : Sciences humaines & sociales > Histoire > Histoire généralités > Biographies / Monographies

Auteur(s)	Rose de Saulces de freycinet	Action imprimer	Non
Éditeur	Mercure de France	Partage	Dans le cadre de la copie privée
Distributeur	Gallimard	Nb Partage	6 appareils
Date de parution	27/05/2015	Poids	1 884 Ko
Collection	Le Temps retrouvé	Diffuseur	Gallimard
EAN	9782715238268	Entrepôt	Eden Livres
Disponibilité	Disponible	Support principal	ebook (ePub)
Nombre de pages	288 Pages	Version ePub	2.0.1
Action copier/coller	Non		

Fonte: Gallimard⁹¹, 2024.

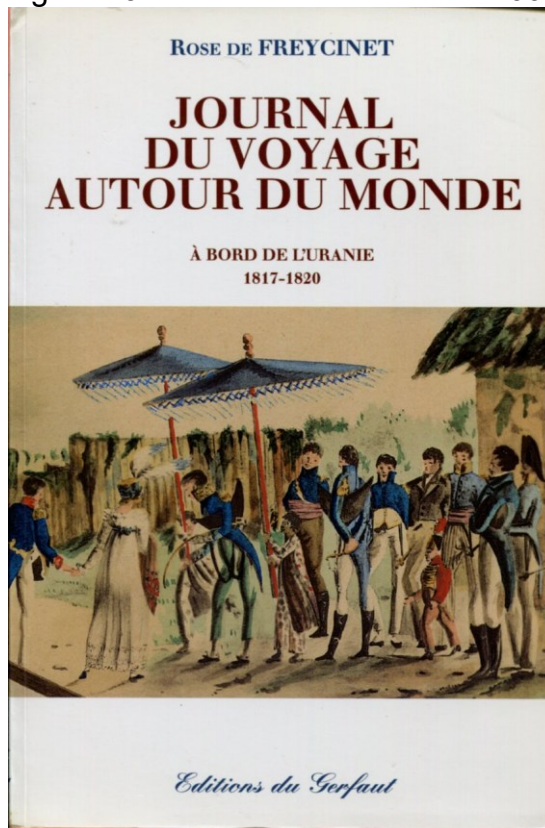
A edição de 2003 publicada pela Éditions du Gerfaut leva o título de *Journal Du Voyage Autour Du Monde - A Bord De L'Uranie 1817-1820*, de autoria de Rose de Freycinet.

⁸⁹ Do francês: "Les titres de cette série ont pour objectif de faire entendre la parole d'acteurs privilégiés d'une époque, célèbres ou inconnus, une manière inédite d'aborder l'Histoire par le biais du récit vécu". (Mercure de France, 2024, tradução minha).

⁹⁰ Disponível em: <https://www.gallimard.fr/Catalogue/MERCURE-DE-FRANCE/Le-Temps-retrouve/Journal-Campagne-de-l-Uranie>. Acesso em: 15 jul. 2024.

⁹¹ Disponível em: <https://www.gallimardnumerique.com/ebook/9782715238268-campagne-de-l-uranie-1817-1820-journal-rose-de-saulces-de-freycinet/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

Figura 23 - Versão em francês de 2003



A editora Éditions du Gerfaut se apresenta como uma editora focada em natureza, caça, pesca. O livro não foi reeditado, está fora de circulação. No *site* da editora, consta que "A atividade editorial foi totalmente redinamizada e repaginada de acordo com seu eixo histórico: caça, pesca e natureza e se abrir para a cozinha gourmet.⁹²". Ao final da edição consultada na BnF, consta que há outros títulos publicados na coleção "Éditions du Gerfaut Marine", com séries como "Marins au Combat" e "Histoires de mer et de marins". Isso permite supor que entre 2003 e 2024, a editora se reconfigurou e que o livro de Freycinet não combina mais com sua linha editorial atual.

Figura 24 - Edição em francês de 2003

Título	Autoria	Editor/a	Prefácio	Data	Editora e local	Coleção
<i>Journal du voyage autour du</i>	Rose de Freycinet	Não indicado	Muriel Proust	2003	Éditions du Gerfaut/ Paris	Marine

⁹² Do francês: " L'activité éditoriale a été totalement redynamisée et redéployée sur leur axe historique : chasse, pêche et nature et s'ouvrir à la cuisine gourmande". (Disponível em: <https://www.editionsdugerfaut.com/la-maison-d-edition/>. Acesso em: 15 jul. 2024. Tradução minha).

monde à bord de l'Uranie 1817-1820			de la Gironière			
---	--	--	--------------------	--	--	--

No prefácio dessa edição, consta a justificativa do editor para a publicação: "Motivada pelo mesmo desejo de transmitir à posteridade um testemunho único, a Gerfaut reeditou o texto da Sra. de Freycinet em 2003 em sua coleção *Marine*.⁹³" (Gironière, 2003, p. 9, tradução minha). Ainda no prefácio, consta a informação de que pelo fato de o roteiro da viagem ser bastante conhecido, não há mapas no conteúdo do livro, mas que as pranchas com as ilustrações de 1927 são reproduzidas para mostrar os lugares que tocaram a sensibilidade de Rose.

Um artigo de Gilles Bounoure na revista *Journal de la Société de Océanistes* situa essa publicação em relação à sua tradução em inglês:

Esse livro deve ser reconhecido devido à recepção muito favorável de uma tradução australiana independente dessa reedição (*A Woman of Courage. The Journal of Rose de Freycinet on her voyage around the world 1817-1820*, traduzido e editado por Marc Serge Rivière, Canberra, National Library of Australia, 2003). A editora garantiu ao público que esse texto "até então era conhecido apenas por um punhado de especialistas franceses"! É verdade que a primeira edição (*Journal de Madame Rose de Freycinet d'après le manuscrit original accompagné de notes par Charles Duplomb...*, Paris, Société d'Éditions géographiques, maritimes et coloniales, 1927, uma publicação de grande formato muito procurada por suas vinte e cinco placas hors-texte, treze das quais coloridas) sempre foi difícil de encontrar nas livrarias e não existe em muitas bibliotecas⁹⁴ (Bounoure, 2008, p. 356-358, tradução minha).

Esse comentário sobre a publicação em francês de 2003 permite concluir que a obra de Freycinet despertou mais interesse através de sua tradução ao inglês,

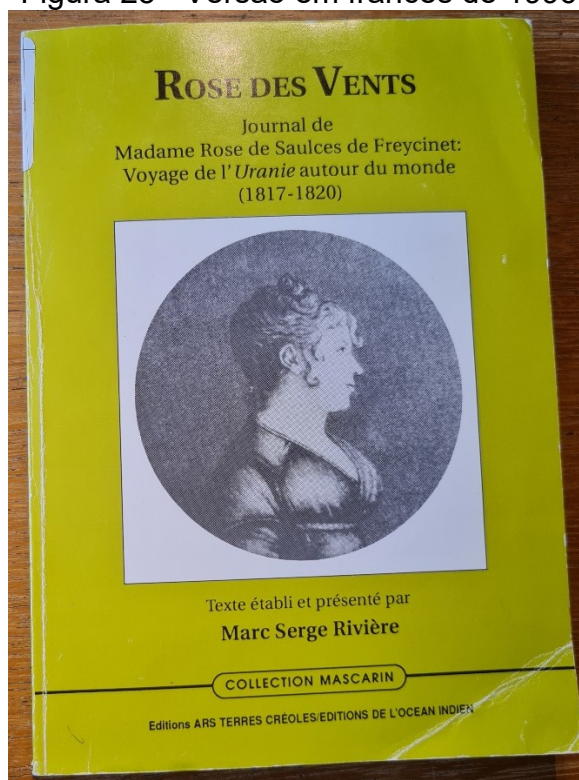
⁹³ Do francês: " Animé par la même volonté de transmettre à la posterité un témoignage unique en son genre, le Gerfaut réédite en 2003, dans sa collection *Marine*, le texte de Mme de Freycinet" (Gironière, 2003, p. 9).

⁹⁴ Do francês: " Ce livre devait être signalé en raison de l'accueil très favorable réservé à une traduction australienne indépendante de cette réédition (*A Woman of Courage. The Journal of Rose de Freycinet on her voyage around the world 1817-1820*, translated and edited by Marc Serge Rivière, Canberra, National Library of Australia, 2003). L'éditeur assurait au public que ce texte « n'était connu jusqu'à présent que par une poignée de spécialistes français » ! Il est vrai que la première édition (*Journal de Madame Rose de Freycinet d'après le manuscrit original accompagné de notes par Charles Duplomb...*, Paris, Société d'Éditions géographiques, maritimes et coloniales, 1927, publication grand format recherchée pour les vingt-cinq planches hors-texte dont treize en couleurs l'accompagnant) a toujours été peu abordable chez les libraires et manque à beaucoup de bibliothèques." (Bounoure, 2008, p. 356-358).

especialmente na Austrália, sendo considerada de pouca importância ou relevância na França, onde apenas alguns especialistas a estudaram.

A edição dos diários de Freycinet publicada em 1996 pela editora ARS Terres Créoles/Éditions de l'Océan Indien leva o título de *Rose des vents: Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet : Voyage de l'Uranie autour du monde (1817-1820)*, parte da coleção Mascarin. Ressalta-se o fato de que a autora não é mencionada na capa, somente na contracapa. Na capa apenas há informações sobre a edição: "texto estabelecido e apresentado por Marc Serge Rivière".

Figura 25 - Versão em francês de 1996



Fonte: a autora em visita à BnF, 2024

Tabela 2 - Versão em francês de 1996

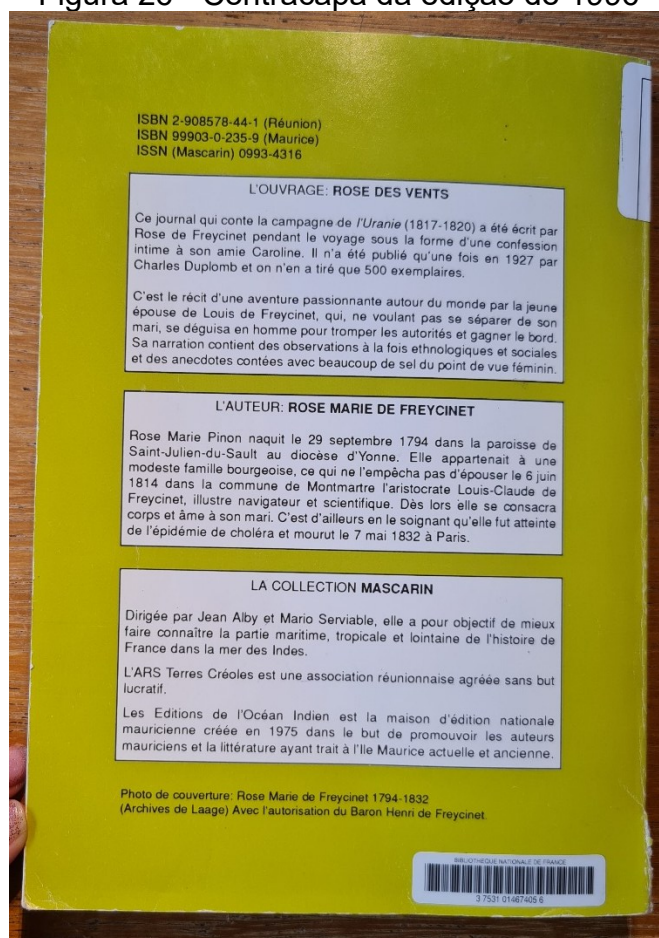
Título	Autoria	Editor/a	Prefácio	Data	Editora e local	Coleção
<i>Rose des Vents: Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet:</i>	Rose Marie de Freycinet (contracapa)	Marc Serge Rivière	Marc Serge Rivière	1996	ARS Terres Créoles/Ilhas Reunião e Éditions de l'Océan Indien/ Ilhas Maurício	Mascarin

Voyage de l'Uranie autour du monde (1817-1820)						
--	--	--	--	--	--	--

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

A contracapa do livro traz informações sobre a obra, a autora, com a biografia de Rose de Freycinet e sobre a editoras.

Figura 26 - Contracapa da edição de 1996



Fonte: a autora em visita à BnF, 2024.

Na contracapa há um pequeno resumo das duas editoras responsáveis por essa publicação. A ARS Terres Créoles é uma associação cultural das Ilhas Reunião e a Éditions de l'Océan Indien é uma editora das Ilhas Maurício criada em 1975 com o objetivo de promover a literatura local. A ARS Terres Créoles tem em seu *site* uma seção contendo todas as 22 obras da coleção Mascarin acompanhadas de resumo, dados, capa e apresentando também os objetivos da coleção, entre eles apresentar o

passado comum das populações insulares esquecidas e órfãs de um projeto de sociedade original, apresentar aos franceses e francófonos a parte tropical, marítima e distante da história francesa⁹⁵. Essa edição destaca-se por ter sido publicada com apoio da embaixada da França na Austrália e por ter sido publicada após o editor visitar os arquivos dos Freycinet na França. Ele também traduziu a obra ao inglês.

O pesquisador Rivière, que organizou a edição, esteve na residência de Laage, de propriedade dos herdeiros dos Freycinet, onde consultou os arquivos disponíveis e teve acesso ao manuscrito com a edição de Duplomb (Freycinet, 1996). A partir do prefácio de Rivière, fica esclarecido de quem são as canetas e lápis que aparecem no manuscrito dos editores: Charles Duplomb, o barão Henri Freycinet e Charles Freycinet, ministro do Estado francês falecido em 1923. Ele também traz trechos da correspondência entre o barão Henri de Freycinet e Duplomb, recomendando prudência ao tratar de certos nomes no diário pois tratava-se de figuras relevantes da sociedade francesa. Rivière relata também em seu prefácio que os manuscritos originais de Rose estavam perdidos àquela época. Combinando os dados deste paratexto com os metadados encontrados nos arquivos dos Freycinet nas bibliotecas da Austrália, é possível afirmar que os manuscritos estavam nas mãos de um colecionador australiano. A versão consultada por Rivière foi provavelmente a cópia manuscrita dos editores, o que permitiu que inserisse em nota de rodapé as alterações realizadas em relação ao texto de 1927. Portanto, essa versão publicada na França ultramarina pode ser considerada uma versão crítica: contém o texto de 1927 e traz adições a ele com base nos manuscritos, sendo então a versão mais completa encontrada em francês e, infelizmente esgotada.

Finalmente, há a versão de 1927, disponibilizada na Gallica, a base de dados online da Biblioteca Nacional da França com o título *Journal de madame Rose de Saulces de Freycinet : campagne de "l'Uranie" (1817-1820) / d'après le manuscrit original, accompagné de notes par Charles Duplomb*, editada pela Société d'éditions géographiques, maritimes et coloniales em Paris em 1927.

Título	Autoria	Editor/a	Prefácio	Data	Editora e local	Data digitalização
--------	---------	----------	----------	------	-----------------	--------------------

⁹⁵ Disponível em: https://www.arstc.re/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=3. Acesso em: 15 jul. 2024.

<i>Journal de madame Rose de Saulces de Freycinet : campagne de "l'Uranie" (1817-1820) / d'après le manuscrit original, accompagné de notes par Charles Duplomb</i>	Rose de Saulces de Freycinet	Charles Duplomb	Marc Serge Rivière	1927	Société d'éditions géographiques, maritimes et coloniales/Paris	2009
---	------------------------------	-----------------	--------------------	------	---	------

Fonte: BnF, 2024⁹⁶.

A Société d'éditions géographies, maritimes et coloniales é uma instituição acadêmica fundada em 1921, e hoje atende pelo nome de Société de Géographie ou Société de Géographie de Paris, sendo considerada a sociedade de Geografia mais antiga do mundo. A instituição reúne estudiosos, jornalistas e exploradores de diversas áreas ligadas à cartografia, exploração, geografia, história, geologia, astronomia, zoologia, sociologia. O interesse principal quando a sociedade surgiu era por assuntos relacionados aos territórios, colônias e países que eram administrados pela França ou que mantinham laços históricos com o país. Charles Louis Barthélémy Duplomb fez sua carreira no Ministério da Marinha francês, onde ingressou como trabalhador temporário em 1863 e do qual se tornou diretor honorário em 1924⁹⁷.

3.3 As diferentes traduções dos diários de Rose de Freycinet

As traduções dos Diários de Viagem de Rose de Freycinet são tão ou mais importantes do que o original na composição do *corpus* deste trabalho. No quadro a seguir, faço um resumo das 5 principais versões traduzidas encontradas:

Quadro 7: Versões traduzidas dos diários de Rose de Freycinet

Título	Data	Língua	Editora/Local	Suporte	Tradutor
--------	------	--------	---------------	---------	----------

⁹⁶ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56981727.textImage>. Acesso em: 15 jul. 2024.

⁹⁷ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.cths.fr/an/savant.php?id=116956#>. Acesso em: 15 jul. 2024.

Journal of a voyage round the world, 1817-1820 by Rose Marie de Saulces Freycinet: a translation into English by Sir William Dixon	c. 194?	Inglês	N.p./Biblioteca Nacional da Austrália	Manuscrito digitalizado	Sir William Dixon
<i>A woman of courage : the journal of Rose de Freycinet on her voyage around the world 1817-1820</i>	1996 e 2003 (2. ed)	Inglês	Library of Australia, Canberra, Australia	Livro	Marc Serge Rivière
<i>Briefe von der "Uranie": Tagebuch einer Reise um die Welt, geschrieben 1817 bis 1820</i>	2011	Alemão	Verlag der Pioniere, Berlim, Alemanha	Livro	Michael Uszinski
Diário de Viagem ao Redor do Mundo	2013	Português brasileiro	Mulheres, Florianópolis, Brasil	Livro	Rosa Alice Mosimann
Rose de Freycinet: Una viaggiatrice clandestina a bordo dell' <i>Uranie</i> negli anni 1817-20	2017	Italiano	Il Frangente, Verona, Itália	Livro	Federico Motta

Fonte: elaborado pela autora.

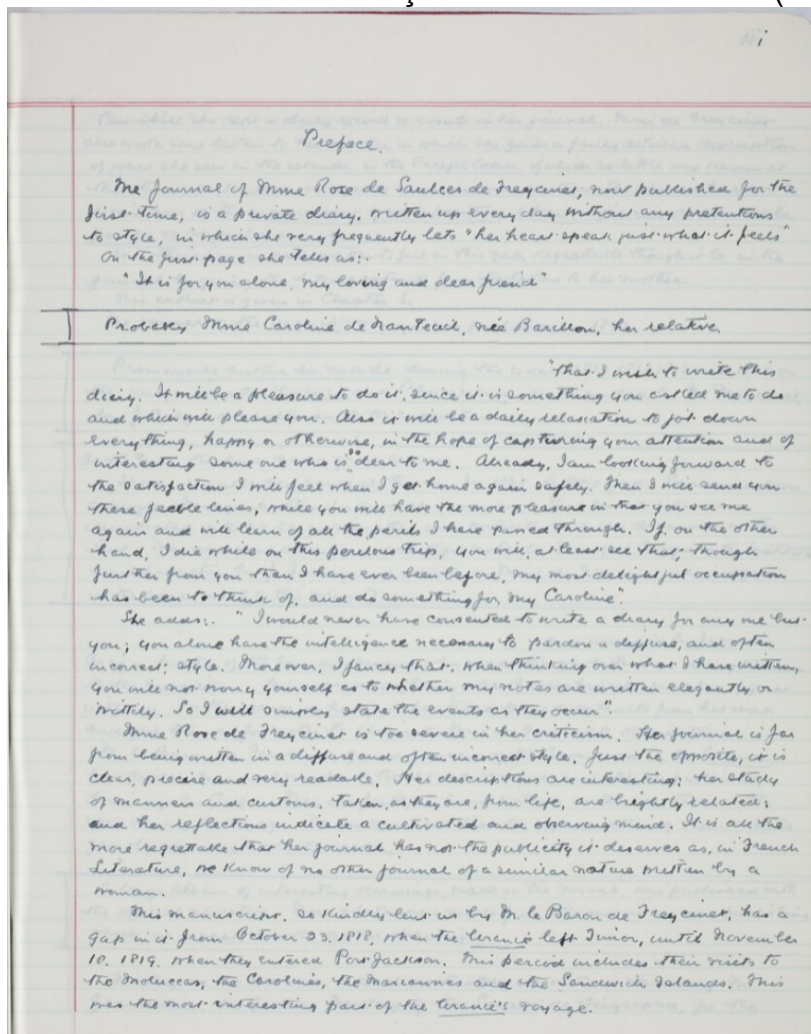
Uma crítica de tradução tem como base, afinal, suas diferentes versões. Este é um bom momento para apresentar o histórico de traduções existentes da obra e suas particularidades.

3.3.1 Traduções em inglês

A tradução mais antiga que pude encontrar consta nos arquivos da Biblioteca de New South Wales, na Austrália. Trata-se do manuscrito de uma tradução para o inglês⁹⁸ feita por Sir William Dixon (1870 – 1952), um empresário e colecionador australiano. Ele é responsável por ter doado mais de 20 mil itens para a coleção das bibliotecas australianas.

⁹⁸ Disponível em : [Journal of a voyage round the world, 1817-1820 by Rose Marie de Saulces Freycinet: a translation into English by Sir William Dixon | Collection - State Library of NSW.](#)

Figura 27 — Manuscrito da tradução de Sir William Dixson (c. 194?)



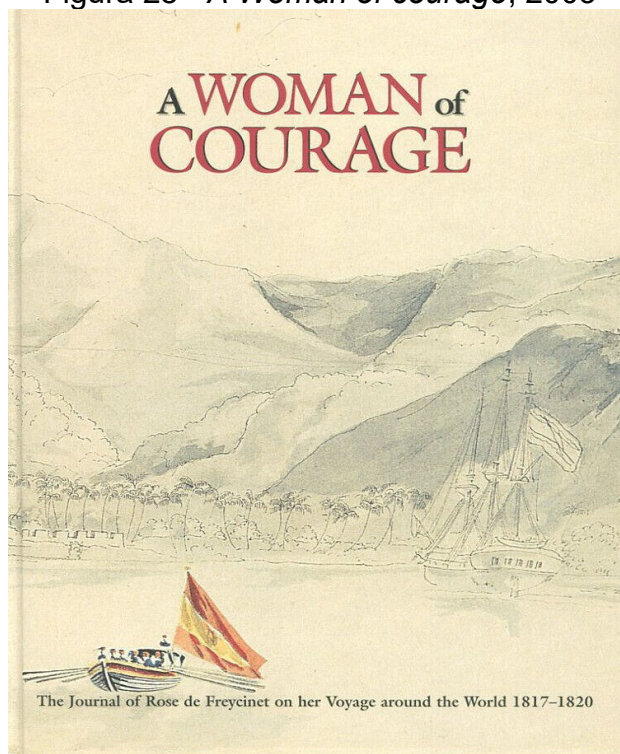
Fonte: New South Wales Library, 2024.

O manuscrito em questão tem o título *Journal of a voyage round the world, 1817-1820 by Rose Marie de Saulces Freycinet: a translation into English by Sir William Dixson* e foi doado em 1952 para o acervo da biblioteca. A data da tradução é provavelmente, por volta dos anos 1940 e não parece ter sido publicada em sua totalidade. A data é uma suposição devido ao fato de que há um trecho publicado dessa tradução no "Journal and Proceedings of the R.A.H.S", de 1944, sob o título "Madame Rose de Freycinet's visit to Sydney - November 18 to December 26, 1819". Destaca-se que na versão publicada em francês, em 1927, a estadia de Rose em Sidney não está bem documentada.

Outra tradução para o inglês foi feita por Marc Serge Rivière em 1996 sob o título *A woman of courage : the journal of Rose de Freycinet on her voyage around the world 1817-1820* e publicada em Canberra pela National Library of Australia com

reedição em 2003. Conforme já apontado anteriormente, essa tradução influenciou a reedição da obra na França em 2003 e foi publicada (a 1ª edição) no mesmo ano que a versão francesa das Ilhas Maurício, 1996. No prefácio, a edição se assume como tradução fiel à versão de 1927.

Figura 28 - *A Woman of courage*, 2003



Fonte: Ebay, 2024.

O professor Marc Serge Rivière foi diretor da English Speaking Union (ESU) das Ilhas Maurício. De acordo com dados da ESU⁹⁹, ele é formado em Artes no Royal College de Curepipe, em 1965, completou dois mestrados em artes, um na Aberdeen University na Escócia em 1970 e um na McMaster University no Canadá, em 1971. É doutor pela Glasgow University na Escócia, em 1980, e tem um diploma de Educação pela Monash University na Austrália, em 1982. Entre 1970 e 2008, foi professor de Inglês, Francês, Literatura Francófona e Estudos Culturais na Escócia, no Canadá, Austrália, França, Irlanda e Ilhas Maurício, onde esteve como professor visitante na University of Mauritius entre 2003 e 2008, aposentando-se em 2008. De acordo com

⁹⁹ Disponível em: <https://www.esumauritius.org/marc-serge-riviere/>.

sua biografia no *site* da Elite Business School, ele publicou 35 livros em Inglês e Francês e mais de 70 artigos em revistas acadêmicas internacionais.

3.3.2 Tradução para o alemão em 2011

A versão em alemão foi traduzida e editada por Michael Uszinski, publicada com o título de *Briefe von der "Uranie": Tagebuch einer Reise um die Welt, geschrieben 1817 bis 1820* em 2011 pela editora Verlag der Pioniere, em Berlim, apresentada como “a primeira edição em alemão”. Nesta tese, os trechos em alemão foram traduzidos pelo professor de alemão e tradutor João Eduardo Scanavini.

Figura 29 - *Briefe von der "Uranie"*



Fonte: Verlag der Pioniere, 2024.

A editora Verlag der Pioniere se apresenta com o objetivo de:

(...) trazer à luz patrimônios culturais esquecidos. Relatos de pesquisadores e expedicionários constituem o foco de suas edições. Os textos são apresentados na extensão original da primeira publicação, com todos os mapas e gravuras cuidadosamente preparados, oferecendo-se um conjunto expandido com índice, ilustrações e breves explicações, impressos em alta qualidade¹⁰⁰. (Verlag der Pioniere, 2024, tradução de João Eduardo Scanavini)

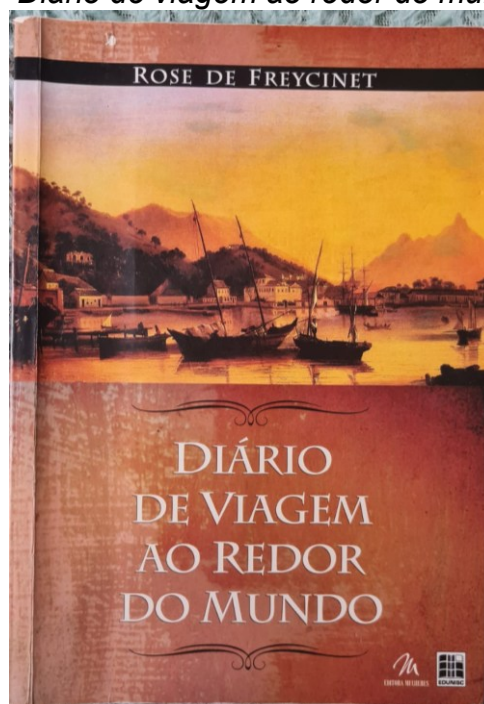
¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.verlag-der-pioniere.de/>. No original em alemão: “Der »Verlag der Pioniere« will vergessenes Kulturgut wieder ans Tageslicht bringen. Forscher- und Entdeckerberichte vergangener Jahrhunderte bilden den Schwerpunkt der Edition. Die Texte werden im originalen Umfang der Erstausgabe erfasst, mit allen enthaltenen und beiliegenden Karten und Abbildungen sorgfältig aufbereitet und das Ganze schließlich, erweitert um ein Register, Illustrationen und kurze Erläuterungen, in hochwertigen Ausgaben gedruckt.

Analisando o *site* da editora, parece se tratar de uma editora pequena, a cargo de apenas um editor e com foco em edições ricas em ilustrações e fotografias.

3.3.3 Tradução em português brasileiro de Rosa Alice Mosimann em 2013

A tradução de 2013 para o português brasileiro, feita por Rosa Alice Mosimann e publicada pela editora Mulheres em Florianópolis sob o título *Diário de Viagem ao Redor do Mundo*.

Figura 30 - *Diário de viagem ao redor do mundo*



Fonte: A autora, 2022.

Ela baseia-se na versão editada e censurada dos textos, aquela curada por Charles Duplomb. De acordo com a tradutora em seu prefácio, após conseguir acesso a uma edição do livro publicada em 1996 (a mesma que consultei na Biblioteca Nacional da França, editada por Rivière), sua visão sobre o texto mudou:

O livro traz a variante de vários trechos, que implica uma revelação incrível: o diário de Rose foi alterado em várias partes porque o detentor dos textos originais à época da primeira edição, Barão Charles de Freycinet, sobrinho-neto do comandante do *Uranie* (seus antepassados Louis de Freycinet e Rose não tiveram filhos), julgou vários trechos inconvenientes. (Mosimann, 2013, p. 16)

Ainda de acordo com a tradutora, a censura nos diários de Rose “(...) teve por efeito, como foi possível constatar, mudar o estilo do texto do original, que se tornou muito sóbrio (masculino?) em alguns momentos” (Mosimann, Freycinet, 2013, p. 16).

Segundo Mosimann, uma das formas de recuperar o estilo pessoal da autora foi aceita pela editora “(...) a editora se mostrou interessada em publicar, em anexo, a tradução de algumas cartas de Rose não censuradas, o que ajudaria a reencontrar o estilo pessoal da autora do diário” (Mosimann, 2013, p. 17). Essas cartas foram obtidas de uma cópia presente na edição de 1996 com texto estabelecido e publicado por Marc Rivière.

O livro também conta com um selo do Centre National du Livre (CNL), pois a tradutora obteve uma bolsa de seis meses junto a essa instituição para realizar a tradução da obra na França.

A editora Mulheres retornou às atividades em 2025 após um hiato de 10 anos. A editora surgiu em 1996 em Florianópolis, fruto do trabalho da pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart (1939-2015) com *Literatura e Crítica Feminista* (Muzart, 2004). Juntamente com as professoras aposentadas Elvira Sponholz e Susana Funck, elas fundaram a editora, que “só começou a funcionar, de verdade, quando foi preparado, editado e lançado o primeiro livro, o que ocorreu em outubro de 1996” (Muzart, 2004, p. 103).

A linha editorial da editora é fortemente atrelada aos interesses de pesquisa das suas fundadoras. Muzart conta mais sobre o seu trabalho como editora no artigo “Histórias Da Editora Mulheres”, publicado na revista *Estudos Feministas*:

Quando me aposentei tinha oito orientandas de mestrado e um projeto de resgate de escritoras do século XIX, com apoio do CNPq. Continuei, por isso, muito ligada à Pós-graduação na Universidade Federal de Santa Catarina. No início da pesquisa, era voz corrente de que aquelas mulheres do século XIX nada tinham escrito, e, por conseguinte, menos ainda publicado enquanto viveram. Logo ficou claro, porém, que, na verdade, não só escreveram e publicaram uma grande quantidade de textos, mas, bem mais que isso, que esses textos constituíam um legado de boa qualidade literária e de valor histórico inquestionável. Tudo ficou ainda mais evidente, quando descobri que de nada adiantaria apenas revelar os nomes dessas escritoras, os pormenores de suas vidas, relacionar o que escreveram. Era fundamental republicá-las hoje. E, a partir dos primeiros resultados do projeto é que surgiu, de repente, a idéia de criar uma editora, cuja finalidade seria realizar um projeto de resgate, isto é, reeditar os livros das escritoras do passado, fossem elas brasileiras ou não. E, ao lado da linha mestra, editar ensaios sobre gênero (Muzart, 2004, p. 103).

A editora ficou em atividade entre 1996 e 2015, quando encerrou os trabalhos por conta da morte de sua fundadora e idealizadora. Em agosto de 2025, graças aos esforços de pesquisadoras da UFSC, a editora retomou suas atividades.

A tradutora da obra de Freycinet, Rosa Alice Mosimann, falecida em 2023, foi também professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Língua e Literatura Estrangeira, onde trabalhou por 28 anos. Na descrição encontrada na Amazon de um de seus livros traduzidos *A Revolução dos Operários*, de Flora Tristan, publicada pela editora Insular, podemos saber um pouco mais sobre ela:

A tradutora Rosa Alice Mosimann é Professora Titular da UFSC onde se formou em Letras (francês português) e foi professora de língua e literatura francesas durante 28 anos. Também ensinou Literatura Brasileira na pós-graduação em Letras. Doutou-se em Literatura Comparada na Université de Toulouse - Le Mirail, França, como bolsista do governo francês. Publicou muitos artigos sobre Literatura Francesa, no Brasil e na França, tendo também atuado com frequência como tradutora simultânea de cursos e palestras.

Depois de aposentada trabalhou em versões francesas de textos em português e finalmente em traduções de livros de mulheres escritoras do século XIX, como "Diário de viagem ao redor do mundo", de Rose de Freycinet, trabalho para o qual recebeu uma bolsa de pesquisa do CNL - Centro Nacional do Livro, órgão francês do Ministério da Cultura, e agora este *União dos Operários, de Flora Tristan*. (<https://www.amazon.com.br/Uni%C3%A3o-dos-oper%C3%A1rios-Flora-Tristan/dp/8574749613>)

A versão brasileira encontra-se, portanto, em uma editora feminista e relacionada ao mundo acadêmico.

3.3.4 Tradução em italiano de Federico Motta

A tradução em italiano leva o título de *Rose de Freycinet: Una viaggiatrice clandestina a bordo dell'Uranie negli anni 1817-20*, com tradução assumida por Federico Motta. Foi publicada pela editora Il Frangente (2017) em Verona, Itália. A capa traz a informação "a cura di Federico Motta". Ou seja, essa obra se posiciona não só como sendo traduzida, mas curada pelo tradutor. Para uma maior precisão nas traduções que trabalham com esta língua, contei com o trabalho de tradução Jéssica Helena Trombini¹⁰¹, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET) na UFSC, que gentilmente se dispôs a verter os trechos em italiano citados nesta tese ao português.

¹⁰¹ Currículo Lattes de Jéssica Helena Trombini: <http://lattes.cnpq.br/6232995312520065>.

Figura 31 - Una viaggiatrice clandestina



Fonte: Amazon, 2022.

A editora il Frangente (que significa “A Rebentação” em italiano) se posiciona como “la grande libreria nautica online”, ou seja, uma “livraria náutica online”. A editora nasceu em 1996 com “lo scopo di produrre e pubblicare in lingua italiana una collana di portolani finalizzati alla navigazione da diporto, autorevoli ed esaurienti” ou “o objetivo de produzir e publicar em língua italiana uma coleção de guias náuticos voltados à navegação desportiva, autorais e exaustivos”. (Il Frangente, 2024, tradução de Jéssica Helena Trobini).

Os editores responsáveis pela editora são Antonio Penati, “navegador e instrutor náutico por mais de duas décadas, apaixonado por cartografia, com uma vasta experiência de navegação no Mediterrâneo e no oceano”¹⁰² (Il Frangente, 2024,

¹⁰² Em italiano: “navigatore e istruttore nautico per oltre un ventennio, appassionato di cartografia, con una vasta esperienza di navigazioni in Mediterraneo e in oceano” (Il Frangente, 2024).

tradução de Jéssica Helena Trombini) e Luisa Bresciani “tradutora profissional de inglês, francês e alemão, com boa experiência no setor náutico.” (Il Frangente, 2024, tradução de Jéssica Helena Trombini).

Na capa, há um selo dizendo que o livro ganhou o XV Prêmio Carver 2017 na categoria de não-ficção.

O tradutor e curador da edição é geólogo apresentado no site da editora como:

Geólogo, iniciou a própria carreira na empresa têxtil da família, em Milão, passando em pouco tempo de auxiliar a representante administrativo. Para sair da visão restrita de um trabalho não o cativava, começou a participar de encontros de várias ONGs, tornando-se, ao fim dos anos noventa, Trabalhador Humanitário. Uma mudança importante que o levou a missões em Uganda, Etiópia, Congo e Sri Lanka. De volta à Itália, nos últimos anos desenvolveu atividades de pesquisa e parecer para organizações como AISPO (Associazione Italiana per la Solidarietà tra i Popoli [Associação Italiana para a Solidariedade entre os Povos]) e CCM (Comitato Collaborazione Medica [Comissão de Colaboração Médica]) e para EuropeAid. Apaixonado por Literatura, História e Antropologia, suas pesquisas foram no princípio a válvula de escape para o trabalho na empresa, depois alternativa aos erros e à violência enfrentadas nas missões, desde sempre a expressão de sua curiosidade insaciável.¹⁰³ (Il Frangente, 2024, tradução de Jéssica Helena Trombini).

É interessante notar que Federico Motta se posiciona como tradutor e curador e que metade dessa edição de 400 páginas traz um ensaio de sua autoria no qual ele reflete sobre sua pesquisa, tradução e informações sobre as quais se baseou. Em seu site pessoal, Federico Motta afirma que tem certeza de que escreveu o melhor ensaio sobre a história de Rose:

Tinha terminado a tradução italiana do Diário de Madame Rose, e produzido, estou certo, o melhor e mais completo ensaio que existe sobre esta História, mas também sobre a Voyage do *Uranie*, corrigindo muitos erros sobre o assunto, quando finalmente descobri o Manuscrito Original de Rose de Freycinet (não o rascunho de trabalho de Duplomb para publicação, existem 2 destes rascunhos):

Rose Marie Pinon de Freycinet - Diário de Rose para Caroline

Foi visto pela última vez em 1958-1959, depois desapareceu.

Agora podemos ver exatamente como Rose pensava, o que sentia, sem a mediação de Duplomb, o conservador da publicação em 1927.

¹⁰³ No original em italiano: “Geologo, ha iniziato la propria carriera nella ditta tessile di famiglia, a Milano, passando in breve tempo da fattorino ad amministratore delegato. Per uscire dalla visione ristretta di un lavoro che non lo appassionava cominciò a partecipare agli incontri di varie ong, divenendo, alla fine degli anni Novanta, Operatore Umanitario. Un cambiamento importante che lo portò in missione in Uganda, in Etiopia, in Congo e in Sri Lanka. Tornato in Italia, negli ultimi anni ha svolto attività di ricerca e consulenza per alcune organizzazioni come AISPO e CCM e per EuropeAid. Appassionato di letteratura, storia e antropologia, le sue ricerche sono state dapprima la valvola di sfogo al lavoro in azienda, poi l’alternativa agli orrori e alla violenza affrontati in missione, da sempre l’espressione della sua insaziabile curiosità” (Il Frangente, 2024).

Vou também transcrever o manuscrito para o francês¹⁰⁴. (Federico Motta, 2024)

Os manuscritos dos quais ele fala provavelmente são os em posse da biblioteca de New South Wales na Austrália, mas não se tem notícia dessa transcrição que Motta prometeu fazer.

¹⁰⁴ J'avais complété une traduction en Italien du Journal de Madame Rose, et complété, j'en suis sur, le meilleur essai qui existe et le plus complet sur cette Histoire, mais aussi sur le Voyage de L'Uranie, en corrigeant nombreuses fautes à ce sujet, lorsque finalement j'ai découvert le Manuscrit Original de Rose de Freycinet (non le brouillon de travail de Duplomb pour la publication, il y en a 2 de ces brouillons): **Rose Marie Pinon de Freycinet – Journal particulier de Rose pour Caroline**. La dernière fois qu'il a été vu était en 1958-1959, après il avait disparu. Maintenant on peut voir exactement comment Rose pensait, ce qu'elle sentait sans la médiation de Duplomb le curateur de la publication en 1927. Je vais aussi transcrire en français le manuscrit. (Federico Motta, 2024).

4 PRÉ-ANÁLISE DAS TRADUÇÕES E DOS ORIGINAIS

Berman (1995) propõe que se faça uma leitura atenta da tradução primeiramente como texto isolado, depois como texto traduzido. Também sugere que se possa trabalhar com mais de uma tradução ao mesmo tempo, o que é o caso desta análise.

Trabalho aqui principalmente com a versão em português brasileiro (2013) devido ao fato de esta ser a língua que mais domino, minha língua materna. A versão em inglês de que disponho (1996) também pode ser analisada com algum nível de profundidade, mas as versões em italiano (2017) e, especialmente em alemão (2011), contam com minha leitura superficial e apoiada em traduções feitas por tradutores profissionais que auxiliaram neste processo, pois meu conhecimento de italiano é mediano e de alemão é básico. Acredito que não se deve ignorar a análise de traduções de línguas que não dominamos, mas sim procurar formas alternativas para compreender esses textos da melhor forma possível.

4.1 Análise de paratextos das traduções

O tradutor dos diários de Rose ao italiano, Federico Motta, aponta que, comparando os manuscritos das cartas de Rose com a versão editada por Duplomb:

Duplomb sistematizou o texto, cortou inúmeras seções e inseriu uma pontuação anormal que torna a escrita pesada. Com frequência, antepôs o objeto e pospôs o sujeito. Algumas vezes eliminou o sujeito, sempre inserido por Rose e sempre necessário em francês. Estranhamente, o organizador não tocou em alguns erros e incongruências. As variações do texto são frequentemente inexplicáveis e por vezes de pouca importância. (...) Por fim, Duplomb não trabalhou na sintaxe e nas concordâncias dos verbos.¹⁰⁵ (Motta, 2017 *In*: Freycinet, 2017, p. 269, tradução de Jéssica Helena Trombini).

Ainda segundo o tradutor da versão italiana, o estilo da escrita de Rose foi afetado pelo seu editor a ponto de apagar muitas das características que refletem as

¹⁰⁵ No original em italiano: “Duplomb ha sistemato il testo, tagliato numerose sezioni e inserito una punteggiatura abnorme, che appesantisce la scrittura. Spesso ha anteposto l’oggetto e posposto il soggetto, talvolta ha eliminato il soggetto, sempre inserito da Rose e sempre necessario in francese. Stranamente il curatore non ha toccato invece alcuni errori e incongruenze. Le variazioni del testo sono spesso inspiegabili e talvolta di poca sostanza. (...) Infine, Duplomb non ha lavorato sulla sintassi e sulle concordanze dei verbi.” (Motta, 2017 *In*: Freycinet, 2017, p. 269).

mudanças de humor pelas quais ela passou em sua viagem. Para Motta (2017), o trabalho feito por Duplomb não altera os fatos de forma expressiva, mas retira as qualidades psicológicas que permitiriam acessar os humores de Rose, suas emoções e a inconstância própria da aventura que ela vivia no momento da escrita:

Os erros de concordância dos tempos são reveladores das mudanças de humor de Rose e se justificam tendo presente que este não é um texto literário. Uma boa conclusão é que, se se deseja ter uma ideia muito aproximada de como e o que pensava a autora, pode-se satisfazer com o *Journal di Duplomb*, mas se se deseja conhecer Rose verdadeiramente e fazer uma análise psicológica, o *Journal Manuscrit* é indispensável, assim como as cartas à mãe, até agora subestimadas porque se consideram impropriamente melhoradas por Louis.¹⁰⁶ (Motta, 2017 *In*: Freycinet, 2017, p. 269, tradução de Jéssica Helena Trombini).

A tradutora dos diários para o português brasileiro, Rosa Alice Mosimann, escreve em seu prefácio que também julga que a edição de Duplomb acarretou mudanças de estilo do texto original. “A censura teve por efeito, como foi possível constatar, mudar o estilo do original, que se tornou muito sóbrio (masculino?) em alguns momentos.” (Mosimann, 2013, p. 16 *In*: Freycinet, 2013).

4.1.1 Prefácios, posfácios e anexos

A versão italiana é organizada da seguinte forma:

Elemento	Descrição/localização
Capa	Nome da autora; Título; ilustração (os Freycinet desembarcando em Diely, 1927); crédito do curador (“a cura di Federico Motta”), editora (il Frangente);
Orelha	Não assinada
Folha de guarda com citação	
Ficha catalográfica	
Folha de rosto	Título; crédito do curador (“a cura di Federico Motta”), editora (il Frangente);
Introduzione	p. 5
Note del traduttore	p. 9

¹⁰⁶ No original em italiano: “Gli errori di corcondanza dei tempi sono rivelatori del cambiamento di umore di Rose e vanno giustificati tenendo presente che questo non è un testo letterario. Una buona conclusione è che, se si vuole avere un’idea molto approssimativa su come e cosa pensasse l’autrice, ci si può accontentare del *Journal di Duplomb*, ma se si vuole conoscere veramente Rose e darne um’analisi psicológica il *Journal Manuscrti* è indispensabile, così come le Lettera ala madre, finora sottovalutate perché impropriamente ritenute migliorate da Louis.” (Motta, 2017 *In*: Freycinet, 2017, p. 269).

Lettere da Tolone	p. 15
Scritti dall' <i>Uranie</i>	p. 21
Approfondimenti	p. 263
Appendice	p. 375
Bibliografia	p. 383
Indice	p. 399
Contracapa	Pequeno texto descritivo; citação; reprodução colorida da primeira página digitalizada do manuscrito; logotipo da editora; código de barras.

A edição conta com notas de rodapé explicativas, reprodução de ilustrações feitas pelos ilustradores que estiveram na expedição, fotografias de itens de museu relacionados à expedição, reprodução de ilustrações representando Louis e Rose de Freycinet e mapas, todas as imagens em preto e branco. O conteúdo das cartas vai de *Lettere da Tolone* (p. 15) até *Approfondimento* (p. 263), somando 248 páginas. Em *Approfondimenti* temos um ensaio de 112 páginas do curador do livro (e também tradutor) falando sobre os achados de sua pesquisa sobre a expedição e comentando suas decisões tradutórias. Se somarmos a esse ensaio a nota do tradutor (6 páginas), o apêndice (8 páginas) e a bibliografia (16 páginas), temos 142 páginas que são provavelmente de autoria de Federico Motta, o curador e tradutor. Nesta edição o tradutor tem muito espaço e muito a dizer.

Fica claro no posicionamento e organização dessa edição que a tradução foi feita a partir dos manuscritos.

A versão brasileira é organizada da seguinte forma:

Elemento	Descrição/localização
Capa	Nome da autora; ilustração (arte feita por Gracco Bonetti sobre a pintura <i>Vista do Saco da Gamboa</i> , de Abraham Louis Buvelor, c.1840); Título; editora (Editora Mulheres, Edunisc);
Orelha	Não assinada
Folha de guarda	Com título
Composição da editora da EDUNISC	
Folha de rosto	Autora; Título; anotação [A partir da edição de 1927 por Charles Duplomb]; Tradutora em negrito

	(Rosa Alice Mosimann); Cidade, editora e data (Ilha de Santa Catarina, Editora Mulheres, EDUNISC, 2013)
Ficha catalográfica	
Dedicatória	Ao Dr. José Mindlin que nos deu todos os microfilmes com os diários de viajantes mulheres.
Agradecimentos (da tradutora)	
Sumário	
Prefácio à tradução brasileira (da tradutora)	p. 15
Prefácio (Charles Dumplomb)	p. 21
Introdução pelo senhor Barão de Freycinet (Henry de Freycinet Harbour)	p. 25
Capítulos I a IX	p. 31-235
Anexos	p. 235
Madame de Freycinet, por J. Arago (extraído de <i>La Promenade autour du monde</i>)	p. 235
Uma seleção de cartas de Rose de Freycinet à sua concunhada, Clementine de Freycinet (1324-1830)	p. 245 (10 cartas)
Colofão	Fonte da impressão, formato, papel, gráfica, data, editora.
Orelha	Biografia da autora (não assinada)
Contracapa	Trecho inicial do livro; selo do CNL (Centre National du Livre); código de barras, editoras mulheres e EDUNISC

Na versão em português brasileiro, pode-se perceber que também há espaço para a tradutora se posicionar e explicar sua pesquisa. A editora também cedeu um espaço para o herdeiro dos Freycinet escrever algo sobre a antepassada, provavelmente em agradecimento ao seu apoio nas pesquisas que a tradutora empreendeu com sua ajuda.

A versão assume-se baseada na versão editada por Duplomb em 1927 e reproduz inclusive suas notas de rodapé e organização, mas a tradutora afirma em seu prefácio que propôs à editora que publicasse também algumas cartas avulsas que encontrou (estão nos anexos) por entender que ali estaria o verdadeiro estilo de escrita de Rose de Freycinet e que interpretava que o texto de 1927 tinha sido editado, pois as diferenças que a tradutora percebeu entre as cartas e o diário de 1927 eram muito expressivas. Dessa forma, a tradutora se posiciona em relação ao original,

desconfiando dele. No miolo do texto não há reprodução de imagens, o que sugere que talvez a edição não tenha tido tantos recursos.

A versão alemã é organizada da seguinte forma:

Elemento	Descrição/localização
Sobrecapa	Frente e verso. Frente: imagem da autora, autora, Título, Anotação sobre ilustrações e primeira edição em alemão (Mit 71 teils farbigen Abbildungen und 10 Karten. <i>Deutsche Erstaugabe</i>). Verso: Texto apresentando a obra; Destaque para ser a primeira edição em alemão, resumo dos anexos (Mit 71 Sydney Abbildungen aus dem Jahre (davon 1819 21 in im Farbe, Format u.a. 53 X ein 20,5 cm), Panorama 10 Karten, vielen Hintergrundinformationen und 150 Kurz biographien der erwähnten Personen.)
Capa	Dura, amarela, em tecido, sem escritos ou imagens
Parte interna da capa	Ilustração
Folha de guarda	Autora; Título; Anotação sobre ilustrações e primeira edição em alemão (Mit 71 teils farbigen Abbildungen und 10 Karten. <i>Deutsche Erstaugabe</i>)
Citação	Da primeira carta
Intalt	Sumário
Baupläne der “ <i>Uranie</i> ”	3 imagens da “planta” do navio
Mapa	Toulon-Santa Cruz Canárias
Capítulos 1 a 11 (Kapitel.)	p.11-315 com suplementos de 10 ilustrações coloridas em papel de maior qualidade
Listen der Besatzung und der Passagiere	p. 315 - Lista da tripulação e dos passageiros Índice de nomes das pessoas que compunham a tripulação da corveta ' <i>Uranie</i> ' no momento de sua partida de Toulon, em 17 de 1817 retirada de Jacques Arago, <i>Promenade autour du Monde</i>
Verzeichnis der Abbildungen	p. 328 (índice e crédito das ilustrações)
Verszeichnis der Karten	p. 333 (índice e crédito dos mapas)

Nachwort des Herausgebers	p. 335 (posfácio do editor)
Literatur	p. 343 (referências bibliográficas)
Personenregister	p. 345 (índice onomástico)
Colofão	Fonte da impressão, formato, papel, gráfica, data, editora.
Contracapa	Dura, amarela em tecido, sem imagens ou escritos

A versão alemã vem de uma editora pequena e preocupada em trazer muitos anexos, imagens em cor em papel de alta qualidade, demonstrando grande cuidado com as ilustrações que foram produzidas na expedição.

O posfácio do editor mostra que seu contato com o texto se deu a partir da leitura de outra obra, *Zu Eisbergen und Palmenstränden*, de Otto von Kotzebue, que relatou ter se encontrado com Louis de Freycinet no Cabo da Boa Esperança em 1818 e lamentava não ter encontrado a madame de Freycinet. A partir desta informação, o editor se chocou com a presença de uma mulher em uma expedição naquela data, algo que realmente é bastante raro. Por isso, decidiu traduzir os diários de Rose como segunda obra da editora, que tem como política trazer os escritos de “pioneiros”. O editor, que também é o tradutor, admite que leu as traduções de Marc Serge Rivière e que tentou adicionar mais informações onde pôde, não fiando-se apenas na versão de Duplomb de 1927.

O posfácio pode ser lido em alemão e em português consultando o Anexo B, que traz o texto traduzido pelo professor de alemão e tradutor João Eduardo Scanavini.

A versão em inglês (1996 e 2003) se organiza da seguinte forma:

Elemento	Descrição/localização
Capa	Dura, com o título “A woman of courage”, ilustração estilizada baseada em uma ilustração da viagem. No pé da capa: Journal of Rose de Freycinet on her Voyage around the World 1817-1820
Parte interna da capa e folha de guarda	Ilustração de 2 páginas com cena da viagem do <i>Uranie</i>
Folha de guarda	Título (A Woman of courage: The Journal of Rose de Freycinet on her Voyage around the World 1817-1820); Crédito do tradutor

	(Translated by Marc Serge Rivière); Editora (National Library of Australia, Canberra, 1996)
Ficha catalográfica	
Contents	Sumário
Dedicatória	To Marc Paul (acompanhada do desenho de um pombo)
Preface	p. vii (assinado por Marc Serge Rivière, Townsville, August 1996)
Acknowledgements	p. ix (assinado por M. S. Rivière, tradutor)
Ilustração de Rose de Freycinet	
Introduction	p.xi
Notes	1 a 44
Capítulos 1 a 11	p. 1-171
Epilogue: After the Voyage: Ennui, Illness and Isolation	p. 171
Index	p.186
Verso da contracapa	Ilustração de duas páginas
Contracapa	Título, créditos de tradução e edição por Marc Serge Rivière, texto resumo; Biografia do tradutor (about the translator)

A versão em inglês demonstra grande cuidado e pesquisa por parte do tradutor (e também editor), é permeada de notas e ilustrações e fica claro que Rivière agregou o máximo possível de informações à sua edição.

Há também um cuidado de trazer ilustrações e imagens não oficiais da expedição, para contextualizar.

4.2 Pré-análise dos originais

Como fica claro através da análise dos paratextos das traduções, os originais são mais de um e as traduções não têm um texto de partida único. Por isso, entendo que será necessário estabelecer uma edição acadêmica digital (também conhecida em português como edição crítica) com base no conceito de *digital scholarly editing*, definido na LexiconSE como:

Tal como a digitalização, a edição acadêmica digital — o processo complexo através do qual fontes primárias baseadas em texto são analisadas, cotejadas, transcritas, codificadas e disseminadas em formatos digitais para

públicos acadêmicos e gerais — desenvolveu-se amplamente dos anos 1990 até o presente¹⁰⁷. (Martinez, 2019, p. 3, tradução minha)

Dessa forma, será possível organizar o manuscrito na sua totalidade, compará-lo com as traduções e entender com maior grau de certeza em que trechos a tradução em português precisa ser retrabalhada.

O processo de transcrição é intrincado e necessita de bastante atenção e revisão. Por isso, limitei-me a transcrever os trechos selecionados para a crítica. Porém, há a intenção de completar a transcrição dos manuscritos em francês e, posteriormente, retraduzi-los para o português.

Uma definição utilizada na Crítica Genética e que parece englobar o que chamei anteriormente de supratexto é a do termo *work*, em português, *obra*:

Eu definiria o termo "obra" de duas maneiras: primeiro, como uma categoria na qual colocamos todos os textos que parecem ser versões da mesma unidade artística, incluindo todas as edições e impressões, independentemente de sua precisão ou autoridade. E, segundo "obra" é, conceitualmente, aquilo que está implícito nos textos autorizados (ou autoritativos). A segunda definição deixa em aberto o que se entende por autorizado, mas cada arquivista ou editor precisa articular esse significado para limitar o escopo dos documentos a serem coletados ou representados¹⁰⁸. (Shillingsburg 2013, p. 13)

Tive conhecimento destes conceitos na apresentação do professor Dirk Van Hulle na Digital Humanities Summer School, intitulada "Digital Scholarly Editing: Computer-assisted genetic editing: from medieval manuscripts to born-digital documents".

Foi então que entendi que a crítica genética oferece as ferramentas para questionar a sacralidade do original, algo que a crítica de tradução não faz, mas, a meu ver, deveria fazer. O objeto desta pesquisa mostra como o original é uma parte

¹⁰⁷ Em inglês: "Much like digitization, digital scholarly editing – the complex process through which text-based primary sources are analyzed, collated, transcribed, encoded, and disseminated to academic and public audiences in digital formats – has developed extensively from the 1990s to the present". (Martinez, 2019, p. 3)

¹⁰⁸ Em inglês: I would define the term "work" in two ways: first, as a category into which we place all texts that appear to be versions of the same artistic unit, including all editions and printings regardless of accuracy or authority. And, second, "work" is conceptually that which is implied by the authoritative texts. The second definition leaves open the question what is meant by authoritative, but each archivist or editor has to articulate that meaning in order to limit the range of documents to be collected or represented. (Shillingsburg 2013, p. 13)

da obra, mas que o acadêmico, crítico, tradutor podem escolher qual é o texto “autoridade”, a versão crítica, aquele que vai utilizar para seu trabalho.

Entendo que, para organizar criticamente diários de Rose de Freycinet, fez-se necessária uma espécie de arqueologia das traduções e dos originais, compreendendo a ordem cronológica em que surgiram, em que editoras foram publicados e a quais acervos pertencem. Somente após visualizar o contexto de forma mais ampla, é que se deve passar à comparação de trechos, à análise crítica do texto.

Apesar de ter me baseado no esboço de método de crítica de tradução de Berman, não segui a ordem por ele proposta, pois não dediquei um primeiro momento para a leitura das traduções e um segundo momento para a leitura do “original”. Antes, entendo que o “original” não é o ponto para o qual tudo converge. Cada tradução trabalha com o texto de partida disponível à sua época, e esse texto de partida pode mudar — tanto é que mudou, no caso dos diários de Rose. É importante entender que o original se transforma e que as traduções transformam o original.

No caso dos diários de Rose, a pesquisa que Rivière fez para sua tradução ao inglês que seria publicada pela editora da Biblioteca Nacional da Austrália (em 1996 e reeditada em 2003) resultou em uma versão em francês (*Rose des Vents*, de 1996, publicada nas ilhas Maurício/Reunião) que contém notas de rodapé que modificaram o texto de 1927, acrescentando informações até então inéditas. O material por ele consultado continuou conspícuo, porém, sua contribuição modificou o texto de partida para as traduções que seguiram. O tradutor do texto ao alemão e a tradutora do texto ao português não acessaram os manuscritos das cartas, mas acessaram a versão em francês elaborada por Rivière. O “original” do texto que esses tradutores utilizaram, portanto, engloba o texto em francês de 1927 e de 1996, outras versões em francês e a tradução para o inglês. O processo de circulação influencia a tradução diretamente.

A crítica genética preconiza que se elabore um dossiê genético para analisar o processo de escrita, as rasuras, as versões do autor (e também do tradutor) quando temos acesso aos rascunhos antes da edição publicada. Com base nesse conceito, a crítica de tradução pode elaborar uma espécie de “dossiê tradutório”, que dê conta de ao menos compilar e analisar em algum nível as traduções que estiverem disponíveis e os textos de partida e auxiliares por elas referenciados. Para isso, o crítico deve

analisar não somente a tradução, mas os paratextos das traduções para compreender qual foi o texto de partida ou quais foram os textos de partida utilizado(s) por cada tradutor e quais as suas influências.

A tradução publicada mais recentemente deve ser analisada em confronto com o texto de partida no qual diz se basear, mas também não deve ignorar que as traduções e versões anteriores a ela influenciaram o trabalho: tudo que vem antes de uma publicação também faz parte do “original”, de como esse texto circula. No caso dos diários de Rose, a tradução mais recente até esta data é a para o italiano (2017). Ela foi baseada nos manuscritos como texto de partida, mas o tradutor também leu e analisou a versão de 1927, outras edições em francês, as traduções ao inglês de Rivière e de Bassett, e ignorou as versões brasileira e alemã. Uma crítica de tradução rasa consideraria que o “original” é o texto de 1927, mas uma crítica que se preocupa em englobar a sociologia da tradução entende que o processo de circulação do texto é uma construção que o influencia profundamente.

O crítico de tradução não pode esquecer de manter no seu horizonte uma análise do trabalho dos editores tanto das traduções quanto dos textos de partida. O texto de Freycinet, por exemplo, circula traduzido em editoras com políticas editoriais bastante distintas: em alemão, a editora tem linha editorial voltada à História; em italiano, tem foco náutico e em português, tem viés feminista. Um mesmo texto é enquadrado e editado de diferentes formas de acordo com a sociedade em que circula, é lido sob perspectivas distintas a depender da época em que for publicado. A versão editada por Duplomb e os herdeiros dos Freycinet em 1927, por exemplo, trabalhou o texto manuscrito de uma forma que dificilmente seria replicada nesta década de 20 do século XXI.

Também entendo que podemos nos beneficiar das ferramentas tecnológicas disponíveis hoje, que permitem que o manuscrito do século XIX escrito por Rose seja organizado em texto editável, comparado com o manuscrito dos editores da década de 1920 e com a versão publicada em 1927.

Uma ideia que surgiu deste processo é a de digitalizar todas as traduções e comparar dinamicamente as versões com seus textos de partida a partir de tabelas interativas que permitem uma visualização em tempo real do trabalho que o crítico faz somente em sua casa, somente para si. Ainda que esse não seja o objetivo deste

trabalho, é importante demonstrar que ideias surgiram a partir da pesquisa e guardá-las para um momento posterior. Quem sabe esta ideia se torne uma ferramenta digital para críticos de tradução?

É função da pesquisa explicitar aquilo que faz, descrever seu processo, por isso defendo que a utilização das ferramentas tecnológicas aqui é uma forma de aplicar as metodologias da crítica da tradução de forma explícita, detalhada e organizada.

4.3 Organização e processamento dos originais

A crítica textual, conceito pertencente à crítica genética, é uma disciplina que:

A crítica textual é a disciplina que, por meio de técnicas apropriadas, indaga a gênese e a evolução de uma obra de caráter literário, individuando suas várias formas – em particular a forma originária, ou as formas originárias, se forem mais de uma – e estudando as transformações nelas ao longo do tempo. O objetivo é o de consentir a publicação de um texto ‘confiável’ de uma determinada obra¹⁰⁹. (Chiesa 2002, p. 11, tradução de Jéssica Helena Trombini, 2025, elaborada para este trabalho).

Dessa forma, entendo que parte da crítica de tradução aqui desenvolvida envolve fazer também uma crítica textual que identifique as evoluções e mudanças que o texto original sofreu, entendendo qual de suas versões é a mais confiável.

Para exemplificar o que é possível fazer com o uso da transcrição genética, apresento organizadas 3 versões do início da obra (as cartas de Rose) usando a ferramenta Transkribus:

Quadro 8 - Exemplos de transcrição no Transkribus

Página	Link
Página 1 dos manuscritos de Rose de Freycinet	https://app.transkribus.org/share/5ff57ee2d9dee737d2fb6fb754162b46
Página 1 do rascunho	https://app.transkribus.org/share/10f284a0ac9411288bc9c27a4f6eaff1

¹⁰⁹ Em italiano: “La critica testuale è la disciplina che, attraverso apposite tecniche, indaga la genesi e l'evoluzione di un'opera di carattere letterario, individuando le sue varie forme – in particolare la forma originaria, o le forme originarie, se esse sono più di una – e studiandone le trasformazioni nel corso del tempo. Il suo obiettivo è quello di consentire la pubblicazione di un testo ‘affidabile’ di una determinata opera.” (Chiesa 2002, p. 11).

dos editores	
Página 1 da versão de 1927	https://app.transkribus.eu/share/c1e33163303a1c823ffb5581428776ba

Para que um manuscrito se torne um texto se torne editável, é possível aplicar tecnologias OCR (*Optical Character Recognition*). De acordo com a Universidade de Pittsburgh, pode-se definir OCR como : “(...) the electronic conversion of images of text into digitally encoded text using specialized software” (UNIVERSITY OF PITTSBURGH, s.d.). ou “a conversão eletrônica de imagens de texto em texto digitalmente codificadas utilizando software especializado” (UNIVERSITY OF PITTSBURGH, s.d.).

Porém, esse reconhecimento via OCR é mais adequado para documentos que estão impressos por máquinas. Para o reconhecimento de textos escritos à mão, é preciso usar ferramentas que combinam OCR com Handwritten Text Recognition (HTR). Wouter Haverals, durante o a Digital Humanities Summer School de 2024, em Antuérpia, na Bélgica, demonstrou como as ferramentas HTR funcionam. São ferramentas que reconhecem qualquer texto manuscrito, seja ele antigo ou moderno. Elas tomam como base algoritmos de *machine learning* que são treinados com exemplos compostos por imagem + transcrição, como os exemplos do Quadro 7. Quando há uma amostra razoável de transcrições, o algoritmo começa a transcrever com mais precisão.

A ferramenta Transkribus¹¹⁰ foi desenvolvida pela Universidade de Innsbruck e agora integra um projeto colaborativo chamado READ-COOP. Foi lançada em 2013 e é acessível a partir de um navegador conectado à internet. Seu uso é gratuito, limitado a 50 páginas transcritas por mês por pessoa.

De acordo com Haverals (2024), o processo de transcrição por HTR se divide em 5 passos: 1. Conseguir uma imagem digital; 2. Pré-processamento da imagem; 3. Análise do layout da página; 4. Reconhecimento do texto; 5. Correção.

A transcrição dos dois manuscritos (as cartas de Rose e o rascunho dos editores) é um trabalho minucioso que rende uma pesquisa à parte e, por isso, não será levado até o fim neste momento da pesquisa. Apenas alguns dos trechos

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.transkribus.org/ai-text-recognition>.

selecionados como significantes foram transcritos para fins de cotejamento e análise crítica.

4.4 Seleção de trechos significantes

Conforme exposto anteriormente, a seleção de trechos significantes para a crítica se deu com base no esboço de método de crítica de tradução proposto por Antoine Berman (1995).

A partir de leituras colaterais e da leitura das traduções das versões em português e inglês, línguas que mais domino, selecionei como trechos significantes “miraculosos”: o início, quando Rose relata a sua partida clandestina; o capítulo em que descreve sua estadia no Rio de Janeiro, à época sede do Império Português com a presença da família real; o naufrágio, momento mais sensível da narrativa, em que a tripulação enfrenta frio, fome e corriam risco de morte.

O principal critério aqui foi o interesse geográfico e cultural (no caso do Rio de Janeiro, por retratar o Brasil sob olhos estrangeiros). Esse critério também fez com que haja ao menos uma outra tradução deste capítulo, feita por Jean Marcel Carvalho França no livro *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)*, uma curta antologia de textos de viajantes mulheres que estiveram no Rio de Janeiro no século XIX e publicada pela editora José Olympio em 2007. O livro reúne cartas de Rose de Freycinet, Jemima Kindersley e Elisabeth Macquairie. Pelo que se pode depreender, o tradutor é o próprio historiador e, em suas referências bibliográficas, o livro apresenta uma lista com “Relatos (primeiras edições e edições mais acessíveis nas línguas originais)” (França, 2007, p. 96). Nessa lista consta a edição de 1297 e a reedição de 2003 pela Éditions du Gerfaut. Já na lista de “Obras consultadas” (França, 2007, p. 97), aparece a versão crítica estabelecida por Marc Serge Rivière. Embora essa tradução também seja bastante colada ao texto de 1927, é possível contrastá-la com a tradução de Mosimann para entender melhor as escolhas tradutórias.

Em seguida, destaco como critério a emoção, pois selecionei alguns dos pontos que me tocaram, nos quais senti que a emoção da escritora estava à flor da pele e que as dificuldades enfrentadas por ela e a tripulação eram grandes. Esses momentos suscitaram o interesse de comparar as traduções com o texto estabelecido por Duplomb e com a transcrição dos manuscritos de Rose, imaginando que seria

possível que o editor tivesse editado e censurado os sentimentos da autora para suavizar o relato.

Já a partir da leitura (ainda que superficial, devido à minha baixa fluência na língua) da versão em italiano, selecionei como trecho significativo “problemático” a estadia em Sidney, uma vez que esse episódio foi mais bem documentado nesta versão e que os metadados das coleções de manuscritos das bibliotecas australianas apontam que a versão de Duplomb falha neste trecho, o que supõe que as traduções fiéis a esse original também falhariam.

5 A CRÍTICA DE TRADUÇÃO

A crítica de tradução dos diários de Rose de Freycinet aqui proposta parte principalmente da versão em português de 2013, mas se apoia de forma complementar nas traduções em inglês (1996), alemão (2011) e italiano (2017).

Haverá momentos em que as traduções serão comparadas entre si. Em outros, serão comparadas com seus textos de partida ou com os manuscritos. O processo fará sentido conforme for acontecendo. Inicialmente, é interessante analisar como cada uma das traduções aqui utilizadas surgiu, sob um ponto de vista sociocrítico.

5.1 Por que as traduções existem? Análise da circulação do texto

As traduções já foram apresentadas anteriormente, bem como seus tradutores e editoras. Porém, cabe contextualizar criticamente como cada edição ganhou vida e quais são as diferenças entre elas. Como esta obra circula no mundo? Onde ela é interessante atualmente?

A tradução mais antiga publicada é a versão para o inglês *A Woman of courage: the journal of Rose de Freycinet on her voyage around the world 1817-1820*, traduzida por Marc-Serge Rivière e publicada pela editora da National Library of Australia em 1996 e reeditada em 2003 foi fruto de sua pesquisa na França.

E por que iniciar essa contextualização pela versão em inglês? Porque ela se aponta como a origem da circulação moderna deste texto, que parece esquecido e relegado pelos franceses.

Rivière teve o primeiro contato com a obra quando estava na Biblioteca Nacional da Austrália, trabalhando em outros manuscritos e um colega sugeriu a leitura de *Realms & Islands*, de Marnie Bassett. A partir dessa sugestão, o pesquisador teve contato com os diários de Rose de Freycinet. A revelação de que os diários foram editados e censurados por Duplomb, que é revelada por Bassett, despertou o interesse de Rivière para trabalhar na tradução dos diários. Além disso, Rivière interessou-se pelo ineditismo da história e a coragem de Rose. Os critérios que despertaram em Rivière o interesse de pesquisar a obra e a vontade de traduzi-la, curiosamente, são os mesmos que despertaram em mim a vontade de pesquisar e

traduzir o texto ao ler a versão em português. Com base no que revela Rivière e no que revelam os demais tradutores, há dois aspectos que fascinam os tradutores e editores desta obra: a curiosidade e o ineditismo da existência do diário e da aventura de uma mulher em posição tão inesperada; a busca pelas palavras de Rose antes da censura dos editores.

Em 1993, Rivière foi até a França consultar os arquivos de Laage após ter conversado com aquele que era o barão de Freycinet à época, em busca do texto antes da censura. Chegando lá, ele imaginava que encontraria um grande arquivo e um barão à moda antiga, mas quem o recebeu foi um homem de tênis esportivos, que dirigia um carro popular e que o conduziu a uma pequena sala íntima onde estavam os arquivos de Rose. Percebe-se que a expectativa construída pelo imaginário do tradutor sobre a autora e os detentores de seu espólio foi quebrada. O *glamour* que se poderia esperar ao redor deste texto, ao redor de uma família aristocrática com título de baronato não correspondia mais à imagem colonialista opulenta pintada por inúmeras obras literárias e pelos livros de história. Nessa pesquisa, Rivière fez cópias do que pôde e, a partir delas, publicou sua tradução ao inglês e sua versão crítica em francês (ambas em 1996). A história de como foi esse processo de pesquisa é contada por ele mesmo com muito humor e desenvoltura no evento “Woman’s voice” promovido pela Royal Geographical Society of Australia em junho de 2025, em vídeo disponível no YouTube¹¹¹.

Essa tradução, portanto, foi inspirada no trabalho de uma mulher, a historiadora Marnie Bassett (1889-1980), uma proeminente historiadora, biógrafa e escritora de viagens australiana. Rivière, na sua tradução ao inglês, ocupa um dos poucos espaços em que o tradutor pode expressar sua voz: o prefácio. Nele, afirma que desejava dar voz à Rose de Freycinet, que o relato em terceira pessoa de Bassett com apenas alguns trechos traduzidos suscitou nele o interesse de que essa voz pudesse ser ouvida inteiramente pelo leitor de língua inglesa. No Quadro a seguir, traduzo o trecho do prefácio da edição australiana em que Rivière explica que acredita que Rose “merecia contar sua própria história”.

Quadro 9 - Trecho de prefácio de Rivière

Em inglês	Tradução em pt-BR
-----------	-------------------

¹¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h7qJjGZscwY>. Acesso em: 16 out. 2025.

Marnie Bassett retells the story of the voyage in the third-person narrative form in a most engaging manner, offering invaluable insights into the Character and motives of the heroine through selected extracts of the diary. It occurred to me, however, that there was room for an English edition of the journal in which would be heard, without an intermediary, the unique voice of Rose de Freycinet — the ingenuous, slightly mocking, exuberant, almost wild and happy tone, as the curtains rises on a three-year journey, soon to be replaced by an increasingly grave, mature and philosophical tone, as the energy-sapping crossings took their toll and the vicissitudes of the voyage, and the shipwreck in particular, began to affect her emotionally. It is thus my aim to allow Rose de Freycinet to hold the stage. Only by having direct access to her daily intimations is the reader able to grasp fully and ponder the unique life experiences, the resilience, the inexhaustible good humour and devotion to others, above all the bravery in adversity and the temerity of a 22-year-old woman who was prepared to flaunt conventions and challenge the French naval authorities by stowing away on an official maritime expedition. Such a woman so far ahead of her time deserves, in my opinion, to tell her own story. (Rivière <i>In</i>: Freycinet, 1996, p. ix).	Marnie Bassett reconta a história da viagem na forma de narrativa em terceira pessoa de uma maneira extremamente cativante, oferecendo percepções inestimáveis sobre o caráter e os motivos da heroína através de trechos selecionados do diário. Ocorreu-me, no entanto, que havia espaço para uma edição em inglês do diário, na qual seria ouvida, sem um intermediário, a voz única de Rose de Freycinet — o tom ingênuo, ligeiramente zombeteiro, exuberante, quase selvagem e feliz, quando as cortinas se levantam para uma jornada de três anos e que logo seria substituído por um tom cada vez mais grave, maduro e filosófico, à medida em que as travessias extenuantes cobravam seu preço e as vicissitudes da viagem, e o naufrágio em particular, começavam a afetá-la emocionalmente. É, portanto, meu objetivo permitir que Rose de Freycinet ocupe o palco. Somente tendo acesso direto às suas confidências diárias é que o leitor é capaz de compreender totalmente e refletir sobre as experiências de vida únicas, a resiliência, o incansável bom humor e devoção aos outros, e, acima de tudo, a bravura na adversidade e a audácia de uma mulher de 22 anos que estava preparada para desafiar as convenções e as autoridades navais francesas, embarcando clandestinamente em uma expedição marítima oficial. Uma mulher tão à frente de seu tempo merece, na minha opinião, contar sua própria história. (Rivière <i>In</i>: Freycinet, 1996, p. ix, tradução minha).
--	---

Bassett é especialmente reconhecida por seu foco na história das mulheres e das famílias na Austrália. Pelo que os metadados indicam, os arquivos microfilmados

antigos nas bibliotecas australianas também se devem à pesquisa de Bassett e contêm notas críticas a lápis escritas por ela.

Em *Realms & Islands*, ela revela como teve acesso aos manuscritos: foram feitas cópias pelo embaixador australiano Alfred Stirling e, posteriormente, a própria pesquisadora esteve em Paris para consultar os arquivos.

Cópias deste livro [o diário de 1927] disponíveis em duas bibliotecas públicas australianas levaram esta escritora a inquirir sobre os manuscritos originais. O então Embaixador Australiano na França, Sr. Alfred Stirling, C.B.E., descobriu que eles estavam em posse do Barão de Saulces de Freycinet. Sem o consentimento do Barão de Freycinet ao desejo do Sr. Stirling de ter os documentos fotografados para meu uso, uma narrativa que valesse a pena não poderia ter sido feita a partir da Austrália; por esta permissão, e à confiança em mim, uma estranha que vem de longe, depositada tanto por Monsieur quanto por Madame de Freycinet, e por terem posteriormente me recebido sob seu teto, sou, de fato, imensamente grata [...].¹¹² (Bassett, 1962, p. xi, tradução minha).

A pesquisa de Bassett influenciou e alterou o *status* do original, que até então, era a versão de 1927. Seu interesse enquanto historiadora levou-a a buscar além da cópia disponível na biblioteca e ir atrás dos manuscritos, e isso acabou por modificar o texto de partida usado por ela para as traduções incompletas em sua obra. E também levou Rivière a buscar os manuscritos e organizar a versão crítica em francês.

O interesse das bibliotecas australianas pelos arquivos relacionados à expedição do *Uranie* está bem documentado nos metadados das coleções: os australianos consideram que esse texto é importante em sua historiografia. Isso se deve também ao trabalho de Bassett, que o inseriu na historiografia local enquanto pesquisadora de renome. Já na França, o texto apenas suscitou interesse de forma relevante e crítica nas mãos de Rivière, que é cidadão das Ilhas Maurício. Ou seja, da França ultramarina. Conforme mencionado na apresentação das edições em francês, Rivière anotou as correções do editor nas notas de rodapé de sua edição francesa. É interessante notar, porém, que não fez o mesmo em sua tradução ao inglês: ela é baseada e “fiel”, segundo ele, à edição de 1927: “The text published in this edition is

¹¹² Em inglês: “Copies of this book [o diário de 1927] available in two Australian public libraries led the present writer to inquire for the original manuscripts. The then Australian Ambassador to France, Mr. Alfred Stirling, C.B.E., found that they were in possession of Baron de Saulces de Freycinet. Without Baron de Freycinet’s consent to Mr. Stirling’s wish to have the papers photographed for my use, a worthwhile narrative could not have been attempted from Australia; for this permission, and to both Monsieur and Madame de Freycinet for their trust in myself, a far-off stranger, and for their later acceptance of me under their roof, I am indeed greatly indebted [...]”. (Bassett, 1962, p. xi).

a faithful translation of the journal of Rose de Freycinet, which was edited and published in French in 1927 by Charles Duplomb” (Freycinet, 1996, p. vii) ou “O texto publicado nesta edição é uma tradução fiel dos diários de Rose de Freycinet, que foi editado e publicado em francês em 1927 por Charles Duplomb” (Rivière *In*: Freycinet, 1996, p. vii, tradução minha)

Ainda no prefácio, ele afirma que aquela é a primeira tradução para o inglês e que seguiu o “diário original de Rose”, exceto por três capítulos nos quais traz cartas que ela enviou à mãe. Na verdade, ele não seguiu o “diário original de Rose”, mas a versão editada por Duplomb. Em sua aula proferida na Royal Geographical Society of South Australia em 2025, Rivière diz que hoje seria possível refazer essa tradução com base nos novos arquivos que agora estão digitalizados com qualidade na Biblioteca Nacional da Austrália. Portanto, entende-se que ele, em sua visita à França, teve acesso à cópia dos editores e não ao manuscrito. Há indícios de que nos anos 1980 os manuscritos já estavam “perdidos”.

Rivière, ao ter contato com a história e envolvido pela coragem de Rose de Freycinet e pela autenticidade de seus diários, acabou por fazer uma tradução “cheia de voz” em termos de estilo de escrita. Segundo ele mesmo no vídeo que citei anteriormente, quando ele relê os trechos de sua tradução em 2025 (quase 30 anos depois), vê que neles estão sua voz: “When I reread those passages I can hear myself and I say: — Shhh too intrusive, stay! — If I had to do it again I would probably ask my sister to do it. She's probably more sensitive than I am.” (Royal Geographical Society of Australia, 2025, min. 56). Ou em tradução “Quando releio esses trechos, posso ouvir a mim mesmo e digo: — Shhh, está se metendo demais, quieto! — Se eu tivesse que refazer, eu provavelmente pediria para a minha irmã traduzir. Ela provavelmente tem mais sensibilidade que eu.” (Royal Geographical Society of Australia, 2025, min 56).

Ele mesmo cita alguns trechos em uma espécie de momento de autocrítica em sua aula:

Fiz uma tradução um pouco apressada. “Começarei meu diário a partir do momento em que deixei meu lar em Toulon à meia-noite.” Por que escolhi “meu lar”? Deveria ter sido “a casa onde eu estava residindo” ou “a casa onde...” Hum, errei um pouco ali. [...]. Pensei, « bem, eu melhoraria um pouco o estilo, está muito, talvez, pé no chão, mas é a voz dela ». “Forçada a passar por uma multidão de oficiais no convés, fui abordada por alguns para me identificar agora.” Eu tento capturar o tom conversacional, porque ela está falando com uma prima, apenas relatando o que aconteceu. Eu me empolgo

ao digitar, ao traduzir, e então quero explicar. Você tem que resistir a essa tentativa de explicar. Então, como você pode ver, há transposição, há perda e, na tradução, frequentemente enfatizamos apenas a perda, mas também devemos olhar para o ganho, talvez um tradutor ajude [o texto]¹¹³. (Royal Geographical Society of Australia, 2025).

Como o próprio Rivière ressalta, há uma voz nesta tradução, algumas licenças poéticas que agregam ao texto final. Como indica Berman para avaliar o sucesso de uma tradução, Rivière “*a fait texte*”. Conseguiu capturar o espírito e a letra do texto. Talvez o contato com os trechos editados tenha ajudado a captar o espírito do estilo de Rose, algo que alguns tradutores não tiveram a oportunidade de fazer. Ainda assim, chama a atenção a escolha dele de não utilizar os trechos suprimidos em sua tradução. Ele poderia tê-lo feito, mas por que não o fez? Será por escolha? Impossibilidade técnica?

A edição em inglês é ricamente ilustrada com figuras da expedição e contemporâneas ao contexto escrito. As páginas são impressas em papel de alta qualidade que dão à essa obra um aspecto mais luxuoso.

Voltando aos aspectos de circulação do texto de Freycinet foi, portanto, “reativada” primeiramente em 1962, na Austrália, por Bassett e depois por Rivière no eixo Maurício-Austrália em 1996. Lembrando que a edição de Duplomb foi publicada em 1927, passaram-se bons 30 anos entre cada “ciclo” de vida depois da publicação alcançar o mercado editorial. Chama a atenção que um texto colonialista como este circule e ganhe vida em traduções e pesquisas a partir de países que são ex-colônias. As expedições colonialistas são, hoje, parte do passado e da construção identitária desses países, são pesquisadas e problematizadas. Já nas antigas (ou ainda atuais?) potências imperialistas, esse é um passado que parece estar melhor quando esquecido. Ou então, como no caso das traduções alemã e italiana, acaba circulando

¹¹³ Em inglês: I've translated rather fast. “I shall begin my journal from the moment when leaving my home in Toulon at midnight” why did I choose “my home”? It should have been the “house where I was residing” or the “house where...” hum, I was a little bit off there”. [...] I thought, well, I would improve the style a little it is just too, perhaps, down to earth, but it's a voice. “Forced to pass through a crowd of officers on deck I was asked by some to identify myself now”. I try to capture the conversational because she's talking to a cousin, she's just relating what has happened. I get carried away as I type, as I translate, and then I want to explain. You must resist that trying to explain. So, as you can see there's transposition there is loss and, in translation, we often just stress the loss but we should also look at the gain, maybe a translator helps. (Royal Geographical Society of Australia, 2025).

de forma nichada em editoras menores dedicadas a História (no caso da edição alemã) ou náutica (no caso da edição italiana).

Além de Bassett e Rivière, mais recentemente, em 2022, outra historiadora australiana, Suzanne Falkiner, publicou um livro inteiramente dedicado a contar a história de Rose em terceira pessoa. O livro se chama *Rose: the extraordinary Voyage of Rose de Freycinet, the stowaway who sailed around the world for love*, publicado pela ABC Books.

Logo na folha de rosto deste livro há uma minibiografia da autora que revela como ela teve contato com a história de Rose “It was while walking on a remote beach at Shark Bay in Western Australia in pursuit of this last book that she came upon an information board describing Rose de Freycinet’s visit there.” (Falkiner, 2022, folha de rosto) ou então, em português “Foi quando estava caminhando em uma praia remota de Shark Bay, no Oeste da Austrália, em busca deste último livro, que a autora encontrou uma placa informativa descrevendo a visita de Rose de Freycinet ao local” (Falkiner, 2022, folha de rosto, tradução minha).

Em um artigo da New South Wales Library, assinado por Falkiner e pela bibliotecária Meredith Lawn, Falkiner expande um pouco esse encontro:

Quando me deparei pela primeira vez com a história de Rose num daqueles úteis quadros de avisos que o pessoal responsável pelos Parques e Vida Selvagem coloca em locais pitorescos na Austrália Ocidental, fiquei intrigada. A ideia de uma jovem francesa, muito longe dos becos de paralelepípedos do bairro de Saint-Germain da Paris do início do século XIX, caminhando numa praia remota em Shark Bay com o seu chapéu de sol e vestido de cintura império, encontrando um grupo de caça de homens Indígenas Malgana — de pele escura, completamente nus e portando lanças — parecia quase surreal. Quem terá ficado mais surpreendido?¹¹⁴ (Falkiner e Lawn, 2022, tradução minha).

Destaca-se aqui, novamente, que o interesse despertado pela história de Rose se relaciona com o ineditismo de sua viagem e com o imaginário construído sobre os europeus do século XIX, especialmente da curiosidade do confronto de uma

¹¹⁴ Em inglês: “When I first came across Rose’s story on one of those helpful noticeboards that the Parks and Wildlife people put up in picturesque spots in Western Australia, I was intrigued. The thought of a young French girl, plucked from the cobbled alleys of the St Germain district of early-nineteenth-century Paris, walking on a remote beach at Shark Bay in her sunbonnet and empire-line gown, and meeting a hunting party of Indigenous Malgana men — dark-skinned, entirely naked and carrying spears — seemed almost surreal. Who had been the most surprised ? ” (Falkiner e Lawn, 2022).

representante burguesa de uma sociedade europeia colonialista do século XIX com as pessoas e costumes de locais que eram colônias à época. É interessante notar que a presença de um marco histórico, como a placa que a historiadora encontrou, é capaz de influenciar imaginários e reativar o interesse por textos e histórias dormentes.

A historiadora Falkiner, então, tinha encontrado o tema de seu novo livro. Para escrevê-lo, ela organizou as informações existentes sobre os diários de Rose, incluindo os manuscritos. No epílogo de *Rose*, livro de Falkiner, há um trecho dedicado à história dos diários, que pode ser lido em inglês e em português consultando o Anexo C. Esse texto resume de forma eloquente o percurso dos diários ao longo dos anos sob o ponto de vista de uma historiadora, e reforça o ponto de vista de que os manuscritos, as correspondências, a versão de 1927, o livro de Bassett, as traduções, tudo isso somado, compõe um grande original que não deve ser ignorado pelos tradutores que desejem enfrentar o desafio de traduzir Rose de Freycinet.

Salta aos olhos no epílogo de Falkiner (Anexo C), uma pequena historiografia, a falta de menção à tradução brasileira e à alemã. Isso provavelmente se deve ao fato de serem edições de editoras pequenas, a Editora Mulheres e a Verlag der Pioniere, mas principalmente, à falta de publicidade dessas traduções. A versão italiana foi publicada por uma editora pequena também, mas recebeu um prêmio e, por isso, talvez tenha alcançado mais notoriedade e chegado ao radar da historiadora. Quando estive pesquisando sobre os diários na Biblioteca Nacional da França, fui recebida por um pesquisador da área de Geografia (assim a BnF entendeu que seria melhor pelo livro se tratar de um relato de viagem), que mostrou interesse também em adquirir a versão italiana, mas não pela versão alemã ou brasileira.

Além disso, Falkiner registra as reações de Bassett e Motta (e dela mesma) ao entender que o diário tinha sido alvo de censura. Pode-se perceber que as historiadoras foram as primeiras a desconfiar do original de forma mais ousada, e que esta desconfiança foi depois compartilhada pelos tradutores que mergulharam em pesquisa histórica para fazerem suas traduções. A sacralidade do original é tão arraigada entre os tradutores que foi preciso que historiadoras levantassem a desconfiança. Muitas vezes, o tradutor confia no texto de partida e não tem tempo hábil para pesquisar além dele. Como este texto foi traduzido, em sua maioria, por tradutores-pesquisadores, a desconfiança com o original aparece, mas só é realmente

enfrentada com tempo e rigor por Motta, que encara o manuscrito e o traduz para o italiano.

A partir de Falkiner é possível entender que a bibliotecária responsável pela digitalização dos materiais relativos à expedição do *Uranie* também estava empolgada, e que elas trabalharam de forma colaborativa na organização dos materiais relativos aos diários. Falkiner descreve que a bibliotecária encarregada de catalogar a coleção dos Freycinet estava tão envolvida pela história de Rose quanto ela, e facilitou o acesso à coleção e a novas aquisições.

A bibliotecária Meredith Lawn também escreve sobre sua relação com a coleção, dizendo que catalogou 300 manuscritos em francês em 2019, e que essa coleção a envolveu mais do que qualquer outra em que tinha trabalhado, que Suzanne Falkiner trabalhou muito próxima a ela, compartilhando até mesmo capítulos do livro que escreveu. Dessas informações, depreende-se que o trabalho de digitalização e catalogação da coleção feito pela bibliotecária teve como propósito auxiliar a pesquisa de Falkiner para o seu livro. Essa digitalização em alta resolução alterou novamente o “original” disponível para uma retradução dos diários de Freycinet. É a partir do trabalho de Lawn e Falkiner que eu e qualquer pesquisador interessado podemos, hoje, acessar os manuscritos de qualquer parte do mundo. O trabalho de uma historiadora e de uma bibliotecária não estão diretamente relacionados com a tradução, mas influenciaram e alteraram o texto de partida disponível. A digitalização, portanto, é essencial para melhorar a disponibilidade dos textos de partida, especialmente quando se trata de manuscritos.

Passando da circulação de traduções e obras relacionadas em inglês para a próxima tradução, encontramos a versão em alemão. Conforme a apresentação desta edição feita no capítulo 4.1.1, o editor e tradutor Michel Uzsinski, da pequena editora Verlag der Pioniere decidiu fazer a primeira tradução dos diários ao alemão depois de ter lido o relato de viagem do navegador Otto von Kotzebue, no qual encontrou um trecho em que ele lamentava não ter conhecido a sra. De Freycinet. O embarque clandestino de Rose, o naufrágio e o ineditismo de sua presença em uma expedição desta natureza despertaram o interesse do editor.

A edição em alemão, publicada em 2011, tem capa dura amarela e traz ricas reproduções das ilustrações e mapas pertinentes à viagem do *Uranie*. A editora tem

foco em publicar relatos de viagens de pioneiros, e os Diários de Rose foram seu segundo livro. Em entrevista ao site “morehotlist”, o editor explica que sua linha editorial é publicar livros bonitos, bem-acabados sobre exploradores e exploradoras que se aventuraram nos cantos mais inóspitos do mundo. Revela também que o trabalho é quase que artesanal, com pequenas tiragens e no modelo “empresa de um homem só”. Na tradução, é possível observar que ela se descola do texto de Duplomb e agrega informações que estão presentes nas notas de rodapé da versão crítica estabelecida por Rivière em francês nos anos 1990.

Em seguida, cronologicamente, em 2013 foi publicada a tradução brasileira dos diários de Rose, feita por Rosa Alice Mosimann e publicada pela editora Mulheres. A editora, como já mencionado, tem foco nos escritos e contribuições de mulheres ao longo da História, e está relacionada às pesquisas desenvolvidas pela editora e seus grupos de pesquisa à época, com viés feminista. No prefácio, a tradutora escreve que esteve na França pesquisando para a tradução do livro e que, nesta ocasião, consultou a versão crítica estabelecida por Rivière em francês, que contém notas de rodapé: “O livro traz a variante de vários trechos, que implica uma revelação incrível: o diário de Rose foi alterado em várias partes porque o detentor dos textos originais à época da primeira edição [...] julgou vários trechos inconvenientes” (Mosimann *In*: Freycinet, 2013, p. 16).

Mosimann também menciona que o tradutor do italiano, Federico Motta, possuía uma cópia do texto datilografado com base nos manuscritos e, ao que tudo indica, esteve em contato com ele para trocar ideias, como sobre a tradução do termo “canezou”, uma gola de roupa feminina. Ela também menciona que uma informação interessante é que havia várias censuras em vermelho na cópia datilografada que antecedeu a publicação de Duplomb.

A tradutora esteve em contato também com o herdeiro dos Freycinet e perguntou a ele qual o motivo do interesse da Austrália pelos diários, e obteve como resposta que a passagem do *Uranie* por lá deixou traços marcantes (mapas, o nome da família para acidentes geográficos) e que Louis, o capitão do *Uranie*, havia estado na expedição de Baudin em 1802, considerada de uma das mais relevantes expedições científicas daquela época.

Em seu prefácio, Mosimann ainda relata que, em conversa com o herdeiro dos Freycinet, perguntou a ele se haveria a possibilidade de passar adiante responsabilidade da preservação dos documentos sobre a expedição que estavam em suas mãos para alguma instituição, ao que ele respondeu que se o fizesse, seria para uma instituição australiana. Podemos perceber que foi, de fato, o que aconteceu.

A tradutora brasileira ainda escreveu que “a editora se mostrou interessada em publicar, em anexo, a tradução de algumas cartas de Rose não censuradas, o que ajudaria a reencontrar o estilo pessoal da autora do diário.” (Freycinet, 2013, p. 17). Essas cartas são as que Marc Rivière transcreveu e publicou em 1996.

Se a tradutora para o português brasileiro teve acesso à versão crítica de Rivière, por que não inseriu os trechos censurados novamente no texto como fez o tradutor alemão? Não fica claro o porquê da escolha por se manter tão colada à versão de Duplomb mesmo sabendo que essa versão foi censurada. A minha conjectura, e é o que resta aqui, é que essa descoberta possa ter acontecido já no fim do processo tradutório.

A versão italiana, conforme pudemos depreender do prefácio da tradutora brasileira, foi traduzida ao longo de cerca de 6 anos por Federico Motta, entre 2011 e 2017, data da primeira edição. Ele utilizou uma cópia dos microfilmes dos manuscritos (que estão na Austrália) para fazer sua tradução, um trabalho de formiga. A editora que publicou os diários de Rose em italiano (Il Frangente) tem foco, na verdade, em obras relativas a expedições marítimas, principalmente nos aspectos geográficos, se apresentando como “a grande livraria náutica online”. A publicação em uma editora dedicada a assuntos náuticos talvez se deva ao tradutor não ser da área literária, mas geógrafo de formação. Talvez também por isso ele tenha se autorizado a ser mais ousado.

A tradução *Uma viaggiatrice clandestina a bordo dell’Uranie negli anni 1827-20* ganhou o prêmio de não-ficção do Contropremio Carver de 2017.

Nesta tradução, o tradutor escreve uma Introdução, uma Nota do tradutor, e um ensaio de 112 páginas sobre sua pesquisa chamado “Approfondimenti”. Seria interessante traduzir este ensaio por completo em outro momento para complementar as informações e pesquisas históricas sobre a obra.

Além disso, o texto é permeado de notas de rodapé, a maioria inserindo contexto e informações históricas.

No capítulo “Note del traduttore”, Motta afirma que “A tradução manteve ao máximo a expressividade original da autora e, quando tinham valor expressivo, pequenos erros e discrepâncias foram mantidos¹¹⁵” (Motta *In*: Freycinet, 2017, p. 9, tradução minha). Ele também afirma que o texto manuscrito não tinha subdivisões, e que ele propôs uma separação em capítulos com base na versão de Duplomb.

Ele também afirma que complementou a narrativa com outros documentos: “Optou-se por utilizar integralmente o manuscrito original do diário de Rose de Freycinet e a primeira carta escrita por Rose à sua mãe, bem como inserir trechos de outras cartas para completar os acontecimentos omitidos por Rose no diário. (Freycinet, 2017, p. 9, tradução minha).¹¹⁶”. Percebe-se aqui o uso livre dos materiais disponíveis para “remontar” um original de acordo com sua visão do que seria melhor para a narrativa. O tradutor atua também como uma espécie de editor ou curador neste caso.

Sobre a pontuação, Motta analisa que no diário manuscrito ela é quase inexistente, que havia muitos ponto e vírgulas no lugar de pontos finais, mas que esse texto corrido é muito diferente do que se encontra nas “Cartas à mãe”, nas quais a pontuação é correta e o estilo é um pouco mais sóbrio e os temas são mais religiosos. Lembrando que a mãe de Rose era diretora de uma escola e professora, é possível entender o motivo para maior cuidado.

Ele segue mencionando dificuldades de tradução como o termo “*esprit*”, que pode ser traduzido como espírito, caráter, intelecto; o termo “*dîner*”, que significava almoço e não jantar àquela época; e as muitas abreviações como “Gouv.” “n” no lugar de “nous”, “qq” para “quelque”. Nos trechos que transcrevi, percebi o mesmo. Essa prática de abreviar deve estar relacionada à pressa ou à economia de papel e recursos por parte da autora.

¹¹⁵ Em italiano: “La traduzione ha mantenuto il massimo dell'espressività originale dell'autrice e, ove essi hanno valore espressivo, sono stati mantenuti piccoli errori e discrepanze” (Motta *In*: Freycinet, 2017, p. 9).

¹¹⁶ Em italiano: “Si è scelto di utilizzare in modo completo il manoscritto originale del diario di Rose de Freycinet e la prima lettera scritta da Rose a sua madre e di inserire stralci di altre lettere per completare gli avvenimenti omessi da Rose nel diario [...]” (Freycinet, 2017, p. 9).

No seu longo ensaio “Approfondimenti”, Motta atribui os erros de concordância às mudanças de humor de Rose, destaca o aspecto quase ilegível de alguns trechos, e afirma que “più che um diário sembra um insieme di appunti veloci” (Motta *In: Freycinet*, 2017, p. 263) ou “mais do que um diário, parece um conjunto de anotações rápidas” (Motta *In: Freycinet*, 2017, p. 263, tradução minha).

O pesquisador também esclarece que pensa ser um erro afirmar que era possível reconstruir o texto a partir do manuscrito dos editores (o caderno com as correções dos editores), pois faltam ali alguns documentos e que Rivière não tinha acesso aos manuscritos quando organizou sua versão crítica em francês em 1996.

Motta também critica o trabalho de edição de Duplomb:

Duplomb organizou o texto, cortou várias seções e inseriu pontuação anormal, o que torna a escrita pesada; muitas vezes colocou o objeto antes e o sujeito depois, às vezes eliminou o sujeito, sempre inserido por Rose e sempre necessário em francês. Estranhamente, o editor não alterou alguns erros e inconsistências. As variações do texto são muitas vezes inexplicáveis e, por vezes, de pouca substância¹¹⁷. (Motta *In: Freycinet*, 2017, p. 269, tradução minha)

É interessante notar a opinião forte que traz sobre a necessidade de ler o conteúdo do manuscrito para entender o que Rose viveu:

Uma boa conclusão é que, se quisermos ter uma ideia muito aproximada sobre como e o que pensava a autora, podemos nos contentar com o Diário de Duplomb, mas se quisermos realmente conhecer Rose e fazer uma análise psicológica dela, o Diário Manuscrito é indispensável, assim como as cartas à mãe, até agora subestimadas porque consideradas, indevidamente, melhoradas por Louis¹¹⁸. (Motta *In: Freycinet*, 2017, p. 269, tradução minha).

Além de analisar seu trabalho e os manuscritos, Motta avalia o trabalho de Bassett e de Rivière, explica suas fontes iconográficas, traz uma biografia de Rose, de Louis, da família, compara outras publicações sobre a expedição, enfim, produz um ensaio crítico sobre a obra.

¹¹⁷ Em italiano: “Duplomb ha sistemato il testo, tagliato numerose sezioni e inserito a punteggiatura anormale, che appesantisce la scrittura; spesso ha anteposto l'oggetto e posposto il soggetto, talvolta ha eliminato il soggetto, sempre inserito da Rose e sempre necessario in francese. Stranamente il curatore non ha toccato invece alcuni errori e incongruenze. Le variazioni del testo sono spesso inspiegabili e talvolta di poca sostanza.” (Motta *In: Freycinet*, 2017, p. 269).

¹¹⁸ Em italiano: “Una buona conclusione è che, se si vuole avere un'idea molto approssimativa su come e cosa pensasse l'autrice, ci si può accontentare del Journal di Duplomb, ma se si vuole conoscere veramente Rose e farne un'analisi psicologica il Journal Manuscrit è indispensabile, così come le lettere alla madre, finora sottovalutate perché impropriamente ritenute migliorate da Louis”. (Motta *In: Freycinet*, 2017, p. 269).

Portanto, após entender como a obra circulou no mundo até o momento, as palavras dos tradutores do alemão, do inglês e do português nos permitem afirmar que a versão utilizada como texto de partida principal para essas versões foi a de 1927 curada por Duplomb, mas que a versão crítica estabelecida em francês por Marc Serge Rivière em 1996 (*Rose des Vents*) foi consultada — e no caso do alemão, se fez presente também no texto traduzido. Rivière enquanto tradutor para o inglês e editor para o francês, atuou tanto sobre o original quanto sobre a tradução. Ele, de fato, modificou o *status* do original com sua versão crítica que, mesmo que esteja esgotada, não seja completa e seja de difícil acesso, está no catálogo de grandes acervos como o da Biblioteca Nacional da Austrália e da Biblioteca Nacional da França. O tradutor ao italiano foi o único que ousou se basear nos manuscritos, organizá-los e traduzi-los, originando uma tradução que se sustenta sozinha por atualizar o original. Na versão em italiano, a tradução se torna mais importante do que qualquer outra versão anteriormente publicada em francês, pois é a primeira a publicar o texto dos manuscritos de forma organizada em um livro. Desta forma, a tradução para o italiano é ela também um “original”.

Fica claro que por mais que os tradutores tenham assumido fidelidade a uma única versão do texto em francês, também assumiram que consultaram outras versões, outros trabalhos de pesquisa, outras traduções ou mesmo produziram textos que alteram o texto de partida, desconfiam dele, colocam em suspeição o trabalho do editor. Além dos tradutores, historiadoras, bibliotecárias e outros profissionais relacionados ao livro acabam por se relacionar com a obra de um jeito ou de outro. Como não dizer que a bibliotecária que catalogou e digitalizou os manuscritos do diário teve influência sobre o “original”? A partir de seu trabalho apaixonado, a gama de textos de partida disponíveis aos futuros pesquisadores se expandiu, o “original” foi modificado.

O texto aqui analisado é um diário de viagem composto por cartas, o que permite que algumas sejam adicionadas ou retiradas de cada versão existente da obra. De fato, cada tradução tem em comum a base nas cartas de Rose à Caroline e a escolha de outras cartas dela à mãe ou outras correspondências para complementar o relato. Cada tradutor parece ter tido influência sobre a escolha dessas cartas. Cada tradução, portanto, é um texto novo e dinâmico, e seus textos-fonte não são fixos. O

“original”, portanto, também não é fixo. Combinando a leitura de todas as traduções disponíveis, a narrativa se expande e se diferencia do texto de 1927 e até mesmo do manuscrito do *Journal de Rose pour Caroline*.

Em textos puramente literários e narrativos escritos com intenção ficcional, pode ser que esse processo de recombinação, de acréscimo e retirada de trechos seja mais difícil, pois depende do acesso ao processo do escritor, ao texto antes do editor estabelecê-lo e, nem sempre isso é possível. Por se tratar de cartas, talvez esse trabalho seja facilitado nos diários de Rose. Mas, parece importante que o tradutor ouse desconfiar mais do original, que busque desconfiar do trabalho do editor, que se interesse pelo texto antes do texto. E levanto a hipótese de que isso pode ser mais verdadeiro ainda quando se trata de textos de mulheres. A desconfiança já é um processo comum aos tradutores quando se trata de textos polêmicos ou censurados. Por que não desconfiar dos demais? Será que todas as obras escritas por mulheres foram bem editadas? Será que os editores prepararam o texto partindo de critérios que seriam aplicados hoje? Será que outros editores também pesaram a mão na censura e nas alterações textuais e deturpam a Letra (no sentido bermaniano) de textos femininos?

A democratização do acesso aos arquivos acaba sendo essencial para que os tradutores e demais profissionais que se relacionam com a confecção de um livro possam trabalhar a partir de suas próprias ideias, como defende Marie-Hélène Torres em seu artigo “Democratização de arquivos em bibliotecas digitais e hemerotecas: um caminho para histórias ou micro histórias da tradução no Brasil”, de 2020. Quanto mais um texto se aproxima de seu *avant-texte*, seu texto antes do livro, mais possibilidades se abrem para que o trabalho de editores e tradutores aconteça de forma renovada. Encontrar o diário em sua forma manuscrita, hoje, é como ter a oportunidade de editá-lo novamente como se tivesse sido descoberto ou escrito agora, é trabalhar a partir do diamante bruto, mas saber que essa peça trabalhada estará dentro de outra, o diamante depois de trabalhado fará parte de um conjunto que já tem outras peças: um brinco, um colar, um anel.

O original, portanto, não é um texto imutável, ele é transformado por cada nova tradução que se relaciona com ele e assim seguirá sendo.

5.2 Comparando trechos significantes

Passando do contexto geral para o específico, é importante demonstrar as diferenças entre as traduções com apoio dos trechos significantes, selecionados de acordo com os critérios explicitados no capítulo 5.2.

5.2.1 O início dos diários

O início da narrativa é bastante similar em diferentes traduções, diferindo apenas na tradução em italiano, conforme explicitado no quadro a seguir.

Quadro 10 - Comparação de traduções do trecho inicial

Tradução em alemão por Michel Uszinski (2011)	Tradução em inglês por Marc Serge Rivière (1996)
September 1817 - Ich werde mein Tagebuch an dem Zeitpunkt beginnen, als ich um Mitternacht das Haus verließ, das ich in Toulon bewohnte; ich machte mich allein auf den Weg zu der Wohnung von einem unserer Freunde. Dort verbrachte ich eine sehr unruhige Nacht, in Gedanken an die doch sehr gewagten Abenteuer vertieft, auf die ich mich nun einlassen wollte, und vor allem an die Personen, die ich für so lange Zeit verlassen - und vielleicht niemals wiedersehen würde. Jedermann in Toulon glaubte, dass ich mich mit der Postkutsche, die um Mitternacht die Stadt verließ, nach Marseille begab, um im Haus eines Verwandten meines Mannes zu wohnen. Den ganzen folgenden Tag verbrachte ich mit dem Schreiben meiner Abschiedsbriefe, und gegen 11 Uhr 30 an jenem Abend zog ich meine Männerkleidung an. Begleitet von Louis* und einem seiner Freunde begab ich mich zum Hafen, um an Bord des Schiffes zu gehen. Es schien, dass der Mond meiner Flucht beistehen wollte: Er versteckte sich, um zu verhindern, dass die Leute, die wir trafen, mich erkannten. Doch am Eingang zum Hafen mussten	I shall begin my journal from the moment when, leaving my home in Toulon at midnight, I made my way alone to the house of one of my friends. There I spent a very restless night thinking of the somewhat daring adventure which I was to embark upon and the dear ones I was about to leave behind for so long and whom I might never see again. Everyone in Toulon believed that I had left on the midnight coach, bound for Marseilles where I was to stay at the house of a relative of my husband. I spent the whole of the following day writing my farewell letters and that night, around 11:30 p.m., I donned my male attire. Accompanied by Louis and one of his friends, I headed for the harbour to go aboard the ship. It seemed that the moon favoured my flight, for it disappeared behind the clouds, thereby preventing those present from recognising me. However, at the entrance to the dock, we had to stop and give the password; the sentinels brought a light and I did not know where to hide. At last, shaking all over, I reached the quay and climbed aboard as nimbly as I could. Forced to pass through a crowd of officers on deck,

wir anhalten und das Kennwort nennen; die Wachposten brachten ein Licht, und ich wusste nicht, wie ich mich verstecken sollte. Endlich, am ganzen Körper zitternd, erreichte ich den Kai und kletterte an Bord, so flink ich konnte. Ich musste mitten durch den Kreis der Offiziere gehen, die sich auf Deck befanden, und wurde von einigen gefragt, wer ich denn sei: Der Freund, der uns begleitete, versicherte, ich wäre sein Sohn, der tatsächlich ungefähr von meiner Größe ist. Auch in dieser Nacht war ich immer noch sehr aufgeregt. Ich machte mir Sorgen, dass ich erkannt worden wäre und dass der kommandierende Admiral, von meiner Anwesenheit informiert, befehlen würde, mich wieder an Land bringen zu lassen. Das geringste Geräusch erschreckte mich sehr und ich zitterte weiter, bis wir den Hafen verlassen hatten. (p. 11)	I was asked by some to identify myself: the friend who accompanied us declared that I was his son who, indeed, was about my height. I tossed about in my sleep even more than usual that night. I imagined that I had been recognised and that the Admiral Commander, having been informed, would order my disembarkation. The slightest noise startled me and I continued to shake with fear until we were clear of the harbour. (p.1)
Tradução em português por Rosa Alice Mosimann (2013)	Tradução em Italiano por Federico Motta (2017)
Começarei meu diário no instante em que, deixando, à meia-noite, a casa onde morava em Toulon, fui sozinha até a de uma de minhas amigas. Passei lá uma noite muito agitada, refletindo, na tentativa, um pouco ousada, que ia arriscar e, sobretudo, lamentando as pessoas que eu deixava por tanto tempo, pensando até na possibilidade de não mais revê-las. Todos pensaram, em Toulon, que eu tinha partido pela carruagem do correio que deixa a cidade à meia-noite para ir para Marseille, na casa de um parente de meu marido. Passei o dia seguinte inteiro escrevendo minhas cartas de despedida e, de noite, em torno de onze e meia, peguei minhas roupas de homem.¹⁰	È per te sola, amata e cara amica, che voglio scrivere questo diario, proverò piacere nel farlo, lascerò parlare il cuore perché è una cosa che mi hai chiesto e che ti sarà gradita; d'altronde sarà uno svago quotidiano tracciare tutto ciò che può succedermi di fortunato o sfortunato nella speranza di accattivarmi l'attenzione e di interessare una persona che mi è cara! Gioisco in anticipo per la soddisfazione che proverò al ritorno sin troppo felice, allora t'inverò queste righe leggere e tu proverai ancora maggior piacere nel rivedermi se saprai che ho corso tale o talaltro pericoli. Se al contrario dovrò soccombere nel mezzo di questa escursione penosa, tu almeno vedrai che, malgrado allontanata da te quanto non lo sono mai stata, la mia più piacevole occupazione è stata di pensare e di fare qualche cosa per la mia Caroline.³

Acompanhada por Louis e um de seus amigos, fomos até o porto para embarcar. Parecia que a lua queria proteger minha fuga; ela se escondeu para impedir que as pessoas que se encontravam lá me reconhecessem. Entretanto, saindo do porto, foi necessário parar para dar a senha; trouxeram luz e eu não sabia onde me esconder. Enfim, toda trêmula, cheguei perto da rampa de embarque e subo o mais devagar possível. Obrigada a passar no meio de oficiais que se encontravam no convés, alguns perguntavam quem eu era: o amigo de Louis, que nos acompanhava, assegurou que eu era seu filho que tem, justamente, mais ou menos o meu tamanho.

Fiquei ainda bem agitada a noite inteira. Eu imaginava ter sido reconhecida e que o Almirante comandante, avisado, teria ordenado que me mandassem de volta a terra. O mínimo ruído me assustava e eu continuei a tremer até estarmos fora da enseada.

Non avrei mai acconsentito a fare un diario per chiunque altro che te, tu sola hai per me l'indulgenza necessaria per perdonare uno stile verboso e spesso errato; d'altronde penso che ti fermerai solo ai fatti, non considererai se siano riportati elegantemente o con esprit, io dunque traccerò semplicemente gli avvenimenti e lascerò molto spesso parlare il mio cuore e l'animo sognare altre cose.

Inizierò il mio diario dall'istante in cui, lasciando a mezzanotte la casa che abitavo a Tolone, mi recai da sola in quella della mia amica." Vi passai una notte molto agitata, riflettendo sul tentativo che andavo a rischiare e soprattutto piangendo le persone che lasciavo per un così lungo periodo! Pensando addirittura di non rivederle più...

Tutti a Tolone credettero che fossi partita con la corriera che lascia la città a mezzanotte per recarmi a Marsiglia presso un parente di mio marito. Passai tutta la giornata dell'indomani a scrivere le mie lettere di addio, la sera verso le undici e mezzo indossai i miei abiti da uomo, accompagnata da Louis e da uno dei suoi amici ci recammo al porto per imbarcarci. Sembrava che luna volesse proteggere la mia fuga, si nascose per impedire che le persone che si trovavano là mi riconoscessero; tuttavia, all'accesso del porto dovemmo arrestarci per dare la parola d'ordine, fu portata una luce e io non sapevo dove nascondermi. Finalmente tremando tutta sono giunta sottobordo e salgo il più rapidamente possibile, obbligata a passare in mezzo agli ufficiali che si trovavano sul ponte; alcuni domandavano chi fossi io: l'amico che ci accompagnava assicurava che ero suo figlio, che è all'incirca della mia taglia. Fui ancora molto agitata tutta la notte, mi figuravo continuamente di

	essere stata riconosciuta e che l'Ammiraglio comandante, essendone stato istruito, ordinasse di rinviarmi a terra; il minimo rumore mi spaventava e continuavo a tremare sino a quando non fummo fuori dalla rada.
--	--

Fonte: elaborado pela autora com base em Freycinet (1996, 2011, 2013 e 2017).

No quadro, está destacado em negrito o momento em que aparece a expressão “Começarei meu diário” em cada uma das traduções, sendo ela o ponto de início em alemão, inglês e português, mas apenas o terceiro parágrafo na tradução italiana. Essa comparação deixa claro que, mesmo sem adentrar na análise do conteúdo, há muito texto agregado pela tradução italiana, que se baseia nos manuscritos, enquanto as outras são mais coladas à versão de Duplomb.

A tradução italiana, quando comparada à tradução em português brasileiro, contém os trechos do manuscrito que foram censurados ou cortados pelos editores. Para fins de comparação, trago a seguir o trecho em italiano traduzido ao português pela pesquisadora e tradutora do italiano Jéssica Helena Trombini.

Quadro 11 — Tradução ao italiano (Motta, 2017) e a partir do italiano (Trombini, 2025)

Tradução em italiano por Federico Motta (2017, p. 21-22)	Tradução a partir do italiano por Jéssica Helena Trombini (2025)
È per te sola, amata e cara amica, che voglio scrivere questo diario, proverò piacere nel farlo, lascerò parlare il cuore perché è una cosa che mi hai chiesto e che ti sarà gradita; d'altronde sarà uno svago quotidiano tracciare tutto ciò che può succedermi di fortunato o sfortunato nella speranza di accattivarmi l'attenzione e di interessare una persona che mi è cara! Gioisco in anticipo per la soddisfazione che proverò al ritorno sin troppo felice, allora t'inverò queste righe leggere e tu proverai ancora maggior piacere nel rivedermi se saprai che ho corso tale o talaltro peri- colo. Se al contrario dovrò soccombere nel mezzo di questa escursione penosa, tu almeno vedrai che, malgrado allontanata da te quanto non lo sono mai stata, la mia più	É só para você, amada e cara amiga, que desejo escrever este diário, tentarei ter prazer ao fazê-lo, deixarei falar o coração pois é uma coisa que você me pediu e que lhe será agradável; por outro lado, será uma distração cotidiana traçar tudo o que pode me acontecer de bem ou malsucedido na esperança de cativar-me a atenção e de interessar uma pessoa que me é cara! Alegro-me de antemão para a satisfação que provarei ao retorno, desde já muito feliz, então lhe enviarei estas breves linhas e você provará ainda maior prazer ao me rever se souber que corri tal ou tal outro perigo. Se ao contrário deverei sucumbir no meio desta penosa excursão, você ao menos verá que, afastada a contragosto de você como nunca antes estive, a

piacevole occupazione è stata di pensare e di fare qualche cosa per la mia Caroline.³

Non avrei mai acconsentito a fare un diario per chiunque altro che te, tu sola hai per me l'indulgenza necessaria per perdonare uno stile verboso e spesso errato; d'altronde penso che ti fermerai solo ai fatti, non considererai se siano riportati elegantemente o con *esprit*, io dunque tratterò semplicemente gli avvenimenti e lascerò molto spesso parlare il mio cuore e l'animo sognare altre cose.

Inizierò il mio diario dall'istante in cui, lasciando a mezzanotte la casa che abitavo a Tolone, mi recai da sola in quella della mia amica." Vi passai una notte molto agitata, riflettendo sul tentativo che andavo a rischiare e soprattutto piangendo le persone che lasciavo per un così lungo periodo! Pensando addirittura di non rivederle più...

Tutti a Tolone credettero che fossi partita con la corriera che lascia la città a mezzanotte per recarmi a Marsiglia presso un parente di mio marito. Passai tutta la giornata dell'indomani a scrivere le mie lettere di addio, la sera verso le undici e mezzo indossai i miei abiti da uomo, accompagnata da Louis e da uno dei suoi amici ci recammo al porto per imbarcarci. Sembrava che luna volesse proteggere la mia fuga, si nascose per impedire che le persone che si trovavano là mi riconoscessero; tuttavia, all'accesso del porto dovemmo arrestarci per dare la parola d'ordine, fu portata una luce e io non sapevo dove nascondermi.

Finalmente tremando tutta sono giunta sottobordo e salgo il più rapidamente

minha ocupação prazerosa foi pensar e fazer qualquer coisa pela minha Caroline.

Jamais teria concordado em escrever um diário para qualquer outra pessoa, apenas você tem para mim a indulgência necessária para perdoar um estilo verborrágico e frequentemente errado; por outro lado, acho que você se deterá apenas aos fatos, não considerará se são reportados elegantemente ou com *esprit*, então traçarei simplesmente os acontecimentos e deixarei com muita frequência meu coração falar e a mente sonhar outras coisas.

Iniciarei meu diário desde o instante em que, deixando à meia-noite a casa onde morava em Toulon, fui sozinha à de minha amiga. Passei uma noite muito agitada, refletindo sobre a tentativa que andava arriscando e sobretudo chorando pelas pessoas que deixava por um período tão longo! Pensando, ainda, que não as veria mais...

Todos em Toulon acreditaram que eu havia partido com a diligência que deixa a cidade à meia-noite para ir a Marselha até um parente de meu marido. Passei todo o dia seguinte escrevendo minhas cartas de adeus, à noite, às onze e meia, vesti minhas roupas masculinas, acompanhada de Louis e de um amigo dele nos dirigimos ao porto para embarcar. Parecia que a lua queria proteger minha fuga, se escondeu para impedir que as pessoas que se encontravam ali me reconhecessem. Todavia, no acesso ao porto tivemos de parar para dar a palavra de ordem, trouxeram uma luz e eu não sabia onde me esconder.

Finalmente, tremendo, fui colocada ao lado do navio e subi o mais rápido

possibile, obbligata a passare in mezzo agli ufficiali che si trovavano sul ponte; alcuni domandavano chi fossi io: l'amico che ci accompagnava assicurava che ero suo figlio, che è all'incirca della mia taglia. Fui ancora molto agitata tutta la notte, mi figuravo continuamente di essere stata riconosciuta e che l'Ammiraglio comandante, essendone stato istruito, ordinasse di rinviarmi a terra; il minimo rumore mi spaventava e continuavo a tremare sino a quando non fummo fuori dalla rada.	possível, obrigada a passar no meio dos oficiais que se encontravam na ponte; alguns perguntavam quem eu era; o amigo que nos acompanhava assegurava que eu era seu filho, que tem o talhe semelhante ao meu. Estive muito agitada toda a noite, me imaginava continuamente ter sido reconhecida e que o almirante-comandante, tendo sido instruído, ordenaria que me reenviassem à terra; o mínimo ruído me sobressaltava e eu continuava a tremer até que estivemos fora da enseada.
--	---

Ao comparar o mesmo trecho dos manuscritos (transcrito por mim), com sua tradução também proposta por mim, e a tradução proposta por Jéssica Trombini a partir do italiano, percebe-se que não há perda de conteúdo.

Quadro 12 — Comparação do início (manuscritos e manuscrito traduzido)

Transcrição dos manuscritos pela pesquisadora (2025)	Tradução PT-BR pela pesquisadora (2025)
<i>Journal particulier de Rose pour Caroline</i> C'est pour toi seule aimable et chère amie que je veux écrire ce journal, je trouverai du plaisir à le faire puisque c'est une chose que tu m'as demandée et qui te sera agréable ; d'ailleurs ne sera-ce par un délassement journalier de tracer tout ce qui peut m'arriver d'heureux ou de malheureux dans l'espérance de capturer ton intention et d'intéresser une personne que m'est si chère ! Je jouis d'avance de la satisfaction que j'éprouverai au retour trop heureux, je t'enverrai alors ces faibles lignes et tu éprouveras d'autant plus de plaisir à me revoir que tu sauras que j'ai couru tel ou tel danger. Si au contraire je dois succomber au milieu de cette course pénible tu verrait au moins que quelqu'éloignée, de toi que j'aie jamais été, ma plus agréable occupation a été de penser et de faire quelque chose pour ma Caroline.	<i>Diário particular de Rose para Caroline</i> É somente para você, amável e querida amiga, que quero escrever este diário. Encontrarei prazer em fazê-lo, pois é algo que você me pediu e que lhe será agradável; além disso, será um relaxamento diário registrar tudo o que pode me acontecer de bom ou de ruim, na esperança de captar sua atenção e interessar alguém que me é tão querida! Já sinto de antemão a satisfação que sentirei no feliz retorno; então, enviarei estas frágeis linhas e você sentirá ainda mais prazer em me rever ao saber que enfrentei tal ou tal perigo. Se, ao contrário, eu tiver que sucumbir no meio desta jornada difícil, você verá pelo menos que, por mais distante que eu tenha estado de você, minha ocupação mais agradável foi pensar e fazer algo para minha Caroline.

Je n'aurais jamais consenti à faire un journal pour tout autre que pour toi, toi seule a pour moi l'indulgence nécessaire pour pardonner un style diffus en souvent incorret, d'ailleurs je pense que ne s'arrêtant qu'aux faits tu ne songeras pas s'ils sont rapportés élégamment ou avec esprit ; je tracerai donc simplement les événements, je laisserai bien souvent parler mon cœur sans songer à autre chose. 7 bre 1817 Je commencerai de l'instant où quittant à minut la maison que j'habitais à Toulon, j'allai dans celle d'une de mes amies qui m'avait préparé un appartement secret où j'entraï seule; j'y passai la nuit fort agitée réfléchissant à la démarche un peu hardie que j'allais faire et surtout pleurant les personnes que j'allais quitter pour si longtemps ! M'imaginant même quelquefois que peut-être je ne les reverrait jamais ...tout le monde crut à Toulon que j'étais partie par la courrier qui quitte la ville à minuit, pour me rendre à Marseille chez un parent de mon mari;	Eu jamais teria aceitado fazer um diário para qualquer outra pessoa além de você. Somente você tem a indulgência necessária para perdoar um estilo difuso e frequentemente incorreto. Além disso, acredito que, focando apenas nos fatos, você não se preocupará se estão relatados de forma elegante ou inteligente; então, simplesmente registrarei os eventos e deixarei meu coração falar frequentemente e sem pensar em outra coisa. 7 bro de 1817 Começarei pelo momento em que, deixando a casa onde morava em Toulon, fui para a casa de uma das minhas amigas, que havia preparado um apartamento secreto onde entrei sozinha; passei a noite muito agitada, refletindo sobre o passo um tanto ousado que estava prestes a dar e, acima de tudo, chorando pelas pessoas que iria deixar por tanto tempo! Às vezes, imaginava que talvez nunca mais voltasse a vê-las... Todos em Toulon acreditaram que eu tinha partido com a carruagem do correio que saía da cidade à meia-noite para me dirigir a Marselha, à casa de um parente do meu marido.
---	---

Fonte: Freycinet, 1817 e elaborado pela autora, 2025.

Destaquei em vermelho as diferenças que observei entre a minha tradução e a tradução de 2013 em português, feita por Mosimann, apontando para o texto faltante na versão de 2013.

O quadro a seguir compara minha tradução a partir dos manuscritos, a de Trombini a partir de Motta (2017) e a de Mosimann (2013). Alterei levemente a paragrafação para que se possa visualizar os trechos correspondentes lado a lado.

Pode-se perceber que, desde o momento do início dos diários, a tradução de 2013 conta com muito menos informação, principalmente no início, o que altera o .

Quadro 13 — Comparação de traduções ao português

Tradução feita pela pesquisadora a partir dos manuscritos (2025)	Tradução a partir do italiano (Motta, 2017) por Jéssica Helena Trombini (2025)	Tradução de Rosa Alice Mosimann (2013)
Diário particular de Rose para Caroline É somente para você, amável e querida amiga, que quero escrever este diário. Encontrarei prazer em fazê-lo, pois é algo que você me pediu e que lhe será agradável; além disso, será um relaxamento diário registrar tudo o que pode me acontecer de bom ou de ruim, na esperança de captar sua atenção e interessar alguém que me é tão querida! Já sinto de antemão a satisfação que sentirei no feliz retorno; então, enviarei estas frágeis linhas e você sentirá ainda mais prazer em me rever ao saber que enfrentei tal ou tal perigo. Se, ao contrário, eu tiver que sucumbir no meio desta jornada difícil, você verá pelo menos que, por mais distante que eu tenha estado de você, minha ocupação mais agradável foi pensar e fazer algo para minha Caroline.	É só para você, amada e cara amiga, que desejo escrever este diário, tentarei ter prazer ao fazê-lo, deixarei falar o coração pois é uma coisa que você me pediu e que lhe será agradável; por outro lado, será uma distração cotidiana traçar tudo o que pode me acontecer de bem ou malsucedido na esperança de cativar-me a atenção e de interessar uma pessoa que me é cara! Alegro-me de antemão para a satisfação que provarei ao retorno, desde já muito feliz, então lhe enviarei estas breves linhas e você provará ainda maior prazer ao me rever se souber que corri tal ou tal outro perigo. Se ao contrário deverei sucumbir no meio desta penosa excursão, você ao menos verá que, afastada a contragosto de você como nunca antes estive, a minha ocupação prazerosa foi pensar e fazer qualquer coisa pela minha Caroline.	

Eu jamais teria aceitado fazer um diário para qualquer outra pessoa além de você. Somente você tem a indulgência necessária para perdoar um estilo difuso e frequentemente incorreto. Além disso, acredito que, focando apenas nos fatos, você não se preocupará se estão relatados de forma elegante ou inteligente; então, simplesmente registrarei os eventos e deixarei meu coração falar frequentemente e sem pensar em outra coisa.	Jamais teria concordado em escrever um diário para qualquer outra pessoa, apenas você tem para mim a indulgência necessária para perdoar um estilo verborrágico e frequentemente errado; por outro lado, acho que você se deterá apenas aos fatos, não considerará se são reportados elegantemente ou com <i>esprit</i>, então traçarei simplesmente os acontecimentos e deixarei com muita frequência meu coração falar e a mente sonhar outras coisas.	
7 bro de 1817 Começarei pelo momento em que, deixando a casa onde morava em Toulon, fui para a casa de uma das minhas amigas, que havia preparado um apartamento secreto onde entrei sozinha; passei a noite muito agitada, refletindo sobre o passo um tanto ousado que estava prestes a dar e, acima de tudo, chorando pelas pessoas que iria deixar por tanto tempo! Às vezes, imaginava que talvez nunca mais voltasse a vê-las... Todos em Toulon acreditaram que eu tinha partido com a carruagem do correio que saía da cidade à meia-noite para me dirigir a Marselha, à	Iniciarei meu diário desde o instante em que, deixando à meia-noite a casa onde morava em Toulon, fui sozinha à de minha amiga. Passei uma noite muito agitada, refletindo sobre a tentativa que andava arriscando e sobretudo chorando pelas pessoas que deixava por um período tão longo! Pensando, ainda, que não as veria mais... Todos em Toulon acreditaram que eu havia partido com a diligência que deixa a cidade à meia-noite para ir a Marselha	Começarei meu diário no instante em que, deixando, à meia-noite, a casa onde morava em Toulon, fui sozinha até a casa de uma de minhas amigas. Passei lá uma noite muito agitada, refletindo, na tentativa, um pouco ousada, que ia arriscar e, sobretudo, lamentando as pessoas que eu deixava por tanto tempo, pensando até na possibilidade de não mais revê-las. Todos pensaram, em Toulon, que eu tinha partido pela carruagem do correio que deixa a cidade à meia-noite para ir para Marseille, na casa de um parente de meu marido.

casa de um parente do meu marido. Passei todo o dia seguinte escrevendo as minhas cartas de despedida e, à noite, por volta das onze e meia, vesti as minhas roupas de homem e, acompanhada por Louis e um dos seus amigos, fomos ao porto para embarcar. Parecia que a lua queria proteger minha fuga, ela se escondeu para impedir que as pessoas que estavam lá me vissem e me reconhecessem. No entanto, ao sair do porto, foi preciso parar para <u>dizer a senha</u> e, como trouxeram luz, eu não sabia onde me esconder. Por fim, tremendo, chego à beira do barco, embarco com a maior leveza possível e sou obrigada a passar no meio de todos os oficiais que estavam no convés: alguns perguntaram quem eu era e o amigo que nos acompanhava assegurou que eu era seu filho, que de fato tem quase a minha altura. Fiquei muito agitada durante toda a noite, parecia que eu tinha sido reconhecida e que o	até um parente de meu marido. Passei todo o dia seguinte escrevendo minhas cartas de adeus, à noite, às onze e meia, vesti minhas roupas masculinas, acompanhada de Louis e de um amigo dele nos dirigimos ao porto para embarcar. Parecia que a lua queria proteger minha fuga, se escondeu para impedir que as pessoas que se encontravam ali me reconhecessem. Todavia, no acesso ao porto tivemos de parar para dar a palavra de ordem, trouxeram uma luz e eu não sabia onde me esconder. Finalmente, tremendo, fui colocada ao lado do navio e subi o mais rápido possível, obrigada a passar no meio dos oficiais que se encontravam na ponte; alguns perguntavam quem eu era; o amigo que nos acompanhava assegurava que eu era seu filho, que tem o talhe semelhante ao meu. Estive muito agitada toda a noite, me imaginava continuamente ter sido	Passei o dia seguinte inteiro escrevendo minhas cartas de despedida e, à noite, por volta de onze e meia, peguei minhas roupas de homem¹⁰. Acompanhada por Louis e um de seus amigos, fomos até o porto para embarcar. Parecia que a lua queria proteger minha fuga; ela se escondeu para impedir que as pessoas que se encontravam lá me reconhecessem. Entretanto, saindo do porto, foi necessário parar para dar a senha; trouxeram luz e eu não sabia onde me esconder. Enfim, toda trêmula, cheguei perto da rampa de embarque e subo o mais devagar possível. Obrigada a passar no meio de oficiais que se encontravam no convés, alguns perguntavam quem eu era: o amigo de Louis, que nos acompanhava, assegurou que eu era seu filho que tem, justamente, mais ou menos o meu tamanho. Fiquei ainda bem agitada a noite inteira. Eu imaginava ter sido reconhecida e que o Almirante comandante,
---	--	---

Almirante-comandante, tinha sido informado e mandava dizer que me mandassem de volta para terra. O menor barulho me assustava e continuei com medo até sairmos da baía.	reconhecida e que o almirante-comandante, tendo sido instruído, ordenaria que me reenviassem à terra; o mínimo ruído me sobressaltava e eu continuava a tremer até que estivemos fora da enseada.	avisado, teria ordenado que me mandassem de volta a terra. O mínimo ruído me assustava e eu continuei a tremer até estarmos fora da enseada. ¹⁰ Vestida de homem, escreveu para sua mãe, foi necessário descartar qualquer desconfiança, cortar meus cabelos. A excelente amiga na casa de quem eu estou quis se encarregar pessoalmente dessa operação; ela não conseguiu terminá-la sem verter lágrimas, embora seja filha e mulher de marinheiros distintos. Está surpresa e comovida com minha resolução, Eu lhe deixo meus cabelos; ela aceitou se encarregar de fazer com eles um colar para a senhora e pulseiras para a Caroline.
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora, 2025.

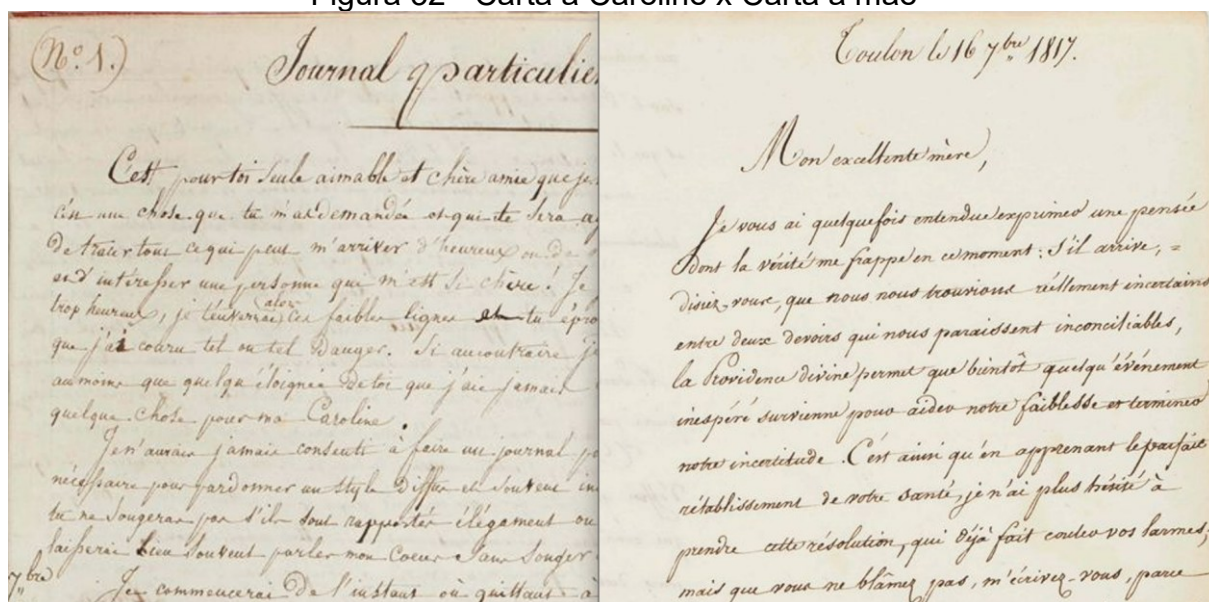
Como se pode perceber na comparação entre traduções, é neste momento inicial que Rose expressa seus medos de morrer, de nunca rever a amiga, antecipa a saudade que sentirá. Toda essa carga emocional não está presente na tradução brasileira. Como a tradutora bem afirmou em seu prefácio, o texto acabou ficando mais sóbrio e mais masculino, ou menos feminino, intimista, emocional, visceral. Sem entrar no mérito de decisões tradutórias e estilísticas, percebe-se que uma nova tradução se justificaria, pois, a versão de 2013 em português não oferece ao leitor o texto completo: há faltas importantes. Rosa Alice Mosimann, em 2013, não teve acesso aos manuscritos em alta resolução como é possível acessar agora.

Percebe-se que o trecho inicial dá o tom da correspondência: Rose escreve para uma mulher, uma amiga, Caroline, e não para os olhos de qualquer um. O apagamento deste trecho oculta todas as intenções da autora, retira uma boa carga sentimental aqui expressa (o medo de morrer, a confiança na amiga, o momento de descanso na viagem ao pensar que conversa com a amiga, a modéstia pela escrita de estilo “difuso e incorreto”, o “deixar falar o coração sem pensar em nada mais”. A

versão em italiano consegue trazer essa carga emocional, mas as demais traduções não.

Há uma incerteza sobre as cópias disponíveis das cartas de Rose à mãe: elas têm a grafia de Rose ou foram copiadas por Louis posteriormente? Analisando a caligrafia, pode-se dizer com algum grau de certeza que as cartas à mãe disponíveis nos arquivos australianos também foram escritas pelas mãos de Rose. Para fins comparativos, trago na imagem a seguir a cópia do manuscrito no início das cartas à Caroline (esquerda) e o início das cartas à mãe (à direita). Observando-as, nota-se que a grafia da direita está mais limpa e correta do que a da esquerda.

Figura 32 - Carta à Caroline x Carta à mãe



Fonte: Freycinet, 1817.

Rose organiza as cartas à mãe de forma mais limpa, clara e com um francês mais elaborado gramaticalmente, diferentemente das cartas à Caroline. Talvez isso se deva à diferença de tratamento que Rose tinha com sua mãe, professora de gramática e francês para estrangeiros, e sua amiga Caroline, mais nova que ela, com quem poderia conversar informalmente.

Para que essas diferenças possam ser visualizadas da melhor forma, a tabela a seguir indica os links para as transcrições das cartas que descrevem os preparativos para a viagem enviadas por Rose à Caroline e à mãe.

Tabela 3 - Comparação da transcrição das cartas á Caroline x Cartas à mãe

Página	Link
Transcrição do trecho inicial dos diários (cartas à Caroline)	https://app.transkribus.eu/share/e6d923fd0b786349a79285883403fbba
Transcrição do trecho inicial das cartas à mãe (p. 1)	https://app.transkribus.eu/share/e6f824c0735568b409a7210d91e19d88
Transcrição do trecho inicial das cartas à mãe (p. 2)	https://app.transkribus.eu/share/81a12d43f26adde5f180c59a2b4cd22a
Transcrição do trecho inicial das cartas à mãe (p. 2)	https://app.transkribus.eu/share/4e36afe8db6dfdece610b08122ceb0e5

Fonte: elaborado pela autora, 2025.

Ao escrever para Caroline, Rose diz que em sua correspondência para ela, deixará falar o coração e se aterá aos fatos, assim Caroline poderá perdoá-la pelo estilo difuso e incorreto. Essa incorreção não é encontrada nas cartas à mãe, como se pode observar nas transcrições listadas acima: o tom é extremamente formal.

5.2.2 Rio de Janeiro

Os capítulos sobre a estadia da expedição do *Uranie* no Rio de Janeiro são interessantes para o leitor brasileiro por retratarem a cidade na época do Império, com a família real portuguesa fazendo do Brasil a capital momentânea. Nesse período, muitos franceses habitavam a cidade, ao ponto de Rose ter convivido com nenhuma “família portuguesa”. As descrições feitas por ela devem ser reproduções das fofocas que ouviu das madames Sumter e Roquefeuille. O primeiro capítulo retrata a estadia no início da viagem e o outro capítulo retrata a estadia no final da viagem. É interessante contrastar o manuscrito com o texto de 1927, e como a única tradução existente para o diário de Rose em português além da de Mosimann foca apenas no primeiro capítulo, decidi por analisar principalmente o primeiro.

A descrição que ela faz do cônsul francês no Brasil, o sr. Maller, é bastante ácida, e alguns trechos não aparecem na tradução brasileira nem na edição de 1927, nem mesmo o seu nome, grafado apenas como M^{***}. Na tradução em inglês, o nome aparece como “M. Maler [Maller?]” (Freycinet, 1996, p. 13). Nota-se que Rivière incorporou alguns pequenos detalhes que não estavam no texto de 1927 à tradução. Aí está um exemplo de como os editores censuraram alguns nomes por motivos provavelmente políticos e interpessoais (para preservar as boas relações familiares dos Freycinet em 1920). Um dos comentários de Rose que não se encontra em outra tradução que não a italiana é após ela relatar como o cônsul da França fez uma

reverência exagerada ao rei de Portugal “Voilà comme la France est représentée au Brésil!”, ou algo como “Para você ver como a França é representada no Brasil!”. A falta deste comentário torna o texto menos ácido, seguramente. A nota de rodapé do tradutor italiano questiona erros anotados nas notas de Bassett e Rivière: “A grafia de Rose é clara, escreveu “Maller”, se pode confrontar com outros relatos da época, como o de Auguste de Saint Hilaire, que registram “Maller, ao contrário de Basset, que escreveu “Mahler” e Rivière que anotou “Muller¹¹⁹” (Motta In: Freycinet, 2017, p. 36, tradução minha). Na edição de que disponho, Rivière anotou Maler e Maller. Trata-se do coronel Jean-Baptiste Maler, “*Chargé d'affaires* do governo francês no Brasil desde 1815, o coronel Maler permaneceu em nosso país como Cônsul-Geral até 1824, dando em seus despachos, uma descrição dos principais sucesos da Independência.” (Castro, 1973, p. 439). O sr. Maler era opositor aos bonapartistas, defensor da restauração e foi responsável por reportar e administrar alguns episódios importantes ocorridos no período do Brasil Império: descreveu revoltas separatistas, a Revolução de 1817 e o processo de independência do Brasil em correspondência diplomática¹²⁰ enviada à França e foi responsável ao menos de forma indireta pelo “fracasso” da “Missão Artística Francesa”, um grupo de criadores, artistas e engenheiros que buscou se estabelecer no Brasil em 1816 e que foi perseguido por Maler¹²¹.

Outros trechos suprimidos falam sobre detalhes e juízos de valor que ela emite sobre outros compatriotas franceses, sem motivo aparente. Por que deixar de mencionar que a sra. Roquefeuille era canonesa e que criou seu sobrinho sob os princípios de sua fé? Que o rapaz não era “nullement bigot”, ou “nem de perto um fanático”? Quais terão sido os critérios destes editores? Este trecho, em especial, soa estranho na tradução em português, como se faltasse uma informação (e realmente falta).

¹¹⁹ Em italiano: “La grafia di Rose è chiara, há scritto “Maller”, si può fare un confronto con Altri resconti d'epoca, come quello di Auguste di Saint Hilaire, che riportano appunto “Maller”; al contrario Basset ha riportato “Mahler” e Rivière “Muller” (Motta In: Freycinet, 2017, p. 36).

¹²⁰ Para saber mais sobre a correspondência diplomática de Maler, consultar o artigo “A missão artística francesa de 1816 e a diplomacia de Jean-Baptiste Maler”, de Lucas de Araujo Barbosa Nunes. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48026/26164>. Acesso em: 05 dez. 2025.

¹²¹ Para mais detalhes, consultar a página *Missão Artística Francesa de 1816*, da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossie-antigo/matrizes-nacionais/figuras-de-viajantes/a-missao-artistica-francesa-de-1816/>. Acesso em: 05 dez. 2025.

O sobrinho da senhora Roquefeuille (na verdade, trata-se da condessa de Roquefeuil ou Rochefeuil¹²², figura proeminente na sociedade do Rio de Janeiro na época, dona da casa na Tijuca visitada por Rose e por ela descrita nos diários) era o sr. de Gestas, ou Aymar de Gestas de Lespérour (1786-1835), que sucedeu o sr. Maler na representação diplomática da França no Brasil após a independência¹²³.

¹²² Em artigo de Wilma Peres Costa no *site* da ANPUH, lê-se: “A fazenda Boa Vista, na Tijuca, residência do Conde de Gestas, e da sua tia, a duquesa de Roquefeuil consolidou-se como ponto obrigatório da sociabilidade dos estrangeiros que visitavam a Corte, sendo frequentada também pelo casal real. Os Taunays, que eram vizinhos de Gestas, abaixo da Cascatinha, e dela estavam afastados pela condição social, também teriam aí o seu papel.”. (COSTA, s.d.)

¹²³ Em artigo da Folha de S. Paulo, comemorando 200 anos das relações diplomáticas Brasil-França, publicado em 2025, lê-se: “Embora nunca tenha tido formalmente o título de embaixador — oficialmente, foi encarregado de negócios e cônsul-geral — o conde de Gestas é considerado o primeiro representante da França no Brasil pós-reconhecimento. Aymar Marie Jacques de Lespérour Gestas de Roquefeuil nasceu em Paris em 1786, em uma família de nobres, próxima da monarquia, que durante a Revolução Francesa exilou-se em Portugal. Em 1810, Gestas mudou-se para o Brasil, dois anos depois da fuga da corte de dom João 6º para o Rio. Em 1823, Gestas foi nomeado por François-René de Chateaubriand, ministro das Relações Exteriores (e monstro sagrado da literatura francesa), como encarregado de negócios da França no Brasil. Gestas era casado com uma sobrinha de Chateaubriand, o que não deve ter atrapalhado a indicação. Àquela altura, Gestas já era famoso no Rio. Dono de uma fazenda no atual bairro do Alto da Boa Vista, plantava café e frutas europeias menos comuns nos trópicos, como maçã e pêssego. Amigo de dom Pedro 1º, que frequentava sua casa e foi padrinho de seu filho (que recebeu o nome de Pedro), Gestas chegou a oferecer ao imperador ajuda militar francesa para reprimir a insurreição de Frei Caneca no Nordeste, em 1824. Encerrada a carreira diplomática, o conde fixou residência na ilha do Viana, em Niterói, sem descuidar do pomar. Dizem que a fruta-do-conde tem esse nome no Brasil em referência a ele, mas é possível encontrar menções ao termo anteriores ao século 19. Gestas morreu afogado na baía de Guanabara aos 51 anos, supostamente tentando salvar um escravizado que havia caído de um barco.” (Fontenelle, 2025).

Figura 33 — A cascadinha da Tijuca ilustrada por Jacques Arago



Fonte: Sélène [Bibliothèque numérique de Bordeaux], acesso em 2025.

Outro trecho censurado trata de um acidente logo na chegada, que tirou a vida de um marinheiro. Manter tal acidente no relato poderia fazer a expedição parecer “atrapalhada”, e deve ser por isso que os editores o suprimiram.

Também chama a atenção a mudança de discurso na edição censurada, dando a entender que Rose afirma que ao encontrar a sra. Roquefeuille e a sra. Sumter, “era como se tivesse encontrado parentes”, enquanto o que ela escreveu foi que as duas foram muito amigáveis com ela e a sra. Roquefeuille cuidou dela como se fosse uma mãe. Partir de um texto que diz “Je n’était pas d’une heure chez la

Comtesse qu'il me semblait avoir retrouvé une parente; elle eut pour moi des soins maternels" é muito diferente de "L'une el l'autre me firent un accueil extrêmement gracieux et amical. Il me semblait avoir retrouvé des parents.". Um cuidado "de mãe" é muito diferente de "sentir que encontrou parentes". É esse tipo de detalhe que a mão pesada do editor retirou do texto e que faz a diferença para reencontrar a *écriture féminine* de Rose. No mesmo sentido vão as preocupações que expressa com a constituição delicada de Caroline, prestes a dar a luz, e o pensamento de que ela poderia ficar doente, a vontade de ajudá-la a cuidar do bebê e cobri-lo de "caresses" ou "carícias".

Cabe contextualizar quem era a sra. Sumter, uma figura extraordinária como Rose, cuja vida está descrita na biografia *A lady of the high hills: Natalie Delage Sumter*, de Thomas Tisdale (2001). As informações a seguir são baseadas nessa obra. Marie Louise Stephanie Beatrix Nathalie de Lage de Volude nasceu em Versailles em 1782, afilhada de Luís XVI e Maria Antonieta. Como seus pais eram membros da nobreza francesa, foram perseguidos pelos revolucionários à época da queda da monarquia. Em 1793, decidiram enviar a sua governanta e a jovem Nathalie, que tinha apenas onze anos, à Nova Iorque para que ficassem em segurança. Lá, a governanta foi contratada para educar Theodosia, a filha de Aaron Burr (que viria a ser o terceiro vice-presidente dos EUA) à maneira francesa, e Nathalie foi criada como membro da família até os 19 anos, quando navegou para a França para reencontrar a família, incentivada pelas políticas de reconciliação de Napoleão. Na viagem, conheceu Thomas Sumter Jr., filho do famoso general da Guerra da Independência Thomas Sumter, proeminente fazendeiro da Carolina do Sul, nos EUA, e que estava a caminho de Paris como secretário do chanceler americano Livingstone. Contra a vontade da família de Nathalie, o casal se uniu em 1802 e, logo, Nathalie teve seu primeiro filho. Posteriormente, Sumter serviu como secretário diplomático em Londres e, em 1803, a família retornou às fazendas da Carolina do Sul. Em 1810, Thomas Sumter Jr. foi apontado como o primeiro embaixador da jovem república dos EUA no Brasil, onde ele e sua família viveram até 1821. Como a corte da família portuguesa estava instalada no Brasil para se proteger dos ideais revolucionários que estavam tomando conta da Europa, a posição de Thomas, republicano e protestante, era menos favorável do que a de Nathalie, católica e relacionada à realeza francesa.

Nathalie e Thomas tiveram três filhos durante sua estadia no Brasil: Pauline Beatrix, também chamada de “Brazília” em 1813; Francis Louis em 1815 e Sebastian em 1820.

Figura 34 — Nathalie Sumter



Fonte: Thomas, 2001, p. 42.

As histórias de personagens como a condessa de Roquefeuil e Nathalie Sumter permitem entender o papel que o Rio de Janeiro desempenhava à época: uma corte europeia cosmopolita, localizada fora do continente europeu e que refugiou muitos membros da nobreza francesa perseguidos no período napoleônico.

Voltando à análise sobre o diário, no capítulo do Rio de Janeiro se nota como há um grande trecho suprimido no qual Rose relata que por terem mudado de casa, ficaram muito expostos a caminhadas na chuva, o que levou à perda de várias roupas, sapatos e enfeites que não poderia repor porque custariam muito caro. Há também uma passagem em que relata que Louis decidiu ir a um jantar usando o barco para se locomover em um trecho, mas como o mar estava agitado, o barco se encheu de água e que percebeu que estava toda suja somente quando atracaram, pois o “patron” do barco, que não era Louis, a carregou nos braços para desembarcá-la e acabou sujando sua roupa. No jantar, teve que pegar um vestido emprestado e se arrumar da melhor forma que pôde. O tradutor italiano comenta em nota “Rose nos braços de

outro homem: obviamente esta parte foi omitida em Duplomb.¹²⁴ (Motta *In*: Freycinet, 2017, p.40, tradução minha).

Como diz Hélène Cixous “Um texto feminino não pode ser nada menos do que subversivo: se ele se escreve, é erguendo, vulcânico, a velha crosta da propriedade, portadora dos investimentos masculinos, e não de outra forma; não há lugar para ela se ela não é um ele? (Cixous, 2022, p. 53). No texto de 1927 e nas traduções que nele se baseiam a voz de Rose não está ocupando todo o lugar que poderia. Pode-se ouvir um eco, mas não a voz verdadeira.

O Anexo D traz um quadro comparativo da transcrição diplomática preliminar feita por mim e a versão francesa de 1927. Nele, se pode observar os trechos suprimidos pelos editores com maior precisão.

Para visualizar um pouco deste processo de transcrição, comparando o manuscrito com a transcrição feita por mim, organizei uma tabela contendo *links* individuais que levam à transcrição de cada página das cartas de Rose à Caroline relativas à primeira passagem pelo Rio de Janeiro. Desta forma, é possível visualizar melhor como o processo de transcrição é minucioso e requer muita precisão e revisão.

Tabela 4 - Links para transcrição das cartas sobre o Rio de Janeiro

Página	Link
Cartas à Caroline – Rio de Janeiro (p. 1)	https://app.transkribus.eu/share/77c79ad18893b80689bbe8cca517548a
Cartas à Caroline – Rio de Janeiro (p. 2)	https://app.transkribus.eu/share/69c0a8af4ef09663294f97a39a75f1a8
Cartas à Caroline – Rio de Janeiro (p. 3)	https://app.transkribus.eu/share/503b44ddc687dd39db65a3648e97afe5
Cartas à Caroline – Rio de Janeiro (p. 4)	https://app.transkribus.eu/share/dd62f7cb9594fc81fd2f13951451dca4
Cartas à Caroline – Rio de Janeiro (p. 5)	https://app.transkribus.eu/share/aa402d4c4f9db8e43a3e6509479c8729
Cartas à Caroline – Rio de Janeiro (p. 6)	https://app.transkribus.eu/share/9d3168fde4f3e2ef657d0c8fe4b616d0
Cartas à Caroline – Rio de Janeiro (p. 7)	https://app.transkribus.eu/share/0e2f790d15aad30ba7ecc81e7bbd52f0
Cartas à Caroline – Rio de Janeiro (p. 8)	https://app.transkribus.eu/share/d6d8de787c90cc9dd90dc09c676f218
Cartas à Caroline – Rio de Janeiro (p. 9)	https://app.transkribus.eu/share/648cf19402977e6612ad30e4aa0b4181

¹²⁴ Em italiano: “Rose tra le braccia di un alto uomo: ovviamente questa parte è stata omessa da Duplomb.” (Motta *In*: Freycinet, 2017, p.40).

Cartas à Caroline – Rio de Janeiro (p. 10)	https://app.transkribus.eu/share/d07e28032cdac724799206769815b8d3
--	---

Fonte: elaborado pela autora, 2025.

Sobre o Rio de Janeiro, o tradutor Motta traz em nota algumas considerações e acréscimos da transcrição das “Cartas à mãe”. Depreende-se daqui que a transcrição das notas à mãe deve acrescentar à narrativa ainda mais detalhes, e que valerá a pena trabalhar na transcrição delas para uma posterior retradução dos diários. Ele contextualiza localizações, como a casa da madame Sumter que se localizava na margem de uma colina na região da Glória e que a casa em que iriam ficar pertencia anteriormente à condessa Linhares. Também traz a informação de que eles acabaram ficando hospedados na casa do filho do pintor Taunay. Também localiza a casa na floresta da sra. Roquefeuille na Tijuca, sendo a cascatinha que Rose visitou provavelmente a cascatinha da Tijuca.

A tradutora Rosa Alice Mosimann apresenta algumas notas que traduziu da edição de 1927 e 3 notas de tradução neste capítulo: corrige uma informação de que M. Landsdorf era na verdade Langsdorff; explica o que significa “gascão”, a pessoa natural da Gascogne na França, por extensão, uma pessoa que tem caráter mentiroso, fanfarrão, vaidoso, impostor; outra nota se refere aos “dois pés de água” como uma antiga unidade de medida que equivale a 33 cm.

Comparando o estilo de Mosimann com o estilo de França, é possível entender que a tradutora opta por construções mais rebuscadas e formais, enquanto o tradutor acaba tornando o texto mais contemporâneo e fluido. A opção pela fluidez parece mais acertada, pois os diários de Rose eram escritos a uma amiga, e tinham um tom mais informal e coloquial, similar ao da fala, por vezes remetendo a “fofocas” e “causos”.

Tradução de Rosa Alice Mosimann (2013, p. 43)	Tradução de Jean Marcel Carvalho França (2007, p. 70)
Nossos caracteres e maneiras se parecem tanto, que tínhamos a impressão de estar ligadas desde a infância. A afeição que tenho por elas nunca poderá se alterar. Ser-me-ia impossível descrever as atenções, as marcas de amizade que essas senhoras me cumularam.	Nossos caracteres e nossas maneiras são tão afins que tenho a impressão de que estamos juntas desde a infância; a afeição que tenho por elas nunca irá se alterar. É impossível descrever o quão atenciosas e amáveis essas damas foram comigo.

Por outro lado, a tradutora opta por termos mais estrangeirizadores, levando o leitor mais próximo à França, enquanto o tradutor opta pela domesticação total e não traz nenhuma nota de tradutor. Um exemplo é o termo “gascon”, que a tradutora traduz para gascão e explica em nota de rodapé o significado, enquanto o tradutor opta pelo termo “parlapatão”, totalmente domesticado.

5.2.3 Sidney

Da página 183 a 189 da tradução italiana há cartas com trechos inéditos em português. Eles se referem à estadia do casal em Sidney e, ao que parece, não estão nos manuscritos do diário de Rose, mas fazem parte da coleção de Cartas à Mãe. Num dos trechos mais interessantes, Rose conta que ela e Louis foram roubados na casa em que estavam alojados em Sidney.

Para fins de comparação, trago o trecho da tradução italiana e uma tradução direta dele para o português para exemplificar um pedaço de narrativa que falta ser traduzido ao português, mais uma vez com tradução feita por Jéssica Trombini.

Tradução ao italiano por Federico Motta (2017, p. 185)	Tradução indireta ao português brasileiro a partir da versão italiana feita por Jéssica Helena Trombini
Credetemi che solo il tempo mi è mancato e non i soggetti per riempire questa enorme lettera; ma dopo il nostro arrivo le visite da fare e da ricevere, la sistemazione nella casa che abbiamo affittato per la durata del nostro soggiorno e altri mille affari hanno a sufficienza riempito il mio tempo, quand'anche la mia salute fosse stata buona. Ora non è così: sono più che mai tormentata dai mali di testa. Credo che spesso mi rendano di cattiva compagnia e ne sono ancor più indispettita perché abbiamo incontrato in questi luoghi fortunati delle persone veramente premurose e che ci riempiono ogni giorno di cortesi attenzioni.	Acredite que só me faltou tempo e não assuntos para encher esta enorme carta; mas após nossa chegada, as visitas a fazer e receber, a sistematização da casa que alugamos para todo o período da nossa estadia e outros mil afazeres preencheram meu tempo o suficiente, quando até minha saúde estivesse boa. Agora não é assim: estou mais do que nunca atormentada por dores de cabeça. Creio que frequentemente me tornem má companhia e estou ainda mais irritada porque encontramos neste lugar afortunadas pessoas verdadeiramente solícitas e que nos enchem todos os dias de cortês atenção.
Louis, mettendo avanti a tutto il suo lavoro, vi subordina, com'è giu- sto che	Louis, colocando seu trabalho antes de tudo, os subordina, como é justo, aos

sia, i piaceri che ci sono offerti; di sorta che siamo forzati a rifiutare più inviti di quanti ne riceviamo. Credo che, se fosse meno assorto nei suoi lavori con i Gentiluomini dello Stato Maggiore e se la nostra partenza da questa colonia non fosse determinata a causa del rigore che dobbiamo tenere sul periodo per doppiare Capo Horn, avremmo potuto passare qui i momenti più gradevoli che si possano immaginare. Non è che, tuttavia, noi godiamo di una felicità la cui unica ombra è che debba finire. Per esempio 4 giorni fa, svegliandoci al mattino, scoprimmo che durante la notte la nostra argenteria, della biancheria da tavola, degli effetti personali dei nostri domestici e altri effetti erano stati rubati, al piano terra della casa che noi occupiamo. Conoscete l'uso di questa colonia e quali genti vi abbondano, voi non sareste dunque stupita di questo misfatto; possiamo dire che è la classica terra della marioleria? Sarebbe altrettanto stupefacente non trovarvi dei ladri di quanto non lo sarebbe d'incontrare dei parigini a Parigi e degli inglesi a Londra.	prazeres que nos são oferecidos; de modo que somos forçados a rejeitar mais convites do que os que recebemos. Creio que, se estivesse menos absorto em seus trabalhos com os cavalheiros do Estado-Maior, e se a nossa partida desta colônia não estivesse determinada pelo rigor que devemos ter com o período para dobrar o Cabo Horn, poderíamos ter passado aqui os momentos mais agradáveis que se possam imaginar. Não é que, entretanto, gozemos de uma felicidade cuja única sombra é que deva acabar. Por exemplo, quatro dias atrás, ao acordarmos pela manhã, descobrimos que durante a noite, nossa prataria, da mesa, dos objetos pessoais de nossos empregados e outros objetos foram roubados do térreo da casa que ocupamos. Se conhece o costume desta colônia e que tipo de gente abunda, você não ficaria surpresa com esse delito; podemos dizer que é a clássica terra da malandragem? Seria igualmente espantoso não encontrar os ladrões tanto quanto não o seria de encontrar os parisienses em Paris e os ingleses em Londres.
---	---

Aqui também há um exemplo da visão enviesada e colonialista que Rose manifesta em seus diários ao dizer que só se poderia esperar encontrar ladrões em um lugar como este. Outro exemplo é a descrição que faz dos meninos indígenas que estão em uma escola administrada pelo governo, próxima à residência do governador, em Parramatta.

Tradução ao italiano por Federico Motta (2017, p. 187)	Tradução indireta ao português brasileiro a partir da versão italiana feita por Jéssica Helena Trombini (2025)
V'incontrammo una trentina di bambini degli indigeni del paese, che sono istruiti e allevati a cura del governo, molti tra di	Encontramos cerca de trinta crianças dos indígenas do país, que são instruídas e educadas sob os cuidados

loro sanno già leggere molto bene, scrivere, calcolare e disegnare. I ragazzi coltivano il giardino attinente alla casa che occupano. S'insegnano alle ragazze i lavori che convengono al loro sesso. È un'istituzione che ha fondato da uno o due anni il governo attuale e che è, così come la scuola delle orfanelle, sotto la sorveglianza di Mme Macquarie. Abbiamo visto la casa dove sono tenuti i piccoli selvaggi, i progressi che hanno già fatto sono veramente stupefacenti e immaginate che bella opera: questi bambini così istruiti riporteranno all'interno delle loro famiglie dei germi di civilizzazione, che non mancheranno di fruttificarvi. Per apprezzarlo basterà considerare lo stato attuale, l'aria miserabile che si trascinano nelle strade di Sydney gli indigeni che vi si incontrano.	do governo, muitas entre elas já sabem ler muito bem, escrever, calcular e desenhar. Os rapazes cuidam do jardim ligado à casa que ocupam. Ensinam-se às moças os trabalhos que convêm ao seu sexo. É uma instituição que o governo atual fundou há um ou dois anos e que está, assim como a escola dos órfãos, sob a vigilância de Mme. Macquarie. Vimos a casa onde são mantidos os pequenos selvagens, os progressos que já fizeram são realmente espantosos e imagine que bela obra: estas crianças assim instruídas carregarão, para dentro de suas famílias, os embriões da civilização, que não deixarão de frutificar. Para apreciá-lo bastará considerar o estado atual, o ar miserável com que se arrastam nas ruas de Sidney os indígenas que ali se encontram.
---	---

Esse trecho mostra um pouco mais da visão colonialista de Rose, que acredita que estão incutindo as crianças com os “germes” ou “sementes” da civilização. Mesmo que o ineditismo de seu relato seja interessante por representar o ponto de vista feminino em uma expedição científica, há uma forte carga colonialista, relacionada à sua visão de mundo e ao pensamento que era próprio daquela época.

Pouco antes de chegarem à Austrália, ela também descreve um castigo imposto a um marinheiro que foi pego roubando, e o compara aos castigos que eram impostos na escola.

Quadro 14 – Trecho da tradução italiana

Tradução ao italiano por Federico Motta (2017, p. 182)	Tradução indireta ao português brasileiro a partir da versão italiana por Jéssica Helena Trombini (2025)
Oggi non prendo la penna per dirvi che procediamo, come dovrebbe essere: Louis pensa che non dovremmo tardare ad avvicinarci al continente delle Terre Australi. Quello su cui voglio intrattenervi è un'esperienza ben originale, che sembra avere un successo completo e, lo confesso, contro la mia attesa. Uno dei	Hoje não pego a pena para lhe dizer que prossigamos, como deveria ser: Louis acha que não deveremos tardar em nos aproximarmos do continente das Terras Austrais. Aquele sobre a qual desejo entreter você é uma experiência muito original que parece ter um sucesso completo e, confesso, contra a minha

marinai era stato più e più volte punito per furto: anche l'ultimo mese ricevette non so quanti colpi di corda per questa cosa. Finalmente il caro Comandante, più stanco d'infliggere punizioni di quanto lo sfortunato lo fosse di riceverne, ideò di acconciare questo ladro ostinato con un cappello con delle orecchie d'a- sino. Lo credereste che questa penitenza da bambini delle nostre scuole inferiori ha messo in riga il miserabile più di quanto non avessero fatto i colpi? Avreste creduto che la vergogna fosse più potente su di un tale soggetto? Veramente ne sono ancora incredula.	espera. Um dos marinheiros foi punido mais e mais vezes por furto: até o último mês recebeu não sei quantos golpes de corda por essa coisa. Finalmente o caro Comandante, mais cansado de infligir punições quantas o desventurado as fosse receber, ideou de enfeitar esse ladrão com um chapéu com orelhas de burro. Você acreditaria que este castigo para crianças das nossas escolas primárias colocou na linha o miserável mais do que se não tivessem dado golpes? Você teria acreditado que a vergonha seja mais potente sobre um tal sujeito? Realmente, ainda estou incrédula.
--	---

Este trecho não pode ser encontrado em nenhuma tradução que não a italiana, tendo sido censurado da versão de 1927. É um belo exemplo que demonstra os critérios de censura dos editores. Neste caso, talvez não fosse interessante publicizar essa prática humilhante adotada pelo capitão.

5.2.4 Naufrágio

O navio *Uranie* naufragou nas proximidades das Ilhas Malvinas devido a um cálculo errado de navegação, o barco se encontrou com algumas rochas e foi naufragando lentamente.

O trecho reproduzido a seguir compreende o tempo em que eles encontraram refúgio nas ilhas Malvinas e estavam retirando os objetos que podiam salvar do navio que naufragava. O capitão, Louis, estava bastante doente. Na edição de 1927, os trechos que mostram mais dados sobre o estado de saúde do capitão ou a fome que a tripulação passava foram suprimidos.

Do manuscrito (folha 83)	1ª edição de 1927 p. 132-133
était celui des chasseurs que le vent avait rallumé. Le docteur fait divers remèdes à Louis, mais rien ne peut calmer ses douleurs. La basse marée a permis de tirer beaucoup d'objets de notre miserable <i>Uranie</i>; on a surtout pu pénétrer dans une soute à biscuit d'où on	était celui des chasseurs que le vent avait l'allumé. La basse marée a permis de tirer beaucoup d'objets de notre misérable <i>Uranie</i>. On a pu pénétrer dans une soute à biscuits et on en a retiré une grande

en a retiré une grande quantité : ce qui est bien précieux pour les soupes de l'équipage; **tout celui qu'on avait sauvé jusqu'à lors était consommé et il ne mangeait plus que de la viande, car il ne veulent pas même boire leur bouillon quand il n'y a rien dedans, ils prétendent que cela leur lave les boyaux et ne les nourrit pas.**

14 - Louis à passé une nuit un peu plus tranquille, des douleurs n'étant plus continuelles et lui laissant quelques instants, une forte dose d'opium a dû d'ailleurs les engourdir et lui procurer si non un bon sommeil au moins un peu de ce repos dont le corps a besoin chaque jour. **Le voyant mieux et étant moi-même un peu fatigué de la nuit précédente** j'ai bien dormi celle-ci sur un lit que je m'étais fait avec une planche, deux chaises et un coussin long, qui me servait de matelas : c'est dans ces cas là que ma Japonika fait merveille ; l'épaisseur de son coton la rend d'une chaleur extraordinaire, au point que couchée toute habillée e me enveloppée seulement avec elle, je n'ai pas senti un moment de froid. **Le calme que Louis a éprouvé pendant la nuit s'est assez bien soutenu pendant toute la journée, quoiqu'il ressentit des coliques très rêtes cependant, elles lui ont permis de dormir plusieurs fois dans le jour; mais ne prenant que quelque petits bouillons depuis deux jours il est d'une faiblesse extraordinaire.**

J'ai eu aujourd'hui une satisfaction dont on se ferait une idée bien peu exacte si l'on n'a ressenti la position dans laquelle nous sommes de toute espèce de pain privés depuis un mois. Le cuisinier de l'Etat major qui a été boulanger **autrefois s'est imaginé** hier de bâtir un petit four pour mieux cuire les viandes et pour quelles ne sentent pas la fumée comme

quantité, bien précieuse pour les soupes de l'équipage qui ne mange plus que de la viande. Les hommes ne veulent pas même boire le bouillon quand il n'y a rien dedans : ils prétendent que cela ne les nourrit pas.

14 mars. —

J'ai bien dormi celte nuit sur un lit que je m'étais fait avec une planche, deux chaises et un coussin lontr en suise de matelas.C'est dans ces cas-là que ma Japonika fait merveille : l'épaisseur de son colon la rend d'une chaleur extraordinaire, au point que, couchée toute habillée et enveloppée seulement par elle, je n'ai pas senti un moment de froid.

Louis est d'une faiblesse extraordinaire.

J'ai eu aujourd'hui une satisfaction dont on se fera une idée si l'on se figure bien la position dans laquelle nous sommes. Privés de toute espèce de pain depuis un mois, le cuisinier de l'État-major, qui a été boulanger, a bâti hier un petit four pour mieux cuire les viandes et pour qu'elles ne sentent pas la fumée, comme

cela arrive tous les jours par las mauvaise bruyères que n° sommes obligés de brûler. N° avions trouvé à Guam, une espèce de farine faite avec le fruit d'un arbre par que n° avions jugé utile à plusieurs objets ; le Gr en avait donné un grande sac à Mr L'abbé parce que ce dernier avait trouvé qu'elle poudrait le cheveux beaucoup mieux que l'amidon et comme il pensait qu'il lui on serait agréable d'en avoir même en France il lui en a donné un très grand sac. Ce sac sauvé et apporté à terre tomba sous la main du cuisinier, tout occupé encore de la construction de son four ; il se met à pétrir à manier cette farine et enfin vers 4h aujourd'hui Mr L'abbé m'envoya un petit pain que je trouvai si exquis que je couru lui demander d'où cela provenait. Après m'être assurée que c'était véritablement de la farine de gago j'en fis bien vite ramasser plusieurs sacs que je j'avais à trainer et qui avaient été pris à Guam pour nourrir mes cochons. Ainsi nous voilà bien contents Mr l'abbé de manger sa poudre à friser et moi le dîner de mes pourceaux. Cette journée-ci a été bien féconde en événements et comme je suis libre je puis causer longuement, d'ailleurs, le silence de la nuit, la position où je me trouve m'y engageant : rien ne peut me troubler, tout dort dans le camp excepté la sentinelle qui vient de tourner	cela arrive tous les jours en brûlant des bruyères. Nous avons trouvé à Guam¹ une espèce de farine faite avec le fruit d'un arbre, que nous avons jugé utile a plusieurs objets. Le gouverneur en avait donné un grand sac à M., l'abbé, parce que ce dernier avait trouvé qu'elle poudrait les cheveux mieux que l'amidon² et qu'il lui serait agréable d'en avoir même en France. Ce sac sauvé et apporté à terre tomba sous la main du cuisinier pendant la construction de son four. Il pétrit cette farine aujourd'hui. M. l'abbé m'envoya un petit, pain que je trouvai exquis. Après m'être assurée que c'était véritablement de la farine de Gago³, j'en fis bien vite ramasser plusieurs autres sacs qui avaient été pris à Guam pour nourrir nos cochons. Aussi nous voilà bien contents : M. l'abbé de manger sa poudre à friser et moi le dîner de mes pourceaux! Cette journée a été féconde en événements et comme je suis libre je puis causer longuement avec toi. Tout dort dans le camp, la sentinelle exceptée, qui vient de tourner ¹ Guam est une île des Mariannes, où l'<i>Uranie</i> avait abordé pendant son voyage (1818). ² C'est avec cette poudre que les coquettes Mariannes blanchissaient leurs chevaux. ³ C'est une racine féculente particulière de ces îles : elle croît sans culture.
---	---

Faltam informações importantes trazidas por Rose como a de que os tripulantes não querem beber o caldo sem nada dentro porque dizem que « isso só lava as tripas e não nutre » e que o capitão estava com cólicas nervosas e que seu

remédio era ópio, que não se sentia bem porque fazia dois dias que só tomava caldo. Essas informações são bastante autênticas e relevantes, e só aparecem na tradução italiana.

Como a transcrição desta parte das cartas ainda não está completa, é possível comparar a tradução brasileira com a tradução italiana para encontrar detalhes que faltam, como o mostrado no trecho a seguir.

Tradução ao português brasileiro de Rosa Alice Mosimann (2013, p. 185)	Tradução ao italiano por Federico Motta (2017, p. 211)	Tradução indireta a partir do italiano por Jéssica Helena Trombini (2025)
19 de março. — Hoje, domingo, somos obrigados a nos levantar cedo para assistir á missa. Isso me parece doloroso, pois não estou me sentindo bem.	-19 [marzo] — Oggi, domenica, siamo obbligati ad alzarci di buon'ora per assistere alla messa, ciò mi sembra penoso poiché, essendo venuto a rendermi visita il povero stomaco, soffro un po'.	-19 [março] — Hoje, domingo, fomos obrigados a levantar cedo para assistir à missa, o que me parece penoso uma vez que, tendo o pobre estômago vindo me fazer uma visita, soffro um pouco.

Omissões como essa podem parecer apenas nuances, mas são detalhes que enchem o texto de Rose de vida e autenticidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese partiu da problematização de que a crítica de tradução deve ir além da comparação textual, investigando a instabilidade do original e as dinâmicas sociológicas de sua circulação e da circulação das traduções.

A crítica de tradução aqui produzida procurou analisar as traduções dos diários de Rose de Freycinet em sua historicidade, situando-os em seus contextos socioculturais, explorando as dinâmicas de poder, capital simbólico e como circularam no campo literário global. Para isso, tomou como base as teorias de Crítica de Tradução alicerçadas pela Crítica Genética e pela Sociologia da Tradução.

Com este trabalho, ficou comprovado que a crítica de tradução é uma ferramenta valiosa para recuperar a história de uma obra, expandir seu texto para que englobe todas as suas versões e dessacralizar o original, que merece desconfiança e que se transforma tanto quanto o texto traduzido.

Este trabalho demonstrou a viabilidade e a urgência de integrar a Crítica Genética ao campo da Crítica de Tradução, provando que a construção do original envolve não apenas o texto de partida, mas o(s) manuscrito(s), o processo de edição, as traduções e as publicações auxiliares: todo o processo sociológico de circulação do texto é decisivo para a avaliação do produto tradutório.

Os paratextos revelaram as intenções dos tradutores e demais agentes da indústria literária, moldando a recepção da obra de Rose de Freycinet em diferentes línguas e mercados.

Sob o aspecto do gênero, este trabalho demonstrou como a voz de uma mulher foi censurada seja por motivos que interessam à preservação da reputação de uma família, seja por razões que são (ao menos hoje) torpes e enviesadas, como “preservar a reputação de uma dama” ou “não tornar o texto vulgar”. É esta autenticidade da palavra de Rose de Freycinet que o leitor quer ouvir, é o ineditismo do registro de uma mulher que chama a atenção nesta narrativa e que deixamos de apreciar na sua inteireza devido ao trabalho de edição (ou censura) empreendido sobre o “original”. Isso demonstra que é interessante, principalmente ao trabalhar com textos históricos escritos por mulheres, desconfiar e problematizar o original. O trabalho dos editores pode não ter feito jus aos escritos de uma autora, como aconteceu aqui neste estudo de caso.

A análise do *avant-texte* revelou as manipulações masculinas que fizeram as traduções partirem de um texto já editado e censurado, com a exceção da versão italiana, que acaba sendo a única publicada como objeto-livro a trazer o texto sem edições.

A crítica aqui produzida precisou ser limitada a algumas zonas textuais e a comparações pontuais que não dão conta de analisar todas as traduções, mas que focam principalmente na versão brasileira. As traduções para o alemão e italiano não puderam ser analisadas sob mais aspectos para que o trabalho não se alongasse e também porque a autora não é confiável em seu conhecimento linguístico nessas línguas para proferir uma análise mais aprofundada.

Após comparações que demonstram como as traduções baseadas na versão impressa em 1927 suprimem trechos relevantes e alteram a carga emocional do texto, ainda que sejam bem construídas em estilo e ritmo, fica evidente que novas traduções com base nos manuscritos teriam um texto bastante diferente.

A transcrição do texto em francês, porém, mesmo com a ajuda de ferramentas como o Transkribus, é demorada e detalhada. Nesta pesquisa, foram transcritos apenas alguns trechos, e que são passíveis de revisão. O trabalho de transcrição do texto, porém, auxiliou no pensamento crítico e na leitura aprofundada da narrativa para formar uma leitura crítica da obra. Essa tarefa requer bastante atenção e revisão, e deve ser revisitada e completada posteriormente a esta tese. Aprendi a usar a ferramenta para transcrição apenas em 2024, e a cada dia vejo formas novas de organizar o texto que me trariam menos trabalho depois e que possibilitariam publicar dentro da própria plataforma uma versão crítica dos manuscritos em francês digital e acessível a todos, passível de colaboração e contribuição por parte de colegas.

Nos momentos da transcrição em que me deparava com dúvidas de grafia, palavras ilegíveis e com a incerteza sobre minha escolha, pude recorrer à tradução italiana para verificar como Motta traduziu aquele trecho. Desta forma, a tradução de Motta ajudou a minha preparação de um novo texto de partida em francês a partir dos manuscritos. Para mim, a tradução italiana gozou do mesmo *status* do texto manuscrito, ou foi até superior a ele, por estar organizada e editada. A tradução italiana é, de certa forma, a única janela organizada para o texto manuscrito original

de Rose. Seria essa tradução também um original se comparada à versão em francês de 1927 e à versão crítica de 1996?

A mudança de disponibilidade de acesso aos materiais relativos a essa narrativa, principalmente por terem se tornado acessíveis a todos, em qualquer lugar do mundo online, mudaram as possibilidades de tradução e edição deste material. Se o tradutor do italiano antes se vangloriava de ser o único que tinha acesso às cópias dos manuscritos, agora todos podem fazê-lo.

A tradutora Rosa Alice Mosimann, mesmo com toda sua pesquisa, experiência e esforço, não conseguiu ir à Austrália para encontrar os manuscritos. De fato, pesquisar na Austrália não é o primeiro instinto de alguém que está traduzindo um texto do francês. Somente depois de alguma pesquisa e mergulho na narrativa é que se descobre que os materiais mais relevantes relacionados a esse texto estão neste local inesperado. Para mim essa descoberta se deu na primeira metade desta pesquisa, entre 2020-2022. Mas, somente em 2023 é que descobri que os manuscritos estavam agora acessíveis em alta resolução. O xerox do microfilme que estava disponibilizado anteriormente era impossível de transcrever devido à baixa resolução. E com essa possibilidade, decidi me aventurar nas Humanidades Digitais e verificar se eu seria capaz de encarar o mesmo trabalho que Federico Motta fez. Ainda não cheguei ao fim das transcrições, mas entendo que a partir delas, será possível fazer uma nova tradução não porque Rosa Alice Mosimann tenha feito um trabalho ruim, mas porque **o original mudou**. Quase um século depois da publicação de Duplomb, o texto original mudou. E quem o transformou foram os tradutores, historiadores e bibliotecários que se dedicaram a pesquisar sobre esse material.

Entendo que é preciso dar continuidade ao trabalho de historiadoras, editoras e tradutoras que se interessaram por esse texto pelo ineditismo do relato, pela coragem de Rose e pela autenticidade de sua fala. Saber que uma mulher esteve em uma expedição científica no século XIX, ocupando um espaço que era negado a ela e que deixou um diário sobre isso é algo que chama a atenção de muitas mulheres. Aqui, viu-se como Bassett, Falkiner, Mosimann e sua editora Muzart se interessaram pela história muito pelo seu viés feminino (e até mesmo feminista, mesmo que sem intenção). Uma mulher desafiando as convenções. Foi por isso que decidiram estudar o texto, inseri-lo na historiografia e dar voz a esse relato esquecido. Por isso, também,

é que é preciso dar a essa voz uma tradução completa, com seus vícios e virtudes, seu humor ácido, suas observações engraçadas, deslumbradas, entediadas, amedrontadas, problemáticas.

É preciso romper com o *status* de original do texto de 1927, enterrar o trabalho equivocando dos editores e dar à Rose toda o espaço que lhe foi negado. Como diz Cixous, “Está chegando a nova história, ela não é um sonho, mas ultrapassa a imaginação masculina, e por uma boa razão: ela vai privá-los de sua ortopedia conceitual, ela começa por destruir sua máquina de engodos.” (Cixous, 2022, p.47).

Para o futuro, fica a possibilidade de terminar a transcrição e, a partir dela, produzir uma nova tradução dos diários para o português brasileiro. Ficou também a semente da ideia de uma ferramenta digital que permita comparar textos de partida e traduções de forma mais dinâmica.

A metodologia híbrida aqui aplicada combinando Crítica Genética, Sociologia da Tradução e Crítica de Tradução tem potencial, assim espero, para ser aplicada em campos, como a crítica de obras contemporâneas com várias versões (audiovisuais, digitais) ou outros textos de viagem, e, principalmente, de autoria feminina.

Em última análise, a crítica de tradução, quando aliada à investigação genética, é capaz de desestabilizar o original e promover a reparação histórica para que as margens de discursos tomem o palco e o seu devido lugar, como nos diários de Rose de Freycinet.

REFERÊNCIAS

ALVSTAD, Cecilia *et al.* **Textual and Contextual Voices of Translation**. Holanda: John Benjamins, 2019.

ARAGO, Jacques. **Promenade autour du monde**. Promenade autour du monde, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820, sur les corvettes du roi l'*Uranie* et La Physicienne: commandées par M. Freycinet. Paris: Leblanc, 1822. Biblioteca José Mindlin USP. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8243>. Acesso em: 10 out. 2022.

ARAUJO, Lana Beth Ayres Franco de; MARTINS, Marcia A. P. Um olhar sociológico sobre a tradução. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 34, p. 2-11, 2018. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/468/576>. Acesso em: 30 abr. 2024.

AZEMA, Lucie. **Les femmes aussi sont du voyage**. Paris: Points, 2022.

BABEIX, Corine; LE GALLO, Yolande. Journal du voyage autour du monde à bord de l'*Uranie* (1917-1820). In: CONGRÈS DU COMITÉ DES TRAVAUX HISTORIQUES. La Rochelle, 2005, pp. 1-8. Disponível em: https://www.histpat-laseyrie.net/wa_files/Rose_20de_20Freycinet.pdf.

BAKER, Mona. SALDANHA, Gabriela. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 3 ed. Londres: Routledge, 2019.

BASSETT, Marnie. **Realms & Islands: The World Voyage of Rose de Freycinet 1817-1820**. London: Oxford University Press, 1962.

BELLET, Roger (dir.). **La femme au XIXe siècle : littérature et idéologie** / [Centre Littérature et idéologies au XIXe siècle, Université de Lyon II] ; [rédigé par Jean-François Tetu, Lucette Czyba, Antoine Court, Marie-Claude Schapira. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1978.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**. São Paulo: EDUSP, 2002. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Florianópolis: Copiart/PGET-UFSC, 2013. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini.

BERMAN, Antoine. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain, Les tours de Babel**. Mauvezin, Trans-Europ-Repress, 1985.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.

BIBLIOTECA NACIONAL. **A Missão Artística francesa de 1816**. Dossiês: A França no Brasil. Rio de Janeiro, [20--?]. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossie-antigo/matrizes-nacionais/figuras-de-viajantes/a-missao-artistica-francesa-de-1816/>. Acesso em: 5 dez. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Mulheres e viagens no século XIX**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossie-antigo/matrizes-nacionais/figuras-de-viajantes/mulheres-e-viagens-no-seculo-xix/>. Acesso em: 02 set. 2025.

BLY, Nellie. **Around the World in Seventy-Two Days**. Londres: Kindle e-book, 2020 [1890].

BIBLIOTHÈQUE MUNICIPALE DE BORDEAUX. **La petite Tijuca. Cette cascade appartient à Mr Taunay**. C. 1817. 1 imagem digital. Disponível em: https://selene.bordeaux.fr/ark:/27705/330636101_DEL_CARTON_74_23/v0001.simp.le.selectedTab=record. Acesso em: 6 dez. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques**. Paris: Fayard, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Les règles de l'art: Genèse et structure du champ littéraire**. Paris: Seuil, 1992.

BOUNOURE, Gilles. Journal du Voyage autour du monde à bord de l'*Uranie*, 1817-1820 de Rose de Freycinet. **Journal de La Société Des Océanistes**, [S.L.], n. 126-127, p. 356-358, 15 dez. 2008. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/jso.2312>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/jso/2312>.

BRISSET, Annie. Retraduire ou le corps changeant de la connaissance Sur l'historicité de la traduction. **Palimpsestes**, [S.L.], n. 15, p. 39-67, 1 abr. 2004. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/palimpsestes.1570>. Disponível em : <https://journals.openedition.org/palimpsestes/1570>.

CASANOVA, Pascale. **A língua mundial: Tradução e dominação**. Florianópolis/Brasília: Editora da UnB/Editora da UFSC, 2021. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres.

CASANOVA, Pascale. **A República Munidal das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. Tradução de Marina Appenzeller.

CASTRO, Jeanne Berrance de. A independência vista por um representante francês no Brasil: resumo. **Revista de História**, São Paulo, v. 46, n. 94, p. 439-440, abr. 1973.

CASTRO, Maria das Graças Nogueira de. A tradução nas literaturas africanas de língua portuguesa: a posição de Mia Couto. **Cadernos CESPUC de Pesquisa: Série Ensaios**, Belo Horizonte, n. 20, p. 62-72, 2010.

CHIESA, Paolo. **Elementi Di Critica Testuale**. Bologna: Pàtron Editore, 2002.

CÍCERO, Marco Túlio; VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves; ZOPPI, Pedro Colombaroli. De optimo genere oratorum / O melhor gênero de oradores. **Scientia**

Traductionis, [S.L.], v. 1, n. 10, p. 4-15, 28 nov. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2011n10p4>.

CIXOUS, Hélène. **La risa de la medusa: ensayos sobre la escritura**. Barcelona: Anthropos, 1995. Prólogo e tradução de Ana Mana Moix. Tradução revisada por Myriam Diaz-Diocaretz.

CIXOUS, Hélène. **Le rire de la méduse**: manifeste de 1975. Paris: Gallimard, 2024.

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Prefácio de Frédéric Regard. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022. Posfácio de Flavia Trocoli. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos.

CNRTL. Bas-bleu. *In*: Dictionnaires CNRTL. França: CNRTL, 2023. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/bas-bleu>. Acesso em: 22 abr. 2023.

CONSTANTINESCU, Muguraș. **Pour une lecture critique des traductions : réflexions et pratiques**. Paris: L'Harmattan, 2013.

CORDINGLEY, Anthony; MONTINI, Chiara (2015): Genetic translation studies: An emerging discipline. **Linguistica Antverpiensia**, New Series: Themes in Translation Studies. 14:1-18. DOI: [10.1075/btl.75.19del](https://doi.org/10.1075/btl.75.19del).

COSTA, Walter Carlos. (2005). Borges, o original da tradução. **Cadernos De Tradução**, vol. 1, n. 15, pp. 163–186. <https://doi.org/10.5007/%x>. Acesso em: 24 abr. 2024.

COSTA, Wilma Peres. França e Brasil na época da Independência: quando o Haiti foi aqui. **Blog das Independências – ANPUH**, [S.I.], 2022. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/blog-das-independencias/item/7601-franca-e-brasil-na-epoca-da-independencia-quando-o-haiti-foi-aqui>. Acesso em: 5 dez. 2025.

DE BEAUGRANDE, Alain. **Factors in a theory of poetic translating** (Approaches to translation studies). Holanda: Brill, 1978.

DOQUET, Claire. **Mettre au jour l'écriture: la génétique textuelle**. Master. France. 2015. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-03663998/document>. Acesso em: 1 maio 2024.

DOUMA, Félix J.. Reviewing a Translation: a practical problem in literary criticism. *Meta: Journal des traducteurs*, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 94, 1972. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/002582ar>.

DUCHÊNE, R. Lettre et portrait au XVIIe siècle. *In*: **Le Portrait littéraire**. KUPISZ, K. PÉROUSE, G. e DEBREUILLE, J.-Y. (dir.). Lyon : Presses universitaires de Lyon, 1988.

ELIGEDI, R. Volga as an International Agent of Feminist Translation. *In*: VON FLOTOW, Luise; KAMĀL, Hālah. **The Routledge handbook of translation, feminism and gender**. London: Routledge, 2021. E-book.

FALKINER, Suzanne. **Rose**: The extraordinary voyage of Rose de Freycinet, the stowaway who sailed around the world for love. Australia: ABC Book, 2022.

FONTENELLE, André. Relação França-Brasil começou há 200 anos com afago real ao 'irmão e primo' dom Pedro 1º. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 mar. 2024. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/03/relacao-franca-brasil-comecou-ha-200-anos-com-afago-real-ao-irmao-e-primo-dom-pedro-1o.shtml>. Acesso em: 5 dez. 2025.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org.). **Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820): Jemima Kindersley, Elizabeth Macquarie, Rose Freycinet**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. 97 p.

FRANCO, Beth Lana Ayres Araújo de; MARTINS, Márcia A. P. Um olhar sociológico sobre a tradução. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Porto Alegre, v. 23, n. 43, p. 88-106, 2021.

FREYCINET, Louis de. **Voyage autour du monde**. Imprimerie Royale: Paris, 1844. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k993584/f1>.item. Acesso em: 17 jun. 2021.

FREYCINET, Rose de Saulces de. **Campagne de l'"Uranie" (1817-1820)**. Paris: Mercure de France, 2015.

FREYCINET, Rose de Saulces de. **Manuscript transcription of the complete version of the journal of Rose de Freycinet, kept during her voyage onboard L'Uranie, 1817-1820, transcribed by Charles Duplomb, with corrections by Baron Charles de Freycinet, Paris, 1925-1927**. Canberra: National Library Of Australia, 1927. 157 p. (Transcrito por Charles Duplomb e com correções de Louis de Freycinet). Disponível em: <https://nla.gov.au/nla.obj-234958484>. Acesso em: 18 jun. 2021.

FREYCINET, Rose de Saulces de; DUPLOMB, Charles (org.). **Journal de madame Rose de Saulces de Freycinet : campagne de "l'Uranie" (1817-1820) / d'après le manuscrit original, accompagné de notes**. Paris: Société d'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1927. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56981727>. Acesso em: 17 jun. 2021.

FREYCINET, Rose de. **A Woman of Courage: The Journal of Rose De Freycinet on her voyage around the World 1817-1820**. Canberra: National Library of Australia, 2003. Tradução por Marc Serge Rivière.

FREYCINET, Rose de. **Diário de viagem ao redor do mundo**: a partir da edição de 1927 anotada por Charles Duplomb. Florianópolis: Mulheres, 2013. 271 p. Tradução por Rosa Alice Mosimann.

FREYCINET, Rose de. **Diário de viagem ao redor do mundo**: a partir da edição de 1927 anotada por Charles Duplomb. Florianópolis: Mulheres, 2013. 271 p. Tradução por Rosa Alice Mosimann.

FREYCINET, Rose de. **Journal de voyage autour du monde à bord de l'*Uranie* (1817-1820)**. Paris: Éditions du Gerfaut, 2003.

FREYCINET, Rose de. **Una viaggiatrice clandestina a bordo dell'*Uranie* negli anni 1817-20**. Verona: Il Frangente, 2017. Tradução por Federico Motta.

FREYCINET, Rose Marie de. **Rose des Vents: Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet: Voyage de l'*Uranie* autour du monde (1817-1820)**. Tradução e edição de Marc Serge Rivière. Ilhas Maurício/Reunião: ARS Terres Créoles/Éditions de l'Océan Indien, 1996.

GABAY, Simon; CLÉRICE, Thibault Clérice, REUL, Christian. **OCR17: Ground Truth and Models for 17th c. French Prints (and hopefully more)**. HAL Open Science. 2020. Ffhal-02577236. Disponível em: <https://hal.science/hal-02577236/document>.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. Tradução de Alberto Faleiros.

HATIM, B.; MASON, I. **Discourse and the Translator**. Londres e Nova Iorque: Longman, 1990.

HAVERALS, Wouter. **Handwritten Text Recognition**. Apresentação de slides. Digital Humanities Summer School, Universidade da Antuérpia, julho de 2024.

HAY, Louis. Genetic Criticism: another approach to writing?. **Research On Writing: Multiple Perspectives**, [S.L.], p. 531-547, 2 fev. 2017. The WAC Clearinghouse; CREM. <http://dx.doi.org/10.37514/int-b.2017.0919.2.29>.

HAY, Louis. **Les Manuscrits des écrivains**. Paris : Hachette/CNRS, 1993.

HERMANS, Theo. **Translation in Systems: Descriptive and Systemic Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

HEWSON, Lance. **An Approach to Translation Criticism: Emma and Madame Bovary in translation**. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

HORNOS WEISZ, Leticia. **Por amor al arte o a lo imposible: Mercedes Rein y su antología de traducción inédita: contexto y proceso de creación**. 2023. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/247606/PGET0568-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 dez. 2025.

HOUSE, Juliane. **A Model for Translation Quality Assessment**. Alemanha: TBL-Verlag, 1977, 344 p.

IVASKA, Laura; HUUHTANEN, Suvi. Beware the source text: five (re)translations of the same work, but from different source texts. **Meta**, [S.L.], v. 65, n. 2, p. 312-331, 17 mar. 2021. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/1075838ar>.

JONES, Francis R ; KOSTER, Cees. From world to world: an armamentarium for the study of poetic discourse in translation. **Target**. International Journal Of Translation Studies, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 182-185, 31 dez. 2004. John Benjamins Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.1075/target.16.1.17jon>.

KOSTER, Cees. **From world to world: An armamentarium for the study of poetic discourse in translation**. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 2000. 261 pp.

LACOUÉ-LABARTHE, Isabelle. « Lettres et journaux de femmes : Entre écriture contrainte et affirmation de soi ». **Tumultes**. 2011/1. N° 36 : pp. 113-132. <https://doi.org/10.3917/tumu.036.0113>. Disponível em : [Lettres et journaux de femmes | Cairn.info](#).

LAJOLO, M. P.; Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução do leitor. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. ano 9, n.n. 14, p. 61-75, 2002.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. On Describing Translations. *In*: HERMANS, Theo (Ed.). **The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation**. London: Croom Helm, 1985. pp. 42-53.

LAMBERT, José. In Quest of Literary World Maps. *In*: KITTEL, Harald et al. (Eds.). **Interculturality and the Historical Study of Literary Translations**. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1991.

LANGSDORFF, Baronesa E. de. **Diário da Baronesa E. de Langsdorff: relatando sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento de S.A.R. o príncipe de Joinville 1842-1843**. Santa Cruz do Sul: Edunisc/Mulheres, 1999.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de Viagem 1803 – 1900**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Mulheres viajantes no século XIX. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, n. 15, p. 129–143, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635570>. Acesso em: 22 abr. 2024.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MARTINEZ. Merisa. **Editing (digital scholarly)**. *In*: LEXICONSE: a léxicon for Scholarly Editing, 2019. Disponível em: <https://lexiconse.uantwerpen.be/lexicon/editingDigitalScholarly.html>. Acesso em: 10 out. 2025.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (orgs). **Dicionário da Crítica Feminista**. Portugal: Afrontamentos, 2005.

MACEDO, Marcelo; SOUZA, Mariane Ramos de. TEORIA, MODELOS E FRAMEWORKS: conceitos e diferenças. **Anais do XII Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação (Ciki)**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 1-15, 15 fev. 2023. Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação (ciKi). <http://dx.doi.org/10.48090/ciki.v1i1.1249>. Disponível em: <https://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/article/download/1249/693/4680>. Acesso em: 28 out. 2023.

MACHADO, MARIA HELENA P. T. **A Literatura De Viagem Como Fonte Da História Social. Estudos Feministas**, vol. 7, no. 1/2, 1999, pp. 238–240. JSTOR, www.jstor.org/stable/43904100.

MARCHANT, Leslie R ; REYNOLDS, J.HH. 'Freycinet, Louis-Claude Desaulses de (1779–1842)'. In: **Australian Dictionary of Biography**. National Centre of Biography, Australian National University, Sidney. Publicado primeiro em cópia física em 1966. Disponível em: <http://adb.anu.edu.au/biography/freycinet-louis-claude-desaulses-de-2226/text1949>. Acesso em: 15 jul. 2019.

MCALISTER, Gerard. "The Source Text in Translation Assessment." In: **Word, Text, Translation: Liber Amicorum for Peter Newmark**. ANDERMAN, Gunilla M; ROGERS, Margaret (eds.). Clevedon: Multilingual Matters, 1999, pp. 169–175.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

MINISTÈRE DE LA JUSTICE. Quand le divorce était interdit (1816 - 1884). Disponível em: <http://www.justice.gouv.fr/histoire-et-patrimoine-10050/proces-historiques-10411/quand-le-divorce-etait-interdit-1816-1884-22402.html>. Acesso em: 21 jun. 2022.

MOSIMANN, Rosa Alice. Prefácio à tradução brasileira. In: FREYCINET, Rose de. **Diário de viagem ao redor do mundo**. Florianópolis: Mulheres/Edunisc, 2013. p. 15-21. Tradução de Rosa Alice Mosimann.

MOTTA, Federico. **Campagne de l'Uranie 1817-1820: Le Voyage de Rose**. Disponível em: <https://www.federicomotta.eu/Voyagerose/rationnel.htm>. Acesso em: 19 jun. 2021.

MOURÃO, Gonçalo de Barros Carvalho e Mello. **A Revolução de 1817 e a história do Brasil: um estudo de história diplomática**. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2009.

MUSIC, Alexander. Mit dem Verlag der Pioniere im Gespräch. **Mit dem Verlag der Pioniere im Gespräch**. Alemanha, Morehotlist, 28 maio 2019. Disponível em: <https://morehotlist.com/2019/05/28/mit-dem-verlag-der-pioniere-im-gespraech/>. Acesso em: 17 out. 2025.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Editora Mulheres**. 2015. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/wp-content/uploads/2015/11/Cat%C3%A1logo-novembro-2015.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Histórias da editora mulheres. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 264, n. 12, p. 103-105, set. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300011/9506>.

NUNES, Lucas de Araujo Barbosa. A Missão Artística Francesa de 1816 e a diplomacia de Jean-Baptiste Maler. **Revista Veredas da História**, Salvador, v. 9, n. 2, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48026/26164>. Acesso em: 5 dez. 2025.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. **Da crítica genética à tradução literária: uma interdisciplinaridade**. Vinhedo: Horizonte, 2011.

PAZ, Octavio. Hispano-América: literatura e história. **O Estado de São Paulo**: suplemento literário, 14 set. de 1980, p.3.

PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada**. São Paulo: Cia das Letras, 2006. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffly.

PERROT, Michelle. **Mon histoire des femmes**. Paris: Seuil, 2006.

PLANTÉ, Christine (dir.). **L'épistolaire, un genre féminin ?** Paris : Honoré Champion, 2000.

PRATT, Mary Louise. **Travel writing and transculturation**. London: Routledge, 1992.

PYM, Anthony; GODARTH, Tradução de: Eduardo César; N'GANA, Yéo; SANT'ANNA, Bernardo. Exploring Translations Theories. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 214–317, 2016. DOI: 10.5007/2175-7968.2016v36n3p214. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n3p214>. Acesso em: 2 nov. 2025.

PYM, Anthony (2011): Translation research terms: A tentative glossary for moments of perplexity and dispute. *In*: PYM, Anthony [ed]. **Translation Research Projects 3**. Tarragona: Intercultural Studies Group, 75-110.

PYM, Anthony. **Exploring translation theories**. Nova Iorque: Routledge, 2023.

RAJEWSKA, Eva. Polish women translators: a herstory. *In*: VON FLOTOW, Louise; KAMAL, Hala (eds.) **The Routledge Handbook of Translation, Feminism and Gender**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2020.

REISS, Katharina. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**: Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen. Alemanha: Hueber Verlag, 1971.

REISS, Katharina. **Translation Criticism Potentials and Limitations**: Categories and Criteria for Translation Quality Assessment. Traduzido por Erroll Rhodes. Londres: Routledge, 2000.

ROCHA, Alessandra Fontes Carvalho da; PEREIRA, Washington Kuklinski. **A Mulher Viajante: Rose de Freycinet na Corte Portuguesa dos Trópicos**. Anais do XV Congresso Internacional Abralic, 207. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522178855.pdf. Acesso em 11 dez. 2022.

ROMANELLI, Sergio [ed.]. **Compêndio de Crítica Genética: América Latina**. Vinhedo: Horizonte, 2015a.

ROMANELLI, Sergio. Manuscripts and translations: Spaces for creation. **Linguistica Antverpiensia**: New Series: Themes in Translation Studies, Antuérpia, v. 14, 87p. –104, 2015b. Disponível em: <https://lans-tts.uantwerpen.be/index.php/LANS-TTS/article/view/334/336>. Acesso em: 01 maio 2024.

ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY OF SOUTH AUSTRALIA. 'RGSSA Geo@12 June 2025 Woman's Voice: Translating Rose de Freycinet's Journal', 10 June 2025. **Royal Geographical Society of South Australia**. 1 jul. 2025. 1 vídeo (58 min 56 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h7qJjGZscwY>. Acesso em: 17 out. 2025.

SAMBOU, Aly; FERREIRA, Alice Maria; GOROVITZ, Sabine. La théorie interprétative à l'heure de la traduction communautaire en Afrique. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 15-32, 2021.

SANTOS, Ilda Mendes dos. Mulheres e viagens no século XIX. Bnf Héritage, 2009. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/mulheres-viagens-artigo>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. S.I. 1987. Disponível em: <https://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Schwarz,%20Roberto/Roberto%20Schwarz%20-%20Nacional%20por%20Subtra%Eo.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SHEHABUDDEEN, Noordin *et al.* Representing and Approaching Complex Management Issues: Part 1 - Role and Definition. **SSRN Electronic Journal**, [S. l.], 1999.

SHOWALTER, Elaine. Women's Time, Women's Space: writing the history of feminist criticism. **Tulsa Studies In Women'S Literature**, [S.L.], v. 3, n. 1/2, p. 29, 1984. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/463823>.

SIMON, Sherry. **Gender in translation: cultural identity and the politics of transmittion**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1996.

SIMONET-TENANT, François. L'écriture féminine au XIXe siècle en France: modèles et influences. **IPOTESI**. Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 21 - 30, jul./dez. 2009. Disponível

em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19181/10169>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SOULIÉ, Frédéric. *Physiologie du bas-bleu*. Vignettes de Jules Vernier. Paris: Lavigne, 1841. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85302818/f16>. Acesso em : 22 abr. 2024.

STUTCHBURY, Erin; ZENGERER, Catherine. **Rose de Freycinet stowed away on her husband's ship 200 years ago. Here's why her journey still matters**. 2022. ABC News. Disponível em: https://www.abc.net.au/news/2022-05-04/writing-women-like-rose-de-freycinet-back-into-history/100929074?utm_campaign=newsweb-article-new-share-null&utm_content=link&utm_medium=content_shared&utm_source=abc_news_web. Acesso em: 10 out. 2023.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TISDALE, Thomas. **A lady of the High Hills**: Natalie Delage Sumter. Columbia: University of South Carolina Press, 2001.

TOMHAVE, Benjamin L. Alphabet Soup: Making Sense of Models, Frameworks, and Methodologies. *In*: 2005, **Anais** [...]. [S. l.: s. n.].

TORRES, Marie-Helene Catherine. Conversação nos salões literários do século XVIII. *In*: **Clássicos de Tradução**: rotas e percursos. TORRES, Marie-Helene; FREITAS, Luana Ferreira de; MONTEIRO, Julio Cesar Neves (Orgs.) Florianópolis: Copiart/Pget, 2013. Pp. 87-101.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Democratização de arquivos em bibliotecas digitais e hemerotecas: um caminho para histórias ou micro histórias da tradução no brasil. **Cadernos de Tradução**, [S.L.], v. 40, n. 1, p. 208-224, 22 jan. 2020. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p208>.

UNIVERSITY OF PITTSBURG. **Optical Character Recognition (OCR) @ Pitt**. LibGuide. Disponível em: <https://pitt.libguides.com/ocr>. Acesso em: 07 jul. 2024.

VALDETTARO, Teresita. **Introdução ao diário de viagem**. Buenos Aires: Organização de Estados Ibero-americanos (OEI), 2021. Material didático do Prêmio Antártida. Disponível em: <https://oei.int/downloads/blobs/eyJfcmlFpbHMiOmsibWVzc2FnZSI6IkJBaHBBDjQ2liwiZXhwljpuclWxsLCJwdXliOiJibG9iX2lkIn19--79ad693b0e554e9eae6bcec77ea7d97659532cec/OEI%20Premio%20ANTARTIDA%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20ao%20di%C3%A1rio%20de%20viagem.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2025.

VAN DEN BROECK, Raymond. Second thoughts on translation criticism: a model of its analytic function. *In*: HERMANS, Theo (ed.). **The manipulation of Literature**: Studies in Literary Translation. Londres: Routledge, 2014.

VAN HULLE, Dirk. **Digital Scholarly Editing: Computer-assisted genetic editing: from medieval manuscripts to born-digital documents**. Digital Humanities Summer School, Antuérpia, Julho de 2024 [apresentação em slides].

VAN HULLE, Dirk. **Textual Awareness: A Genetic Study of Late Manuscripts by Joyce, Proust, and Mann**. Michigan: University of Michigan, 2004.

VAN LEUVEN-ZWART, Kitty M. Translation and Original. **Target**. International Journal Of Translation Studies, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 151-181, 1 jan. 1989. John Benjamins Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.1075/target.1.2.03leu>.

VANDERSCHULDEN, Isabelle. Quality Assessment and Literary Translation in France. **The Translator**, vol. 6, n. 2, pp. 271-293. DOI: 10.1080/13556509.2000.10799069.

VON FLOTOW, Luise. **Translation and Gender: Translating in the 'Era of Feminism'**. Ottawa: University of Ottawa Presss, 1997.

VON FLOTOW, Luise; KAMÄL, Hālah. **The Routledge handbook of translation, feminism and gender**. London: Routledge, 2021. E-book.

WILLEMART, Philippe Leon Marie Ghislain. O Proto-texto: edição crítica e gênese do texto. Folhetim. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. 4 - 5, 29 abr. 1984.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Heloísa de Lima Dantas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

YANG, Ming; FU, Xing. Analysis of Translation Criticism and Its Development. *In*: International Conference on Education Technology, Management and Humanities Science (ETMHS), 8., 2022, Oslo. **2022 8th International Conference on Education Technology, Management and Humanities Science (ETMHS 2022)**. Reino Unido: Francis Academic Press, 2022. v. 18, p. 184-188. Disponível em: https://webofproceedings.org/proceedings_series/ART2L/ETMHS%202022/WHCP22_031.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.

ZIERER, Ernesto. La crítica de la traducción. *In*: **Algunos conceptos básicos de la ciencia de la traducción**. Peru [Trujillo]: UNT, 1979. pp. 163-180. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/la-critica-de-la-traduccion/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

ANEXO A — SCOPE AND CONTENTS (METADADOS DA NSW LIBRARY)

Texto de partida em inglês	Tradução para português brasileiro
Rose's journal has been known since the 1920s, but what has been published has been poorly transcribed and heavily edited. In 1927 a combined version of the journals and letters was published in France by Charles Duplomb. The first English translation was published by Marnie Bassett in 1962 as <i>Realms and Islands</i>. An English translation of the Duplomb publication was published in 1996 by Marc Serge Rivière as <i>A Woman of Courage: the Journal of Rose de Freycinet</i>.	O diário de Rose é conhecido desde os anos 1920, mas o que tem sido publicado foi mal transcrito e fortemente editado. Em 1927, uma versão combinada dos diários e das cartas foi publicada na França por Charles Duplomb. A primeira tradução para o inglês foi publicada por Marnie Bassett em 1962 como <i>Realms and Islands</i>. Uma tradução da publicação de Duplomb para o inglês foi publicada em 1996 por Marc Serge Rivière como <i>A Woman of Courage: the Journal of Rose de Freycinet</i>.
Rose's journal and letters provide a significant counterpoint to the carefully crafted and finely resolved published expedition accounts. Louis's official account, <i>Voyage autour du monde : entrepris par ordre du roi ... exécuté sur les corvettes de S.M. l'Uranie et la Physicienne</i>, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820 comprised eleven volumes of dense facts, words and illustrations, and was published progressively between 1824 and 1844	O diário e as cartas de Rose fornecem um contraponto significativo aos relatos da viagem cuidadosamente trabalhados e bem acabados. O relato oficial de Louis, <i>Voyage autour du monde : entrepris par ordre du roi... exécuté sur les corvettes de S.M. l'Uranie et la Physicienne pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820</i> é composto por onze volumes contendo fatos, palavras e ilustrações densos, e foi publicado progressivamente entre 1824 e 1844.
The other major account of the voyage of the <i>Uranie</i> was provided by Jacques Arago, an expedition artist, in his <i>Promenade autour du monde</i> of 1822. Arago's romantic, excitable account falls in between Louis's and Rose's. A particular interest of his was Indigenous people, and he provided an extensive account of Aboriginal people he encountered in NSW.	O outro grande registro da viagem do <i>Uranie</i>, <i>Promenade autour du monde</i>, de 1822, foi escrito por Jacques Arago, um artista da expedição. O relato romântico e emocionante de Arago é um meio-termo entre o de Louis e o de Rose. Um interesse particular dele era pelas pessoas indígenas, e ele relata extensivamente sobre os aborígenes que encontrou em NSW (New South Wales).
Rose's letterbook and journal record much more the social aspects of expedition life: the importance of rank and class, the issue of appropriate dress, the protocols of official visits, as well as astute observations of the cultures the expedition encountered. Indeed the importance of these records is much more than their Australian content. This is a record of a major international Pacific scientific and exploring expedition – the voyage of the <i>Uranie</i> does not seem to have had geopolitical overtones – in which a major European power was attempting to define the Pacific region through science, documentation and art. Rose, for instance, also records important details about Timor (now a key ally of Australia but then still a Portuguese colony), Guam and the complex and fluid political situation in Hawaii. She also describes in some detail the baptism of Kalanimoku, a leading Hawaiian chief, into the Catholic faith. Kalanimoku was the first chief to be accepted into the Catholic church.	O livro com as cartas e o diário de Rose registra muito mais os aspectos sociais da vida na expedição: a importância da posição social e da classe, a questão da vestimenta apropriada, os protocolos das visitas oficiais, bem como observações astutas sobre as culturas com as quais a expedição se encontrou. Na verdade, a importância desses registros é muito maior do que o seu conteúdo sobre a Austrália. Esse é um registro de uma grande expedição internacional de caráter científico e de exploração no Pacífico - a viagem do <i>Uranie</i> não parece ter tido motivações geopolíticas - na qual uma potência europeia estava tentando definir a região do Pacífico por meio da ciência, documentação e arte. Rose, por exemplo, também registra detalhes importantes sobre Timor (que agora é um aliado chave da Austrália, mas naquela época ainda era colônia portuguesa), Guam e a situação política complexa e fluída no Havai. Ela também descreve em algum detalhe o batismo na religião católica de Kalanimoku, um chefe

It is a period in which Australia's place in the Pacific was being written into a broader understanding of the region as a whole, and in this regard rich records such as this are not only internationally important, but also locally vital to a collection such as ours, as we document how our nation begins to be defined in European consciousness. Charles Duplomb's edition of Rose's journal, which is the basis of all recent editions of her work, omits significant proportions of the letter book, with many of the letters remaining completely unpublished. Duplomb based his work largely on the journal, incorporating material from the letter book only where there were gaps in the journal. While the two accounts are obviously similar, they present different emphasis and sometimes detail. Her letters about the expedition's time in both Shark Bay and Sydney, for instance, are not published at all, and there is detail in them which is not in her Journal.¹²⁵	havaiano emergente. Kalanimoku foi o primeiro chefe a ser aceito na fé católica. Esse é um período no qual o lugar da Austrália no Pacífico estava começando a ser inscrito numa compreensão mais ampla da região como um todo, e nesse aspecto, um registro como esse não é importante somente internacionalmente, mas também é vital localmente para uma coleção como a nossa, enquanto documentamos como nossa nação começou a ser definida na consciência europeia. A edição de Charles Duplomb do diário de Rose, que é base para todas as edições recentes do trabalho dela, omite trechos significantes do livro de cartas, sendo que muitas delas continuam completamente inéditas. Duplomb baseou a maior parte de seu trabalho no diário, incorporando material do livro de cartas somente onde havia lacunas no diário. Mesmo que os dois relatos sejam obviamente similares, eles têm ênfases e às vezes detalhes diferentes. As cartas dela sobre o tempo que a expedição passou em Shark Bay e Sidney, por exemplo, não foram publicadas, e há detalhes nelas que não constam no seu diário.
---	---

Fonte: NSW Library e elaborado pela autora, 2024.

¹²⁵ Disponível em: <https://collection.sl.nsw.gov.au/record/1DmrKP9>. Acesso em: 09 jul. 2024.

ANEXO B — POSFÁCIO DA EDIÇÃO EM ALEMÃO TRADUZIDO POR JOÃO EDUARDO SCANAVINI

Nachwort des Herausgebers <i>Die Reise</i>	Posfácio do Editor <i>A viagem</i>
Nach dem Intermezzo von Napoleon Bonaparte und seiner endgültigen Niederlage in der Schlacht bei Waterloo lag Frankreichs Nationalgefühl und militärische Stärke darnieder, die Seeherrschaft war schon seit der Niederlage bei Trafalgar endgültig an Großbritannien übergegangen. Nur noch auf wenigen Gebieten war es jetzt möglich, Reputation und alte Größe zu demonstrieren und wiederzuerlangen. Eines davon war die Wissenschaft, und nur sie konnte auf den Weltmeeren mit der Duldung der Engländer rechnen¹²⁶. Gerade zum richtigen Zeitpunkt kam also der Vorschlag des jungen Fregattenkapitäns Louis de Freycinet zur Ausführung einer Forschungsreise und rum um die Welt.	O sentimento nacional e o poder militar da França encontravam-se em declínio após o <i>intermezzo</i> de Napoleão Bonaparte e sua derrota definitiva na batalha de Waterloo. A hegemonia marítima já havia sido perdida aos britânicos desde a derrota definitiva em Trafalgar. Apenas em poucos campos se fazia possível aos franceses demonstrar e recuperar sua reputação e antiga grandeza. Um deles era a ciência e apenas ela podia contar, nos mares do mundo, com a anuência dos ingleses¹³⁷. Exatamente nesse momento oportuno, surgiu a sugestão do jovem Louis de Freycinet, então capitão de fragata, de conduzir uma expedição exploratória ao redor do mundo.
Ziel war es, die “Gestalt der Erde zu ermitteln, den Erdmagnetismus zu studieren und alle Gegenstände der Naturgeschichte zu sammeln, die zum Fortschritt der Wissenschaft beitragen könnten”. Ohne Abstriche wurde der Vorschlag angenommen und de Freycinet selbst mit der Durchführung der Fahrt beauftragt. Die wissenschaftliche Expedition, die in den Jahren von 1817 bis 1820 stattfand, war äußerst erfolgreich, sie trug umfangreiche Informationen über	O objetivo era “examinar a configuração da Terra, estudar o magnetismo terrestre e reunir todos os objetos de história natural que pudessem contribuir para a ciência.” A proposta foi acatada sem restrições e o próprio Freycinet foi incumbido de realizar a viagem. A expedição científica, que ocorreu de 1817 a 1820, mostrou-se extremamente bem-sucedida e compilou extensos dados relativos à geografia, etnografia, física, zoologia e botânica.

¹²⁶ So wurden zwischen 1816 und 1830 nicht weniger als sieben französische Expeditionen auf die Reise um die Welt gesandt (Rivière: *A Woman of Courage*). Sie boten auch eine gute Möglichkeit, den Ehrgeiz der jungen und seit der Schlacht von Trafalgar arbeitslosen Marineoffiziere in geordnete Bahnen zu lenken.

¹³⁷ Entre 1816 e 1830, nada menos que sete expedições francesas ao redor do mundo foram realizadas (Rivière: *A Woman of Courage*). Elas ofereciam também uma boa oportunidade para canalizar a ambição dos jovens oficiais navais, que, desde a Batalha de Trafalgar, estavam sem emprego.

Geographie, Ethnographie, Physik, Zoologie und Botanik zusammen.



Rose Marie de Saulces de Freycinet, geborene Pinon.

** 29. September 1794 (Saint-Julien-du-Sault), + 7. Mai 1832 (Paris).*

Dabei sollten keine kolonialen Interessen verfolgt werden — im Gegensatz zur Expedition Nicolas Baudins nur wenige Jahre zuvor, dessen Vermessung der australischen Küste die Grundlage für die Erhebung territorialer Ansprüche bilden sollte. Dementsprechend positiv wurde die *Uranie* auch in den Hafen der Welt angenommen — und ihre Reise führte sie durch die Besitztümer fast aller europäischen Kolonialmächte.

Louis de Freycinet

Louis Claude de Saulces de Freycinet (1779-1842) hatte als junger Offizier (gemeinsam mit seinem Bruder Louis Henri¹²⁷) an der Forschungsreise Nicolas Baudins teilgenommen. Nachdem Baudin schon während der Fahrt gestorben war, veröffentlichten



Rose Marie de Saulces de Freycinet, nascida Pinon.

**29 de setembro de 1794 (Saint-Julien-du-Sault), † 7 de maio de 1832 (Paris).*

Nenhum interesse colonial, no entanto, deveria ser perseguido — contrariamente à expedição de Nicolas Baudin de poucos anos atrás, na qual a medição da costa australiana serviu de base para a ampliação de reivindicações territoriais. Assim sendo, o navio *Uranie* foi recebido de maneira positiva nos portos do mundo — e sua viagem o conduziu por domínios de quase todas as potências coloniais europeias.

Louis de Freycinet

Louis Claude de Saulces de Freycinet (1779-1842) havia participado como jovem oficial da expedição de Nicolas Baudin junto ao seu irmão, Louis Henri¹³⁸. Após a morte de Baudin, ocorrida durante o percurso, François Perón e de Freycinet publicaram os

¹²⁷ Henry de Freycinet machte Karriere in der französischen Marine- und Kolonialverwaltung, nachdem er 1806 in einer Seeschlacht vor Saint-Domingue dem heutigen Haiti, seinen rechten Arm verloren hatte. So bekleidete er unter anderem die Posten der Gouverneure von Réunion, Französisch-Guayana und Martinique.

¹³⁸ Henry de Freycinet fez carreira na marinha e na administração colonial francesa, depois de ter perdido o braço direito em uma batalha naval em 1806, em São Domingos (atual Haiti). Ele ocupou cargos como governador de Réunion, Guiana Francesa e Martinica.

François Péron und de Freycinet die Ergebnisse der Reise, nach dem Tode Pérons gab Louis de Freycinet den zweiten Band des Werks allein heraus¹²⁸. 1814 heiratete er die 15 Jahre jüngere Rose Marie Pinon. Als der Antrag auf seine Forschungsreise genehmigt wurde, war das Paar nicht gewillt, die mehrjährige Trennung hinzunehmen. An der *Uranie* wurden kleinere Umbauten vorgenommen und Rose de Freycinet begab sich am Abend vor der Abfahrt als Mann verkleidet an Bord.



Louis Claude de Saulces de Freycinet.

* 8. Aug. 1779 (Montélimar), + 18. Aug. 1842 (Saulce-sur-Rhône).

Mit dieser Aktion nahm Louis ein großes Risiko in Kauf, die Anwesenheit von Frauen an Bord französischer Marine-Schiffe war in der Regel verboten, und eine Entdeckung hätte seine Karriere beenden können. Nach der Rückkehr wurde das Paar denn auch für seinen Wagemut gefeiert, ihre Reise galt als Triumph der romantischen Liebe, und die Admiralität ergriff niemals Maßnahmen gegen den

resultados da viagem. O segundo volume da obra, por sua vez, foi publicado apenas por Louis de Freycinet, dado o falecimento de Perón¹³⁹. Em 1814, Louis se casou com a então jovem de quinze anos, Rose Marie Pinon. Quando o pedido pela expedição foi autorizado, o casal não estava disposto a arcar com uma separação por vários anos. Pequenas adaptações foram feitas no *Uranie* e Rose de Freycinet embarcou na noite anterior à partida disfarçada de homem.



Louis Claude de Saulces de Freycinet.
8 de agosto de 1779 (Montélimar), † 18 de agosto de 1842 (Saulce-sur-Rhône).

Com esta ação, Louis assumiu um grande risco: a presença de mulheres a bordo de navios da marinha francesa era proibida e a descoberta do feito poderia significar o fim de sua carreira. Após o retorno, o casal chegou a ser celebrado por conta de sua ousadia, a viagem foi concebida como triunfo do amor romântico e o almirantado jamais tomou medidas contra o capitão insubordinado. O rei Luís XVIII ponderou que este ato de devoção conjugal deveria ser

¹²⁸ Keiner der beiden erwähnte Baudin dabei auch nur einmal mit Namen, es darf von einer tiefen Antipathie ausgegangen werden.

¹³⁹ Nenhum dos dois mencionados, entretanto, referiu-se a Baudin pelo nome, o que sugere uma profunda antipatia.

ungehorsamen Kapitän. König Louis XVIII. merkte an, dass dieser Akt ehelicher Hingabe entschuldigt werden müsse, zumal er nicht so leicht wiederholt werden könne, Auch im Militärgerichtsverfahren, das im Dezember 1820 den Schiffbruch der <i>Uranie</i> untersuchte¹²⁹, war Roses Anwesenheit an Bord kein Thema. Im Übrigen wäre es ein Leichtes gewesen, Rose auf Réunion von Bord holen zu lassen, was jedoch nie ernsthaft versucht wurde.	desculpado, sobretudo porque ele não poderia ser repetido facilmente. Mesmo no decorrer do processo de justiça militar, o qual, em dezembro de 1820, investigou o naufrágio do <i>Uranie</i>¹⁴⁰, não se tocou no tema da presença de Rose. Aliás, teria sido fácil retirá-la do navio na ilha de Reunião, o que, porém, nunca foi cogitado.
Louis de Freycinet war in den folgenden Jahren weitgehend von der Veröffentlichung des mehrbändigen Expeditionsberichtes in Anspruch genommen, für seine Arbeiten auf dem Gebiet der Kartographie und der Messung des Erdmagnetfeldes wurde er zum Mitglied der französischen Akademie der Wissenschaften ernannt, die wissenschaftlichen Ergebnisse seiner Expedition wurden von einer hochkarätig besetzten Gutachterkommission, zu der auch Alexander von Humboldt gehörte, gewürdigt.	Louis de Freycinet ocupou-se amplamente com a publicação do relatório da expedição em vários volumes. Ele foi nomeado membro da Academia Francesa de Ciências, em virtude de seus trabalhos no campo da cartografia e da medição do campo magnético da Terra. Os resultados científicos de sua expedição foram honrados por uma comissão de especialistas de alto nível, à qual também pertencia Alexander von Humboldt.
Als Paris 1832 von einer Choleraepidemie heimgesucht wurde, erkrankte er schwer, wurde aber gerettet. Während seiner Pflege infizierte sich Rose jedoch und siechte binnen weniger Stunden dahin. Von diesem Verlust erholte sich Louis nie wieder, er wurde zunehmend depressiv und erlag zehn Jahre später einem Herzanfall.	Quando Paris foi assolada, em 1832, por uma epidemia de cólera, ele adoeceu gravemente, mas chegou a ser salvo. Ao longo de seu tratamento, Rose infectou-se e padeceu em poucas horas. Desta perda, Louis nunca chegou a se recuperar. Tornou-se progressivamente depressivo e faleceu vítima de um ataque cardíaco, dez anos depois.
<i>Rose de Freycinet</i>	<i>Rose de Freycinet</i>

¹²⁹ Militärgerichtsverfahren: Louis de Freycinet wurde von jeder Schuld am Schiffbruch freigesprochen sowie für sein Verhalten und die Ergebnisse seiner Reise belobigt, Louis XVIII. beförderte ihn persönlich vom Fregattenkapitän (Capitaine de frégate) zum Kapitän zur See (Capitaine de vaisseau).

¹⁴⁰ Tribunal militar: Louis de Freycinet foi não apenas absolvido de qualquer culpa pelo naufrágio, como também elogiado por seu comportamento e pelos resultados de sua expedição. O rei Luís XVIII o promoveu pessoalmente de capitão de fragata (Capitaine de frégate) a capitão de mar e guerra (Capitaine de vaisseau).

Zu Beginn ihrer Weltumsegelung war Rose Marie de Freycinet (1794- 1832) 22 Jahre alt. Ihre Mutter, Jeanne Pinon, betrieb seit dem Tod ihres Mannes (etwa 1803) ein Internat für junge Damen in Paris, auf dem Rose eine gute Bildung erhielt. Ihrer Erziehung entspricht auch ihre Sprache; Rose ist eine versierte Briefschreiberin, aber beileibe keine Schriftstellerin.

Mit 19 heiratet sie Louis Claude de Saulces de Freycinet, den Spross einer alten Adelsfamilie, die sich bis ins 13. Jahrhundert zurückverfolgen lässt. Für die bevorstehende mehrjährige Reise fürchtet sie um ihren Mann, auch wegen dessen schwacher Gesundheit - ein weiterer Grund für sie, mitzusegeln. An Wissenschaft und Seefahrt nicht sonderlich interessiert, vertreibt sie sich die Zeit an Bord mit Gitarre spielen, Sticken und Nähen sowie dem Schreiben von Briefen - so jedenfalls stellt sie es ihrer adeligen Freundin Caroline de Nanteuil gegenüber dar. Aber wie ihr Leben an Bord wirklich aussah, das können wir nur ahnen. Aus ihrer Schilderung erfahren wir es jedenfalls nicht.



No início de sua navegação ao redor do mundo, Rose Marie de Freycinet (1794-1832) contava com 22 anos. Sua mãe, Jeanne Pinon, administrava – desde a morte de seu marido, por volta de 1833 – um internato para jovens mulheres em Paris, no qual Rose obteve uma boa formação. Esta formação se reflete em sua linguagem: Rose era uma exímia redatora de cartas, mas não propriamente uma escritora.

Casou-se aos 19 com Louis Claude de Saulces de Freycinet, descendente de uma família nobre, cujas origens remontam ao século XIII. Ela temia pela longa viagem de seu marido, sendo a fragilidade física dele um fator a mais para a decisão de também acompanhá-lo. Sem interesses especiais pela ciência ou pela navegação, ocupou seu tempo a bordo ao violão, com bordado e costura, bem como com a redação de cartas - ao menos dessa forma ela se reportava à sua amiga da nobreza, Caroline de Nanteuil. Contudo, podemos apenas supor como teria sido efetivamente a sua vida a bordo. À luz de sua narrativa, não chegamos a vivenciá-la de fato.



*Rose de Freycinet an Bord der Uranie
(mit dem Matrosen Rio¹³⁰).*

Allein durch ihre Existenz dürfte diese junge, schöne Dame beträchtliche Unruhe an Bord verursacht haben, als einzige Frau unter 120 Männern. Aber schnell setzen sich äußerst höfliche Verhaltensweisen durch: Kommt sie an Deck, räumen die rauen Seeleute stillschweigend das Feld und unterdrücken ihre Flüche, ist einer von ihnen an Durchfall oder Skorbut erkrankt, versäumt sie es nie, sich nach seinem Zustand zu erkundigen und ihm Brühe zu senden.

In den offiziellen Berichten suchen wir sie aus den genannten Gründen vergeblich. Als wichtigste Quelle bleibt uns Jacques Arago, der die Reise in mehreren Büchern verwertete: "Unsere engelsgleiche Gefährte", wie er sie nennt, "war hübsch, von zarter Konstitution, und mit einer schlanken Figur, deren fließende Linien es schnell gelernt hatten, sich auf das Neigen und Rollen des Schiffes einzustellen."¹³¹ Während des Schiffbruchs sieht sie Pulverfässer an offenem Feuer vorbeitreiben, ohne mit der Wimper zu zucken, auch wenn sie den baldigen Tod erwartet."¹³² James Weddell schließlich, der sie auf den Falklands traf, bescheinigt ihr "inmitten der größten Gefahr und Verwirrung eine überraschende Festigkeit und Gelassenheit des Geistes."¹³³

*Rose de Freycinet a bordo da Uranie
(com o marinheiro Rio¹⁴¹).*

Apenas por sua presença, esta jovem certamente gerou uma considerável inquietação a bordo, tendo sido ela a única mulher em meio a 120 homens. Porém, comportamentos extremamente polidos se estabeleceram rapidamente: sempre que ela subia ao convés, os rudes marinheiros lhe cediam silenciosamente o espaço e continham seus termos grosseiros. Quando algum deles adoecia de diarreia ou escorbuto, ela jamais deixava de se informar sobre o seu estado e de enviar-lhe sopa.

Procurá-la nos relatórios oficiais é algo, pelos motivos expostos, em vão. Resta-nos, como principal fonte, Jacques Arago, ao qual a viagem deu ensejo a vários livros: "¹⁴²Nossa companheira angelical", como ele a chama, "era bonita, de constituição delicada, com silhueta fina, cujas linhas fluidas rapidamente aprenderam a se adequar às inclinações e aos avanços do navio". "Durante o naufrágio, ela observa barris de pólvora a flutuar perigosamente junto às chamas, sem mover um cílio sequer, ainda que à espera da morte próxima."¹⁴³ E, por fim, James Weddell, que a avistou nas ilhas Falkland e atesta que "ela preservou, em meio ao mais extremo perigo e à maior perturbação,

¹³⁰ Rio starb auf See am 29. Juni 1819.

¹³¹ Aus Jacques Aragos Nachruf, zitiert auch im Anhang des 1927 gedruckten *Journal* von Rose de Freycinet.

¹³² Ebenda.

¹³³ Dr. Michael McCarthy: *The Uranie Site(s)*.

¹⁴¹ Rio morreu no mar, em 29 de junho de 1819.

¹⁴² Conforme o obituario de Jacques Arago, citado também no apêndice do diário de Rose de Freycinet publicado em 1927.

¹⁴³ Ibid.

Ihr unverhofftes Erscheinen dürfte in jedem Hafen beträchtliches Aufsehen erregt haben. Die liebevolle Sympathie, die Rose für ihre neu gewonnenen Freunde rund um die Welt empfindet, beruht natürlich auf Gegenseitigkeit, und die wenigen erhalten gebliebenen Zeugnisse sprechen mit Hochachtung und Warmherzigkeit von dieser couragierten Frau. Offizielle Spuren ihrer Weltumsegelung finden wir nur in den Namen einer Insel (“Ich taufte dieses Eiland Île de Rose,” schreibt Louis de Freycinet in seinem Reisebericht, “nach jemandem, der mir äußerst teuer ist”) und einer von den Doktoren Quoy und Gaimard auf Rawak neu entdeckten Taubenart (<i>Columba Pinon</i>, die Rotaugen-Fruchttaube)¹³⁴. Viel mehr ist nicht von ihr geblieben. Außer um ihren Mann kümmert sie sich in den Jahren nach ihrer Rückkehr um die drei Kinder von Caroline und nimmt ihren Neffen Louis (oder Lodoix, 1820-1877), den Sohn ihres Schwagers Henri de Freycinet und seiner Frau Clémentine (geborene Bézar, 1795-1878), für mehrere Jahre in ihre Obhut. Unter ihrer eigenen Kinderlosigkeit leidet sie schwer.	surpreendente firmeza e serenidade de espírito.¹⁴⁴” Sua imprevista aparição certamente despertou intensa admiração a cada porto. A amável simpatia que Rose nutria por suas novas amizades ao redor do mundo revelava-se naturalmente recíproca, e os poucos testemunhos preservados referem-se com estima e ternura a esta mulher de fibra. Localizamos fragmentos oficiais de sua viagem ao redor do mundo apenas no nome de uma ilha (“Batizei esta ilha como Île de Rose”, escreve Louis de Freycinet em seu relato de viagem, “em homenagem a alguém que me é extremamente cara”) e na designação de uma espécie de pomba, então recém-descoberta na ilha de Raweak pelos doutores Quoy e Gaimard (<i>Columba Pinon</i>, a pomba frugívora de olhos vermelhos)¹⁴⁵. Pouco mais se conservou dela. Nos anos subsequentes ao seu retorno, além de cuidar de seu marido, ela se dedica aos três filhos de Caroline e acolhe sob sua guarda, por vários anos, o sobrinho Louis (ou Lodoix, 1820-1877), filho de seu cunhado Henri de Freycinet e sua esposa Clémentine (nascida Bézar, 1795-1878). E sofre profundamente a ausência de filhos próprios.
---	--

¹³⁴ Der Botaniker Charles Gaudichaud benannte noch den *Hibiscus pinonianus* und die Farnart *Pinonia* nach ihr. Fähnrich Louis Isidore Duperrey war einer ihrer größten Bewunderer und gab später, auf seiner eigenen Forschungsreise, zwei Teilen der Küste von Waigeo die Namen *Pointe* und *Anse* (Kap bzw. Bucht) *Rose*.

¹⁴⁴ Dr. Michael McCarthy: *The Uranie Site(s)*.

¹⁴⁵ O botânico Charles Gaudichaud ainda nomeou de *Hibiscus pinonianus* e *Pinonia* (um tipo de samambaia) em sua homenagem. O alferes Louis Isidore Duperrey foi um de seus maiores admiradores e nomeou dois pontos da costa de Waigeo, durante sua própria expedição, como *Pointe* e *Anse Rose* (Ponta e Enseada Rose).

Die Geschichte dieses Buches	A história deste livro
Bei der Lektüre des Reiseberichtes von Otto von Kotzebue stieß der Herausgeber auf folgende Zeilen: "Ich hatte nicht das Glück, der jungen Madam Freycinet vorgestellt zu werden, die ihren Mann begleitet, und die erste Dame ist, welche eine Entdeckungsreise mitmacht¹³⁵. Eine Frau auf einem Forschungsschiff? Im Jahre 1818?	Na leitura do relato de viagem de Otto von Kotzebue, o editor se deparou com as seguintes linhas: "Não tive a sorte de ser apresentado à jovem senhora, a qual acompanha seu marido e se revela a primeira mulher a integrar uma viagem expedicionária.¹⁴⁶" Uma mulher a bordo de um navio de pesquisa? No ano de 1818?
Ihr in Briefform geschriebenes Reisetagebuch wurde erst 1927 von dem französischen Historiker Charles Duplomb in einer Auflage von 500 Exemplaren herausgegeben, versehen mit einem Vorwort ihres Urgroßneffen Henri. Der Band wurde mit 26 Abbildungen illustriert, davon etliche in Mehrfarbenlichtdruck und manche nie zuvor veröffentlicht. Ein Exemplar des raren Werkes aufzutreiben war nicht leicht, der einzige in Deutschland bekannte Band gehörte der Staatsbibliothek in Berlin, ging aber im Zweiten Weltkrieg verloren.	O diário de viagem, deixado por ela em forma de cartas, foi publicado apenas em 1927 pelo historiador francês Charles Duplomb, numa edição de 500 exemplares acompanhada de um prefácio de seu bisneto, Henri. O volume foi ilustrado com 26 gravuras, várias em impressão policromada, e muitas delas até então não publicadas. Obter um exemplar desta obra rara não foi tarefa fácil: o único volume conhecido na Alemanha pertencia à Biblioteca Municipal de Berlim, mas perdeu-se durante a Segunda Guerra Mundial.
Die Australierin Marnie Bassett (1889-1980) schrieb 1965 die bis dahin einzige Biographie von Rose de Freycinet, Professor Marc Serge Rivière besorgte in den 1990er Jahren Neuauflagen des Journals in Französisch und Englisch. Beide fügten dem grundlegenden Werk von Charles Duplomb auch bis dahin unbekanntes Archivmaterial hinzu.	A australiana Marnie Bassett (1889-1980) escreveu, em 1965, a até então única biografia de Rose de Freycinet, e o professor Marc Serge Rivière providenciou, na década de 1990, novas edições do diário em francês e em inglês. Ambos acrescentaram um material de arquivo até então desconhecido à obra fundamental de Charles Duplomb.
Wir haben versucht, außer dem Text der ersten Druckausgabe von 1927 so	Procuramos reunir, além do texto da primeira edição impressa em 1927, o

¹³⁵ Anfang April 1818 trafen sich Otto von Kotzebue und Louis de Freycinet am Kap der Guten Hoffnung öfter zum gemeinsamen Mahl und tauschten ihre Erfahrungen aus. Der zitierte Eintrag stammt vom 4. April 1818 (Otto von Kotzebue: *Zu Eisbergen und Palmenstränden*).

¹⁴⁶ No início de abril de 1818, Otto von Kotzebue e Louis de Freycinet se encontraram várias vezes no Cabo da Boa Esperança para refeições e trocaram suas experiências. A nota citada data de 4 de abril de 1818 (Otto von Kotzebue: *Zu Eisbergen und Palmenstränden*).

viel zusätzliches Material aufzunehmen wie möglich, dabei Fehler zu korrigieren und Zweifelhafte abzuklären. Man bedenke, dass ihre handschriftlichen Briefe erst 95 Jahre nach dem Tod der Autorin in Drucklettern übertragen wurden — wenn also in den Fußnoten frecherweise angemerkt wurde “Hier irrt Rose”, dann kann durchaus auch ein schlampiges Lektorat der französischen Erstausgabe die Quelle des Fehlers sein. Besonders freuen wir uns, dass wir als erste die Originalpläne der <i>Uranie</i> veröffentlichen können. Hierfür dem Musée de la Marine in Paris einen herzlichen Dank! Die Hintergrundinformationen entstammen gründlichen Recherchen, in ihnen und der deutschen Übersetzung vorkommende Fehler sind einzig dem Herausgeber anzulasten. Rose de Freycinet ist nicht die erste Frau, die die Welt umrundete, aber sie ist die erste, von der wir ein schriftliches Zeugnis besitzen¹³⁶. Die	máximo de material adicional possível, bem como corrigir erros e esclarecer pontos dúbios. Deve-se considerar que suas cartas manuscritas só foram transcritas para caracteres tipográficos 95 anos após a morte da autora — então, se nas notas de rodapé alguém ousou escrever “Aqui Rose se engana”, o erro pode muito bem ser fruto de uma revisão descuidada da primeira edição francesa. Ficamos especialmente felizes por sermos os primeiros a publicar os desenhos originais do <i>Uranie</i>. Neste sentido, somos muito gratos ao Musée de la Marine, de Paris! As informações contextuais resultam de pesquisas minuciosas, e os erros presentes nela e na tradução alemã são de inteira responsabilidade do editor. Rose não foi a primeira mulher a dar uma volta ao mundo, mas é a primeira da qual possuímos um testemunho por escrito¹⁴⁷. As cartas escritas por
--	--

¹³⁶ Dokumentiert sind: Jeanne Baret, die als Assistent Jean Baré des Botanikers Philibert Commerçon an der ersten französischen Weltumsegelung von Louis Antoine de Bougainville teilnahm. Erst auf Tahiti wurde sie von einem sensitiven Insulaner als Frau bloßgestellt (“Wahini, Wahini!”). Sie blieb bei Commerçon, als der in Mauritius von Bord ging, und erforschte mit ihm fünf Jahre lang die Insel. 1773 verstarb Commerçon, Baret kehrte nach Paris zurück, ordnete die umfangreiche Sammlung und übergab sie dem Königlichen Graphikkabinett. Sie hinterließ, soweit bekannt, keinen Bericht ihrer Reise; Marie Louise Victoire Girardin (1754-1794) arbeitete als Steward verkleidet unter dem Namen Louis an Bord der Recherche, einem der Schiffe von Antoine Bruny d'Entrecasteaux, der den verschollenen Forschungsreisenden Jean-François de La Pérouse suchen sollte, verstarb aber kurz vor Ende der Reise; auch Matthew Flinders hegte den Plan, seine Frau Ann (geborene Chappell; 1770 - 1852) auf die Forschungsreise mitzunehmen, zumindest bis nach Port Jackson, wo sie bleiben sollte, bis er seine Arbeit vollendet hätte. Er gab dieses Vorhaben aber auf, als sie bei einer amtlichen Untersuchung an Bord des Schiffes entdeckt wurde; es werden vorher noch weitere, aber meist des Schreibens unkundige Frauen um die Welt gefahren sein, vor allem auf den Piratenschiffen des 17. Jahrhunderts.

¹⁴⁷ Estão documentados: Jeanne Baret, que viajou disfarçada de Jean Baré, assistente do botânico Philibert Commerçon na primeira expedição francesa ao redor do mundo, de Louis Antoine de Bougainville. Só no Taiti ela foi constrangedoramente identificada como mulher por um habitante nativo (“Wahini, Wahini!”). Permaneceu com Commerçon, quando ele passou a estar a bordo nas Ilhas Maurício, e explorou a ilha junto a ele por cinco anos. Em 1773, com a morte de Commerçon, retornou a Paris, organizou a extensa coleção de espécimes e a entregou ao Gabinete Real de Gravuras. Marie

Briefe, die sie zwischen 1817 und 1820 schrieb, gewähren uns einen einzigartigen Einblick in die koloniale und maritime Welt zu Beginn des 19. Jahrhunderts — und sie zeigen uns die unvergleichlichen Erlebnisse, den Humor und die Kühnheit dieser jungen Frau.	ela entre 1817 e 1820 oferecem-nos uma perspectiva única do mundo colonial e marítimo do início do século XIX — e nos mostram as incomparáveis experiências, o humor e a audácia dessa jovem mulher.
---	--

Fonte: Uszinski *In*: Freycinet, 2011, p. 335-342 e tradução de João Eduardo Scanavini, elaborada para esta tese em 2025.

Louise Victoire Girardin (1754-1794), disfarçada de Louis, trabalhou como comissária no navio Recherche, um dos navios de Antoine Bruny d'Entrecasteaux, na missão de busca por Jean-François de La Pérouse, mas morreu antes do fim da viagem. Matthew Flinders também planejou levar sua esposa Ann (nascida Chappell, 1770-1852) em sua expedição de exploração, ao menos até Port Jackson, onde ela deveria permanecer até que ele concluísse o seu trabalho. Entretanto, Flinders abandonou o projeto quando ela foi descoberta a bordo do navio durante uma inspeção oficial. É provável que, antes disso, outras mulheres, na maioria analfabetas, tenham viajado ao redor do mundo, sobretudo nos navios piratas do século XVII.

ANEXO C — EPÍLOGO DE ROSE (FALKINER, 2022)

Quadro 15 - O diário em Falkiner (2022)

Em inglês p. (Falkiner, 2022, p. 352-357)	Em português
The journal The journal that Rose de Freycinet kept on the voyage had never been intended for publication. Inscribed in even, economical lines with a quill pen in flimsy blue-paper-covered notebooks, in black ink of variously fading intensities, her original words were the fulfilment of a promise to her childhood friend, Caroline de Nanteuil, née Barillon, in part as gift in case she did not survive the journey. On the first page, headed 'Rose's special journal for Caroline' she wrote a dedication, promising that she would always write from the heart, and without inhibition, and for Caroline alone. After that come some 120 pages of dated entries – some neat, some scarred with crossings-out and annotations, others marked with blots and irregularities resulting, perhaps, from writing in a ship's cramped and heaving cabin. To the unhabituated eye, many of these closely written leaves seem almost unintelligible with the stylized letters – m's and n's and u's and w's – merging indistinguishably into each other. Read in its English translation, to me the journal seemed curiously bland at first. At some point I realized that the account had passed through the hands of several editors, all male, who, for various reasons and in small but significant ways, had bowdlerized it. Still, it was intriguing that a woman in her early twenties had produced a text to imaginative and accomplished. Rose's journal would immortalize her as the first	O diário O diário que Rose de Freycinet manteve durante a viagem nunca teve a intenção de ser publicado. Inscrito em linhas uniformes e econômicas, com uma pena em cadernos frágeis cobertos de papel azul, com tinta preta de diversas intensidades desbotadas, as suas palavras originais eram o cumprimento de uma promessa à sua amiga de infância, Caroline de Nanteuil, nascida Barillon, em parte como um presente caso não sobrevivesse à jornada. Na primeira página, encabeçada como 'Diário especial de Rose para Caroline', ela escreveu uma dedicatória, prometendo que escreveria sempre do coração, e sem inibições, e apenas para Caroline. Depois disso, seguem-se cerca de 120 páginas de entradas datadas – algumas bem ajeitadas, outras marcadas com rasuras e anotações, outras ainda com borrões e irregularidades resultantes, talvez, da escrita na cabine apertada e instável de um navio. Para um olhar não habituado, muitas destas folhas densamente escritas parecem quase inteligíveis com as letras estilizadas – os 'm's e 'n's e 'u's e 'w's – que se fundem indistintamente umas nas outras. Lido na sua tradução para o inglês, o diário pareceu-me curiosamente sem graça no início. A certa altura, percebi que o relato tinha passado pelas mãos de vários editores, todos homens, que, por várias razões e de formas pequenas, mas significativas, o tinham censurado. Ainda assim, era intrigante que uma mulher na casa dos vinte anos tivesse produzido um texto tão imaginativo e completo. O diário de Rose a

woman to circumnavigate the world and leave a written account of her adventures. Her husband Louis's own exhaustive record of the expedition had made no mention of Rose's presence, beyond his enigmatic notation that he had named a remote Samoan atoll 'for someone extremely dear to me'.

Rose's handwritten journal, delivered to Caroline in 1820, remained with the Nanteuil family for more than 90 years. Then, in 1913, Caroline's granddaughter, the Baronne des Rotours, née Geneviève de Nanteuil, gave the manuscript to her relative Henri the third Baron de Freycinet (1857-1954).

A decade later, on 5 April 1923, the historian Charles Duplomb, an honorary director at the Ministry of the Navy, who had learned of the work from Alexandre de la Roquette's account, wrote to Henri – a grandson of Louis' brother Henri, and Rose's great-nephew – to ask if he might publish it.

The baron, then in his early sixties, replied that he would need to examine it first. 'The journal in question concerns too many people to be published, and its extracts will have to be rigorously vetted, for its author had no thought of ever publishing it,' he wrote. Henri was obviously persuaded to overcome his caution, however. The text, transcribed by Duplomb in blue ink, was then 'corrected' in pencil by both the baron and his uncle, Casimir's son, the elderly statesman and former prime minister Charles de Saulces de Freycinet. Duplomb then made further corrections, largely stylistic, in red ink.

imortalizaria como a primeira mulher a dar a volta ao mundo e a deixar um registro escrito das suas aventuras. O exaustivo relato do seu marido Louis sobre a expedição não fazia qualquer menção à presença de Rose, para além da sua enigmática anotação de que tinha dado o nome a um atol remoto de Samoa 'em homenagem a alguém que me é extremamente querido'.

O diário manuscrito de Rose, entregue a Caroline em 1820, permaneceu com a família Nanteuil por mais de 90 anos. Depois, em 1913, a neta de Caroline, a Baronesa de Rotours, Geneviève de Nanteuil, deu o manuscrito ao seu parente Henri, o terceiro Barão de Freycinet (1857-1954).

Uma década mais tarde, em 5 de abril de 1923, o historiador Charles Duplomb, diretor honorário do Ministério da Marinha, que tinha tomado conhecimento da obra através do relato de Alexandre de la Roquette, escreveu a Henri – neto do irmão de Louis, Henri, e sobrinho-neto de Rose – perguntando se poderia publicá-lo.

O barão, então na casa dos sessenta anos, respondeu que precisaria examiná-lo primeiro. 'O diário em questão diz respeito a pessoas demais para ser publicado, e os seus excertos terão de ser rigorosamente examinados, pois a sua autora não pensou em publicá-lo', escreveu ele. Henri foi obviamente persuadido a superar a sua cautela, no entanto. O texto, transcrito por Duplomb em tinta azul, foi depois 'corrigido' a lápis tanto pelo barão como pelo seu tio, filho de Casimir, o idoso estadista e antigo primeiro-ministro Charles de Saulces de Freycinet. Duplomb fez então mais correções, em grande parte estilísticas, com tinta vermelha.

To fill the lacuna between 23 October 1818 (after the *Uranie* left Timor) and mid-November 1819 (at Port-Jackson), Duplomb substituted extracts from Louis' copies of Rose's letters to her mother. At this date these letters – Chapter 6 in Duplomb – were kept by Cécile de Freycinet, daughter of Casimir's son Charles, at the Hôtel Freycinet, 123 Rue de la Faisanderie in Paris.

Duplomb's editorial interventions in his handwritten transcription of the journal, while not always adopted in the published version, fell into several categories. Some concerned passages that the three men considered overly personal, or likely to diminish Louis' professional reputation, or to reflect badly on public figures. Despite the fact that a century had passed, the editors also suppressed some names, using asterisks or periphrases to refer to people of historical significance. Alterations intended to tone down Rose's indiscreet observations about influential officials included changes to her depictions of the French consul in Tenerife, her detailed portraits of baron de Richemont and his wife on Île Bourbon, and her sartorial criticisms of the Princesse Royale in Brazil.

But if Rose had occasionally made free-and-easy judgements about various personages, including French ones, who appeared to her insignificant or comical, she passed relatively few unflattering remarks about such sensitive allies as the British. Possibly some part of the almost year-long gap in Rose's journal, where her account resumes abruptly mid-sentence during her Australian sojourn, was due to some act of self-censorship, or diplomatic intervention by another hand, rather than to, as seems

Para preencher a lacuna entre 23 de outubro de 1818 (após a saída do *Uranie* de Timor) e meados de novembro de 1819 (em Port-Jackson), Duplomb utilizou excertos das cópias das cartas de Rose à sua mãe, feitas por Louis. Até hoje, estas cartas – Capítulo 6 em Duplomb – eram guardadas por Cécile de Freycinet, filha do filho de Casimir, Charles, no Hôtel Freycinet, 123 Rue de la Faisanderie em Paris.

As intervenções editoriais de Duplomb na sua transcrição manuscrita do diário, embora nem sempre adotadas na versão publicada, enquadram-se em várias categorias. Algumas diziam respeito a passagens que os três homens consideravam excessivamente pessoais, ou suscetíveis de diminuir a reputação profissional de Louis, ou de refletir mal sobre figuras públicas. Apesar de ter se passado um século, os editores também suprimiram alguns nomes, usando asteriscos ou perífrases para se referir a pessoas de relevância histórica. As alterações destinadas a suavizar as observações indiscretas de Rose sobre oficiais influentes incluíram mudanças nas suas descrições do cônsul francês em Tenerife, nos seus detalhados retratos do Barão de Richemont e da sua esposa em Île Bourbon, e nas suas críticas ao vestuário da Princesa Real no Brasil.

Mas se Rose tinha ocasionalmente feito julgamentos livres e descontraídos sobre várias personagens, incluindo francesas, que lhe pareciam insignificantes ou cômicas, ela fez relativamente poucos comentários pouco lisonjeiros sobre aliados sensíveis como os britânicos. Possivelmente, alguma parte da lacuna de quase um ano no diário de Rose, onde o seu relato recomeça abruptamente a meio de uma frase durante a sua estadia na Austrália, deveu-se a algum ato de autocensura ou intervenção diplomática por outra mão,

more probable, a lost or damaged notebook.

Similarly modified were Rose's descriptions of strong emotional reactions and subjects possibly thought of interest only to women, such as her morbid concerns about 16-year-old Caroline facing her first confinement, and mention of the deaths of children. Moderated, too, is Rose's dismay on her discovering that, due to Louis' change of route on leaving Tenerife, the voyage would be much prolonged. A mention of Louis' brother Charles de Freycinet's business dealings in Mauritius is also redacted. Another deletion, not eventually adopted, concerns Louis' decision, in the Falklands, to navigate away from the coast, rather than sailing close to shore, at the point where the *Uranie* struck a submerged pinnacle. A pencilled annotation labels this as 'very embarrassing'.

And while Rose's anxious daily record of Louis' fluctuating stomach complaints in the Falklands was admittedly repetitive, it might also have created a cumulative impression that he was incapacitated – and therefore not in effective command of the camp – for a significant period. 'It seems to me that we could delete what relates to the health of the commander', noted Duplomb in the margin. Again, not all these editorial suggestions were adopted, but specific references to Louis' inability to work, and episodes of vomiting, purging, hiccups, and especially his 'nervous colic' – *coliques nerveuses* – and their treatment with opium, were sometimes blandly generalized to 'Louis finds himself indisposed'.

em vez de, o que parece mais provável, um caderno perdido ou danificado.

De forma semelhante, foram modificadas as descrições que Rose fez de fortes reações emocionais e assuntos possivelmente considerados de interesse apenas para mulheres, como as suas preocupações mórbidas com Caroline, de 16 anos, que enfrentaria o seu primeiro parto, e a menção das mortes de crianças. Também foi moderada a consternação de Rose ao descobrir que, devido à mudança de rota de Louis ao deixar Tenerife, a viagem seria muito prolongada. Uma menção aos negócios do irmão de Louis, Charles de Freycinet, nas Ilhas Maurício, também é omitida. Outra eliminação, que não foi adotada, diz respeito à decisão de Louis, nas Malvinas, de navegar para longe da costa, em vez de perto da margem, no ponto em que o *Uranie* atingiu um pináculo submerso. Uma anotação a lápis rotula isto como 'muito vergonhoso'.

E embora o registro diário e ansioso de Rose sobre as queixas estomacais intermitentes de Louis nas Malvinas fosse reconhecidamente repetitivo, também poderia ter criado uma impressão de que ele estava incapacitado – e, portanto, não apto para estar no comando efetivo do acampamento – por um período significativo. 'Parece-me que poderíamos apagar o que se relaciona com a saúde do comandante', anotou Duplomb na margem. Mais uma vez, nem todas estas sugestões editoriais foram adotadas, mas referências específicas à incapacidade de Louis para trabalhar, e episódios de vômitos, expurgos, soluços, e especialmente as suas 'cólicas nervosas' – *coliques nerveuses* – e o seu tratamento com ópio, foram por vezes vagamente generalizadas para 'Louis encontra-se indisposto'.

Further minor changes, to passages that the editors obviously thought indelicate, seem almost absurd today. Rose's reflections on her inability to feign mourning at being separated from her husband, on the undesirability of being sold into a seraglio by pirates, and even a mention of the devil in the crossing-the-line ceremony, were altered. Others concern bodily functions, illnesses and religion. A mention, in Brazil, of the flowers of the cinnamon tree – '*le cannelier*' – smelling like excrement is deleted, as is a reference to the overpowering smell of cooked meat at a rich man's dinner almost making her vomit; instead, she is merely almost obliged to leave the room. Also omitted is a forthright comment during the shipwreck period, where Rose records the sailor's dislike of plain bouillon, unthickened by biscuit or flour, because it 'rinsed their guts' – or washed out their bowels – but did not nourish them.

An abridged version of the text with a foreword by Duplomb and an Introduction by Baron Henri de Freycinet dated August 1925, appeared in Paris in around 1927. A print run of 515 copies at 300 francs each was accompanied by a limited edition of 15 copies, each costing 1000 francs. Both contained illustrations by Jacques Arago and Alphonse Pellion taken from among those in the Bibliothèque de Laage. Rose's original manuscript remained in the Freycinet family archive at the Château de l'Age, near the town of Chabanais in Charente.

The Australian historian Marnie Bassett had strong opinions on the edited edition: 'Incidentally, Duplomb has been quite unscrupulous for a historian! If he doesn't

Outras pequenas alterações, a passagens que os editores obviamente consideraram indelicadas, parecem quase absurdas hoje. As reflexões de Rose sobre a sua incapacidade de fingir luto por estar separada do marido, sobre o quão indesejável seria ser vendida a um harém por piratas, e até uma menção ao diabo na cerimônia de travessia da linha do Equador, foram alteradas. Outras dizem respeito a funções corporais, doenças e religião. Uma menção, no Brasil, de que as flores da caneleira – '*le cannelier*' – cheiravam a excremento é eliminada, assim como uma referência ao cheiro avassalador de carne cozida num jantar de um homem rico que quase a fez vomitar; em vez disso, ela é meramente quase obrigada a sair da sala. Também é omitido um comentário direto durante o período do naufrágio, onde Rose registra a aversão dos marinheiros a um caldo simples, sem ser engrossado por biscoito ou farinha, porque 'lhes limpava as entranhas' – ou lhes lavava os intestinos – mas não os nutria.

Uma versão abreviada do texto, com um prefácio de Duplomb e uma Introdução do Barão Henri de Freycinet datada de agosto de 1925, foi publicada em Paris por volta de 1927. Uma tiragem de 515 exemplares vendidos a 300 francos cada foi acompanhada por uma edição limitada de 15 exemplares, cada um custando 1000 francos. Ambas continham ilustrações de Jacques Arago e Alphonse Pellion tiradas da Biblioteca de Laage. O manuscrito original de Rose permaneceu no arquivo da família Freycinet no Château de l'Age, perto da cidade de Chabanais em Charente.

A historiadora australiana Marnie Bassett tinha fortes opiniões sobre a edição editada: 'A propósito, Duplomb tem sido bastante inescrupuloso para um historiador! Se ele não gosta da forma

like the way Rose shapes her sentences, he alters them, and chooses curious things to leave out. The book is a useful sandby, but all the real work has to be done from the originals...' she wrote to Winie, wife of the then Baron de Freycinet, in February 1959.

In 2017 the Italian scholar Federico Motta also questioned the validity of the published text, purged as it was 'of expressions considered inadequate and of passages not acceptable to the heirs'. Duplomb's interventions had been excessive and often apparently unmotivated, he commented: Rose wrote her journal in spurts, often omitting punctuation so as not to interrupt the discourse. When she did punctuate, however, she did it correctly, and her writing was 'fluid, light and fascinating'. Duplomb had also altered Rose's letters to her mother, making cuts and 'corrections' based purely on his stylistic preferences. These rearrangements weighed down the writing, Motta believed; Rose's original language revealed her mood, and given that this was not a literary text, the changes were unjustified. For a true psychological knowledge of Rose, he concluded, the *journal manuscript*, or handwritten journal, was indispensable.

Sometime after 1956, through an introduction arranged by the Australian ambassador Alfred Stirling and writer Nancy Mitford, Marnie Bassett – Lady Flora Marjorie Bassett – visited Louis' great-great-nephew Claude, the fourth Baron de Freycinet (1895-1983), at the Château de l'Age. After examining the family archive, still stored in 40 boxes in the library, Lady Bassett, then in her seventies, published *Realms and Islands*, the first account of Rose's voyage in English, with Oxford University

como Rose estrutura as suas frases, ele as altera, e escolhe coisas curiosas para omitir. O livro é um recurso útil, mas todo o trabalho real tem de ser feito a partir dos originais...', escreveu ela a Winie, esposa do então Barão de Freycinet, em fevereiro de 1959.

Em 2017, o acadêmico italiano Federico Motta também questionou a validade do texto publicado, expurgado como estava 'de expressões consideradas inadequadas e de passagens não aceitáveis para os herdeiros'. As intervenções de Duplomb tinham sido excessivas e muitas vezes aparentemente imotivadas, comentou ele: Rose escrevia o seu diário em jorros, muitas vezes omitindo pontuação para não interromper o discurso. No entanto, quando pontuava, o fazia corretamente, e a sua escrita era 'fluida, leve e fascinante'. Duplomb também alterou as cartas de Rose à sua mãe, fazendo cortes e 'correções' baseadas puramente nas suas preferências estilísticas. Estes rearranjos tornaram a escrita mais pesada, acreditava Motta; a linguagem original de Rose revelava o seu humor, e dado que este não era um texto literário, as alterações eram injustificadas. Para um verdadeiro conhecimento do psicológico de Rose, concluiu ele, o manuscrito do diário, ou diário manuscrito, era indispensável.

Algum tempo depois de 1956, através de uma apresentação arranjada pelo embaixador australiano Alfred Stirling e pela escritora Nancy Mitford, Marnie Bassett – Lady Flora Marjorie Bassett – visitou o trineto de Louis, Claude, o quarto Barão de Freycinet (1895-1983), no Château de l'Age. Depois de examinar o arquivo da família, ainda armazenado em 40 caixas na biblioteca, Lady Bassett, então na casa dos setenta anos, publicou *Realms and Islands* (Reinos e Ilhas), o primeiro relato da viagem de Rose em inglês, pela Oxford

Press in 1962. This densely detailed work, based in part on the French-speaking Bassett's own translations from Rose's handwritten journal and transcribed letters, supplemented the story with careful research, and it remains an essential starting point for any study of Rose's life. This book, however, was marked by a certain mid-century primness, and was infuriatingly lacking in dates and references.

In 1996, Marc Serge Rivière published *A Woman of Courage: The Journal of Rose de Freycinet*, an English translation of Duplomb's edition of the journal, with a selection of Rose's post-voyage letters. To further supplement the gap in the material early in the Port Jackson section, Rivière added three of Jacques Arago's letters.

Meanwhile, the bulk of the Freycinet archive stayed with the family for another generation, before being dispersed into collections all over the world in 1990s. Charles Duplomb's handwritten copy of Rose's journal was donated to the National Library of Australia in Canberra in 2011. The State Library of New South Wales acquired the letter book – Louis' transcription of Rose's letters to Madame Pinon – in 2012; and Rose's manuscript 'Journal particulier de Rose pour Caroline', September 1827- October 1820, in 2014. This marked the first time these original documents had become available in a public collection. Other family papers and letters followed in 2021.

University Press em 1962. Esta obra densamente detalhada, baseada em parte nas próprias traduções de Bassett, falante de francês, do diário manuscrito e das cartas transcritas de Rose, complementou a história com uma pesquisa cuidadosa, e continua a ser um ponto de partida essencial para qualquer estudo da vida de Rose. Este livro, no entanto, foi marcado por um certo recato de meados do século XX, e era exasperadamente carente de datas e referências.

Em 1996, Marc Serge Rivière publicou *A Woman of Courage: The Journal of Rose de Freycinet* (Uma Mulher de Coragem: O Diário de Rose de Freycinet), uma tradução para o inglês da edição de Duplomb do diário, com uma seleção das cartas de Rose após a viagem. Para complementar ainda mais a lacuna no material no início da secção de Port Jackson, Rivière adicionou três das cartas de Jacques Arago.

Entretanto, a maior parte do arquivo Freycinet permaneceu com a família por mais uma geração, antes de ser dispersa por coleções em todo o mundo na década de 1990. A cópia manuscrita do diário de Rose feita por Charles Duplomb foi doada à Biblioteca Nacional da Austrália em Canberra em 2011. A Biblioteca Estadual de New South Wales adquiriu o livro de cartas – a transcrição de Louis das cartas de Rose a Madame Pinon – em 2012; e o manuscrito do 'Journal particulier de Rose pour Caroline' (Diário especial de Rose para Caroline), setembro de 1827 em outubro de 1820, em 2014. Isto marcou a primeira vez que estes documentos originais se tornaram disponíveis numa coleção pública. Outros documentos e cartas da família seguiram em 2021.

A única vez que Rose se considerou conscientemente como escritora aos olhos do público foi nas Ilha Bourbon,

The only time that Rose had consciously considered herself as a writer in the public eye was at Île Bourbon, when she wondered whether her hostess was altering her behaviour in the presence of 'a woman who kept a journal'. One is tempted to wonder what Rose might have written had she had the freedom and opportunity to write with an entirely unguarded pen. A full transcription of her manuscript, unedited and unaltered, remains a labour of love for a future scholar.

(Falkiner, 2022, pp. 1-3)

quando se perguntou se a sua anfitriã estaria alterando o seu comportamento na presença de 'uma mulher que mantinha um diário'. Somos tentados a perguntar o que Rose poderia ter escrito se tivesse tido a liberdade e a oportunidade de escrever com uma pena totalmente livre. Uma transcrição completa do seu manuscrito, não editada e inalterada, continua a ser um trabalho de amor para um futuro acadêmico.

(Falkiner, 2022, pp. 1-3, tradução minha)

ANEXO D – COMPARATIVO DA TRANSCRIÇÃO DOS MANUSCRITOS COM O TEXTO ESTABELECIDO DE 1927

Transcrição do manuscrito (folhas 5-14) sobre o Rio de Janeiro	Texto em francês da edição de 1927
En partant de Ténériffe l'intention de Louis était d'aller au Cap, mais étant portée fort à l'ouest, et ayant été retardé à Toulon et dans la méditerranée, il résolu dès lors de modifier le place de la campagne et ce changement retarda notre retour en France de 8 mois, chose qui me fit une peine que tu pourrais aisement concevoir, en fin le calice était devant moi, il fallait avaler tout ce qu'il y avait dedans! peut-être Dieu permettra-t-il que je revoie encore les objets de mon affection.... s'il ne me refutera pas j'espère ce que je lui demande chaque jours.... de te revoir encore de t'embrasser et de te serrer dans mes bras, et d'aller près de ma bonne mère consoler et soutenir sa vieillesse; car je te l'assure ce n'est-nullement pour jouir des plaisirs et des distractions dont je vais être privée pendant longtemps, que je désire si ardemment de revoir ma patrie, c'est seulement pour soulager mon cœur des peines qu'il éprouve et rendre à ma tendresse et ma mère et mon amie ...! D'après ce projet nous nous dirigeâmes sur le Brésil et le 4 Décembre nous eûmes connaissance des côtes d'Amérique; j'étais contente de voir ce beau pays mais à cette époque je me transportait em France où je te voyais près d'accoucher, et je tremblais pour un moment si pénible... la délicatesse de ta constitution me faisait trembler; combien je regrettais de n'être point près de toi ! mes soins l'auraient été agréables et auraient diminué tes douleurs. Et ton pauvre enfant comme j'en l'aurais eu soin, comme je l'en aurais couvert de caresses ; bien souvent des idées sinistres me viennent à l'esprit et je me	En partant de Ténériffe l'intention de Louis était d'aller au Cap ; mais, étant porté fort à l'Ouest et ayant été retardé à Toulon ainsi que dans la Méditerranée, il résolut de modifier le plan de campagne. Ce changement retarda notre retour en France de 8 mois. Peut-être Dieu permettra-t-il que je revoie encore les objets de mon affection... il ne me refusera pas, je l'espère, ce que je lui demande chaque jour... de te revoir encore, de l'embrasser, de te serrer dans mes bras et d'aller près de ma bonne mère consoler et soutenir sa vieillesse. Car je le l'assure, ce n'est nullement pour jouir des plaisirs et des distractions dont je vais être privée pendant longtemps que je désire si ardemment revoir ma patrie ; c'est, seulement pour soulager mon cœur des peines qu'il éprouve et rendre à ma tendresse et ma mère et mon amie. Nous nous dirigeâmes donc sur le Brésil, et, le 4 décembre, nous avons connaissance des côtes d'Amérique. J'étais contente de voir ce beau pays ; mais, à ce moment, je me transportais en France par la pensée et je te voyais près d'accoucher, tremblant pour un moment si pénible. Combien regrettai-je de n'être point près de toi; mes soins t'auraient été si agréables et auraient diminué tes souffrances. Des idées sinistres me viennent parfois à l'esprit et j'ai besoin de toute ma raison

figure te voir malade: j'ai besoin alors de toute ma raison pour ne pas m'arrêter à ces pensées d'ailleurs je prie tant le bon dieu pour la santé de ma Caroline que j'espère trop en sa miséricorde pour ne pas croire qu'il rejettera mes prières.

Le 5 Décembre nous doublâmes le Cap Frio, et le 6 nous entrâmes dans la superbe rade de Rio de Janeiro. Le tems était superbe et nous pûmes à notre aise reposer la vue sur la belle végétation de cette partie du nouveau-Monde.

Nous n'étions pas encore mouillés lorsqu'il vint un canot le long d'abord c'était un officier de la maison du roi qui venait s'assurer si nous étions l'*Uranie* annoncée au Bresil depuis longtemps ; il venait assurer que le roi accueillerait les français, aussi bien qu'il le pouvait en leur faisant procurer tout ce qui leur serait nécessaire.

Mr Lamarche 1er Lieutt de l'*Uranie* fut pour saluer l'amiral commandt la rade et s'informer chez le Gr de la ville si le salut serait rendu coupe pour coup; sur l'affirmative il revint à bord et le lendemain au lever du soleil, la ville et la rade furent salués l'une après l'autre **nous perdimes dans cette occasion un pauvre canonier qui s'était placé par m'égarde sur un canon au moment ou on tirait, la seconde lui cassa les deux cuisses et le jeta dans la mer, il était en partie brûlé, on le soigna de suite, mais il mourut 6h après. Pour montrer que c'était même un homme qui avait des principes, ce qui est rare chez ces gens là, c'est ce qu'il dit près de mourir, à notre aumoiner qui l'assistait, qu'il ne s'étoinait pas du malheur qu'il lui arrivait, car il avait manqué de faire sa prière le matin; d'après ces bonne dispositions tu juges bien qu'il mourut comme un ange.**

pour ne pas m'arrêter à ces pensées. D'ailleurs, je prie tant le bon Dieu pour la santé de ma Caroline et j'espère trop en sa miséricorde pour croire qu'il rejettera mes prières.

Le 5 décembre, nous doublions le Cap Frio et le 6, nous entrions dans la superbe rade de Rio de Janeiro. Le temps était magnifique et nous pûmes à notre aise reposer notre vue sur la belle végétation de cette partie du nouveau monde.

Nous n'étions pas encore mouillés lorsque vint un canot le long du bord. C'était un officier de la maison du Roi qui avait mission de s'assurer si nous étions l'*Uranie*, annoncée au Brésil depuis longtemps. Il nous fit connaître que le roi accueillerait les Français aussi bien qu'il le pourrait, et leur procurerait tout ce qui leur serait nécessaire.

M. Lamarche, premier lieutenant de l'*Uranie*, fut chargé de rendre visite à l'amiral commandant la rade et de s'informer chez le Gouverneur de la ville si le salut serait rendu coup pour coup. Sur sa réponse affirmative, il revint à bord et, le lendemain, au lever du soleil, la rade et la ville furent saluées l'une après l'autre à coups de canon.

Louis **attendait à chaque instant que le Consul de France vint à son bord pour savoir les choses dont il avait besoin pour l'équipage, mais le dit sieur ne venant pas**, mon mari se décida à lui écrire et à s'absenter pour aller saluer l'amiral et faire quelques visites aux personnes pour lesquelles il avait des lettres de recommandation. Je restai seule à bord, car la rade étant très sûre en ce temps magnifique, je n'avais rien à craindre. Ce fut ce jour qu'il alla voir Mme la Comtesse de Roquefeuille, émigrée française, et qui réside au Brésil où elle jouit d'une pension que lui fait le roi; elle est parente de la reine de Portugal et son père, ses oncles et ses frères sont tous servis le roi de Portugal et c'est sous ces auspices qu'elle fut accueillie et pensionnée, lors de l'émigration; comme tous ses biens ont été vendus elle ne subsiste qu'avec ce que lui donne le roi: elle désire revoir sa patrie, mais elle craint que le roi du Brésil ne lui continue pas sa pension, et elle n'aurait aucun moyen d'existence.

Elle a avec un neveu dont le père est mort dans le service, elle a élevé ce jeune homme qui est un sujet distingué sous tous les rapports.

Mme de Roquefeuille qui était chanoinesse avant son émigration et dû nécessairement conserver des principes de piété, aussi a-t-elle élevé son neveu dans les sentiments; c'est un modèle de toutes les vertues il regarde la religion sous son véritable point de vue, il n'est nullement bigot et quoique jeune, fait braver les moqueries pour suivre ses devoirs; **c'est un de ces hommes rares comme ceux dont la disais que tu n'en connaissais qu'un ou deux.** Avec cela il possède tout ce qui plaît dans le monde, un physique agréable, un esprit orné et éclairé même dans plusieurs sciences, il dessine très joliment et est excellent musicien, il joue

Louis

alla lui-même voir l'amiral et fit quelques visites aux personnes pour lesquelles il avait des lettres de recommandation. Je restai seule à bord car la rade est très sûre et le temps magnifique. Ce fut ce jour-là qu'il vit la comtesse de Roquefeuille, émigrée française qui réside au Brésil où elle jouit d'une pension faite par le roi. Elle est parente de la reine du Portugal. Son père, ses oncles et ses frères ont tous servi le roi du Portugal et c'est sous ces auspices qu'elle fut accueillie et pensionnée lors de l'émigration. Tous ses biens ayant été vendus, elle ne subsiste qu'avec ce que lui donne le roi. Elle désire revoir sa patrie, mais elle craint que le roi du Brésil ne lui continue pas sa pension et elle n'aurait plus alors aucun moyen d'existence.

Elle a près d'elle un neveu dont le père est mort au service. Élevé dans les sentiments religieux, ce jeune homme regarde la religion sous son véritable point de vue, et sait braver les moqueries pour accomplir ses devoirs.

Avec cela, il possède tout ce qui plaît dans le monde: un physique agréable, un esprit orné et éclairé, même dans plusieurs sciences. Il dessine très joliment et est excellent musicien; il joue

de plusieurs instruments surtout très agréablement du piano.

Lorsqu'on se trouve dans un pays étranger une des choses qui vous plaît infiniment est de voir vos compatriotes, Mme de Roquefeuille sent cela, comme une personne qui s'est trouvée souvent dans cette position elle s'est donc empressée de nous introduire chez l'Ambassadeur Américain dont la femme est française le jour même où Louis la vit pour la première fois, Mr de Gestas son Neveu conduisit mon mari chez cette aimable française.

Je ne pourrai m'empêcher de te parler fort au long de cette famille et de celle de Mme de Roquefeuille, car près d'elles j'ai éprouvé les premières sensations agréables depuis mon départ. L'une me traitée comme une fille chérie et l'autre est devenue en quelques jours une amie presque intime, nos caractères et nos manières se sont tellement trouvés analogues qu'il semblait que nous fussions liées dès l'enfance, aussi l'affection que je lui porte ne pourra point s'altérer. Il me serait impossible de décrire les attentions, les amitiés dont ces aimables dames m'ont comblé,

Louis demanda à ces dames de me présenter à elle, mais Mme de Roquef. ne voulait point de cérémonie et nous invita à dîner pour le lendemain, **Mme Sumter qui était indisposée ne le fit pas de suite et j'allais la voir par cette raison**, mais l'une et l'autre me firent un accueil extrêmement gracieux et amical. **Je n'étais pas d'une heure chez la Comtesse qu'il me semblait avoir retrouvé une parente; elle eut pour moi des soins maternels** : elle nous conduisit chez une autre française, qui est fort aimable et dont le mari est au service du Portugal mais pendant mon séjour, elle avait un enfant très malade, qu'elle perdit même des suites de cette

de plusieurs instruments, surtout du piano.

Lorsqu'on se trouve dans un pays étranger, on éprouve une grande satisfaction à voir des compatriotes. M^{me} de Roquefeuille sent cela comme une personne qui s'est trouvée souvent dans cette situation. Elle s'est donc empressée de nous introduire chez l'ambassadeur américain, M. Sumter, dont la femme est Française. Le jour même où Louis fut présenté à M^{me} Roquefeuille, M. de Gestas, son neveu, le conduisit dans cette aimable famille.

Je ne pourrai m'empêcher de t'en parler fort au long ainsi que de M^{me} de Roquefeuille, car, près d'elles, j'ai éprouvé les premières sensations agréables depuis mon départ. L'une m'a traitée comme sa fille, et l'autre est devenue en quelques jours une amie presque intime. Nos caractères et nos manières se sont trouvées tellement en sympathie qu'il semblait que nous fussions liées dès l'enfance ; aussi l'affection que je leur porte ne pourra-t-elle jamais s'altérer. Il me serait impossible de décrire les attentions, les amitiés dont ces dames m'ont comblée.

Louis leur demanda de me présenter à elles : mais M^{me} de Roquefeuille ne voulut point de cérémonie et nous invita à dîner pour le lendemain. L'une et l'autre me firent un accueil extrêmement gracieux et amical. Il me semblait avoir retrouvé des parents.

M^{me} de Roquefeuille nous conduisit, chez une autre Française, fort aimable, dont le mari est au service du Portugal. Mais, pendant mon séjour, cette dame perdit un de ses enfants, de sorte que je ne la vis que fort peu.

maladie, de sorte que je la vis fort peu, **d'ailleurs, elle demeurait très loin de l'endroit où nous étions.**

Le 7, le Consul n'était point encore venu: Louis en était très fâché parce qu'il était très important qu'on put donner des vivres frais à l'équipage et ensuite de trouver un local pour y faire les observations du pendule qui étaient le but du voyage. Il envoya un Elève chez cet homme qu'on nous avait déjà dépeint comme un original et le 8 **il vint justement au moment où Louis était absent ; comme Louis avait besoin de causer avec lui, il alla tout de suite à sa demeure pour cet objet.** Il invita Louis mr. Lamarche et moi à diner pour le lendemain ; **malgré que je ne me souciais guère d'aller diner chez ce Mr Maller, cependant j'y allai pour ne pas déplaire à mon ami.**

Nous ne fumes pas très favorisés car la pluie nous accompagna presque tout le tems: **nous logions toujours à bord, de sorte que le trajet fut assez long. La veille cependant Mr. Maller avait indiqué un endroit pour débarquer plus facilement et plus près de sa maison,** néanmoins nous étions tous mouillés en arrivant chez lui : ses premières paroles me montrèrent bien qu'il soutenait sa réputation de gascon, «quoi vous venez à pied, je pensai que vs. aviez une voiture, sachant cela, j'aurais envoyé ma voituré à madame, mais cependant j'aurais été fort embarrassé ou envoyer la voiture ne sachant point où vous débarquiez». **La gasconnade n'est-elle pas fameuse : comment peut-il croire que ns ayons une voiture arrivés seulement depuis deux jours et n'étant pas encore venus à terre,** ensuite il connaissait fort bien le lieu de débarqumt. puisque lui-même l'avait indiqué. **Cela n'étonna nullement. les personnes à qui nous dîmes cela,** car il a toujours ses chevaux sur la litière, ou ses harnais volés lorsque

Le 7, le consul français n'était pas encore venu à bord. Louis en était très contrarié, parce qu'il était important qu'on pût donner des vivres frais à l'équipage et ensuite qu'on trouvât un local pour y faire les observations du pendule, but de notre voyage. Il envoya un élève chez cet homme, qu'on nous avait déjà dépeint comme un original.

Le consul vint le 8 et nous invita, Louis, M. Lamarche et moi, à dîner pour le lendemain.

Nous ne fûmes pas favorisés par le temps, la pluie ne cessa pas pendant tout notre trajet et,

nous arrivâmes tout mouillés chez lui. Ses premières paroles me montrèrent bien qu'il soutenait sa réputation de Gascon. « Quoi, vous venez à pied. Je pensais que vous auriez une voiture. Si j'avais su cela, j'aurais envoyé la mienne à Madame ; il est Arrai que j'aurais été fort embarrassé, ne sachant pas où vous débarquiez. »

Or, il connaissait fort bien le lieu de débarquement, puisque lui-même l'avait indiqué. Il paraît qu'il a toujours ses chevaux sur la litière ou ses harnais volés lorsque quelqu'un lui demande de

quelqu'un lui demande de lui prêter sa voiture. Il paraît en général que c'est un homme assez peu estimé.

Il émigra, on ne sait pourquoi en 1792, car il n'avait ni bien, ni noblesse, et vint s'offrir au service du Portugal, il emmenait avec lui, une mère âgée qui mourut je crois dans le voyage et 4 soeurs qui étaient déjà grandes. Les **pauvres diablesses** n'ont pas encore trouvé de mari à cette époque et quoique lles devraient avoir perdu toute l'espérance, cependant elles font des frais pour mettre au jour leur appas de 40 à 50 ans. **On prétend que le frère qui a obtenu des grades dans l'armée portugaise les devait en partie de cell a à la beauté de ces mêmes soeurs qui étaient assez bien, étant jeunes. On juge d'après les services et les récompenses qu'il a obtenu du Portugal il devait être dévoué à ce royaame.** Cependant en 1814 il vint à Paris pour solliciter le titre de Consul de France au Brésil et grâce à Mr Lainé il obtint ce consulat : Véritablement. Cet homme là est-il bien en état de discuter les intérêts de son pays contre un monarque auquel il doit sa fortune. Un exemple frappant montrera qu'il ne peut remplir convenablement cette place.

C'est un usage de Portugal et maintenant au Brésil que toute personne, de quelque rang ou de quelq l'âge quel le soit, qui se trouve sur le passage du roi lorsqu'il sort, s'agenouille, fusse lui même dans la crotte. les gens à cheval, et en voiture ne sont point exempt de cette humiliante cérémonie.

L'Ambassadeur actuel des Etats d'Amérique trouva qu'il était avilissant pour sa nation de s'abaisser ainsi devant un souverain auquel il ne devait rien, et s'abstint de s'y soumettre : cela fit du bruit : on voulut le forcer à le faire, mais ayant donné ses raisons au roi, on l'en dispensa entièrement ; Les autres consul

lui prêter sa voiture. Il passe en général pour un homme assez peu estimable.

Il émigra en 1792 on ne sait pourquoi (car il n'avait ni bien, ni noblesse) et il s'offrit au service du Portugal. Il emmenait avec lui une mère âgée, qui mourut, je crois, dans le voyage et quatre soeurs qui étaient déjà grandes. Les **pauvres filles** n'avaient pas encore trouvé mari à cette époque et quoiqu'elles dussent avoir perdu tout espoir à cet égard, elles font, encore des frais pour mettre au jour leurs appas de 40 à 50 ans.

En 1814, il vint à Paris solliciter le titre de consul de France au Brésil, et grâce à M. Lainé, il obtint ce consulat. Véritablement, cet homme-là est-il bien en état de discuter les intérêts de son pays vis-à-vis d'un monarque auquel il doit sa fortune? Un exemple frappant montrera qu'il ne peut remplir convenablement cette place.

C'est un usage en Portugal et maintenant au Brésil que toute personne, de quelque rang ou de quelque âge qu'elle soit et qui se trouve sur le passage du roi quand il sort, s'agenouille, fût-ce même dans la boue ; les gens à cheval et en voiture ne sont point exempts de cette humiliante cérémonie.

L'ambassadeur actuel des Etats-d'Amérique, trouvant qu'il était trop avilissant pour sa nation de s'abaisser ainsi devant un souverain auquel elle ne doit rien, s'abstint de s'y soumettre. Cela fit du bruit. On voulut le forcer, mais ayant donné ses raisons au roi, on l'en dispensa entièrement. Les autres

le trouvant dans le même cas obtinrent la même exemption; Mr.Maller crut aussi du devoir de sa place de se ranger aux mêmes idées, mais la reine qui s'en aperçut dit devant plusieurs personnes, qu'en effet nommé Consul français **Mr. Maller** pouvait se dispenser de leur rendre hommage, mais cependant qu'il devait penser qu'il était soldé par le Portugal comme colonel et que par là il était sujet du roi et astreint à toutes les cérémonies requises, que malgré tout s'il tenait à ne pas s'agenouiller, qu'on le regarderait comme sujet français que d'après cela on supprimerait ses appointements. comme colonel Portugais.

Maller apprit cela et dans la crainte qu'on n'exécuta la chose; il saisit la première occasion du passage du roi et ne se contenta pas de s'agenouiller, mais il se mit ventre à terre pour se faire mieux remarquer de la Cour. **Voilà comme la France est représentée au Brésil!**

Le dîner qu'ils nous donna était très ordinaire : il aurait dû inviter l'Etat major et il n'en fit rien, enfin il fit les choses au contraire de tout ce qu'il devait faire.

Louis désirait d'être présente au roi et conjura plusieurs fois **Mr. Maller** de demander une audience, ne pouvant sans blesser toutes les convenances y être présenté par tout autre. Mr. Maller assura que comme ami du roi, (car c'est encore un de ses ridicules d'être l'intime du roi) il n'avait que faire de rien demander et qu'il était reçu à tout heure chez le souverain ; le jour donc où nous dînâmes chez lui, il proposa à Louis de le conduire chez **le roi, Mr. Lamarche ne put y aller parce que la voiture était trop petite** ; nous restâmes la soirée avec les aimables sœurs qui nous ennuyèrent à mourir. Il ne tardait que Louis revint, Mr. Lamarche dormait presque et moi je **caissait** à me démonter la mâchoire, riant cependant de temps à autres des petites grimaces de

consuls se trouvant dans le même cas, obtinrent la même exemption. Le consul français crut lui aussi devoir suivre l'exemple de ses collègues. La reine s'en aperçut et devant plusieurs personnes elle dit, qu'en effet, comme consul français, M. M*** pouvait se dispenser de lui rendre hommage, mais qu'il ne devait pas oublier qu'il était soldé par le Portugal comme colonel et que. par suite, il était sujet du roi, astreint à tout le cérémonial ; que, cependant, s'il ne tenait, par à s'agenouiller, on le regarderait comme sujet français et on supprimerait ses appointements de colonel portugais.

M*** apprit cela, et, dans la crainte qu'on en vînt à l'exécution, il ne se contenta pas de s'agenouiller à la première occasion du passage du roi, il se mit ventre à terre pour se faire remarquer de la cour.

Le dîner qu'il nous donna était très ordinaire. Il aurait dû inviter l'état-major de l'*Uranie* et il n'en fit rien : il fit les choses à l'encontre de son devoir.

Louis désirait être présenté au roi et insista plusieurs fois auprès de M. M*** pour lui faire demander une audience, ne pouvant, sans blesser toutes les convenances, lui être présenté par tout autre. M*** assura que, comme ami du roi (car c'est encore un de ses ridicules d'être l'intime du roi) il n'avait rien à demander et qu'il était reçu à toute heure. Donc, le jour où nous dînâmes chez lui, il proposa à Louis de le conduire, chez Sa Majesté et nous nous restâmes toute la soirée avec les aimables sœurs qui nous ennuyaient à mourir. M. Lamarche dormait presque et, je bâillais à me démonter la mâchoire, riant cependant de temps à autre des petites grimaces de la plus jeune des demoiselles, qui lançait des oeillades au lieutenant !

la plus jeune des demoiselles qui j'étais des oillades au Lieutt. **Qui m'assura après ne s'en être pas même aperçu.**

Louis revint enfin indigné de la gasconade de **Mr. Maller**, car malgré son intimité avec le Roi, ils n'avaient pu être introduits. **Il paraît évident que cet homme n'est nullement estimé** et que cela retombe sur ses compatriotes.

Mon mari abandonna pour quelque tems l'idée d'aller chez le roi, pour s'occuper de l'établissement de son observatoire ; il pressait **Mr. Maller** de lui procurer une location, lequel l'amusa pendant huit jours sans rien faire, **lui ayant promis une partie de sa maison que plus tard il dit être dans l'impossibilité de prêter.**

Mr. de Gestas, neveu de Mme. de Roquefeuille, toujours empressé à nous être utile, trouva à nous faire prêter une maison charmante près de la ville et peu éloignée de Mme Sumter, femme de l'Ambassadeur américain. Louis voulait louer une maison, mais celle qu'on lui procura appartenait à la femme d'un ancien ministre et comme son mari y était mort, elle ne voulait plus l'habiter et se fit un grand plaisir de la prêter pour l'expédition française; **nous payâmes cher cette bienveillance!**

Cette maison convenant parfaitement sous tout les rapports, : l'observatoire y fut établi i je m'y trouvais très agréablement j'avais des appartemens superbes un jardin immense rempli de fleurs et de fruits: la maison placée sur une petite éminence avait une vue magnifique ; elle on voyait toute la rade et on dominait la plus grande partie de la ville ; **mais une événement vient nous priver de cette charmante demeure**, L'homme d'affaire de la Comt.^{sse} qui nous avait prêté cette maison, soit par vengeance de ce qu'il n'avait point été consulté, soit parce qu'il nous ne trouvait pas ses intérêts dans le

Louis revint indigné de la gasconade de M*** car, malgré son intimité avec le roi, ils n'avaient pu être introduits. Le peu d'estime dont jouit cet homme retombe sur ses compatriotes.

Mon mari abandonna quelque temps l'idée d'aller chez le roi pour s'occuper de l'établissement de son observatoire. Il pressait M*** de lui procurer une maison, lequel la lui promit pendant 8 jours et n'en fit rien.

M. de Gestas, toujours empressé à nous être utile, nous en fit prêter une charmante, près de la ville et peu éloignée de chez MTM Sumter. Elle appartenait a la veuve d'un ancien ministre qui y était mort et, pour cette raison, elle ne voulait plus l'habiter. C'est avec grand plaisir qu'elle la mit à la disposition de l'expédition française.

Cette maison nous convenait, sous tous les rapports et l'observatoire y fut établi. Je m'y trouvais très agréablement. J'avais des appartements superbes, un jardin immense rempli de fleurs et de fruits. Placée sur une petite éminence, la maison avait une vue magnifique : on voyait toute la rade et on dominait la plus grande partie de la ville. Mais l'homme d'affaires de la comtesse, soit par vengeance de ce qu'il n'avait pas été consulté, soit parce qu'il n'y trouvait pas ses intérêts, fit si bien qu'il nous eu fit déloger.

prêt, fit si bien qu'il trouva quelqu'un qui voulait louer la maison et nous fit entendre que nous étions trop délicats pour nous opposer à ce qu'on occupât la maison, car cela aurait nuit aux intérêts de Mme la Comt.^{esse} sachant bien que si nous lui eussions fait connaître qu'on voulait nous ôter sa maison elle aurait préféré perdre quelques mois de loyer que de nous envoyer sortir: il devina juste et préférant être vexé que de faire que de faire des remarques qui dans le fond eussent été indiscrètes nous préférâmes déloger et aller habiter une petite maisonnette sur le bord de la mer, que Mr. de Gestas nous procura encore ; mais nous perdions tout les avantages que nous avions dans l'autre: pour arriver à la maison il fallait traverser un très grand jardin, où il n'y avait que des allées tortues et glissantes, et où par conséquent les voitures ne pouvaient quoiqu'il aller ; comme il plut très souvent pendant notre séjour, cette circonstance me fit perdre un quantité éporme de souliers, de chapeaux et de toilettes. C. perte que nécessairement me sera pénible jusqu'à la fin du voyage, car tous ces objets ne pourront être remplacés que très chèrement partout où j'irai. Je sentois cela, mais je ne pouvais faire autrement car toutes les fois que j'allais chez Mme. Sumter diner ou passer la soirée, sa voiture ne pouvait me mettre qu'à la porte et très souvent, les toilettes que je ne pouvais éviter de faire, étaient absolut. abimées en traversant le jardin, et j'avoue que les momens agréables que je passais chez cette aimable femme me dédomageaientent quelque sorte des pertes que je faisais. D'ailleurs quand le tems n'était pas à la pluie la mer etait quelque fois de mauvaise quelle n'epargnait pas non plus mes habits. Une fois en allant diser chez M.^{me} Sumter, comme il ne pleuvait pas, je désirai faire le

Nous allâmes habiter une petite maisonnette sur le bord de la mer, que M. de Gestas nous procura encore.

route à pied et pour raccourrir le chemin Louis imagina d'en faire une partie dans le canot, mais la mer était un peu forte et battait en côte, en accostant la terre, le canot manqua de chavirer et fut presque rempli d'eau, j'avais une frayeur terrible et ce ne fut qu'après être déposé à terre que j'aperçue que j'étais toute abimée de crotte et d'eau, car le patron qui s'était jeté à la mer vint me prendre dans ses bras pour me déposer à terre et il salit toute ma robe ; j'avais un chapeau garni de fleurs qui fut inondé : remarque qu'il fallat aller dans cet équipage à un diner où je savais qu'il y avait du monde ; mais en arrivant M^{me} Sumter me prêta une robe et je me fagotai comme je pus, que au sortir du diner on avait blanchi repassé ma robe et garniture et je pus la remettre. Quoique j'aimasse bien M^{me} de Roquefeuille, je la voyais cependant moins souvent que M.^{me} Sumter, à cause du l'éloignemet mais j'avais souvent de ses nouvelles, Mr. de Gestas venant nous voir seule fréquemment.

La Comt.^{esse} de Roquefeuille qui depuis quelque temps avait acheté un terrain situé au milieu des immenses forêts qui entourent la ville de Rio de Janeiro, nous fit une si belle description de la position agréable de cet endroit ; que je ne pus résister au plaisir d'aller la visiter:

nous ns reunimes avec la famille Sumter et plusieurs messieurs très aimables de la société et partimes un matin à 5h. Toutes les femmes étaient dans une grande calèche trainée par huit mulets et les hommes à cheval ou en cabriolet. Le chemin **qui avaient été gâtés par de pluie offreuse** le trouvèrent horribles et comme a ils sont très mal entretenus, les voitures commencèrent de très bonne heure voyager et comme il fallait quitter

M^{me} de Roquefeuille, qui depuis quelque temps avait acheté um terrain au milieu des immenses forêts qui entourent la ville de Rio de Janeiro nous en fit de si belles descriptions que je ne pus pas résister au plaisir d'aller la visiter.

Nous nous réunîmes donc avec la famille Sumter et plusieurs de leurs amis et nous partîmes un matin à 5 heures. Toutes les femmes étaient dans une grande calèche traînée par huit mules et les hommes à cheval ou en cabriolet. Les chemins défoncés par les pluies étant très mauvais,

bientôt le grand chemin pour prendre le sentier qui conduit dans la forêt, nous descendîmes alors de voiture pour ne pas **abîmer** les mules qui devaient nous reconduire à la ville le soir même. Il y avait des mulets et des chevaux de selle pour nous, mais comme plusieurs des dames préférèrent dans des chemins **très rapides et très glissants nous nous mimes donc en route dans des chemins affreux** que vingt fois nous faillîmes de nous casser le cou, nous enfoncions dans la boue jusqu'à la cheville et nous étions tous **couverts de crotte**. Ce qui nous faisait le plus rire dans tout cela était un petit personnage dont il faut que je dise deux mots. C'était la femme de l'Ambassadeur hollandais, c'est une jeune personne qui a été élevée à Paris, mais d'une manière bien légère, son plus grand plaisir est de s'occuper de sa toilette, elle fait pour cela des dépenses folles. Rien ne peut l'empêcher de faire des excès à cet égard, M.^{me} Sumter lui avait engagée de se mettre très simplement pour le petit voyage, l'assurant qu'elle et nous serions en toile ou en soie de couleur. Quelle fut notre surprise lorsque nous la vîmes arriver avec une robe de mousseline des Indes brodée à la main avec un spencer lilas (au virginie) et un tas de garnitures et de fanfreluches; elle était avertie que nous promènerions dans la forêt qui est toujours un peu humide, mais elle mit des souliers de soie aussi

c'était une comédie de la voir dans la boue, ses souliers ne tenaient plus et on fut obligé de la mettre sur un Cheval, sa robe brodée était noire jusqu'aux genoux et tout le reste de son habillement était analogue à cela. Sur ce qu'on lui marquait le dégât qu'elle avait, elle assurait qu'elle cela lui était égale puisqu'elle en allait avoir d'autres en allant à Paris. Heureusement pour moi que je n'avais pas une semblable toilette et que **je choisis un peu mieux mes chemins**, je ne me serai pas consolée d'avoir perdu par ma faute tant d'argent à

nous fûmes obligés de quitter le grand chemin pour prendre le sentier conduisant, à la forêt, et nous descendîmes de voiture pour ne pas trop fatiguer les mules qui devaient, nous ramener le soir même en ville. Des mulets et des chevaux de selle nous attendaient ; mais plusieurs de ces dames préférèrent aller à pied et je suivis leur exemple.

Vingt fois nous faillîmes nous casser le cou : nous enfoncions dans la boue jusqu'à la cheville,

Ce qui nous faisait le plus rire dans tout cela était un petit, personnage, la femme de l'ambassadeur hollandais, dont il faut que je te dise deux mots. Elevée à Paris, mais d'une manière bien légère, son plus grand plaisir était de s'occuper de sa toilette : elle y consacrait des dépenses folles. Rien ne pouvait l'empêcher de faire des excès à cet égard. M.^{me} Sumter l'avait engagée à se mettre très simplement, l'assurant qu'elle et nous serions en toile ou en soie de couleur. Quelle fut notre surprise lorsque nous la vîmes arriver avec une robe de mousseline des Indes, brodée à la main, avec un spencer lilas (en Virginie), et un tas de garnitures et de fanfreluches. Bien qu'avertie que nous nous promènerions dans la forêt qui est toujours humide, elle avait mis des souliers de soie.

C'était une comédie de la voir dans la boue. Ses souliers ne tenant plus, on dut la mettre sur un cheval; sa robe brodée était noire jusqu'aux genoux, ainsi que tout son habillement. Aux regrets que nous lui exprimions de la voir dans cet état, elle répondait que cela lui était bien égal, puisqu'elle allait avoir d'autres robes à Paris. Heureusement pour moi. je n'avais pas une semblable toilette : je ne me serais jamais consolée d'avoir perdu, par ma faute, tant d'argent à des

des babioles, (elle nous assura que sa robe avait coûté 600 sans lirette de la toilette).

Nous fûmes bien récompensés de toutes ces légères contrariétés par la belle vue dont nous eûmes la vue réjouie pendant toute notre route : les immenses forêts au milieu desquelles est situé la propriété de notre compatriote sont encore vierges et on n'y a encore pénétré que par un Chemin étroit, où peuvent à peine passer les mulets chargés ; elles sont absolument semblables à celles que nous a décrit notre aimable Chateau Briant dans son Attala. La verdure y est variée sous mille nuances différentes, qu'il sont rehaussées par de l'éclat de fleurs dont les arbres sont chargés, cent sortes de lianes plus riches les unes que les autres par l'élégance et la forme de leur fleurs lient les arbres ensemble et ne permettent que difficilement d'entrer dans l'intérieur, où ce **pnet** on serait charmé de pénétrer pour jouir de l'agréable musique que produit le chant de mille espèce de différentes d'oiseaux, e tous remarquables par la beauté de leur plumage.

Je me sentait un plaisir si extrême à me trouver au milieu de tant de choses nouvelles et extraordinaires pour moi, que je serais volontiers restée seule sans m'apercevoir que chacun allongeait le pas pour arriver à la maison où le déjeuner était préparé.

Je ne passerai par sous silence une cascade magnifique qui se trouve tout près de la retraite de nos amis; elle se précipite au milieu de la verdure qui la borde des deux côtés, mille monceaux de rochers se trouvent sur son passage et la rend plus intéressante, de temps à autre elle s'arrête dans des bassins superbes où son eau est d'une limpidité remarquable elle se précipite de petite la montagne même où est située la maison

babioles (elle nous assura que sa robe avait coûté 600 francs, sans le reste de la toilette).

Nous fûmes bien récompensés de toutes ces légères contrariétés par la belle vue que nous eûmes pendant toute notre promenade. Les immenses forêts, au milieu desquelles est située la propriété de notre compatriote, sont, encore vierges et on n'y pénètre que par un chemin à peine assez large pour le passage de mulets chargés. Elles sont absolument semblables à celles que nous a décrites notre aimable Chateaubriand dans Atala. La verdure y est variée sous mille nuances différentes, rehaussées par l'éclat de fleurs dont les arbres sont chargés. Cent sortes de lianes, plus riches les unes que les autres par l'élégance et la forme de leurs fleurs, lient les arbres ensemble et ne permettent que difficilement d'entrer dans l'intérieur, où cependant on serait charmé de pénétrer pour jouir de l'agréable musique produite par le chant de mille espèces différentes d'oiseaux, tous remarquables par la beauté de leur plumage.

Je ressentais un plaisir si grand à me trouver au milieu de tant de choses extraordinaires et nouvelles pour moi que je serais volontiers restée seule sans m'apercevoir que chacun allongeait le pas pour arriver à la maison où le déjeuner était préparé.

Je ne passerai pas sous silence une cascade magnifique qui se trouve tout près de la retraite de nos amis. Elle se précipite au milieu de la verdure, qui la borde des deux côtés ; mille rochers se trouvent sur son passage et la rendent plus pittoresque. De temps en temps, elle s'arrête dans des bassins superbes, où l'eau est d'une limpidité remarquable ; elle se précipite de la petite montagne même où est située la maison de la

de la Comt.^{esse} est et va tomber d'ans un vallon charmant à pieds à peuprès;

avant de former la cascade la petite riviere contourne la plus grande partie de la propriété, outre ce la deux ou trois autres petits ruisseaux arrose les jardins et la dépendance.

Aussitôt que nous eûmes pris un bon déjeuner nous retournâmes nous promener dans les jardins qui sont déjà dessinés agréablement. ; **la comtesse et son neveu nous firent part du projet qu'ils ont pour embellir cette belle habitation**, déjà ils ont fait défricher une partie des forêts pour y faire des plantations de café et d'autres productions du pays : la température sur ces montagnes se rapprochant un peu de celle d'Europe les arbres fruitiers de notre chère France pourront dans peu de tems reussir dans cette partie du nouveau Continent.

Nous serions restés la bien longtems à admirer ces belles forets : mais comme il fallait avoir encore du jour pour descendre par les mauvais chemins; **nous nous mimes donc à table et après javoir passé alle et le tems nécessaire pour nous rassasier ett celui aussi de nous reposer**, nous reprimes la route de la ville avant le coucher du soleil.

Nous désirâmes à notre tour réunir dans notre petite maisonnette et nos amis français et la famille Sumter, nous avions reçu de ces aimables compatriotes tant de marques de bienveillance que nous ne savions comment les reconnaître, et malgré nôtre équipage de campagne nous comptions un peu nous amuser, **j'avais demandé indulgence entière comme voyageurs et par conséquent dépourvus de tout ce qui est nécessaire pour briller dans un repas; nottle jour fixé** nous l'attendions avec impatience mais une indisposition assez

comtesse et tombe dans un vallon charmant.

Avant de former la cascade elle contourne la plus grande partie de la propriété ; deux ou trois autres ruisseaux arrosent les jardins et les dépendances.

Après un bon déjeuner, nous retournâmes dans les jardins, qui sont déjà dessinés très agréablement.

On a fait aussi défricher une partie des forêts pour y planter du café et d'autres produits du pays. La température sur ces montagnes se rapprochant un peu de celle d'Europe, les arbres fruitiers de notre chère France pourront sous peu donner des fruits dans cette partie du nouveau continent.

Nous serions restés longtems à admirer ces belles forêts s'il n'avait fallu profiter du jour pour passer les mauvais chemins et nous primes la route de la ville avant le coucher du soleil.

route de la ville avant le coucher du soleil.

Nous désirâmes à notre tour réunir dans notre petite maisonnette et, nos amis français et la famille Sumter. Nous avions reçu de ces aimables compatriotes tant de marques de bienveillance que nous ne savions comment les reconnaître, et, malgré, notre équipage de campagne, nous comptions un peu nous amuser.

forte survenu le même jour à M^{me} Sumter, rendit la fête incomplète et même triste; **nous ns transportâmes sitôt le diner tous chez cette aimable dame, que nous trouvâmes un peu mieu**

Comme le Consul nous avait offert un diner pendant notre sejour de deux mois, nous nous crîmes obligés de le lui rendre : ce fut une corvée dont je fus si aise de me trouver débarrassée, que je ne put m'empêcher de sentir tout le bien être dont parle Notre aimable Sévigné quand elle se trouve débarrassée de visites ennuyeuses.

Pendant le séjour que nous fîmes à Rio de Janeiro, nous ne vîmes aucune famille Portugaise: Louis par la nature de ses obserations était obligé d'être très sédentaire et le peu de tems dont il pû disposer fut conscré à voir nos aimables compatriotes, nous allames plusieurs foit aussi chez le consul de Russie, Mr. Landsdorf, dont la femme est très bonne musicienne, j'allais quelque fois à ses soirés parce quelle parlait français et qu'elle m'avait fait beaucoup d'avances, mais je m'ennuyais un peu. Je ne puis donc point rien dire par moi-même des moeurs des portugais puisque je n'ai pas été une seule fois dans chez l'intérieur d'une famille, mais cependant j'eu ai assez entendu parler pour penser qu'ils ne me plairaient pas. Leurs moeurs parâissent singulières et même désagréables, la saleté est que générale, mais portée à son comble chez les Idalgos (nobles) ; on m'a cité vingt traits pour me prouver ce la, je ne t'en rapporterai que deux.

Une dame noble portugaise qui venait de prendre une femme de chambre française, manqua de la mettre à la porte parce qu'elle lui offrait de lui donner un vase pr. se laver les mains ; elle lui **d'un** ton fort en colère qu'une personne de sa qualité n'avait jamais besoin de se laver

Une indisposition de Mme Sumter nous priva de sa présence et attrista noire petite fête.

Comme le Consul nous avait offert un dîner au cours de notre séjour de deux mois, nous nous étions crus obligés de l'inviter. Ce fut une corvée dont je fus si aise de me trouver débarrassée que je ne pus m'empêcher de sentir tout le bien dont parle notre aimable de Sévigné quand elle se trouve débarrassée de visites ennuyeuses.

Pendant notre séjour à Rio, nous ne vîmes aucune famille portugaise. Louis était très tenu par la nature de ses travaux et le peu de temps dont il put disposer fut consacré à voir nos compatriotes. Nous allâmes cependant plusieurs fois chez le consul de Russie M. Landsdorf, dont la femme est très bonne musicienne ; j'assistais à ses soirées, parce qu'elle parlait français et qu'elle m'avait fait beaucoup d'avances. Je m'y ennuyais un peu. Je ne puis donc rien dire par moi-même des moeurs des Portugais, puisque je n'ai pas été une seule fois dans l'intérieur d'une famille. Mais j'en ai assez entendu parler pour penser qu'elles ne me plairaient pas. Leurs habitudes paraissent singulières et même désagréables. La saleté est générale et portée à son comble chez les Hidalgos (nobles). On m'a cité vingt traits à cet égard : je n'en rapporterai que deux.

Une dame noble portugaise, qui venait de prendre une femme de chambre française, faillit la mettre à la porte parce qu'elle lui offrait un vase pour se laver les mains. Elle lui dit, fort en colère, qu'une personne de sa qualité n'avait jamais besoin de se laver les mains, parce

les mains parcequ'elle ne touchait rien de malpropre, et que c'était bon au peuple et aux domestiques à se laver!

Celui-ci est d'une des personnes des plus puissantes du royaume : il lui vint un mal assez considérable à la jambe, plusieurs médecins portugais après y avoir épuisé leur savoir sans produire aucun effet favorable furent remplacés par un ecclésiastique français qui se ne fait un peu de médecine et surtout de guérir des plaies, **aussitôt qu'il vit la plaie de l'illustre personnage** il engagea de laver la jambe et la plaie, on eût beaucoup de peine à s'y décider **en fin cela fut exécuté** comme étant un remède extraordinaire, **mais on le fit avec un extrême répugnance**; il réussit cependt. très bien et moyennant quelques bagatelles pour fermer le reste de la plaie, le mal disparut en peu de jours. Le plaie guérie, ne fui le les on discontinua de laver la jambe et le mal reparut, le moine rappelé assura qu'il fallait toujours continuer la même remède, mais cela parut si étrange et si désagréable qu'on en voya promener le docteur avec les singuliers remèdes et au moment où nous étions à Rio, le grand personnage ne pouvait sortir à cause de ce même mal de jambe. **Peux-toi voir la saleté porte à un plus haut degré !**

Dans les maisons que je fréquentait au Brésil je n'eus aucune occasion de voir des portagaises elles ne peuvent sortir de chez elles que pour aller à l'église, aussi y font elles souvent : Il semble que l'église se soit prêtée pour leur donner de fréquente occasion de sortir car il y a des fêtes presque tous les jours à l'église surtout le soir; alors le femmes se parent suivant la grandeur de la fête,

je fus à une de ces assemblées brillantes que certe je ne puis nommer cérémonies

qu'elle ne touchait rien de malpropre et que c'était bon pour le peuple et les domestiques de se laver !

A l'une des personnes des plus puissantes du royaume il vint un mal assez grave à la jambe. Plusieurs médecins portugais, après avoir épuisé leur savoir sans produire aucun effet, furent remplacés par un ecclésiastique français qui se mêlait un peu. de médecine et surtout, de guérir les plaies.

Il engagea l'illustre personnage à laver sa jambe. On eut beaucoup de peine à l'y décider, ce remède paraissant extraordinaire.

Il réussit, et, moyennant quelques bagatelles pour fermer la plaie, le mal disparut en peu de jours. Mais une fois guérie, on cessa de laver la jambe et le mal reparut. Le moine fut alors rappelé. Il recommanda le même remède, qui parut, si désagréable qu'on envoya promener le docteur avec ses singuliers remèdes. Et au moment où nous étions à Rio, le grand personnage ne pouvait encore sortir, immobilisé par ce même mal à la jambe.

Dans les maisons que je fréquentais au Brésil, je n'eus aucune occasion de voir des Portugaises. Elles ne peuvent, sortir de chez elles que pour aller à l'église; aussi y vont-elles souvent. Il semble du reste que l'église se prête à leur donner de fréquentes occasions, car il y a des fêtes presque tous les jours, surtout le soir. Les femmes se parent alors suivant l'importance de la fête.

Je fus à l'une de ces assemblées brillantes, que je ne puis nommer cérémonies religieuses, puisqu'elles

relégieuses puisque cela ressemble plutôt à une représentation de l'Opéra.

L'église est tendue d'étoffe de soie brodée d'or et éclairée supérieurement. A l'heure indiquée les prêtres arrivent près du maître autel et là avant de commencer les orémus, se retournent vers l'assemblée qu'ils devraient plutôt fuir que regarder et ils cherchent des yeux leurs connaissances, alors ils saluent sourient ou font différents gestes suivant les individus,

les femmes qui d'ailleurs sont privées d'aller au spectacle le remplacent par ces fêtes, elles y sont parées et décolletées comme nos dans le sont au Bal, et s'y occupent plutôt à plaire qu'à prier Dieu. **Après qu'on eu dit deux ou trois orémus je pensais la cérémonie finie, mais on n° dit que non et n° attendimes.** Je vis là plusieurs fort jolies femmes; ce sont des brunes tout à fait piquantes,

j'allais abandonner ce lieux où j'avais vu des choses si extraordinaires lorsque des voix qui semblaient descendre du ciel vinrent frapper agréablement mes oreilles; il y avait quelque chose de singulier et même de celeste que je ne pouvait démêler : ces voix trop douces, trop mélodieuses pour croire quelles appartenissent à des hommes avaient cependant une force mâle et une vigueur marquée qu'on ne pourrait trouver dans celle des femmes, j'étais enthousiasmée, je me croyais transportée dans le ciel au milieu des anges qui louent en chantant l'être suprême ! Je serais restée longtemps dans cet état d'Extase si le chant qui cessa pour faire place aux orémus ne fut venu m'en retirer ; alors je songeai à demander l'explication de ces voix ; la réponse retraça dans mon esprit une

ressemblent plutôt à une représentation de l'Opéra.

L'église est tendue d'étoffe de soie brodée d'or et éclairée supérieurement. A l'heure indiquée, les prêtres arrivent près du maître-autel et là, avant de commencer les orémus, se retournent vers l'assemblée, qu'ils devraient plutôt fuir que regarder, et cherchent des yeux leurs connaissances. Alors ils saluent, sourient ou font différents gestes suivant les individus.

Les femmes, privées d'aller au spectacle, le remplacent par ces fêtes ; elles y sont parées et décolletées comme pour un bal, et s'y occupent plutôt à plaire qu'à prier Dieu. J'en vis là de fort jolies ; ce sont des brunes tout à fait piquantes.

Après que deux ou trois prières eurent été dites, je pensais la cérémonie finie. J'allais abandonner ce lieu où j'avais vu des choses si extraordinaires, lorsque des voix, qui semblaient descendre du ciel, vinrent frapper agréablement mes oreilles. Elles avaient quelque chose de singulier et même de céleste que je ne pouvais démêler. Ces voix, trop douces, trop mélodieuses pour appartenir à des hommes, avaient cependant une force mâle et une vigueur qu'on ne pourrait trouver dans celle d'une femme. J'étais enthousiasmée. Je me croyais transportée dans le ciel au milieu des anges qui louent, enchantant, l'Etre suprême. Et je serais restée longtemps dans cet état d'extase, si le chant n'avait fait place à de nouvelles prières. Alors je songeais à demander l'explication de ces voix. La réponse retraça dans mon esprit

cruauté que je n'avais jamais pu concevoir jusqu'à ce jour !

La fin de notre séjour ayant été un peu moins humide nous en profitâmes pour faire quelques courses intéressantes, j'allai voir le jardin Botanique qui se trouve à 2 lieues de Rio de Janeiro. J'y vis pour la première fois cultivé en pleine terre et à l'air libre le canelier, le muscadier, le poivrier & et l'arbre à pain.

Je vis aussi un grand champ de thé que le Gouvernem^t. vient de faire planter : c'est un essai que ne peut manquer de réussir, la douceur du climat y prêtant parfaitement. On a fait venir de chinois qui cultivent et récoltent ces nouvelles productions. Nous y allâmes dans le tems de la récolte et le Gouverneur du jardin pensant avec raison que nous verions avec intérêt diverses préparations que subissaient le thé avant qu'il fut mis dans le commerce, ordonna aux chinois de nous montrer tous le plus détails ; les fourneaux furent allumés et ce ne fut pas sans beaucoup de plaisir que nous vîmes tout cela détails : **ou nous donna du thé cultivé et recueilli au Brésil que nous trouvâmes excellent.**

Le 24 janvier nous fîmes nos visites d'adieu tandis qu'on transportait tous nos effets à bord; Louis désirait partir le lendemain mais le calme et une visite qu'il voulut faire au Roi nous retinrent quelques jours de plus ;

Le jour que Louis alla faire la visite royale je désirai aller faire mes derniers adieux à la comtesse de Roquefeuille, mais en débarquant nous fûmes assaillis par un orage épouvantable la pluie tombait par torrent et comme il n'y avait aucun moyen de se procurer de voiture nous fûmes obligés d'aller à pied; l'écoulement des eaux est si heureusement ménagé dans cette ville que lorsqu'il pleut un peu fort les rues ont deux pieds d'eau;

une cruauté que je n'avais jamais pu concevoir jusqu'à ce jour.

La fin de notre séjour ayant été un peu moins humide, nous en profitâmes pour faire quelques courses intéressantes. Je visitai le jardin botanique à deux lieues de Rio de Janeiro. J'y vis, pour la première fois, cultiver en pleine terre et à l'air libre, le cannelier, le muscadier, le poivrier, etc.. et l'arbre à pain.

Je vis aussi un grand champ de thé que le Gouvernement vient de faire planter. C'est un essai qui ne peut manquer de réussir, la douceur du climat s'y prêtant parfaitement. On a fait venir des Chinois qui cultivent et récoltent ces nouvelles productions. Nous y étions au moment de la récolte. Le Gouverneur du jardin, pensant avec raison que nous verrions avec intérêt les diverses préparations que subissait le thé avant qu'il fût mis dans le commerce, ordonna aux Chinois de nous les montrer. Les fourneaux furent allumés et ce fut avec un réel plaisir que nous suivîmes les détails de cette manipulation.

1818. — Le 24 janvier, nous fîmes nos visites d'adieu, tandis qu'on, transportait tous nos bagages à bord. Louis désirait, partir le lendemain ; mais le calme et une visite au roi nous retinrent Quelques jours de plus.

Le jour de la visite royale, je voulus dire un dernier adieu à la comtesse de Roquefeuille. Nous fûmes assaillis, en débarquant, par un orage épouvantable. La pluie tombait à torrent et, comme il n'y avait aucun moyen de se procurer de voiture, nous dûmes aller à pied : l'écoulement des eaux est si heureusement ménagé dans la ville de Rio, que, lorsqu'il pleut un peu fort, les rues ont deux pieds d'eau.

Louis était avec Le consul, mais il ne put aller le soir à la tour a cause du mauvais temp nous n° rendimes chez la Comtesse et pendant une demi-heure ous marchâmes dans l'eau jusqu'à mi jambe Mr. L'abbé était avec nous et quoique je ne voulusse pas suivre l'usage du pays qui est de se faire porter par des noirs j'engageai Mr. l'abbé à le livrer à ces gens là mais ils manquèrent **le jeter au beau melieu de l'eau** de sorte qu'il fallu se résigner à marcher tous dans l'eau,

nous arrivâmes chez Mme de Roquefeuille dans un piteux état, elle s'empressa de nous faire changer de tout nous donna à souper et ne voulut pas nous laisser aller à bord : nous couchâmes chez elle et Louis alla faire sa visite le lendemain : il fut bien accueilli du roi, mais il paraît que c'est un homme qui a très peu de moyen et qui poserait pour bête s'il n'était pas roi.

Enfin le 30 nous quittames cette belle rade bien approvisionnés et en bonne disposition.

Pendant une demi-heure, nous marchâmes dans l'eau jusqu'à mi-jambe. M. l'Abbé était avec nous et quoique je ne voulusse pas suivre l'usage du pays qui est de se faire porter par des noirs, j'engageai M. l'Abbé à se livrer à ces gens-là. Mais ils manquèrent de le laisser tomber, de sorte qu'il fallut, se résigner à marcher à pied.

Nous arrivâmes chez M^{me} de Roquefeuille dans un piteux état. Elle s'empressa de nous faire changer de tout, nous donna à souper et ne voulut pas nous laisser rentrer à bord. Nous couchâmes chez elle et Louis alla faire sa visite le lendemain. Il fut bien accueilli du roi. Mais il paraît que c'est un homme qui a très peu de moyens et qui passerait pour bête, s'il n'était pas roi.

Enfin, le 30 janvier, nous quitions cette belle rade, bien approvisionnés et en bonnes dispositions.